

*Uma proposta de*

Estudo  
Didático da  
obra Paulo e  
Estêvão

*Pelo Espírito Emmanuel, psicografia  
de Chico Xavier*

*Patrícia Lins de Paula*

PAULA, Patrícia Lins de  
Uma proposta de Estudo Didático da obra  
Paulo e Estêvão, pelo Espírito Emmanuel,  
psicografia de Chico Xavier / Patrícia Lins  
de Paula – 1ª ed. – Salvador: Amazon,  
01/02/2022.

## Sumário

**Prefácio** – Por que estudar a obra *Paulo e Estêvão* hoje?

### Planejamento de estudos

1-Recomendações para participantes de estudos na modalidade a distância

2-Grupo no Whatsapp para o grupo de estudos

3-Cronograma

----- **PRIMEIRO SEMESTRE** -----

--

**Capítulo 1** – Encontro prévio 1 – Panorama histórico e espiritual da produção da obra

**Capítulo 2** – Encontro prévio 2 – Prévia ao prefácio da obra

**Capítulo 3** – Prefácio – Breve Notícia

### **PRIMEIRA PARTE DA OBRA P&E**

**Capítulo 4** – Capítulo 1 da obra P&E – Corações Flagelados. Temática: A prisão da família de Jochedeb

**Capítulo 5** – Capítulo 2 da obra P&E – Lágrimas e Sacrifícios. Temática: A angústia da separação

**Capítulo 6** – Capítulo 3 da obra P&E – Em Jerusalém.  
Temática: Jeziel torna-se Estêvão

**Capítulo 7** – Capítulo 4 da obra P&E – Nas estradas de Jope. Temática: Os votos de fidelidade de Saulo e Abigail

**Capítulo 8** – Capítulo 5 da obra P&E – A pregação de Estêvão. Temática: A vingança aos adeptos do “Caminho”

**Capítulo 9** – Capítulo 6 da obra P&E – Ante o Sinédrio.  
Temática: Adiada a execução da pena de Estêvão

**Capítulo 10** – Capítulo 7 da obra P&E – As primeiras perseguições. Temática: Gamaliel conhece a Igreja do Caminho

**Capítulo 11** – Capítulo 7 da obra P&E – As primeiras perseguições. Temática: O julgamento de Pedro, João e Filipe

**Capítulo 12** – Capítulo 8 da obra P&E - A morte de Estêvão. Temática: Abigail reconhece Estêvão

**Capítulo 13** – Capítulo 8 da obra P&E - A morte de Estêvão. Temática: Saulo se separa de Abigail

**Capítulo 14** – Capítulo 9 da obra P&E – Abigail cristã.  
Temática: A morte de Abigail.

**Capítulo 15** – Capítulo 10 da obra P&E – No caminho de Damasco. Temática: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”

**Capítulo 16** – Capítulo 10 da obra P&E – No caminho de Damasco. Temática: O orgulhoso doutor de Tarso fiel ao Cristo

## SEGUNDA PARTE DA OBRA P&E

**Capítulo 17** – Capítulo 1 da obra P&E – Rumo ao deserto. Temática: A ovelha perseguida vai buscar o lobo voraz

**Capítulo 18** – Capítulo 1 da obra P&E – Rumo ao deserto. Temática: Saulo convertido vai até a sinagoga

**Capítulo 19** – Capítulo 2 da obra P&E – O tecelão.  
Temática: Saulo se fixa no Oásis de Dã.

**Capítulo 20** – Capítulo 2 da obra P&E – O tecelão.  
Temática: A experiência da fraternidade com Áquila e Prisca

**Capítulo 21** – Capítulo 3 da obra P&E – Lutas e humilhações. Temática: Saulo bate às portas da casa do caminho – Encerramento do primeiro semestre

## ----- SEGUNDO SEMESTRE -----

-

**Capítulo 22** – Capítulo 3 da obra P&E – Lutas e humilhações. Temática: Saulo aprende as primeiras lições de obediência e humildade

**Capítulo 23** – Capítulo 3 da obra P&E – Lutas e humilhações. Temática: “Meu pai, ambos precisamos de Jesus!”

**Capítulo 24** – Capítulo 3 da obra P&E – Lutas e humilhações. Temática: “Ama, espera, trabalha, perdoa”

**Capítulo 25** – Capítulo 4 da obra P&E – Primeiros labores apostólicos. Temática: Na Igreja de Antioquia, com Barnabé

**Capítulo 26** – Capítulo 4 da obra P&E – Primeiros labores apostólicos. Temática: A primeira prisão e o apedrejamento do Apóstolo dos gentios

**Capítulo 27** – Capítulo 4 da obra P&E – Primeiros labores apostólicos. Temática: Saulo se converte em Paulo de Tarso

**Capítulo 28** – Capítulo 5 da obra P&E – Lutas pelo Evangelho. Temática: Vivendo o Evangelho com desinteresse pessoal

**Capítulo 29** – Capítulo 6 da obra P&E – Peregrinações e sacrifícios. Temática: A companhia de Lucas e a frustração em Atenas

**Capítulo 30** – Capítulo 7 da obra P&E – As Epístolas. Temática: O Evangelho do convertido de Damasco

**Capítulo 31** – Capítulo 8 da obra P&E – O martírio em Jerusalém. Temática: O convertido de Damasco é novamente apedrejado

**Capítulo 32** – Capítulo 8 da obra P&E – O martírio em Jerusalém. Temática: Apelação a César

**Capítulo 33** – Capítulo 9 da obra P&E – O prisioneiro do Cristo. Temática: O martírio dos cristãos

**Capítulo 34** – Capítulo 9 da obra P&E – O prisioneiro do Cristo. Temática: “Lembra-vos das minhas prisões”

**Capítulo 35** – Capítulo 10 da obra P&E – Ao encontro do Mestre. Temática: O incêndio de 64

**Capítulo 36** – Capítulo 10 da obra P&E – Ao encontro do Mestre. Temática: O testemunho final

**Capítulo 37** – Encerramento final

## Prefácio

### *Por que estudar a obra Paulo e Estêvão hoje?*

Revisitando as memórias, deparo-me com uma imagem evanescente, algo vaporosa, de folhear avidamente o livro Paulo e Estêvão, por primeira vez, aos quinze anos de idade.

Jovem, destemida, insubordinada e cheia de energia, embora de modo algum me regozije em confessá-lo, senti raiva de Jeziel e Abigail nesta primeira leitura, pois era para mim impossível compreender, naquele momento da minha vida, a missão destes Espíritos tão elevados, e o testemunho de obediência, resignação, coragem moral, paciência e imperturbabilidade perante as ofensas.

Para mim, a postura de Jeziel e Abigail era humilhante, inconciliável com o padrão que havia estabelecido como **coragem**. Falsa coragem, preciso confessar, tão frágil quanto uma folha de papel que voa na primeira bafejada de vento, ou que se parte, num simples gesto de descarte.

No florescer da minha conflituosa juventude, cria vencer toda e qualquer contenda pelo poder do argumento, do discurso conduzido racionalmente, e

quando faltasse a lucidez para tanto (porque frequentemente as emoções em desalinho toldavam minha razão), na minha imatura presunção, acreditava vencer quem quer que fosse pela imposição da minha vontade.

Talvez por isso tenha me afeiçoado e me identificado tanto com o Saulo de Tarso antes da conversão; embora estivesse longe de ter aquela argúcia psicológica e incomparável inteligência, era igualmente colérica e indomável.

*Os anos se dobraram sobre os anos*, e nada como o sabor das experiências para revelar a verdade. Face a face com o sofrimento em diversas áreas, sobretudo a das relações afetivas, reli a obra algumas dezenas de vezes desde os quinze anos, em condições e situações bem diversas (não posso mais precisar quantas vezes).

E a cada releitura, um novo aspecto, uma nova identificação, a oportunidade de remodelar meu entendimento e expandir minha compreensão sobre uma obra tão portentosa, que fala de mártires e santos, diabos e levianos, de seres humanos tão frágeis como eu me reconheço, e portanto, fala um pouco do ser humano em busca de seu resgate, de sua redenção.

A partir de um ponto da minha vida (acredito que tenha ocorrido nos últimos cinco anos) passei a

compulsar a obra anualmente. E depois de fazê-lo algumas vezes, veio a ideia de organizar no centro espírita onde trabalhava, Fraternidade Espírita Irmã Scheilla – FEIS, em Salvador, Bahia, o primeiro Grupo de Estudos da obra Paulo e Estêvão – GEPE, de encontros presenciais, para compartilhar com outros corações as impressões sobre uma obra de amor e coragem. Ao sair, outras facilitadoras assumiram o compromisso e deram continuidade ao estudo da obra, de forma ininterrupta e continuada.

Eu sempre acreditei nessa independência do estudo, e achava que era preciso seguir, pois queria levar a mensagem a outros grupos; assim, em seguida, dei continuidade ao trabalho em outra casa espírita, o Grêmio Espírita Perseverança e Caridade – GEPEC, em Salvador, Bahia, realizando o grupo de estudos por segunda vez, com encontros na modalidade online (devido à pandemia pelo corona vírus).

Com a finalização dos trabalhos resolvi separar um tempo para escrever esse livro. Ele não é uma psicografia (algumas pessoas me perguntam), entretanto, recuso-me a acreditar que não tive auxílio invisível para escrever: *somos sempre a soma de muitos*. É apenas um singelo contributo, com comentários e reflexões sobre como essa obra impacta minha vida e a vida de tantas outras pessoas, porquanto, nem preciso dizer, mas aqui estão reunidos também os valiosíssimos

comentários que pude coletar dos outros corações que compartilharam conosco dessa experiência inesquecível.

Minha intenção é bastante pretensiosa: colaborar para que mais grupos, ao redor do mundo, contem com um pequeno modelo didático de estudos, a fim de que apliquem o estudo em seus grupos ou casas espíritas, sem precisar de ninguém **“especialmente preparado e designado para isso”**, mas apenas alguém que reúna boa vontade e sede de aprendizado para fazer o seu melhor.

E logicamente, também encorajar a tantos corações quanto hajam, desejosos de estudar a obra “sozinhos”, com mais vagar e detenção. Já não estarão sozinhos, mas acompanhado(a)s das reflexões de alguém que muito ama a obra.

Preciso igualmente alertar que estudar a obra Paulo e Estêvão naturalmente exerce uma mobilização própria e espiritual em derredor, por tocar em pontos morais, escaninhos ocultos de nosso mundo íntimo. Na obra, são abordados dramas internos, diferenças de convicções, temas como: humildade, indiferença, orgulho, presunção, abnegação, renúncia, crueldade, martírio, soledade, abandono, companheirismo, cumplicidade, matrimônio, conveniências, briga de poder, perdão.

E falar sobre tudo isso é falar das nossas próprias vidas, evocar lembranças de nossa vida pessoal, é buscar nossa libertação, e é natural que isso mexa com questões que talvez estivessem guardadas no recôndito de nossos sentimentos, sem serem visitadas há muito tempo...também é natural pensar que rever, reavaliar e quem sabe até transformar tudo isso provocará reações resistentes, *choro e ranger de dentes*.

Por isso, se você utilizar essa obra para um grupo de estudos, saiba que dissensões, brigas, e fatos aparentemente fortuitos para atrapalhar o trabalho naturalmente surgirão: é do processo de conhecimento. E se estiver sozinho, será muitas vezes tentado a desistir, crendo que não vale a pena remoer tanto sofrimento. Persevere, eu garanto, valerá muito o esforço.

Com o objetivo de sair com o coração mais evangelizado do que quando iniciamos o estudo da obra, e com o compromisso assumido de vivenciar o que lemos, e ainda, na esperança que seja de alguma sorte útil, ofereço o melhor que possuo a você,

Patrícia Lins de Paula, 01/02/2022.

## Prólogo

### *Planejamento de estudos*

Este livro foi escolhido para ser estudado num grupo espírita pela sua proposta de redenção e resgate.

Algumas características da obra oferecem desafios a um planejamento de estudos, como o fato de se tratar de um romance. Por isso, uma das condições para o estudo é a leitura prévia do texto pelos participantes, para que se ganhe tempo evitando a leitura no grupo (com exceção da primeira exposição, sobre o prefácio da obra).

A duração da reunião está prevista para 90 minutos, contendo a seguinte ordenação:

- Apresentação da temática proposta para o encontro (ex. Abordagem do Prefácio – Breve Notícia);
- Leitura do texto (excepcionalmente na primeira exposição);
- Exposição inicial (duração de 30 a 40 minutos);
- Reflexões abertas (giro de sentido alternado na roda de discussão).

Claramente esse modelo se aplica bem aos estudos presenciais (este planejamento foi pensado antes da pandemia pelo corona vírus, que se instaurou desde março de 2020), mas pode ser adaptado também para reuniões online.

Para as reuniões na modalidade online, testamos vários aplicativos de conversa, dentre eles Zoom, Skype e Google Meet. Pela relação custo-benefício, optamos pelo último, limitando em cinquenta pessoas o tamanho do grupo (incluindo o facilitador). Mantivemos a duração da reunião, prevista para 90 minutos, contendo a seguinte ordenação:

- Apresentação da temática proposta para o encontro (ex. Abordagem do Prefácio – Breve Notícia);
- Leitura do texto (excepcionalmente na primeira exposição);
- Exposição com slides <sup>1</sup>do tema e construção dialogada do conhecimento <sup>2</sup>(isto é, os participantes

---

<sup>1</sup> Todos os slides do estudo se encontram no Canal do Youtube do Lições de Amor, link [https://www.youtube.com/playlist?list=PLR-FmIzQ\\_9iOvDkYhLt0ukdFCdyINn27j](https://www.youtube.com/playlist?list=PLR-FmIzQ_9iOvDkYhLt0ukdFCdyINn27j) e também os arquivos em pdf estão disponíveis no site <https://aslicoesdeamor.wixsite.com/gepe>.

<sup>2</sup> Essa decisão pareceu melhor adaptada aos propósitos do estudo, embora nem todos se sintam confortáveis (penso que seja uma questão de tempo). Observamos que neste formato, a construção dialogada do conhecimento é mais envolvente e participativa, fazendo com que os participantes se sintam

podem intervir e lançar comentários e reflexões como parte do processo de construção do conhecimento).

Gosto de dizer que o **pretexto** do grupo de estudos é estudar a obra Paulo e Estêvão e o **objetivo** é sair com o coração mais evangelizado do que quando ingressamos, e que todos os participantes (inclusive o facilitador) tem o compromisso assumido de vivenciar o que leu (no trabalho, no lar, no trânsito, na casa espírita).

Estou utilizando o termo facilitador no singular, mas algumas casas espíritas inclusive colocam como regra que sempre haja uma redundância na facilitação de cursos (no mínimo dois ou três facilitadores). Isso varia de acordo com cada local, e de acordo com os recursos que se dispõe. Mas, assumido o compromisso, o facilitador deve ir até o fim (ou pelo menos, caso precise se ausentar, que designe um substituto). Minha experiência pessoal é de ter tido êxito na facilitação solo do curso (modalidade a distância durante um ano), sem nunca atrasar ou faltar, pelas facilidades naturais da modalidade.

---

implicados com as reflexões propostas e com que o processo evangelizador se construa de forma mais consistente.

**Recomendações para participantes de estudos na modalidade à distância**

É importante informar aos participantes que durante o estudo estaremos reunidos psiquicamente para refletir sobre a obra lida. Para isso, é desejável:

- Que seja escolhido um local da casa onde seja menor a chance de ser interrompido, ou ter um ruído que possa interferir na reunião;
- Treinar a tecnologia utilizada antes da reunião;
- O facilitador deve abrir a sala alguns minutos antes (pelo menos 15 minutos antes, preferível que seja 30 minutos antes);
- O participante deve se conectar alguns minutos antes, pois talvez seja necessário baixar algum aplicativo, fazer alguma atualização, ou realizar configurações prévias;
- Verificar conexões de áudio e vídeo (optar pelo uso dos fones de ouvido e testa-los);

- Silenciar o microfone quando não estiver com a palavra (isso evita ruídos que podem atrapalhar a clareza das reuniões);
- Não interromper quem estiver falando, aguardar sempre quem tem a palavra terminar de falar (para o facilitador – é importante se posicionar e estar atento aos abusos, há quem deseje deter o poder de fala, e os mais inibidos não se sentem confortáveis para se posicionar);
- Preferir, ao fazer uso da palavra, manter o vídeo ligado;
- Se estiver com o vídeo habilitado e não estiver fazendo o uso da palavra, evitar caminhar ou adotar posturas que desviem a atenção dos participantes;
- Evitar distrações dispensáveis, deixando para depois a resposta a mensagens de Whatsapp, e-mails ou outras tarefas.

**Grupo no Whatsapp para o grupo de estudos**

Da primeira vez que realizei o estudo em grupo (FEIS – ver prefácio), optei por criar um grupo no Whatsapp contendo todos os membros participantes e as facilitadoras que foram incluídas posteriormente (que integravam o próprio grupo), tomando o cuidado de presencialmente pedir a permissão um a um, após o que iam registrando no papel seu nome e telefone.

Nessa primeira vez, o grupo era aberto a discussões (todos podiam mandar e receber mensagens), e os administradores de grupos do Whatsapp me entenderão, mesmo para grupos pequenos de 20 pessoas aproximadamente, o desafio de administrar isso tudo é bem significativo.

Aliás, como a maioria dos grupos de estudos, minha experiência mostrou que eles sempre começam com uma média de 40 – 50 pessoas e para o fim não restam mais que 20 – 25 sobreviventes mais assíduos.

Eu buscava enviar dois ou três dias antes de nossos encontros presenciais alguns trechos da obra para ir “esquentando” as reflexões no grupo. Meu intuito era deixar as pessoas “pensando” sobre a obra, a fim de que na reunião presencial as discussões pudessem ocorrer. Mas o efeito era quase sempre desastroso.

Cada um postava uma opinião (normalmente sem ter lido previamente o texto), refletindo um comportamento muito comum atualmente em redes sociais, e as discussões ficavam cada vez mais rasas.

Eu que não desisto fácil, aproveitava as opiniões superficiais para torná-las mais profundas, e das respostas, criava interpelações mais incisivas, no modelo socrático da maiêutica (parto de ideias).

O desastre não tardava a acontecer: poucos sustentavam minhas aventuras filosóficas, e a grande parte ia fazer outras coisas menos complicadas (não estou generalizando; haviam os bravos guerreiros que tentavam “não deixar a peteca cair”).

Quando não era isso, a provocação simplesmente morria infrutífera.

Fora destes momentos, haviam muitas ocorrências no grupo; alguns participantes utilizavam-no para mandar mensagens do Espírito Emmanuel, da coleção Fonte Viva, links de palestras de oradores espíritas consagrados (e há centenas de palestras relacionadas aos tópicos de Paulo e Estêvão, vocês podem imaginar meu desespero com aquela onda caudalosa de informações), links de outros grupos de estudos

para nos servir de modelo, enfim, uma série de temáticas descorrelacionadas ao objetivo do grupo.

Nem preciso dizer que logo no início enviei pelo privado de todos um conjunto de regras para o grupo, que chamei de “**Princípios para o grupo de estudos da obra Paulo e Estêvão**” (descrito a seguir), e a cada ocorrência, lembrava, no grupo, deste acordo (meu intuito não era dogmatizar o grupo, mas evitar destruí-lo antes mesmo que tivesse sido estruturado, por isso, me assegurei de avisar aos participantes, e pedir ajuda de cada um e de todos, com respeito a tudo que poderia ser capaz de fazer-lo ruir):

1. **Pensar que ninguém deve colaborar para quebrar a harmonia do grupo.** Por isso, pedimos que antes de nos manifestarmos, pensemos no Item 24 – Prece para pedir um conselho, no capítulo XXVIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo:

*“1º O que pretendo fazer pode causar algum prejuízo a outra pessoa?”*

*2º Pode ser útil a alguém?”*

*3º Se alguém fizesse o mesmo para mim, eu ficaria satisfeito?”*

Ou seja, se o que dissermos for prejudicar, se não for útil ou se não consideramos agradável, optemos pelo silêncio.

2. Preservar o grupo no WhatsApp para atualização de informações e deixar as maiores divagações e reflexões para os encontros semanais presenciais (quando todos estarão). Isso visa melhorar a experiência de um grupo grande, considerando que o texto (escrito) e até mesmo os áudios, **que devem ser evitados**, às vezes podem gerar interpretações equivocadas. Assim, deixar o Whatsapp também para provocações que visem fomentar a leitura e reflexões sobre a obra.
3. **Pedimos manter o foco no nosso objetivo, que é estudar a obra Paulo e Estêvão, pelo Espírito Emmanuel**, para não dividir nossa atenção no compartilhamento de outros estudos ou vídeos que interpretem a obra, mensagens edificantes que desdobrem trechos da obra, ou outras obras do mesmo autor espiritual; portanto, não compartilhar mensagens, links, fotos, vídeos, filmes, ainda que sejam sobre a obra ou sobre o autor espiritual da obra. Que busquemos não enviar mensagens motivacionais, de bom dia, ou divulgação de outros trabalhos da casa espírita, **que podem ser enviados em privado, se houver consentimento do outro**, e que terão ambientes específicos

para isso. **Por isso, reafirmamos o pedido para não compartilhar links deste teor no grupo.** As reflexões e raciocínios próprios que eventualmente sejam socializados no grupo deverão servir para ajudar no entendimento das lições trazidas na obra. Podemos refletir sempre, com a leitura de livros, assistindo vídeos, ouvindo áudios ou lendo mensagens, mas, **no grupo, escolhemos extrair as lições do livro.** Não é a quantidade do que se lê ou do que se ouve que determina nosso aprendizado, mas nossa capacidade de extrair de tudo que consultamos as lições. Deste modo, precisamos de engajamento e auxílio mútuo para manter o foco.

4. **Quando houver algo que destoe da proposta do grupo, precisamos do auxílio fraternal em não replicar, tais como: pedidos ou correntes de preces, ajudas com caridade material, comentários com viés político, dentre outras mensagens aleatórias;** o(a) administrador(a) ou facilitador(a) se incumbirá de privadamente conversar, com carinho, com a (o) irmã (o), para explicar os princípios do grupo; **se foge à proposta do grupo, não há porque iniciar uma discussão sobre o assunto.** Ou seja, se alguma mensagem postada fugir do foco, não repercutir, mas ignorar (o (a)

facilitador(a) irá falar no privado com a pessoa);

5. **Nossa preocupação é viver a moral evangélica, por isso há uma diferença entre divergência e desrespeito.** As diferenças, oscilações e perturbações devem ser vistas com naturalidade. E não há melhor proteção do ambiente que a convivência salutar, a postura cordial e calma, de entendimento acima de tudo e **até de silenciar quando for mais útil.** Pode (e deve) haver quem não concorde, mas se participa do grupo, deve procurar atender aos princípios do mesmo.

6. **O grupo visa suscitar reflexões próprias (dos participantes), com a profundidade possível,** respondendo basicamente às seguintes perguntas:

*“Que raciocínios consigo desenvolver a partir das lições lidas, discutidas e estudadas?”*

*“Quais práticas já realizo a partir das lições extraídas do texto lido?”*

7. **É impossível esgotar as reflexões da obra nos encontros presenciais.** A proposta é que este estudo se torne cíclico, contínuo, na casa (após terminar um ano, recomeçar), pois à medida que amadurecemos psicologicamente vamos interpretando a obra e extraindo lições cada vez mais

profundas dela. A empolgação reflete o ânimo de estudar, mas é igualmente importante que possamos controlar a ansiedade e lembrar de León Dènis:

*“Seria preferível ler menos e refletir mais sobre o que se leu. É um meio seguro de fortificar nossa inteligência, de colher os frutos de sabedoria e beleza que nossas leituras podem conter”.* Da obra O Problema do Ser, do Destino e da Dor, Cap. 24 A Disciplina do Pensamento e a Reforma do Caráter, pp. 396.

8. **Não compartilhar links não obstante a elevação da mensagem, ter relação com a obra, mas sim reflexões próprias acerca do que lemos da obra.**
9. **Este grupo é de todos, e são todos bem-vindos, mas aqueles que porventura não estiverem dispostos a estudar a obra com tal proposta, aceitamos comentários em privado e nos colocamos à disposição para amorosamente juntos buscarmos outras opções e grupos nos quais serão igualmente acolhidos e amparados. O grupo estará sempre de portas abertas para receber quem esteja disposto a estudar a obra.**
10. Na dúvida, abstenha-se de opinar.

E mesmo assim tivemos muitos problemas. Houve quem se sentisse “coarctado em sua liberdade”, fui chamada de ditadora, tirana, querendo impor aos participantes um “voto de silêncio” e muita gente boa saiu do grupo. Tive também, com muito pesar, relações íntimas rompidas, de um modo muito abrupto, sem espaço para diálogo. Mas, disciplina é isso; o grupo não foi criado para meu regozijo pessoal ou de quem quer que fosse, mas para um propósito maior, de estudar a obra, e sempre honrei essa fidelidade de propósitos, inclusive “cortando da própria carne” e começado por exemplificar nas minhas próprias relações de interesse pessoal. Faz parte do trabalho.

Assim, utilizei toda essa experiência traumática para o grupo seguinte (de reuniões online), repetindo exatamente todos os itens anteriores dos **“Princípios para o grupo de estudos da obra Paulo e Estêvão”**, apenas tendo o cuidado de alterar a expressão “reuniões presenciais” para “reuniões online”, mas logo percebi que outra catástrofe estava prestes a acontecer, e decidi restringir ainda mais o grupo (sem envio de mensagens entre os participantes).

Tive uma crise de consciência durante muitas semanas ao tomar essa decisão (“será que sou mesmo déspota?”), mas meu pensamento foi que, devido à pandemia, naturalmente as pessoas estariam mais isoladas, e eventualmente sozinhas.

Então, o grupo poderia ser visto como uma forma ideal de desabafo para os momentos mais difíceis, o que poderia convertê-lo em psicoterapia de grupo. Por precaução, decidi então, restringir o grupo para “envio de mensagens apenas por moderadores” e efetivamente não me arrependi. Nas reuniões online continuaram participativos e estimulados pelas reflexões.

Outro aspecto importante é sobre a geração do link para qualquer pessoa acessar o grupo no Whatsapp; tive uma experiência em outro grupo (ligado ao Canal Lições de Amor) de uma pessoa que entrou, cadastrou os números de todas as mulheres do grupo e começou a fazer vídeochamadas de cunho sexual não consensual, gerando muita confusão. Por conta disso, optei por remover a questão de entrar pelo link e criei um outro link que abre uma janela de conversa comigo, administradora do grupo, privadamente, através da qual conduzo uma breve entrevista com a pessoa, perguntando alguns dados pessoais (nome, cidade, e-mail, se está associado (a) a alguma casa espírita e como começou no Espiritismo), e somente então adiciono a pessoa, para tentar evitar que isso possa acontecer de novo. Parece brincadeira, mas é preciso estar atento.

Essa é minha experiência pessoal, mas fica a cada um a decisão que mais lhe aprouver sobre essa gestão.

### **Correlação entre o livro Paulo e Estêvão e o livro de Atos dos Apóstolos**

Algo extraordinário da literatura mediúnica espírita é a consistência entre obras de autores diferentes e com o próprio texto bíblico. É interessante ver a correlação entre trechos da obra Paulo e Estêvão e informações constantes no livro de Atos dos Apóstolos (escrito por Lucas), embora tais passagens não sejam absolutamente pareadas no sentido cronológico. Segue a correlação:

- Prólogo da obra – Atos, 1:1-5;
- A vida dos primeiros cristãos – Atos, 2:43-45;
- O discurso de Pedro – Atos, 3:11-26;
- Pedro e João diante do Sinédrio – Atos, 4:1-22;
- Oração dos Apóstolos na perseguição do Sinédrio – Atos, 4:23-31;
- A primeira comunidade cristã – Atos, 4:32-35;
- A figura de Barnabé – Atos, 4:36-37;
- Os Apóstolos diante do Sinédrio – Atos, 5:17 – 42;
- Os sete auxiliares dos Apóstolos – Atos, 6:1-7;
- A prisão de Estêvão – Atos, 6:8-11;
- Falsas acusações e o julgamento de Estêvão – Atos, 6:12-7:11;

- O discurso de Estêvão – Atos, 7:2-54;
- A morte de Estêvão – Atos, 7:55-8:2;
- A perseguição de Saulo à casa do caminho – Atos, 8:3;
- O anúncio do Evangelho por Felipe – Atos, 8:4-25;
- O pedido de Saulo para perseguir os seguidores de Jesus em Damasco – Atos, 9:1-2;
- A conversão de Paulo – Atos, 9:3-8;
- Paulo é recebido em Damasco – Atos, 9:8-9;
- O encontro entre Saulo e Ananias – Atos, 9:10-18;
- A primeira e a segunda pregação de Saulo em Damasco – Atos, 9:19-25;
- Saulo em Jerusalém – Atos, 9:26-27;
- Saulo retorna a Tarso – Atos, 9:28-30;
- O relato de Pedro em Jerusalém – Atos, 11:1-18;
- A igreja de Antioquia – Atos, 11:19-24;
- Barnabé vai em busca de Saulo – Atos, 11:25-26;
- Lucas sugere a identificação dos homens do caminho por “cristãos” – Atos, 11:26;
- O pedido de auxílio à Igreja de Antioquia – Atos, 11:27-12:2;

- A perseguição em Jerusalém e a morte de Tiago, irmão de João – Atos, 12:3-19;
- A morte de Herodes Agripa – Atos, 12:20-24;
- Encontro com João Marcos – Atos, 12:25;
- A escolha de Barnabé e Saulo – Atos, 13:1 – 3;
- A viagem a Chipre – Atos, 13:4;
- A conversão do Procônsul Sérgio Paulo em Neapafos (mudança do nome de Saulo para Paulo) e o encontro com Barjesus – Atos, 13:6-12;
- João Marcos de retorno a Jerusalém – Atos, 13:13;
- Barnabé e Paulo em Antioquia da Psídia – Atos, 13:15-52;
- Barnabé e Paulo em Antioquia da Icônio – Atos, 14:1-6;
- Barnabé e Paulo em Listra – Atos, 14:7-20;
- Barnabé e Paulo em Derbe – Atos, 14:21-26;
- Barnabé e Paulo em Antioquia – Atos, 14:27-15:3;
- A assembleia em Jerusalém – Atos, 15:4-6;
- A exortação de Pedro – Atos, 15:7-11;

- As resoluções da assembleia em Jerusalém – Atos, 15:12 – 21;
- A separação entre Paulo e Barnabé – Atos, 15:36-40;
- Viagem a Derbe e Listra – Atos, 15:41;
- Timóteo junta-se a Paulo e Silas – Atos, 16:1-5;
- O chamado para a Macedônia – Atos, 16:7-9;
- O reencontro com Lucas – Atos, 16:10;
- Lídia – Atos, 16:11-15;
- A libertação da pitonisa – Atos, 16:16-18;
- Paulo e Silas em Filipos – Atos, 16:19-40;
- Paulo e Silas em Tessalônica – Atos, 17:1-9;
- Paulo e Silas em Bereia – Atos, 17:10-15;
- Paulo em Atenas – Atos, 17:16-34;
- Paulo em Corinto – Atos, 18:1-8;
- Paulo escreve por epístolas – Atos, 18:9-10;
- Paulo vai a Éfeso – Atos, 18:18-21;
- Paulo e Apolo – Atos, 18:24-19:10;
- Tumulto em Éfeso – Atos, 19:21-40;
- Paulo se despede dos anciãos de Éfeso – Atos, 20:17-38;

- A viagem para Jerusalém – Atos, 21:1-15;
- Encontro de Paulo e Tiago em Jerusalém – Atos, 21:16-18;
- A assembleia em Jerusalém – Atos, 21:19-26;
- Paulo diante do Sinédrio – 22:30-23-10;
- Paulo na prisão – Atos, 23:11;
- O plano para matar Paulo – Atos, 23:12-22;
- Paulo é enviado a Félix – Atos, 21:1-22;
- Apelo para César – Atos, 25:1-12;
- Discurso de Paulo perante o rei Agripa – Atos, 26:1-32;
- A viagem de Paulo a Roma – Atos, 27:1-11;
- Tempestade e naufrágio no mar – Atos, 27:12 – 44;
- A víbora na ilha de Malta – Atos, 28:1-6;
- A epístola aos hebreus – Atos – 28:23-29;
- Paulo permanece em Roma por dois anos – Atos, 28:30-31.

### **Cronograma**

Obs.1: O fato de não ter o livro físico não é impeditivo para o curso. No site

<http://bibliadocaminho.com/ocaminho/txavieriano/livros/Pe/PeIndex.htm> é possível acompanhar a leitura normalmente.

Obs.2: Não utilizei o parâmetro de início e fim da leitura pela página, pois a variedade de edições pode confundir os participantes. Por isso, preferi adotar a citação do trecho de início e fim.

Obs.3: Antes de iniciar o estudo da obra, experimentei com êxito fazer duas reuniões prévias, para que as pessoas se conhecessem, conhecessem a ferramenta e já se estimulassem a mergulhar no “clima espiritual da obra”. Considero importante enaltecer a comunhão de esforços entre o Apóstolo Paulo, o autor espiritual Espírito Emmanuel e o nobilíssimo psicógrafo Chico Xavier, portanto, uma obra escrita a seis mãos.

Obs.4: A live sobre A Mediunidade do Apóstolo Paulo está disponível no Canal do Youtube do Lições de Amor (<https://youtu.be/ynIICMo6GBI>), e foi realizada com base em um texto de Hermínio Correia de Miranda, intitulado “**O Livro dos Médiuns de Paulo, o Apóstolo**”, publicado na Revista “O Reformador”, de fevereiro/1974.

Obs.5: Para fins de organização com o cronograma de atividades do centro espírita, dividimos em dois semestres (o primeiro com 21 reuniões e o segundo com 16 reuniões), mas essa configuração pode ser adaptada como for melhor caso a caso.

## 1o semestre

ENCONTRO	ASSUNTO	TRECHO
Encontro Prévio 1	Panorama histórico e espiritual da produção da obra	(Não se aplica)
Encontro Prévio 2	Prévia ao prefácio da obra	(Não se aplica)
1	Prefácio – Breve notícia	Todo o prefácio
2	Primeira Parte – Cap I Corações Flagelados – Temática: A prisão da família de Jochedeb - pág. 13 a 32	Todo o capítulo
3	Primeira Parte – Cap II Lágrimas e sacrifícios – Temática: A angústia da separação	Todo o capítulo
4	Primeira Parte – Cap III Em Jerusalém – Temática: Jeziel torna-se Estêvão	Todo o capítulo
5	Primeira Parte – Cap IV Nas estradas de Jope – Temática: Os votos de fidelidade de Saulo e Abigail	Todo o capítulo
6	Primeira Parte – Cap V A pregação de Estêvão –	Todo o capítulo

	<b>Temática: A vingança aos adeptos do “Caminho”</b>	
7	Primeira Parte – Cap VI Ante o Sinédrio – Temática: Adiada a execução da pena de Estêvão	Todo o capítulo
8	Primeira Parte – Cap VII As primeiras perseguições – Temática: Gamaliel conhece a Igreja do Caminho	<p><b>INÍCIO:</b> Começo do capítulo</p> <p><b>FIM:</b> A fala “— O Mestre do “Caminho” deve ter sido um alto modelo de inércia e covardia. Ainda não encontrei qualquer indício de dignidade nos seus discípulos cujas faculdades de reação parecem mortas.”</p>
9	Primeira Parte – Cap VII As primeiras perseguições – Temática: O julgamento de Pedro, João e Filipe	<p><b>INÍCIO:</b> A fala “— O Mestre do “Caminho” deve ter sido um alto modelo de inércia e covardia. Ainda não encontrei qualquer indício de</p>

		<p>dignidade nos seus discípulos cujas faculdades de reação parecem mortas.”</p> <p>FIM: até o fim do capítulo.</p>
10	<p>Primeira Parte – Cap VIII A morte de Estêvão – Temática: Abigail reconhece Estêvão</p>	<p>INÍCIO: início do capítulo</p> <p>FIM: até a fala: “- Não importa, vai assim mesmo, pois arrancar-lhe-ei a confissão do arrependimento na hora extrema”.</p>
11	<p>Primeira Parte – Cap VIII A morte de Estêvão – Temática: Saulo se separa de Abigail</p>	<p>INÍCIO: da frase: “- Não importa, vai assim mesmo, pois arrancar-lhe-ei a confissão do arrependimento na hora extrema”.</p> <p>FIM: até o fim do capítulo.</p>
12	<p>Primeira Parte – Cap IX Abigail Cristã – Temática:</p>	<p>Todo o capítulo</p>

A morte de Abigail		
13	<p>Primeira Parte – Cap X No caminho de Damasco – Temática: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”</p>	<p>INÍCIO – início do capítulo</p> <p>FIM – até a frase: “- Não recalcitres contra os agulhões!...”</p>
14	<p>Primeira Parte – Cap X No caminho de Damasco – Temática: O orgulhoso doutor de Tarso fiel ao Cristo</p>	<p>INÍCIO – “- Não recalcitres contra os agulhões!...”</p> <p>FIM – até o fim do capítulo</p>
15	<p>Segunda Parte – Cap I Rumo ao deserto – Temática: A ovelha perseguida vai buscar o lobo voraz</p>	<p>INÍCIO – começo do capítulo</p> <p>FIM – até a frase “- Que o Mestre te abençoe os bons propósitos – disse o velho sorridente”.</p>
16	<p>Segunda Parte – Cap I Rumo ao deserto – Temática: Saulo convertido vai até a sinagoga</p>	<p>INÍCIO – Da frase: “- Que o Mestre te abençoe os bons propósitos – disse o velho sorridente”.</p> <p>FIM – até o fim do capítulo.</p>

17	Segunda Parte – Cap II O tecelão – Temática: Saulo se fixa no Oásis de Dã	<b>INÍCIO</b> – Do início do capítulo  <b>FIM</b> – até o parágrafo: “Daí a três dias, Saulo despedia- se do mestre, debaixo de profunda comoção (...)”.
18	Segunda Parte – Cap II O tecelão – Temática: A experiência da fraternidade com Áquila e Prisca	<b>INÍCIO</b> – Do parágrafo: “Daí a três dias, Saulo despedia- se do mestre, debaixo de profunda comoção (...)”.  <b>FIM</b> – até o fim do capítulo.
19	Segunda Parte – Cap III Lutas e humilhações – Temática: Saulo bate às portas da casa do caminho - Encerramento do primeiro semestre	<b>INÍCIO</b> – Do início do capítulo  <b>FIM</b> – até o parágrafo: “Assomado de profundas reflexões, bateu à porta quase trêmulo. (...)”.  + Encerramento

		<b>do primeiro semestre (conclusões e análises)</b>
--	--	---

## 2.o semestre

AULA	ASSUNTO	TRECHO
1	Segunda Parte – Cap III Lutas e humilhações – Temática: Saulo aprende as primeiras lições de obediência e humildade	INÍCIO – Do parágrafo “Assomado de profundas reflexões, bateu à porta quase trêmulo. (...)”;  FIM – até o parágrafo: “Simão contemplou-o com ternura, admirado daquela transformação espiritual”
2	Segunda Parte – Cap III Lutas e humilhações – Temática: “Meu pai, ambos precisamos de Jesus!”	INÍCIO – Do parágrafo “Simão contemplou-o com ternura, admirado daquela transformação espiritual”  FIM – Até o parágrafo “Seguindo o curso incerto de sua nova situação, viu na atitude paterna o reflexo dos antigos hábitos do Judaísmo (...)”.
3	Segunda Parte – Cap III Lutas e humilhações –	INÍCIO – Do parágrafo

	Temática: “Ama, trabalha, espera, perdoa”	“Seguindo o curso incerto de sua nova situação, viu na atitude paterna o reflexo dos antigos hábitos do Judaísmo (...)”  FIM – até o fim do capítulo.
4	Segunda Parte – Cap IV Primeiros labores apostólicos – Temática: Na Igreja de Antioquia, com Barnabé	INÍCIO – Do início do capítulo  FIM – até o parágrafo: “A missão percorreu numerosas localidades, entre vibrações de largas simpatias...”
5	Segunda Parte – Cap IV Primeiros labores apostólicos – Temática: Saulo se converte em Paulo de Tarso	INÍCIO – Do parágrafo “A missão percorreu numerosas localidades, entre vibrações de largas simpatias...”  FIM – até o parágrafo: “A assembleia afetuosa, por sua vez, acolheu as exortações, lavada em lágrimas”.
6	Segunda Parte – Cap IV Primeiros	INÍCIO – Do

	labores apostólicos – Temática: A primeira prisão e o apedrejamento do Apóstolo dos gentios	parágrafo “A assembleia afetuosa, por sua vez, acolheu as exortações, lavada em lágrimas”.  FIM – até o final do capítulo.
7	Segunda Parte – Cap V Lutas pelo Evangelho – Temática: Vivendo o Evangelho com desinteresse pessoal + LIVE Mediunidade do Apóstolo Paulo <sup>3</sup>	Todo o capítulo
8	Segunda Parte – Cap VI Peregrinações e sacrifícios – Temática: A companhia de Lucas e a frustração em Atenas	Todo o capítulo
9	Segunda Parte – Cap VII As Epístolas – Temática: O Evangelho do convertido de Damasco	Todo o capítulo
10	Segunda Parte – Cap VIII O martírio em Jerusalém – Temática: O convertido de Damasco	INÍCIO: início do capítulo  FIM: até a fala: “Ainda repassava

<sup>3</sup>Link <https://youtu.be/ynlICMo6GBI>), com base em um texto de Hermínio C. Miranda.

	novamente apedrejado	na mente essa grata impressão quando numerosa escolta se postava junto à cela, para acompanhá-lo ao Sinédrio, no momento oportuno”.
11	Segunda Parte – Cap VIII O martírio em Jerusalém – Temática: Apelação a César	INÍCIO: da frase: “Ainda repassava na mente essa grata impressão quando numerosa escolta se postava junto à cela, para acompanhá-lo ao Sinédrio, no momento oportuno”.  FIM: até o fim do capítulo.
12	Segunda Parte – Cap IX O prisioneiro do Cristo – Temática: O martírio dos cristãos	INÍCIO – início do capítulo  FIM – até a frase: “Decorrida a semana de trabalhos frutuosa, felizes, o centurião fez ver a necessidade de partir”.
13	Segunda Parte – Cap IX O prisioneiro do Cristo – Temática: “Lembra-vos das minhas prisões”	INÍCIO – da frase: “Decorrida a semana de trabalhos frutuosa,

		felizes, o centurião fez ver a necessidade de partir”.  FIM - até o fim do capítulo.
14	Segunda Parte - Cap X Ao encontro do Mestre - Temática: O incêndio de 64	INÍCIO - começo do capítulo  FIM - até a frase “O povo aplaudia freneticamente, antegozando as sensações do circo, com esgares de feras e cânticos de martírio”.
15	Segunda Parte - Cap X Ao encontro do Mestre - Temática: O testemunho final	INÍCIO - da frase: “O povo aplaudia freneticamente, antegozando as sensações do circo, com esgares de feras e cânticos de martírio”.  FIM - até o fim do capítulo.
16	ENCERRAMENTO FINAL	

Pré-requisito para participação: nenhum.

## Capítulo 1

### *Encontro prévio 1 – Panorama histórico e espiritual da produção da obra*

Temos, segundo as tradições do mundo espiritual, as seguintes informações reencarnatórias:

Reencarnação (personagem)	Espírito	Referência (obra)
Basílio	Emmanuel	Ave Cristo
Lívia	Chico Xavier	Ave Cristo
Silvano	Joaquim Alves	Ave Cristo
Ápio Corvino	Bezerra de Menezes	Ave Cristo
Blandina	Meimei	Ave Cristo
Rufo	Eurípedes Barsanulfo	Ave Cristo
Taciano	Arnaldo Rocha	Ave Cristo
Quinto Varro e Quinto Celso	Pedro de Alcântara	Ave Cristo
Cneio Lucius (séc. II)	Neio Lúcio / Sr. Arthur Joviano (1862 – 1934, Barra Mansa, RJ)	Cinquenta anos depois
Jacques Duchesne Davenport (séc. XVII)	Neio Lúcio (séc. II) / Sr. Arthur Joviano	Renúncia

	(1862 – 1934, Barra Mansa, RJ)	
Helvídio Lucius	Dr. Rômulo Joviano	Cinquenta anos depois
Cirilo Davenport	Dr. Rômulo Joviano (casado em 1923 com D. Maria Amorim Joviano)	Renúncia
Pompílio Crasso	Dr. Rômulo Joviano (casado em 1923 com D. Maria Amorim Joviano)	Há dois mil anos
Alba Lucínia	Maria Amorim Joviano (casada em 1923 com Dr. Rômulo Joviano)	Cinquenta anos depois
Madalena Vilamil	Maria Amorim Joviano	Renúncia
Flávia Lentúlia	Chico Xavier	Há dois mil anos
Publius Lentulus	Emmanuel	Há dois mil anos
Júlia Spinter	D. Júlia Pêgo de Amorim (mãe de D. Maria Amorim Joviano)	Cinquenta anos depois

D. Margarida Vilamil	D. Júlia Pêgo de Amorim (mãe de D. Maria Amorim Joviano)	Renúncia
Sr. Fábio Cornélio	Sr. Aurélio Amorim (pai de D. Maria Amorim Joviano)	Cinquenta anos depois
D. Inácio Ortegas Vilamil	Sr. Aurélio Amorim (pai de D. Maria Amorim Joviano)	Renúncia
Helvídia	Wanda Joviano	Cinquenta anos depois
Beatriz	Wanda Joviano	Renúncia
Rúfio Propércio	Clóvis Tavares	Cinquenta anos depois

Interessante que na obra “Cinquenta anos depois”, pelo Espírito Emmanuel, ele vai narrar um dialogo entre Rúfio Propércio e Helvídio Lucius, dizendo:

“(…) Trocadas as primeiras impressões, Rúfio Propércio advertiu: - Caro Helvídio, depois de tão longa separação, surpreendente minha fortaleza moral ante as hecatombes dolorosas da existência. Devo explicar-te o porquê da minha resignação e serenidade. É

Patrícia Lins de Paula

que hoje, abandonei nossas crenças inexpressivas para apegar-me a Jesus-Cristo, o Filho de Deus Vivo!... – Será possível? – Exclamou o tribuno interessado. – Sim, hoje compreendo melhor a vida e os sofrimentos neste mundo. Somente nos tesouros do ensino cristão encontrei a força indispensável à compreensão da dor e do destino. Só Jesus, com a sua lição de piedade e misericórdia, pode salvar-nos do abismo de nossas angústias profundas para uma vida melhor, que não comporta os enganos e decepções amargas da Terra...”

Num vídeo veiculado pela TV Tupi, em 1970, Sílvio Santos recebeu Chico Xavier e perguntou-lhe:

“- Dos livros que você acabara de psicografar, qual deles mais te empolgou, qual o senhor mais achou interessante?”

Ao que Chico modestamente respondeu:

“- Dos livros que passaram pelas minhas mãos, um dos que mais me encantaram foi Paulo e Estêvão, pelo Espírito Emmanuel, no qual ele faz a biografia desses dois maravilhosos vultos do Cristianismo, tanto Paulo, quanto Estêvão”.

Chico havia psicografado mais de 100 livros até 1970 (desde 1932 havia iniciado seu trabalho).

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

Dentre eles, destacam-se os romances históricos pelo Espírito Emmanuel:

- Há dois mil anos (1939)
- Cinquenta anos depois (1940)
- Paulo e Estêvão (1941)
- Renúncia (1944)
- Ave, Cristo! (1953)

Chico conta como recebeu a psicografia de Paulo e Estêvão, num vídeo disponível na internet:

“Eu chegava em casa 17h15, 17h20...tomava qualquer coisa rápida, um chá, qualquer coisa, fechava a porta do meu quarto, trabalhava das 17h30 às 01h30 ou 02h00 da madrugada. Eu tinha que receber, passar a limpo, e depois eu mesmo datilografava. Isso durou muitos anos, mas quando eu me aposentei, eu falei assim:

- Eu não falei que isto seria possível? Ser médium e ser um profissional? É só ter a disciplina do tempo”.

Chico reunia disciplina, compromisso e seriedade, demonstrando um profundo envolvimento com a tarefa.

Num vídeo disponível na internet, o médium, escritor e orador espírita Raul Teixeira vai dizer:

“O Espírito Emmanuel é o grande senador Publius Lentulus. Dois milênios depois, ele

optara pelos milênios, convertido a Jesus como nunca, operoso na descrição do Evangelho, na interpretação dos atos evangélicos, e apaixonado por Paulo de Tarso, decidiu-se por escrever sobre Paulo, e escreve o livro Paulo e Estêvão, pelas mãos de seu médium, Chico Xavier.

Contar-nos-á Chico Xavier, numa das noites de tertúlia, na então Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, que o livro Paulo e Estêvão, que ele recebeu em um mês tem uma historia belíssima.

O Espírito Emmanuel disse-lhe que precisava de um tempo seu, trinta dias, para escrever sobre Paulo, seu grande benfeitor, a cujo grupo psíquico está vinculado. Chico pensou como poderia fazer para dar a Emmanuel trinta noites madrugadas; propôs a seu chefe, contava Chico, o chefe da Fazenda Modelo, do Ministério da Agricultura daqueles anos 20, 30, que lhe desse a oportunidade de umas férias, mas Dr. Rômulo Joviano disse-lhe que era impossível dar-lhe férias naquela oportunidade, pelo acúmulo de serviço; inclusive, ao invés das férias, gostaria de pedir-lhe (a Chico) que realizasse um trabalho, porque conhecia as habilidades de Chico Xavier, e uma biblioteca pertencente à Fazenda Modelo estava com os livros cheios de problemas, escangalhados, desfeitos, e precisava ele, Dr. Rômulo, que as mãos de Chico fossem consertar, fazer a nova encadernação daqueles livros, e lhe daria durante trinta dias oportunidade para isso.

E Chico ficou muito preocupado, o que ele iria dizer a Emmanuel? Ao invés das férias, trinta dias distante, na Fazenda Modelo. E o benfeitor lhe disse: são exatamente os trinta dias de que necessitamos. Tu trabalharás para César durante o dia e trabalhemos para o Cristo durante as noites. E contou-nos, Chico Xavier, que durante este mês que esteve alheio de tudo, isolado, com a presença de alguns servidores e da cozinha; nessa região, com os livros da biblioteca, durante o dia, no horário normal, Chico trabalhava afanosamente para consertar os livros e à noite, Emmanuel assumia o comando e durante largas horas escrevia Paulo e Estêvão, com um detalhe importante, que já não é detalhe, é um dado fundamental: Emmanuel foi pedir ao Espírito Paulo a honra de ele próprio, Paulo, narrar a ele, Emmanuel, a sua história, para que ele pudesse transmitir ao seu médium Chico Xavier, durante trinta noites madrugadas, dizia-nos Chico.

Era um trio de trabalhadores: porque Paulo, da intimidade luminosa em que se encontrava no além, projetava seu pensamento para Emmanuel, que era seu médium, que transmitia a Chico Xavier, que, por sua vez, era seu médium. Então, foi um livro escrito a três cabeças, o próprio Paulo que transmitia a Emmanuel, que transmitia a Chico Xavier. Quando lemos Paulo e Estêvão, não sabemos como Emmanuel pôde retirar tantos detalhes, inclusive da psicologia de Paulo, é óbvio: fora o próprio Paulo que o narrara.

Patrícia Lins de Paula

E na última noite, quando Paulo vê a Jesus de Nazaré, saído do corpo, pelo fio de espada, quando o Mestre vai recebe-lo nas portas do Além, contará ainda Chico ao grupo de amigos que o ouvíamos, Paulo projeta psiquicamente a Emmanuel a cena belíssima do Além, e Emmanuel, como presente, projeta na mente de Chico, que vê aquilo que Paulo vira, há dois milênios.

Contou-nos ele, não resisti e desmaiei. Quando voltei, o livro estava pronto.

Trinta noites madrugadas e Paulo e Estêvão, o maior romance da literatura mediúnica de todos os tempos, narrado pelo próprio personagem, sobre o qual Emmanuel escreveu”.

Wanda Joviano, filha de Dr. Rômulo Joviano, fala dos detalhes do local onde Chico psicografava. Era uma pequena sala na casa de Dr. Rômulo Joviano, na Fazenda Modelo, em Pedro Leopoldo (MG).

A família Joviano já era velha conhecida do Espírito Emmanuel. O avô de Wanda Joviano, Sr. Arthur Joviano, é o Espírito Neio Lúcio, o personagem Cneio Lucius da obra Cinquenta anos depois; o pai de Wanda Joviano, chefe de Chico Xavier na Fazenda Modelo, Sr. Rômulo Joviano, fora o personagem Helvídio Lucius, na obra Cinquenta anos depois; e a mãe de Wanda Joviano,

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

Sra. Maria Amorim Joviano, havia sido Alba Lucínia, na obra Cinquenta anos depois.

Dr. Rômulo Joviano manifestou-se pela psicografia de Geraldo Lemos a Flávio Mussa Tavares, filho de Clóvis Tavares, em reconhecimento ao seu livro “Célia Lucius, Santa Marina”:

“Pompílio Crasso, Helvídio Lucius, Godofredo de Bouillon, Ferdinando de Aragão, Ayoud A’Kouri, Cirilo Davenport e Rômulo Joviano são personalidades humanas que já se foram, consumidas na poeira dos tempos com a toda a corte de seus erros e acertos na indefectível contabilidade da vida. De todas elas, contudo, como espírito imortal, filho de Deus, restou-me na alma a espiritualidade dos ensinamentos deste anjo de luz, Célia, que refundem em minh’alma o caminho da verdade e da vida que Jesus Cristo nos oferece”.

Diversas são as obras escritas sobre o Apóstolo Paulo, e mais raras as dedicadas a Estêvão, mas de fato, Paulo e Estêvão, é de incomparável profundidade e beleza.

Dentre os livros sobre Paulo de Tarso, estão:

Patrícia Lins de Paula

- Paulo de Tarso: a história de um Apóstolo, de Jerome Murphy-O'Connor;
- Paulo e o dom, de John M. G. Barclay;
- Conheça o Apóstolo Paulo, do Padre José Bortolini ;
- Paulo no mundo greco-romano (um compêndio), de J. Paul Sampley (org.) ;
- Eu, Paulo..., de François Vouga;
- Paulo de Tarso: As leis morais, de Guilherme del Valle da Silva, dentre muitos outros.

Na introdução do livro de Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas, na versão da Bíblia de Jerusalém, os teólogos vão afirmar:

“Pode-se chamar os Atos de ***‘O Evangelho do Espírito Santo’***. É o que dá a essa obra esse perfume de alegria espiritual, de maravilhoso, sobrenatural, de que não se espantarão a não ser aqueles que não compreendem esse fenômeno único no mundo, que foi o nascimento do Cristianismo. Ele representa um tesouro

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

cuja ausência teria empobrecido singularmente nosso conhecimento das origens cristãs”.

Frise-se a importância para o estudo aprofundado da obra Paulo e Estêvão também as epístolas paulinas.

Na obra “Amor e sabedoria de Emmanuel”, de Clóvis Tavares, temos a narrativa do próprio Emmanuel sobre seu encontro com o Apóstolo Paulo:

“Lede as cartas de Paulo e meditai. O convertido de Damasco foi o agricultor humano que conseguiu aclimatar a flor divina do Evangelho sobre o mundo. Muitas vezes foi áspero. A terra não estava amanhada e se em alguns pontos oferecia letras brandas e férteis, na maioria, era regiões em espinheiro e pedregulho. Paulo foi o lidador de sol a sol. Seu fervoroso amor foi a sua bússola divina. Sua paixão no mundo, iluminada pela sua dedicação ao Cristo, transformou-se na base onde deveria brilhar para sempre a claridade do Cristianismo. Conheci-o, em Roma, nos seus dias de trabalho mais rude e de provações mais acerbadas. Vi-o uma vez unicamente, quando um carro de Estado transportava o senador Públio Lentulus, ao longo da Porta Ápia, mas foi o bastante para nunca mais esquecê-lo. Um incidente fortuito levava os cavalos a uma disparada perigosa, mas um jovem cristão, atirando-se ao caminho largo, conseguiu conjurar todas

Patrícia Lins de Paula

as ameaças. Avistamos, então, um pequeno grupo, onde se encontrava a sua figura inesquecível. Trocamos algumas palavras que me deram a conhecer a sua inteireza de caráter e a grandeza da sua fé. O fato ocorria pouco depois da trágica desencarnação de Lívia e eu trazia o espírito atormentado. As palavras de Paulo eram firmes e consoladoras. O grande convertido não conhecia a úlcera que me sangrava no coração, todavia, as suas expressões indiretas foram, imediatamente, ao fundo de minha alma, provocando um dilúvio de emoções e de esclarecimentos. Luzeiro da fé viva, Paulo não pode ser olvidado em tempo algum. Seu vulto humano é o de todo homem sincero que se toque do amor divino pelo Cordeiro de Deus. Lede-o sempre e não vos arrependereis”.<sup>4</sup>

Na mesma obra, Clóvis Tavares conta que o Espírito Neio Lúcio narra:

“O Apóstolo Paulo, no plano espiritual, sempre se dedicou a auxiliar ‘as grandes inteligências afastadas do Cristo, compreendendo-lhes as íntimas aflições e o menosprezo injusto de que se sentem objeto no mundo, ante os religiosos de todos os matizes, quase sempre especializados em regras de intolerância”.

---

<sup>4</sup> Pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, 13/03/1940. Livro “Amor e Sabedoria de Emmanuel”, de Clóvis Tavares.

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

## Capítulo 2

### *Encontro prévio 2 – Prévia ao Prefácio da obra*

*“Para que um Espírito possa se comunicar, é preciso que haja entre ele e o médium relações fluídicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente”.*

**(O Livro dos Médiuns, item 203, capítulo XVII Formação dos médiuns).**

A cooperação entre Emmanuel e Chico Xavier responde pela sintonia desses grandes Espíritos para a produção conjunta da portentosa obra Paulo e Estêvão.

A relação entre Chico e Emmanuel se perde na eternidade, contudo, sabemos que Chico foi Flávia Lentulia (obra Há dois mil anos), filha do senador romano Publius Lentulus.

A primeira aparição do Espírito Emmanuel a Chico Xavier, trajado como senador romano, foi em 1931, quando propôs escreverem juntamente

trinta obras iniciais (deste projeto inicial resultaram mais de quatrocentas obras psicografadas pelo médium Chico Xavier).

A obra Paulo e Estêvão é um romance histórico, e não uma obra teológica ou de homenagem ao Apóstolo Paulo ou a Estêvão, primeiro mártir do Cristianismo Primitivo. Ela traz a figura do cooperador fiel, transformado por amor ao Cristo.

### Capítulo 3

#### *Prefácio – Breve Notícia*

*“(...) Transferindo ao papel humano, com os recursos possíveis, alguma coisa das tradições do plano espiritual... (...)”.*

**(Prefácio da Obra Paulo e Estêvão – Breve Notícia).**

O autor espiritual da obra é categórico ao revelar que entre suas justificativas para escreve-la são algumas expressões humanas preocupantes, como as *“igrejas amornecidas”*, ou seja, enquanto deveríamos experimentar ardente caridade, ainda estamos hesitantes e inibidos na proposta que nos foi feita do *“Ide e pregai”* (direcionada aos trabalhadores da última hora); refere-se também aos *“falsos desejos dos crentes”*, o que indica que inevitavelmente estamos muito mais preocupados em pedir e clamar a Deus por nossas exigências descabidas e nossos caprichos pueris, e pouco dispostos a trabalhar em prol da sementeira divina; denuncia também a *“ociosidade do espírito”*, o que nos faz refletir sobre quantas chances temos perdido de oferecer nossos humildes donativos da alma: a escuta mais isenta, a paciência, o

entendimento, a compreensão; também aponta as “*manifestações de menor esforço*”, que implica os cristãos que mal começamos nas tarefas e já carregamos a presunção que fizemos o suficiente que nos caberia, indispostos aos sacrifícios do coração sinceramente entregue aos propósitos divinos; além das conhecidas “*disputas e dominações*” presentes principalmente, e por mais contraditório que possa parecer, nos meios religiosos.

Saulo, no início da carreira, mesmo havido selado o compromisso em missão de ser o Apóstolo dos Gentios<sup>5</sup>, expressou sua convicção com uma linguagem terrivelmente agressiva perante o imenso vazio existencial que sentia, tendo-se tornado um perseguidor de cristãos e, mais tarde, evangelizador de gentios.

---

<sup>5</sup> “*Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado, não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo. Porque já ouvistes qual foi antigamente a minha conduta no judaísmo, como sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava. E na minha nação, excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre da minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, não consultei nem a carne nem o sangue, nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco. Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias. E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor. (Gálatas, 1:11-19). Grifo nosso.*”

A grande mudança operada por Saulo, que se iniciou desde quando assistiu à pregação de Estêvão na Casa do Caminho, culminando no momento quando o Cristo lhe aparece, mostra quão transformador é o poder do amor e a proposta evangélica, de redenção e resgate. Saulo comprovou um indiscutível atestado de regeneração.

Jesus empoderou o ser humano como artífice da sua própria construção moral, equipando-nos de recursos para vencermos a nós mesmos.

É importante destacar que Paulo, tendo refeito seu caminho sem o esquecimento do passado (aproveitando a reencarnação em andamento), enfrentou seus conflitos íntimos com muita coragem, e por isso a obra nos é tão tocante. Mas a interpretação da mesma inevitavelmente variará conforme as nossas experiências, e a capacidade individual que tenhamos de reconhecimento dos erros próprios e do esforço para mudar e ajustar nossa marcha.

Como o Espírito Emmanuel vai dizer no Prefácio da obra:

“Nosso melhor e mais sincero desejo é recordar as lutas acerbadas e os ásperos testemunhos de um coração extraordinário, que se levantou das lutas humanas para

seguir os passos do Mestre, num esforço incessante”.

Saulo soube refazer seu próprio caminho, sem a bênção do esquecimento do passado, mesmo com seu pai tendo-lhe virado as costas; manteve, acima de tudo, as convicções morais e a honra, como resultado de suas próprias escolhas, e não obstante sua consciência atormentada pelo peso da culpa, não se permitiu sucumbir, utilizando o trabalho como alavanca de transformação íntima e recurso para o enfrentamento dos próprios conflitos internos.

A interpretação que fazemos da obra varia ao sabor de nossas experiências, afinal, todos nós atravessamos inúmeros desertos em nossa existência, lutamos inúmeras batalhas íntimas em nossos caminhos de Damasco; mas o fato é que, como assevera Emmanuel, “*Paulo não foi nem um santo predestinado, nem arbitrário, ríspido e absolutamente cruel*”; teve resolução firme o suficiente para soerguer-se das próprias quedas. Reconheceu cada um dos seus erros e reunia toda a energia e coragem moral que havia em si para esforçar-se para mudar.

E se Emmanuel nos assevera que “*Todos os homens menos rudes têm sua convocação pessoal ao serviço do Cristo*”, será que já nos perguntamos, qual a nossa?

Isso não implica a presunção de querer tornar-se um mártir, mas de enfrentar *o bom combate*, pois a cada enfrentamento, as nossas resistências morais estão sendo robustecidas.

Emmanuel também vai afirmar:

“Se a figura de Paulo avulta muito mais aos nossos olhos, é que ele ouviu, negou-se a si mesmo, arrependeu-se, tomou a cruz e seguiu o Cristo até o fim de suas tarefas materiais”.

Paulo reunia intensidade e autodeterminação, e nos faz pensar: O que temos construído internamente? E dessa construção, o quanto já tem sido refletido em nossa conduta? Será que já conseguimos lograr o sacrifício de nós mesmos (de nossos próprios interesses)? Que uso temos feito de nossos recursos disponíveis (conhecimento da doutrina, tempo, computador ou celular com internet)?

Imaginemos Paulo fazendo transmissões ao vivo; será que sua fala energética e poderosa teria muitos seguidores? Será que nós teríamos afinidade com o discurso de Paulo?

Desde sua decisão, Paulo nunca mais voltou atrás, incrivelmente obstinado.

Ele enfrentou dificuldades, desânimo, culpa, mas sempre multiplicou os seus talentos. E nós, que uso fazemos dos nossos recursos?

Emmanuel vai dizer que o caminho de Paulo não foi nada fácil, assim como, guardadas as devidas proporções, também não é fácil o nosso caminho:

“Entre ele e Jesus havia um abismo que o Apóstolo soube transpor em decênios de luta redentora e constante”.

E quantos de nós em lugar disso, ficamos paralisados na culpa e no remorso?

Paulo recebeu críticas, injúrias, pedradas morais e soube equacionar seus próprios conflitos íntimos, mantendo sempre a perseverança e caridade, enfrentando seu deserto emocional, joeirando opiniões.

Paulo operou uma completa transmutação de plano numa mesma existência, sem a dádiva do esquecimento do passado; e para nós, quantas reencarnações serão necessárias para galgar o aprimoramento moral? Será que estamos fazendo por merecer? Para tanto, não devemos procrastinar, buscando utilizar do melhor modo possível o tempo presente para as realizações possíveis.

Paulo viveu uma luta sem tréguas, e não descansou num só momento, ainda que a sua consciência estivesse tranquila por manter sempre a fidelidade ao Deus único, às suas próprias convicções e valores. E soube arregimentar todos os esforços necessários para permanecer trabalhando intemorato, até os últimos momentos da sua curta, mas valiosíssima existência.

Emmanuel vai apontar no prefácio da obra que:

“Outra finalidade deste esforço humilde é reconhecer que o Apóstolo não poderia chegar a essa possibilidade, em ação isolada no mundo. Sem Estêvão, não teríamos Paulo de Tarso”.

E pensamos: como teria sido a vida de Paulo, se não tivesse matado Estêvão, e mais tarde, abandonado Abigail? Como teria sido seu processo de educação dos sentimentos, se tivesse aceito desde o início a proposta de reajustamento de seus ideais? É que somos sempre *“livres para escolher, mas escravos das consequências de nossos atos”*.

E ainda que Paulo tenha, no início de sua marcha, conservado os velhos padrões de inflexibilidade, intransigência, orgulho, vaidade, a cooperação indistinta de Estêvão e Abigail sempre se manteve presente, enquanto reencarnados e mesmo após desencarnados, porque a vida é uma

só, e ela não tem contrário (o contrário de nascer é o morrer, mas não há contrário para viver).

Essa necessidade da lei de cooperação foi inclusive destacada por Emmanuel no prefácio da obra:

“(…) Aliás, sem cooperação, não poderia existir amor; e amor é a força de Deus, que equilibra o Universo”.

Ou seja, não é possível crescer moralmente sem o outro – e a forma como nos relacionamos, como nutrimos e investimos em nossos vínculos, é o termômetro ou a métrica de nossa elevação espiritual -.

Paulo elegeu o trabalho como móvel do seu autoaperfeiçoamento, seguindo o conselho dos imortais que assessoraram o insigne codificador Allan Kardec em O Livro dos Espíritos, conforme está citado nos Prolegômenos:

“Coloca na cabeça do livro a cepa de vinha que te desenhamos, porque ela é o emblema do trabalho do Criador; e tu sabes que não é senão pelo trabalho do corpo que o Espírito adquire conhecimentos”.

Ou seja, é esperado que vamos receber críticas, injúrias, pedradas morais, mas estamos

apresentados à proposta evolutiva de vencer os nossos desafios, mantendo a perseverança e caridade; devemos aceitar nossas diferenças, incompreensões, sombras, acolhendo e compreendendo-as com a finalidade de reconhecidamente lançar-nos à oportunidade de redenção, proposta evangélica para nós, pobres almas imperfeitas.

Emmanuel vai registrar uma das suas mais belas intenções com a obra, no prefácio do livro:

“(…) A fim de que cada discípulo possa entender quanto lhe compete trabalhar e sofrer, por amor a Jesus Cristo”.

Portanto, tenhamos coragem moral para enfrentar nosso deserto emocional, afinal, temos um vasto campo a joeirar. Por isso, precisamos ir à luta, digerir e internalizar os ensinamentos, a fim de desenvolver e praticar tais lições incessantemente.

O próprio Paulo, transcrito por Emmanuel, vai dizer, próximo ao fim da obra:

“(…) Nasci para uma luta sem tréguas; que deverá prevalecer até o fim dos meus dias. Antes de encontrar as luzes do Evangelho, errei criminosamente, embora com o desejo sincero de servir a Deus. Fracassei, muito cedo, na esperança de um lar. Tornei-me odiado de todos, até que o Senhor se

Patrícia Lins de Paula

compadecesse de minha situação miserável,  
chamando-me às portas de Damasco”.<sup>6</sup>

Importante notar que o livro é dividido em duas partes, como a vinda do Cristo à Terra dividiu a contagem do tempo para a humanidade em dois períodos: a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo). Além disso, os títulos da obra resumem sempre o desfecho do capítulo.

---

<sup>6</sup> Capítulo 7 As epístolas, segunda parte da obra.

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

# PRIMEIRA PARTE

## Capítulo 4

### *Capítulo 1 da obra P&E – Corações flagelados. Temática: A prisão da família Jochedeb*

“Corinto, a seus olhos, era uma nova edição da Babilônia condenada e desprezível”.

**(Emmanuel, no Capítulo 1 – Corações flagelados).**

A cidade de Corinto, a essa época, estava imersa num diverso caldo de cultura – com libertos sem emprego, homens ricos e comerciantes, sobretudo -. Emmanuel vai asseverar no início deste capítulo:

“Obedecendo, talvez, a essa heterogeneidade de sentimentos, Corinto tornou-se famosa pelas tradições de libertinagem da grande maioria dos seus habitantes”.

Nestes capítulos, aparecem alguns termos que são dignos de pesquisa e explicação:

- **Galera:** galera ou galé vem do grego, e designa um tipo específico de navio

movido a remos, por força humana, muito utilizado no mar Mediterrâneo. É uma antiga embarcação de guerra, e em seu bojo, em geral os cativos ou escravos de terras conquistadas ficavam sentenciados a este trabalho degradante. Há algumas variações possíveis, com mastros e velas.

- **Devassa:** termo jurídico que indica uma investigação judicial ou a apuração minuciosa de um ato supostamente criminoso, mediante a pesquisa e inquirição de testemunhas.
- **Édito:** é uma comunicação oficial da entidade judicial ou ainda preceito, anúncio ou edital com força de lei, normalmente fixado em locais públicos ou lido publicamente ou divulgado em outros meios de comunicação, por orientação de autoridades judiciais ou superiores. Na época da monarquia, era muito utilizado. Atualmente, o Papa e outros líderes continuam a emití-los.
- **Liteiras:** eram um tipo de cadeira portátil, aberta ou fechada, suportada por varas laterais que em geral eram levadas por servos ou escravos (carregadores humanos) ou ainda por animais, à frente e atrás, juntamente com a orientação de um servo. Era

largamente utilizada pelo patriciado como meio de locomoção mais comum da nobreza.

- **Israelita:** aquele que é descendente de Jacó, da região de Israel (um dos patriarcas do povo hebreu) ou relativo a qualquer uma das doze tribos hebreias que se estabeleceram na Palestina.
- **Judeu:** aquele que é descendente da tribo de Judá ou o que pratica o Judaísmo (religião). Sobre a origem de nascimento, todo judeu é israelita, mas nem todo israelita é judeu. Sobre a religião, o judeu é membro do grupo oriundo das tribos de Israel ou hebreus do Antigo Oriente.
- **César:** é um título imperial, usado na época do Império Romano, Bizantino e Otomano para designar o imperador. Mais tarde, foi utilizada a variante czar. Era a autoridade política máxima à época de Saulo, que todos reverenciavam.
- **Corte:** é um paço ou local de residência do imperador, bem como aos servos da casa real e seus acompanhantes. É o espaço que designa a moradia do soberano cesariano.

- **Procônsul:** é um título de governador de uma província romana, na época do Império Romano. É o principal administrador de uma província, sob supervisão do senador romano. Dirigia seus assuntos civis, decisões judiciais, mantendo a lei e a ordem.
- **Legado:** é um título atribuído a um general do exército romano, equivalente ao oficial general, ou senador. É superior ao tribuno.
- **Tribuno:** é um título romano atribuído a oficiais, cuja função é comandar porções do exército romano. Está subordinado ao cônsul, pretor e legado.
- **Questor:** é um título romano atribuído a oficiais, cuja função é supervisão financeira e cobrança de impostos do império.
- **Patrício:** aquele que é cidadão romano, pertencente à aristocracia da Roma Antiga, membro da sua antiga classe de nobreza hereditária.

Especificamente sobre o legado de César, Licínio Minúcio, apenas para ilustrar, Emmanuel vai dizer, neste capítulo:

“Licínio Minúcio (função de legado de César), chefe romano, chegara ao poder, mobilizando todos os recursos da intriga e

da calúnia; tudo ousava, por aumentar seus cabedais, fruto da avareza insaciável e sem escrúpulos. Assim, de maneira a consumir seus criminosos desígnios, iniciou largo movimento de arbitrarias expropriações, a pretexto de garantir a ordem pública em benefício do poderoso Império que a sua autoridade representava”.

A história das doze tribos de Israel teve início quando Iahweh prometeu a Abraão que ele teria uma grande descendência sobre a Terra, e seria pai de multidões. Um dos filhos de Abraão foi Isaac, que foi pai de Jacó, que posteriormente teve seu nome mudado por Iahweh para Israel, por causa da fidelidade que ele demonstrou a Iahweh. Estes três – Abraão, Isaac e Jacó – são conhecidos como os patriarcas do povo hebreu.

Jacó ou Israel teve treze filhos, dos quais doze eram homens e apenas uma mulher. Seus descendentes ficaram conhecidos como “as doze tribos de Israel” ou o povo israelita.

Dez, das doze tribos, tem o nome de dez filhos de Jacó, e as duas tribos restantes, receberam o nome de dois filhos de José.

Os filhos de Jacó foram de quatro mulheres diferentes, são elas, e seus respectivos filhos:

- Lia – Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom, Diná;
- Zilpa – Gade, Asser;
- Raquel – José (Manassés e Efraim), Benjamin;
- Bila – Dã, Naftali.

Obs.1: Quase nunca ouvimos falar na tribo de José, pois este teve dois filhos – Manassés e Efraim – que Jacó, seu avô, tomou como filhos dele, portanto, recebendo porções de terras e se tornando chefes de tribos em vez de José.

Obs.2: No caso de Levi, Iahweh designou que servisse em sacerdócio, logo, também abdicou de ser chefe de tribo.

Então, a formação das doze tribos são:

- Rúben;
- Simeão;
- Judá;
- Issacar;
- Zebulom;
- Gade;
- Asser;
- Manassés;
- Efraim;
- Benjamin;
- Dã;
- Naftali.

Essas grandes famílias rapidamente se tornaram grandes comunidades e posteriormente a nação que foi chamada por Iahweh.

O Cristianismo Primitivo compreende a época entre os anos 30 d.C. e 325 d.C., aproximadamente, e teve por fim o Primeiro Concílio de Nicéia, organizado pelo Imperador Constantino, a partir de quando foi inaugurada a ortodoxia doutrinária.

A cidade de Corinto, na velha Acaia, no período de 27 a.C. até 476 d.C. teve o poder autocentrado na corte imperial, escravização dos povos, exploração comercial e a presença de vivo politeísmo – oriundo da cultura helênica grega -.

Emmanuel vai asseverar neste capítulo que:

“Ao lado dos aspectos soberbos e das predarias rutilantes, o pântano das misérias morais exalava nauseante bafio”.

E poderíamos pensar se hoje, os paradoxos de um planeta de provas e expiações também não nos causa similar repugnância.

No ano 34 d.C., momento histórico deste capítulo da obra, no poder estava o Imperador Tibério César, que governou entre os anos 14 e 37 d.C.,

portanto, a Boa-Nova ainda estava sendo disseminada.

Neste capítulo, temos as personagens principais: Jochedeb ben Jared (ou Jochedeb bar Jared, ou filho de Jared), Abigail, Jeziel, Licínio Minúcio e Espártaco.

Interessante notar que os nomes Jeziel e Abigail vêm do hebraico, que significam “homem de Deus” e “alegria de meu pai”, respectivamente. O nome Estêvão, como será visto nos próximos capítulos da obra, tem origem grega – “Stephanos” – “o coroado”. Assim como Saulo, de origem hebraica, que significa “desejado” e Paulo, de origem latina, “baixo”.

Diante do texto, ficamos pensando a similitude de nossas metrópoles com a Corinto daquela época: não estaríamos testemunhando sua revivescência?

Nota-se que as cartas de Paulo aos Coríntios são contundentes, enérgicas, mas, ao mesmo tempo, muito amorosas, transbordantes de autoridade moral. Tais contrastes, de uma sociedade marcada pelo egoísmo, tem diferenças para os dias atuais, a despeito do próprio contexto histórico?

Nessa época, temos na obra a visão de uma cidade sitiada, assinalada por violenta revolta dos escravos oprimidos, por conta das arbitrarias e violentas

expropriações, com gestores marcados pela avareza e cupidez insaciáveis e sem escrúpulos, e cenas flagrantes de humilhação, perversidade, flagelações, preconceito e ridicularização principalmente dos mais vulneráveis.

Quando vemos o flagrante de violência em Jochedeb, nos perguntamos:

- E se ao invés da bofetada na face, fosse a difamação?
- E se ao invés do espólio da casa, fosse a morte de um filho?

No diálogo entre Jeziel e Jochedeb detectamos a menção à saga dos hebreus, do povo de Israel, que fugindo da seca migraram para o Egito, escravizados. Em seguida, Moisés liberta o povo, que atravessou o deserto por quarenta anos. Após a morte de Salomão, houve a divisão das tribos. Depois veio a época do domínio dos assírios (ano 721 a.C.), em seguida o cativeiro babilônico (ano 596 a.C.) e então a diáspora (a dispersão do povo de Israel pelo mundo).

Na obra “A caminho da luz”, capítulo 7 – O povo de Israel, pelo Espírito Emmanuel, o benfeitor espiritual da obra vai dizer:

“Sem pátria e sem lar, esse povo heróico tem sabido viver em todos os climas sociais e políticos, exemplificando a solidariedade humana nas melhores tradições de trabalho; sua existência histórica, contudo, é uma lição dolorosa para todos os povos do mundo, das conseqüências nefastas do orgulho e do exclusivismo”.

E diante de tudo isso, colocamo-nos a refletir:

E nós, quando agredidos, como reagimos? De acordo com a opção 1, de Jochedeb, que busca a retaliação e a vingança, utilizando as mesmas armas criminosas do delinqüente opositor? Ou de acordo com a opção 2, como Jesus, conforme a citação a seguir (João, 18:23)?

“Se falei mal, dá testemunho do mal, mas se falei a verdade, por que me bates?”

Nossa identificação com Jochedeb é tão profunda, porquanto quase sempre estamos, ainda que utilizando ferramentas mais sutis e disfarçadas de desforra, em busca de reparação e justiça para os acontecimentos de nossa vida. Este é o difícil exercício da renúncia, a que invariavelmente estamos deparados.

A dedicação e obediência aos desígnios de Deus se prova com o trabalho de cada dia, com o aproveitamento das experiências, conforme se dá esse surgimento, e pela misericórdia, temos a oportunidade de não fazermos pesar mais ainda o fardo da culpa.

Mesmo porque, conforme nos adverte a questão 875 de O Livro dos Espíritos:

“O direito estabelecido pelos homens, portanto, não está sempre conforme a justiça”.

E diante disso, poderíamos pensar:

Quais são as nossas prisões e algozes?

Se estivermos dispostos a esperar em Deus, esse Deus de Justiça, Amor e Caridade, de fato seremos recompensados, não apenas com a reparação, mas com o fim do ódio, do duelo, do revide, da vingança.

Porém, o entendimento de Deus depende do grau de maturidade psicológica e espiritual de cada um de nós, a fim de que possamos nos certificar de que abnegação não é covardia, mas verdadeira coragem moral, conforme a própria citação que Emmanuel faz na obra, do livro de Provérbios (Provérbios, 3:11-12): “*Não rejeites o corretivo do Senhor*”.

Será esperado para nosso estado evolutivo nos sentirmos injustiçados, mas sempre podemos decidir obedecer, e isso nos habilita ao exercício da resignação.

Porém, é sempre nossa a escolha; e apenas quem conhece a verdade é capaz de operar a legítima justiça. Não deveríamos buscar equiparação usando as armas da iniquidade. Enquanto alguns promovem o escândalo, outros recompõem os danos – que façamos parte dos últimos -. Afinal, a vingança só gera remorso e desalento. Não vale a pena fazer justiça pelas próprias mãos.

Conforme cita Emmanuel neste capítulo:

“A Lei Sagrada estava cheio de símbolos de justiça. Para ele {Jochedeb}, impunha-se como dever soberano providenciar a reparação que lhe parecia conveniente”.

Neste momento, cumpre não esquecer da questão da sintonia, porquanto angustiado, Jochedeb deu

ensejo a “terríveis tentações”. Nunca devemos olvidar da lição da vigilância, da atração a “situações magnéticas”, como nos adverte Emmanuel, na obra “Caminho, Verdade e Vida”, capítulo 129 – Origem das Tentações:

“Recorda-te que cada dia tem situações magnéticas específicas. Considera a essência de tudo o que atraiu no curso das horas e eliminarás os males próprios, atendendo ao bem que Jesus deseja”.

Afinal, Jeziel poderia ter morrido por uma ação impulsiva do pai (atear fogo nas terras que pertenciam a Licínio Minúcio).

Podemos ainda extrapolar as reflexões para pensar na questão reencarnatória; e se Jeziel fosse o pai de Jochedeb? Como seria testemunhar a doce submissão ao dever?

É bem verdade que Jeziel era um Espírito nobre, ponderado e servidor por uma consciência cristalina, testemunhando o respeito, a ternura e a honradez filial. Mesmo diante dos mais dolorosos transe, conservava sua serenidade de modo imperturbável, sempre argumentando carinhosamente com o pai, utilizando o silêncio quando não podia compreender os desígnios divinos, resignando-se a “*buscar respostas no coração paternal de Deus*”, como nos diz Emmanuel.

É fácil perceber os convites a que ambos estão sendo chamados em suas respectivas posições? No caso de Jeziel, como filho, honrar o pai não obstante os flagrantes desvios morais, advertindo-o sem constrange-lo ou dar-lhe lição de moral de forma arrogante, testemunhando perdão, paciência e obediência irrestrita. No caso de Jochedeb, pela sensibilidade e maturidade do filho, sentir-se tocado pela sua docilidade, mansuetude, pacificidade e honradez, com serviço distinto e obediência sublime aos desígnios de Deus.

Conforme nos assevera o Espírito Lázaro, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Capítulo 9 Bem aventurados os mansos e pacíficos, na mensagem sobre “Obediência e resignação”:

“A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração”.

Jochedeb havia sido um esposo dedicado, agora viúvo, espoliado, pai zeloso, vítima de uma prisão injusta, baseada em falsas acusações, que o levou a experimentar dissabores, confiscos...mas a lei divina opera sempre, e muitas vezes usa as próprias criaturas humanas para as reparações necessárias. Será que entendemos a resposta dos céus aos nossos apelos?

Quantas vezes também nós não somos flagiciados em nossas prisões e perseguições íntimas, pelos algozes psicológicos que nos atormentam?

No caso de Jochedeb, inclusive, conforme nos conta Emmanuel, sua esposa havia morrido precocemente, vitimada pelos padecimentos e desgostos inúmeros.

E se nós estivéssemos no lugar de Espártaco? O soldado que, a mando de Licínio Minúcio, aplica as bastonadas em Jeziel e Jochedeb presos e flagiciados? Será que também nos valeríamos dessa situação para desbordar nossos instintos mais vis de violência? Será que não somos mais violentos por falta de oportunidade ou evolução espiritual real?

Mesmo porque, como vai dizer Emmanuel neste capítulo: *“O fogo que se ateia tem consequências imprevisíveis”*.

## Capítulo 5

### *Capítulo 2 da obra P&E – Lágrimas e sacrifícios. Temática: A angústia da separação*

*“Os corredores escuros e úmidos fazem morrer mais cedo os presos, devido à proliferação de fungos e por compor ambiente propício para o desencadeamento de doenças respiratórias”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 2 – Lágrimas e sacrifícios).**

A prisão prevista, porém, amargurada de Jochedeb, Jeziel e Abigail trazia uma nuvem de pesadas expectativas que pesava sobre todos. Não obstante a conjuntura difícil em que se viam naquele momento, como diz Emmanuel, *“Jeziel improvisou-lhe (ao pai) um leito sobre as lajes frias”*, porquanto é na crise que o verdadeiro cristão se revela.

Jeziel, que não era cristão de forma consciente, deliberada, mas conservava o solo já preparado qual terra fértil para demonstrar e praticar os ensinamentos de bondade, caridade, piedade, mansuetude e infinito amor de Jesus, jamais

utilizou da palavra para censurar o pai, escarnecer, cobrar ou culpa-lo pelo transe doloroso por que ora atravessavam.

Não obstante todo o carinho, amor e compreensão dos seus filhos tão jovens, Jochedeb conservava-se contrariado, indignado e sentindo-se fortemente injustiçado, achando-se credor de reparação e desforra, o que lhe perturbava ainda mais emocionalmente, piorando a situação.

Isso não significa que Abigail e Jeziel não experimentaram medo. Cumpre recordar que eles, como Jochedeb, estavam vivendo a experiência humana, com muito também a aprender, embora seus corações já estivessem mais sintonizados com os desígnios celestes. Sentiam a inquietação, mas acima de tudo, confiavam no Pai Celestial.

Sobre Jochedeb, Emmanuel vai revelar:

“O velho, atormentado por um aluvião de pensamentos, sem saber externar suas dores pungentes, engolfava-se em angustioso mutismo, evitando o olhar dos filhos”.

Talvez, um misto de raiva, insubordinação e vergonha, pelo fato de seus planos terem ido por água abaixo.

Diante dessa situação, e considerando uma mudança de contexto, também nós não passamos

por desafios similares? Assim, cumpre-nos pensar: O que tem desencadeado o panorama sombrio de nossos medos? Quais são as condições que buscamos a todo custo evitar, pois receamos que não suportaríamos?

Da cela imunda, Jeziel e Abigail fixam os olhos muito brilhantes e lúcidos na noite estrelada e clara, e decidem contemplar a natureza como inspiração e fidelidade a Deus, confiança irrestrita no Alto. Diante do cenário alarmante, em que muitos de nós facilmente desesperaríamos, antecipando em pensamento o fim de nossa existência, essas almas purificadas decidiram conservar a esperança em tempos melhores.

E nós, conseguimos também entregar o nosso coração ao Pai como oferenda ao seu Imbatível Amor? Ou só somos capazes de amar a Deus quando tudo nos vai bem?

O Espírito Lacordaire, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, no capítulo V – Bem aventurados os aflitos, item 18 Bem e mal sofrer, vai asseverar:

“(…) Mas, ah! Poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao Reino de Deus. O desânimo é uma falta; Deus vos nega consolações, se não tiverdes coragem”.

Enquanto isso, os irmãos Jeziel e Abigail, que gozavam de um amor fraternal irrestrito e profundo, aproveitavam o momento para um melhor entendimento, o entendimento possível, dos desígnios celestiais.

Abigail recordava daquilo que estudavam na lei (de Moisés) na noite anterior, a passagem de Números, 20:2-12, transcrita a seguir<sup>7</sup>:

“E não havia água para a congregação; então se reuniram contra Moisés e contra Arão. **E o povo contendeu com Moisés, dizendo: Quem dera tivéssemos perecido quando pereceram nossos irmãos perante o Senhor! E por que trouxestes a congregação do Senhor a este deserto, para que morramos aqui, nós e os nossos animais?** E por que nos fizestes subir do Egito, para nos trazer a este lugar mau? Lugar onde não há semente, nem de figos, nem de vides, nem de romãs, nem tem água para beber. Então Moisés e Arão se foram de diante do povo à porta da tenda da congregação, e se lançaram sobre os seus rostos; e a glória do Senhor lhes apareceu. **E o Senhor falou a Moisés dizendo: Toma a vara, e ajunta a congregação, tu e Arão, teu irmão, e falai à rocha, perante os seus olhos, e dará a sua água; assim lhes tirarás água da rocha, e darás a beber à congregação e aos seus animais.** Então Moisés tomou a vara de diante do Senhor, como lhe tinha ordenado. E Moisés e Arão reuniram a congregação diante da rocha, e

---

<sup>7</sup> Grifos nossos.

Moisés disse-lhes: Ouvi agora, rebeldes, porventura tiraremos água desta rocha para vós? **Então Moisés levantou a sua mão, e feriu a rocha duas vezes com a sua vara, e saiu muita água; e bebeu a congregação e os seus animais. E o Senhor disse a Moisés e a Arão: Porquanto não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso não introduzireis esta congregação na terra que lhes tenho dado**”.

Ou seja, o ponto do estudo em que se falava sobre a confiança em Deus e o ponto em que, como elucida Emmanuel, “*Moisés contemplava de longe a terra da promessa, sem poder alcança-la*”.

Importante informar que o Pentateuco Mosaico ou a Torá, corresponde aos primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

A confiança nos abre as portas para as experiências que propiciam a melhor finalidade para a nossa redenção, utilizando o poder persuasivo do amor com o objetivo de que possamos perseverar sempre. E nesse ínterim, como diz Abigail, “*os homens são como varas no campo da criação*”. Citando-a:

“Os profetas, por sua vez, nos esclarecem que os homens são varas no campo da criação. O Todo-Poderoso é lavrador e nós devemos ser os galhos floridos ou frutíferos, na sua obra”.

Conforme nos diz Jesus em João, 15:1: “*Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador*”.

Importante pensarmos sobre a figura do lavrador, porquanto é aquele que poda, aduba, rega, o que implica dizer que podemos ajudar mesmo sem recursos, quando temos acesso à caridade real. Quando se torna muito mais valioso ***não dar do que temos***, mas sim, ***dar do que somos***. E nesse ínterim, quão desafiadora é a lição da convivência!

E por isso, cumpre-nos pensar: Temos dado mais do que somos ou mais do que temos?

Neste capítulo temos uma das mais belas e profundas frases enunciadas por Abigail, quando imersa numa reflexão profunda a respeito da existência:

“Penso que foi útil a nossa prisão. Não será uma felicidade nesse mundo podermos sofrer alguma coisa por amor a Deus? Quem nada tem, inda possui o coração a dar”.

E de fato, ali estavam duas almas profundamente sintonizadas e bem dispostas a dar o exemplo para

nós, irmãos menores. Incrível como Deus utiliza como instrumento educativo aos filhos ignorantes o exemplo dos filhos mais experientes; o quanto, como dizia o Apóstolo Paulo, estamos rodeados por uma nuvem de testemunhas<sup>8</sup>, referindo-se tanto aos Espíritos desencarnados com quem nos associamos, quanto aos encarnados que mourejam conosco. Todos somos alunos e professores uns dos outros.

E nesse ponto, cumpre-nos refletir: Como temos enfrentado as experiências de dores e amarguras para alargar a nossa capacidade de resistência?

Interessante pensar como “*Deus opera em silêncio*”. Se pensarmos que, nessa mesma época quando Jeziel e Abigail estavam em Corinto, onde estariam os Apóstolos (Tiago, João, Simão Pedro, ...)? Onde estaria Saulo de Tarso?

E ainda nesse diálogo enternecedor desses dois irmãos, eles se recordam da história de Jó, no Antigo Testamento, sobre quem Jeziel vai dizer:

“Quando experimentou a ironia de sua mulher, nas desditas extremas, Jó teve a boa lembrança de que, se o Criador nos dá os bens para nossa alegria, pode enviar-nos igualmente os dissabores para o nosso proveito”.

---

<sup>8</sup> Hebreus, 12:1 – “Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta”.

Citando o livro de Jó (Jó, 2:3-10):

“Observastes meu servo Jó? Porque ninguém há na Terra semelhante a ele, homem íntegro e reto; então, saiu Satanás na presença do Senhor e feriu Jó de úlceras malignas, desde o pé até a cabeça. Então, sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre (se mata). Porém, ele lhe disse: receberemos o bem de Deus (a vida) e não receberíamos o mal (as provas)?”

Assim também ocorre com a história de Tobit, Sara e Tobias; Tobit, pai de Tobias e sogro de Sara, fiel seguidor da lei, perde os bens e a visão, mas ainda assim conserva a confiança no Altíssimo; o Anjo Rafael, designado por Deus para os ajudar explica tais processos, necessários para testificar a fé deles, conforme está escrito em Tobias, 12:13-14:

“Por que não hesitaste em levantar-te e deixar a refeição para ir sepultar um morto, eu fui enviado para pôr-te à prova. Mas foi Deus também que me enviou para curar-te, e curar Sara, tua nora”.

Ou seja, o anjo Rafael mostra a Tobit e Tobias que o justo é provado na fé, que mesmo quando um homem é bom, ele também pode ficar doente e sofrer muito. Por isso, quando Deus realiza nossos desejos, nossos pedidos em prece, é para nos ajudar; assim como quando Deus não corresponde aos nossos caprichos, também é para nos ajudar. Portanto, que permaneçamos como Tobit, Tobias e Sara, mesmo que cheguem os sofrimentos e provações, que possamos continuar orando e pedindo, que o Céu jamais nos abandonará, se soubermos fazer a nossa parte.

E no caso da história de Jeziel, Abigail e Jochedeb, Jeziel acaba assumindo, heroicamente, a responsabilidade pelo crime.

Interessante pensar que na questão 951 de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec pergunta aos imortais:

“Não é, às vezes meritório o sacrifício da vida, quando aquele que o faz visa a salvar a de outrem, ou ser útil aos seus semelhantes?”

Ao que os Espíritos vão responder:

“Isso é sublime, conforme a intenção, e em tal caso, o sacrifício da vida não constitui suicídio. (...) Só o desinteresse torna meritório o sacrifício (...)”.

Kardec ainda insere, ao final da questão, uma nota de rodapé, que também vale a pena a menção:

“Todo sacrifício que o homem faça à custa da sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus”.

Assim, pensar nesse ato de indescritível abnegação e bondade por parte de Jeziel, nos faz pensar em, guardadas as devidas proporções, quanto sacrifício temos feito para praticar a caridade; Jeziel tinha, como vai dizer Emmanuel, “uma vida pura”, que se resumia ao trabalho e obediência ao pai, à renúncia à constituição do seu lar, ao estudo aprofundado da lei de Moisés e a uma amizade pura com sua amável e amada irmã. Logo, é fora de dúvida a intenção completamente desinteressada do seu ato.

O próprio Jeziel, pressentindo a separação precoce e iminente com sua irmã, mergulhado em angustiosas expectativas, vai dizer a ela:

“(…) Lembrar-te-ás de Deus e da nossa vida de trabalho santificador, e nunca ouvirás a voz das tentações que arrastam as criaturas à queda nos abismos do caminho”.

E quanto a nós, cumpre-nos pensar: Como podemos experimentar devotamento e abnegação em outros

contextos, como casamento, exercício da maternidade ou paternidade, e em nosso exercício profissional?

Vejamos como Jeziel e Abigail nos demonstram que a alma sincera e resoluta também sofre e busca entendimento, mas em nome disso, não perde a paz.

A educação moral destes irmãos nos mostra o cuidado para não ferir a suscetibilidade um do outro; nos menores gestos, o carinho, o cuidado em dissimular e ocultar as angustiosas cogitações sobre o desfecho daquele caso, que provavelmente, levando-se em consideração a falta de escrúpulos de Licínio Minúcio, acabaria com uma fatalidade.

Aprendemos em O Evangelho Segundo o Espiritismo que é caridade não suscetibilizar o outro, conforme está no capítulo XVII – Sede perfeitos, item 3 O homem de bem:

“Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar ao próximo e não merece a clemência do Senhor”.

O que implica dizer que, intimamente Jeziel também se questionava pelas provas dolorosas, como descreve Emmanuel:

“Ele, que esclarecera o genitor e consolara a irmãzinha, perguntava também, por sua vez, dentro de si, o porquê de suas provas dolorosas”.

Mas acima de todas as inquietações e perquirições, rememorava os ensinamentos dos escritos sagrados, guardava no imo do ser a lembrança do carinho materno, sempre fonte de coragem e alegria, convicto da paternidade divina, sobre cuja fé se sentia fortalecido para as lutas.

Emmanuel vai retratar este quadro:

“Vagava-lhe no coração uma saudade infinita; sua mãe ensinava que em tudo Deus era bom e misericordioso; nas enfermidades, corrigia o corpo, nas angústias da alma, iluminava o coração”.

Sabemos igualmente o quanto os costumes da época continuavam excessivamente desumanos, não obstante a corrente de solidariedade e fraternidade cristã a se dilatar e preencher os corações, mas, de fato, Jochedeb e Jeziel amargaram a inclemência dos seus algozes, que não se comoveram perante os seus infortúnios.

Neste capítulo, Lágrimas e sacrifícios, testemunhamos o quanto somos, inevitavelmente, a soma de muitos e cumpriria pensar se ainda hoje não fazemos da nossa opinião pública meio de fazer uma justiça aos nossos moldes, através principalmente do linchamento virtual, pelas opiniões perversas e inditasas, muitas vezes desprezando interrogatório e testemunhas, que só veem um lado da realidade.

Quais são os nossos costumes hoje? Assistir novela com conteúdos quase sempre degradantes, filmes com imagens fortes, perturbadoras, ou desfrutar de uma conversa edificante e sinceramente interessada no bem-estar dos nossos familiares enquanto tomamos o alimento à mesa?

A Jochedeb havia sido imputada uma pena pelo incêndio criminoso, e Jeziel intervém, para tentar receber as punições no lugar do pai, mas não o consegue livrar das flagelações. Dentro em pouco, a pena foi revisada e agravada devido à notícia da morte de Ruffilio, um dos servos mais laboriosos de Licínio Minúcio, e depois da morte de Jochedeb (em meio aos flagícios), Jeziel foi desatado do tronco e levado ao cativo nas galeras romanas.

Heróico, Jeziel não cogitava sobre o próprio destino. Estava muito mais preocupado com o destino da irmã, do que em relação ao sofrimento do próprio suplício.

Nesta parte da obra, temos o primeiro trecho da Prece dos Aflitos de Abigail, que ela canta para o pai e o irmão, em meio ao flagício:

(I)

“Senhor Deus, pai dos que choram,  
Dos tristes, dos oprimidos,  
Fortaleza dos vencidos,  
Consolo de toda a dor,  
Embora a miséria amarga  
Dos prantos de nosso erro,  
Deste mundo de desterro,  
Clamamos por vosso amor!”

(II)

“Nas aflições do caminho,  
Na noite mais tormentosa,  
Vossa fonte generosa  
É o bem que não secará.  
Sois, em tudo, a luz eterna  
Da alegria e da bonança,  
Nossa porta de esperança  
Que nunca se fechará”.

E assim como em toda situação rude e grave, sempre aparecem os anjos inesperados ou os Cireneus que Deus envia para nos fortalecer nos transes difíceis; diante de toda aquela desventura,

surge Justino, um dos servos de Licínio Minúcio que num ato de empatia, aconselha Abigail:

“Minha filha, também sou pai e compreendo teu martírio. Foge de Corinto a toda pressa. Teu pai descansou para sempre e quanto ao teu irmão, ninguém volta do cativeiro das galeras”.

De fato, eram tristes as perspectivas de Abigail: órfã de mãe, e agora, de pai, separada do irmão pelas lamentáveis circunstâncias impostas pelo destino, na cidade de Corinto, pervertida por valores controversos...qual a saída possível a ela, no auge dos seus dezoito anos? Pedir trabalho? Prostituição? Mendicância? Suicídio?

Dentre todos os caminhos possíveis, Abigail decide buscar ajuda de uma antiga amiga de sua mãe, Sostênia. E aqui vamos o quanto a inspiração superior nos auxilia o pensamento turbilhonado nos momentos angustiosos, o quanto uma prece pode nos ajudar em situações aflitivas! E o quanto o legado maior que podemos deixar aos nossos filhos é a educação moral e o estímulo à fé em Deus.

Sostênia alvitrou a Abigail que procurasse o casal Ruth e Zacarias, que recentemente perderam o filho assassinado, a fim de que saísse de Corinto:

“Convém-te uma atitude de sincera fortaleza moral, pois vivemos numa época

Patrícia Lins de Paula

que precisamos fugir da perdição, como Lot e seus familiares, correndo o risco de virar uma estátua inútil”.

Neste ponto, Sostênia recorda da fuga de Lot e sua família, devido à destruição de Sodoma e Gomorra, conforme consta em Gênesis, 19:26:

“E quanto Lot entrou em Zoar, o Senhor destruiu Sodoma e Gomorra, e a mulher de Lot olhou para trás e ficou convertida numa estátua de sal”.

Ou seja, a lição da vigilância e da demonstração de coragem moral perante os reveses. E de fato, Abigail encontra o acolhimento buscado. Como disse Jesus (Mateus, 7:7-11):

“Pedi e obtereis; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; e qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe um peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?”

Mas como reaver a coragem e reorganizar o caminho?

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

O mais incrível na história destes adoráveis irmãos é o quanto em espírito sempre estiveram afinados com a vida e ensinamentos de Jesus, mesmo sem conhece-lo. Num diálogo entre Jeziel e Abigail, ele vai dizer:

“Creio no Messias Redentor. Ele há de vir ensinando o amor, a caridade, a justiça e o perdão. Nascerá entre os humildes, exemplificará entre os pobres. Quem sabe, Abigail, estará Ele no mundo sem o sabermos?”

Ou seja, temos em Jeziel uma fiel interpretação à leitura dos textos sagrados que já falavam sobre a vinda do Messias, uma leitura pura, que não está enviesada pelos interesses egoísticos ou conveniências sociais e políticas, como dos fariseus.

Uma prova dessa antecipação das características do Messias nos textos sagrados está em Zacarias, 9:9-10:

“Exulta, ó filha de Jerusalém, o teu Rei é justo e traz a salvação; ele é humilde e vem montado num jumento; destruirá os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém; anunciará paz, prosperidade e seu domínio se estenderá de mar a mar”.

E nós, ainda hoje, após as três Divinas Revelações, temos olhos de ver e ouvidos de ouvir? O quanto

estamos predispostos à humildade, ao perdão e à verdadeira justiça, que submete até mesmo os próprios interesses?

## Capítulo 6

### *Capítulo 3 da obra P&E – Em Jerusalém. Temática: Jeziel se torna Estêvão*

*“Depois de contemplar angustiadamente o cadáver paterno, o jovem hebreu acompanhou a irmã, de olhar ansioso, até à porta de acesso a um dos vastos corredores da prisão. Jamais experimentara tão profunda emoção”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 3 – Em Jerusalém).**

No caso de Jeziel, como Emmanuel vai narrar:

*“A rude experiência dera-lhe uma expressão dolorosa e sombria. No bojo escuro da embarcação, sua firmeza de fé não se modificara. Dividia o tempo entre os labores rudes e as sagradas meditações”.*

Jeziel buscava sempre dar o exemplo, repetindo incansavelmente, que mesmo na condição de servidão deplorável e escravidão, “Todo serviço é de Deus”.

E nós, será que quando internados nos cativeiros impostos pela Lei de Causa e Efeito estamos dispostos a nos apropriar dos remos do trabalho íntimo para continuar a mover a embarcação, ainda que sem recompensas imediatas? Estamos advertidos que o Senhor visita os homens pelos homens que se santificam? Que corrige as criaturas pelas criaturas que se endurecem?

E quando todas as circunstâncias pareciam desfavoráveis, de amarguras perspectivas, aparece na embarcação o visitante inesperado, Sérgio Paulo, que fica sob os cuidados de Jeziel.

Interessante notar o quanto nesse ponto da obra testemunhamos a proteção e o cuidado ao próximo mais próximo, exatamente como exemplifica o bom samaritano, que não pergunta a identidade, a origem, a religião, a ascendência daquele a quem ajuda. Às vezes somos constrangidos ao auxílio (como no caso de Jeziel), mas mesmo nestes casos, quando mantemos o coração sintonizado com o bem, com o fiel desejo de auxiliar, aquilo que é uma obrigação se torna uma missão executada com muito amor.

Jeziel não converteu a dor em rebeldia, mas buscou em todos os lances do seu infortúnio o entendimento e a compreensão, e observou no importante e imprevisto pretexto de aproximação

uma oportunidade de exercer humildemente a caridade.

O benfeitor espiritual da obra vai dizer:

“O autor dos Provérbios recomendara como imprescindível a serenidade da alma em todas as flutuações da vida humana”.

E de fato, encontramos em Provérbios, 3:1-6 o seguinte:

“Filho meu, não te esqueças da minha lei, e o teu coração guarde os meus mandamentos. Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te apoies no próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará tuas veredas”.

E será que nós guardamos essa confiança irrestrita nos momentos de graves testemunhos?

É de se esperar o abatimento pela dor moral, o sentimento torturante de impotência, a nutrição da esperança de sair dessa situação afligente, mas acima de tudo, espera-se do cristão verdadeiro enfrentar tais vicissitudes com confiança e humildade.

Como Emmanuel vai dizer em uma de suas obras<sup>9</sup>:

---

<sup>9</sup> Obra Fonte Viva, capítulo 105.

“Cristão sem espírito de sacrifício é lâmpada morta no santuário do Evangelho. Busquemos o Senhor, oferecendo aos outros o melhor de nós mesmos”.

Como cuidador, Jeziel consagrou-se ao enfermo, cuidando dele e amparando, utilizando a palavra como instrumento edificante e salutar, demonstrando o carinho fraternal ainda que por um desconhecido. Jeziel nos mostra o quanto vale a pena o exercício da alma sincera em buscar sempre o melhor lado em todas as coisas, mantendo, sob qualquer circunstância, o bom ânimo.

Mas será que na condição de Jeziel, agiríamos de modo análogo? Quais seriam os nossos questionamentos? Por que essa doença? Por que isso aconteceu com os meus filhos, com os meus pais, com os meus familiares? Por que não consigo me curar dessa enfermidade pertinaz? Ou será que buscamos, não obstante nossas inquietações, como podemos ser um cuidador zeloso e laborioso?

Mas não é apenas com Jeziel que aprendemos muito neste capítulo, é também com o próprio romano, Sérgio Paulo, homem íntegro e honesto, que grato aos cuidados de Jeziel, resolve premia-lo com a restituição da liberdade: *“Dar-te-ei a liberdade, mas só o teu Deus poderá conceder-te a vida”*.

Lisipo, o feitor, havia pintado com fidelidade a correção da conduta de Jeziel, e Sérgio Paulo, que houvera testemunhado toda a dedicação e carinho de Jeziel, para ficar em paz com sua consciência e “em obediência aos seus princípios”, como ele mesmo vai afirmar, faz algumas advertências e o liberta.

Cumpre-nos pensar: e nós que somos cristãos, pensamos com retidão de caráter?

Jeziel, no auge da sua humildade e espírito de serviço, entretanto, esclarece: “Sou vosso escravo, senhor. Nada me deveis”. Ao contrário do que possa parecer, uma possível apologia à cruel escravidão, aqui temos uma clara percepção por parte deste Espírito iluminado e maduro que ali ele estava diante de uma oportunidade iluminativa, cômico do papel que Deus houvera lhe outorgado, para aquela experiência, para aquele momento.

Ainda sobre a escravidão, o Espírito Humberto de Campos <sup>10</sup>vai dizer:

“Através das linhas tortuosas dos homens, realizou Jesus os seus grandes e benditos objetivos, porque os negros das costas africanas foram umas das pedras angulares

---

<sup>10</sup> Livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, pelo Espírito Humberto de Campos, psicografia de Chico Xavier, capítulo 5 Os escravos.

do monumento evangélico do Coração do Mundo”.

E será que nós também temos servido a César, na figura do poder transitório, assim como Jeziel, com as “reservas da nossa afetividade”, ou pelo contrário, temos lançado às autoridades todos os nossos mais injuriosos e vilipendiosos discursos, como isso fosse resolver as injustiças e as desigualdades?

Jeziel buscava ver no árduo sacrifício uma tarefa habitual, sem perder tempo se lamentando. Renovava sempre o ânimo, para tudo enfrentar com coragem; não buscava saber se aqueles remadores que ali estavam com ele eram inocentes ou malfeitores; não foi punido por flagícios no tempo que permaneceu cativo, nem tentou evadir-se dessa conjuntura difícil por suicídio. Acreditamos particularmente que a esperança de rever a irmã o nutria psiquicamente para os enfrentamentos necessários.

Será que recordamos da mensagem “Os superiores e os inferiores”, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, no capítulo 17 Sede Perfeitos, item 9 (de François-Nicolas-Madeleine, Cardeal Morlot)?

“A autoridade, tanto quanto a riqueza, é uma delegação de que terá de prestar contas aquele que se ache dela investido. (...) O superior, que se ache compenetrado das palavras do Cristo, a nenhum despreza dos

que lhe estejam submetidos, porque sabe que as distinções sociais não prevalecem às vistas de Deus. (...) Mas, se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, de seu lado, também os tem e não são menos sagrados. Se for espírita, sua consciência ainda mais imperiosamente lhe dirá que não pode considerar-se dispensado de cumpri-los, nem mesmo quando seu chefe deixe de dar cumprimento aos que lhe correm, porquanto sabe muito bem não ser lícito retribuir o mal com o mal e que as faltas de uns não justificam as de outrem (...).”

Assim que Jeziel chega em terra firme, vestindo uma túnica velha de Sérgio Paulo e com alguns provimentos materiais para as primeiras necessidades, deita-se, extenuado, à beira da praia, já com os primeiros sintomas da moléstia que acometeu seu benfeitor. Quando, é surpreendido pelo ladrão Irineu, que ameaça atentar contra a vida de Jeziel caso ele não lhe entregue a bolsa.

E pensamos: quem perdeu e quem ganhou com aquele encontro? Vemos que Irineu acaba conduzindo Jeziel às portas da Casa do Caminho, o porto seguro de benemerência social e de fraternidade cristã àquela época. É como disse Jesus em Lucas, 16:9: “*Granjeai amigos com as riquezas da injustiça*”, ou Jeziel para Irineu:

“O dinheiro é sempre bom quando com ele podemos adquirir a simpatia ou a misericórdia dos homens”.

No caso de Irineu, buscou justificar o assalto ajudando-o, e nós, o que buscamos quando assaltamos nossos companheiros de marcha, que recompensa buscamos? Somos capazes de ajudar e amar sem pedir retorno? Quando sabemos que não vamos ganhar nada, ainda assim continuamos a fazer o bem? O que fazemos quando achamos que ninguém nos vê? Isso nos faz pensar que talvez amar os inimigos seja: quando sei que não vou ganhar nada, e ainda posso me prejudicar, ainda assim escolho amar.

Será que o(a) caro(a) leitor(a) consegue recordar de algum Irineu ou cireneu que o(a) conduziu aos “homens do Caminho”, ou seja, ao lugar onde realmente deveríamos alcançar por intermédio dos caminhantes ou intermediários que nos apareceram, mesmo que estes tenham levado algo de nós que julgamos precioso? Nosso tempo, nossa inocência, nossas esperanças, nossos esforços?

Jeziel, que não conhecia o Cristo, vivia-O. E nós que conhecemo-IO, vivemo-IO?

Ao ser acolhido na Casa do Caminho, Jeziel estranha, pois é chamado por aqueles que o desconhecem de irmão: *“Por que me chamais de irmão, se não me conheceis?”*, a cujo pensamento o instrutor espiritual da obra vai complementar: *“Por*

*que lhe dava o título familiar, reservado ao círculo mais íntimo dos que nasciam sob o mesmo teto?”*

Chegando à Casa do Caminho, vemos que Tiago se preocupa com a capacidade de atendimento e Pedro sempre solícito, coloca-se à disposição para ver o que seria possível fazer para acolher aquele que se tornaria o primeiro mártir do Cristianismo Primitivo.

Isso nos faz recordar que de fato “somos todos uma grande família em Cristo Jesus”, como dizia o Apóstolo Paulo<sup>11</sup>:

“Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé (...).”

Conforme nos narra Emmanuel:

“Pedro sentia-se cada vez mais escravo dos seus amigos benfeitores e dos seus pobres beneficiados, acorridos de toda parte, em grau de recurso supremo ao seu espírito de discípulo abnegado e sincero”.

---

<sup>11</sup> Romanos, 12:4-6.

O que nos faz recordar o diálogo de Jesus com ele, às margens do mar do Tiberíades, conforme anotado pelo evangelista João, 21:18:

“Em verdade, em verdade eu te digo, que quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando chegares à velhice, estenderás as mãos e outra pessoa te vestirá e te conduzirá para onde não queres ir”.

Em pouco tempo, em Jerusalém, Jeziel pôde se surpreender com a profunda afinidade de propósitos que guardava com os cristãos primitivos, e nutre uma afeição fraternal e profunda por Simão Pedro, tornando-se exemplo vivo da renúncia fraterna. Jeziel se abre ao amparo do seu coração paternal, e como Emmanuel nos revela, deixa que “*A mensagem da Boa-Nova lhe penetrasse o espírito desencantado, como um bálsamo suave*”.

É neste capítulo também que temos uma preciosidade, a paráfrase de Emmanuel em relação ao texto inserto em Isaías, 53, sobre o Messias:

“Levantar-se-á como um arbusto verde, na ingratidão de um solo árido...Carregado de opróbrios e abandonado dos homens. Coberto de ignomínias não merecerá consideração. Será ele quem carregará o fardo pesado de nossas culpas e sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores. Parecerá um homem vergado sob a cólera de Deus...Humilhado e ferido,

deixar-se-á conduzir como um cordeiro, mas, desde o instante em que oferecer sua vida, os interesses do Eterno não de prosperar em suas mãos”.

Era tal a intimidade de Jeziel com o Evangelho, que ao primeiro contato que teve, pelas mãos de Simão Pedro, com as anotações de Levi, “*não leu, devorou*”. Fazia uma comparação dos ensinamentos do Cristo com as profecias do Antigo Testamento, percebendo uma perfeita continuidade nas letras, com a consumação do amor divino, “*chave dos enigmas humanos*”.

E então, nos cumpre pensar: o que é para nós a leitura evangélica? Distração, obrigação, consolo, respostas, arma de combate ao outro flagrado em erro?

E é assim que começa a história de Jeziel, batizado Estêvão, por Simão Pedro, cuja trajetória sempre foi marcada por muito trabalho e humildade, como Emmanuel vai anotar, dito por ele a Pedro:

“E achais que vos poderia servir em alguma coisa? Eu, que era cativo dos homens, desejaria escravizar-me ao Salvador, que soube viver e morrer por todos nós”.

Isso faz-nos lembrar de uma mensagem do Espírito Joanna de Ângelis<sup>12</sup>:

“(...) Normalmente, a escravidão representa atraso cultural e ético, no qual o despotismo da força comanda, em detrimento dos valores da dignidade humana e dos direitos da criatura. (...) Respira-se a expectativa de uma Era de liberdade pelo amor, quando as várias formas de escravidão forem banidas da Terra. Há uma escravidão-liberdade, resultado da livre opção da criatura. Trata-se da escravidão a Cristo, por amor. (...) Aquele que se Lhe submete, não deseja liberdade, porque escravidão com Ele é vida em abundância”.

E é na Casa do Caminho em Jerusalém que Jeziel ajuda não apenas no serviço de assistência e cura aos enfermos, mas também na difusão das mensagens da Boa Nova.

Como vai dizer Emmanuel:

“Alma temperada na forja sublime do sofrimento, sua pregação (a de Estêvão) estava cheia de lágrimas e alegrias, de apelos e inspirações”.

Estêvão utilizava seu senso de dever para agir na vida com sensibilidade, proteção e cuidado. Nos momentos mais graves de sua história abismou-se em si mesmo, mergulhando o pensamento em

---

<sup>12</sup> Livro “Viver e Amar”, pelo Espírito Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo Franco, capítulo 8 Escravo por opção.

profundas cogitações, buscando sempre ponderar em mais entendimento e compreensão.

E nós? Inevitavelmente, a passagem por este flagelo mundial, como a pandemia, afetou-nos a todos de modos bem específicos.

E será que dela não podemos extrair preciosas lições? Que todos os nossos planos, podem, a qualquer momento, ir por água abaixo, e que portanto, precisamos trabalhar com possibilidades e fazer um pouco a cada dia, porém, que isso represente o máximo de nossas possibilidades.

Que devemos nos acostumar a enfrentar as próprias frustrações sem fazer uso de anestésicos, que podem se tornar agentes escravocratas num futuro não muito distante.

Ou seja, que estamos contínua e diariamente atualizando a ordem de nossas prioridades, nos autoconhecendo e sendo convidados a um melhor convívio para conosco.

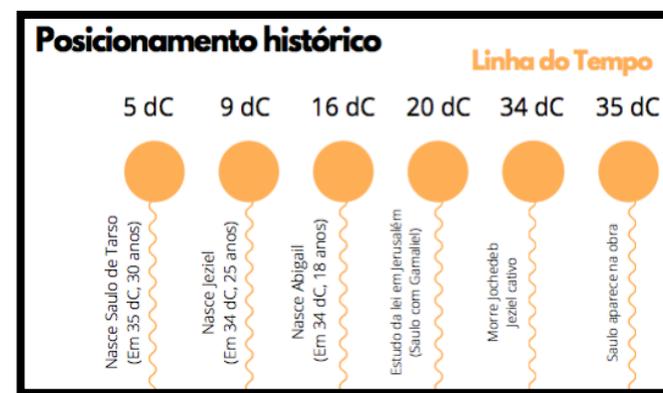
## Capítulo 7

### Capítulo 4 da obra P&E – Nas estradas de Jope. Temática: Os votos de fidelidade de Saulo e Abigail

“Conhecera em Abigail um terno coração de menina, dona dos mais belos predicados morais que pudessem exornar uma filha da sua raça. Era, de fato, o seu ideal de moça: inteligente, versada na Lei e, sobretudo, dócil e carinhosa”.

**(Emmanuel, no Capítulo 4 – Nas estradas de Jope).**

Se pudéssemos traçar uma linha do tempo até este momento da obra, ficaria algo mais ou menos assim:



13

Conforme Allan Kardec vai anotar na introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo, no item III – Notícias históricas:

“Saduceus era uma seita judia do ano 248 a.C., assim chamada pelo seu fundador Sadoque; não acreditavam na imortalidade da alma, nem na ressurreição. A satisfação dos sentidos era para eles o fim principal da vida. Eram, como se vê, os materialistas e sensualistas da época. Tornou-se um partido político oposto aos fariseus”.

Já os fariseus, o nome vem do hebraico “parasch”, que quer dizer separação, divisão. Há duas referências para chefe religioso; uma parte reconhece como líder Hilel (doutor, judeu); outra parte, Shammai. Os fariseus fazem observação

<sup>13</sup> Figura 1 – Linha do tempo da obra Paulo e Estêvão, do ano 5 – 35 d.C.

sistemáticas das práticas exteriores nos cultos e fazem apologia ao ardoroso proselitismo. Professam crer na imortalidade da alma e na ressurreição.

Na obra, vemos a “amizade” entre Saulo e Sadoque, envolta por muita riqueza e luxo, o que nos faz pensar: seria tal amizade, de fato, desinteressada? Ou mantida principalmente pelas conveniências sociais?

Emmanuel vai dar detalhes de Saulo de Tarso, quando vai narrar:

“Ao menor rumor da via pública, corre à janela, apressado, voltando a sentar-se e examinar papiros e pergaminhos, como quem se diverte matando o tempo”.

À espera do amigo Sadoque que o visitaria, vai matando o tempo com a leitura da Lei e dos seus estudos. O que nos faz refletir: Qual o nosso proveito das leituras e estudos de obras edificantes? Seria alimento para alma, mero passatempo, atitude contemplativa sem implicação pessoal ou apreciação exterior, sem o menor envolvimento com a mensagem? Extraímos do que lemos o teor essencial das palavras ou perdemos a concentração em meio à leitura, precisando retornar inúmeras vezes? O que lemos nos toca, ou pensamos sempre

nos exemplos externos (o vizinho, o amigo, o marido, o filho, o outro e nunca achamos que a mensagem cabe a nós mesmos?)

Emmanuel vai fazer um esboço do perfil psicológico de Saulo (e entendemos que é possível dele fazer isso por conta desta obra ter sido *escrita a seis mãos*, por conta do que narramos no início dessa obra, a informação trazida por Raul Teixeira que Emmanuel foi intérprete do pensamento do Apóstolo Paulo e Chico, por sua vez, o intérprete do pensamento de Emmanuel): era um jovem, em idade para se casar; portador de muita vivacidade, que gostava de se dedicar às corridas de bigas; solteiro, casto, muito viril; de grande sede intelectual e filosófica; belo, com olhos percucientes; de temperamento apaixonado, indomável; resolutivo; e tinha como mestres na Lei e nas letras aqueles que eram das escolas de Atenas e Alexandria.

A resolução de Saulo era tão grande com respeito a seguir os costumes judaicos de forma mais conservadora que ele vai dizer:

“Ao seu ver, todo homem devia conservar-se indene de contatos inferiores com o mundo, até que atingisse o tálamo nupcial”.

A cidade de Saulo era Tarso, a principal cidade e capital da província romana da Cilícia. Situada

numa região fértil, costeira, em Tarso se cultivava o linho (atividade de tecelagem e fabricação de tendas) e também produzia-se tecido de pelo de cabra (chamado “cilicium”). Tarso tinha um excelente porto, estrategicamente localizado, sendo integrado numa importante rota comercial da região.

Seu amigo Sadoque era natural de Damasco. Ainda hoje, essa cidade síria é alvo de ataques da coalizão internacional, ponto central de guerra civil, ataque a tiros, bombardeios, ataques aéreos, por motivos militares, religiosos, econômicos e de segurança nacional.

Era da tradição judaica que os pais ensinassem, sobretudo aos filhos homens, desde cedo, um ofício, geralmente passado de pai para filho, para que se sustentassem pelo próprio esforço, conforme está em Gênesis, 3:19:

“Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da terra retornarás”.

No caso de Saulo, quando menino, seu pai ensinou-lhe o ofício de tecelão, “para que nunca esquecesse de que o progresso de um homem depende do seu próprio esforço”, num legítimo culto ao trabalho honrado e honesto.

Saulo conservava também uma sede intelectual e filosófica praticamente inesgotável, própria de um espírito sincero e leal a Deus e à Lei de Moisés.

À época, Saulo houvera conhecido e se apaixonado por Abigail, a ponto de Sadoque observar:

“A biga é indispensável às visitas a uma casinha florida, na estrada de Jope; e a conversação grega é necessária aos colóquios com uma legítima descendente de Issacar, nascida entre as flores e as mármores de Corinto”.

O namoro de Saulo e Abigail sem contradita é uma das partes mais embevecedoras da obra; Abigail, dona de peregrina beleza, tinha elevados dotes de coração. Ambos haviam se conhecido numa festa, por conta de amigos em comum, e Saulo havia ido junto com Alexandre e Gamaliel, seu tutor. Nessa época, Abigail já morava junto com o casal Zacarias e Ruth. Zacarias ben Hanan e a sua família foram alvo de perseguições; ele era um adiantado lavrador, antigo comerciante, e teve seu filho assassinado.

Aliás, uma pequena especulação é que Hanan, nome do pai de Zacarias (embora seja um nome comum), é o mesmo nome do sacerdote que mais tarde se tornou juiz inclemente na causa do Cristo, como nos narra o Espírito Humberto de Campos, na

obra Boa Nova, no capítulo 3 – Primeiras perseguições:

“Sentado como um peregrino, nas adjacências do Templo, Jesus foi notado por um grupo de sacerdotes e pensadores ociosos, que se sentiram atraídos pelos seus traços de formosa originalidade e pelo seu olhar lícido e profundo. Alguns deles se afastaram, sem maior interesse, mas Hanã, que seria, mais tarde, o juiz inclemente de sua causa, aproximou-se do desconhecido e dirigiu-se-lhe com orgulho: Galileu, que fazes na cidade? Passo por Jerusalém, buscando a fundação do Reino de Deus! – exclamou o Cristo, com modesta nobreza”.

E, pelo mesmos motivos supracitados, nosso querido autor espiritual também irá retratar um esboço do perfil psicológico de Abigail: dócil, carinhosa, versada na Lei, com elevados dotes do coração, cuja presença suscitava amparo, proteção; honesta; conciliadora; possuidora de grande inteligência emocional; plenamente correspondente ao que se esperava quanto à tradição judaica e o papel da mulher como esteio do lar; um coração evangelizado.

Importante ressaltar que segundo a tradição judaica, conforme está na Torá, a mulher era considerada esteio do lar, ou seja, o santuário doméstico estaria guardado sob a proteção da mulher enquanto missão divina, e a mulher dita virtuosa seria aquela “sob missão” de preservar essa psicofera

doméstica (o que não significa a submissão tão marcada nos preconceitos machistas); quando lemos no Antigo Testamento as menções à necessidade de obediência e submissão da mulher, isso não se dá em caráter ou ordem pessoal, mas enquanto papel social exercido no lar, no qual cada ente exerce uma função.

E sobre o amor entre Saulo e Abigail, é inegável que era, de fato, verdadeiro, como Emmanuel vai descrever:

“No olhar profundo de Saulo, notava-se-lhe a chama viva dos sentimentos resolutos, com respeito à afeição que lhe dominava a capacidade emotiva”.

Tanto Saulo quanto Abigail guardavam os anseios de homem e de mulher; Saulo, de ambição política e religiosa, que à época, se satisfaziam no Sinédrio. Ele estava posto como sucessor natural de Gamaliel no Sinédrio, como rabino em Jerusalém, o que se daria dentro de pouco tempo.

Como o próprio Saulo, pela transcrição de Emmanuel, vai narrar:

“Gamaliel há muito vem instando com meu pai a respeito de minha transferência a Jerusalém, onde prometem lugar de relevo na administração do nosso povo. Tenho, acima de tudo, o ideal político de aumentar meu prestígio junto aos rabinos”.

Com isso, tinha pretensões de ganhar uma alta remuneração, e enquanto isso, para se manter na cidade, tinha ajuda financeira do pai, que era comerciante, na verdade empresário do ramo de transportes de camelos. Saulo tinha a pretensão do proselitismo, *aumentando com isso o prestígio junto aos rabinos*. Ele costumava dizer: *“Roma é poderosa e Atenas é sábia. Precisamos, pois, dobrar os joelhos de gregos e romanos ante a Lei de Moisés”*.

Já Abigail, tinha o anseio de reencontrar-se de novo com seu irmão, cujo último paradeiro tinha sido como cativo nas galeras romanas, e pensava que Saulo, com tantas amizades influentes, poderia ajuda-la de algum modo. Ela também pretendia se casar, constituir um lar, e ter uma vida simples e feliz ao lado daquele homem honesto e resoluto, mas de um coração muito generoso.

Essa relação entre Saulo e Abigail nos faz pensar também nas nossas relações e quais são os nossos anseios; será que eles se conciliam com o nosso ideal, ou é muito mais habitual nós contrariarmos nossas convicções próprias e valores previamente estabelecidos, construídos, para nos moldar às situações e pessoas que achamos que vão nos proporcionar a plenificação interior que tanto ansiamos, como se algo externo pudesse preencher nosso vazio existencial? Quais são os nossos questionamentos?

Sadoque estava muito mais interessado na conjuntura econômica do que efetivamente com as ambições políticas e religiosas. Ele tinha ido de Damasco a Jerusalém justamente para procurar investigar quem eram os chamados “homens do caminho”; para os cristãos e seus beneficiados, homens simples e extremamente caridosos, fundadores da maior organização de benemerência social vista à época; para os fariseus e boa parte dos romanos, maltrapilhos, feiticeiros e enganadores que buscavam ascensão religiosa através da aplicação de sortilégios.

Sadoque contou a Saulo que um homem chamado Estêvão, excessivamente perigoso, estava arrebanhando estudiosos a novos princípios que infirmavam a Lei de Moisés, conforme narrara seu tio Filodemos, anotado por Emmanuel:

“E contou que um homem chamado Estêvão, portador de virtudes sobrenaturais, no dizer do povo, havia devolvido a vista ao tio, com assombro geral de muita gente”.

De fato, sem o conhecimento das causas espirituais, é difícil explicar um “milagre”, como se Estêvão fosse “portador de virtudes sobrenaturais” ou “sortilégios” ou “feitiçarias”. Tudo aquilo que não conseguimos obter a explicação racionalmente chamamos de sobrenatural.

E é importante perceber que a reação extrema de Saulo perante este expediente está amparada na Torá. Vamos analisar o que diz a Lei.

Primeiramente é importante enfatizar que o Pentateuco Mosaico, já citado, contém aspectos aplicáveis ao que chamamos de sacerdócio levítico (aqueles que são da tribo de Levi) e dos profetas. Moisés é legislador do povo hebreu, e em especial o livro de Deuteronômio é o último livro do Pentateuco Mosaico.

Em Deuteronômio, 18:10-12, tem-se:

“Entre ti não se achará adivinhador, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte a um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois todo aquele que faz tal coisa é abominação do Senhor”.

Da fonte do texto em hebraico, o verbo utilizado é “*darasch*”, que significa “consultar”, “indagar”, “perguntar”. À época, Moisés queria inibir a consulta aos mortos para adivinhação, divertimento ou com a finalidade de apostar na sorte ou para enriquecimento ilícito, contudo, essa é uma prova contundente que o intercâmbio entre os Espíritos encarnados e desencarnados é plenamente possível: não se proibem condutas impossíveis, o que é uma confirmação contundente da imortalidade da alma.

Porém, e de modo muito acertado, possivelmente inspirado, Moisés queria alertar sobre os perigos do intercâmbio com o mundo espiritual por frivolidades, sem seriedade, comprometimento e respeito pelas coisas santas, que são de Deus; ressaltando a importância da educação moral, que viria mais tarde, trazida pelo exercício da *Mediunidade com Jesus*, através da evangelização. A época de Moisés não deveria comportar comércio ou troca de favores com os Espíritos desencarnados, o que ficaria melhor explicado e mais claro com a vinda do *Consolador Prometido*.

Mas voltando a Sadoque, seu profundo interesse havia sido atraído aos “homens do Caminho” porque as pregações de Estêvão estavam arrebanhando muitos estudiosos e necessitados de auxílio, como Emmanuel vai transcrever:

“Fui levado ontem a visitar as obras de caridade dirigidas por um tal Simão Pedro. Crianças desamparadas, que encontram carinho, leprosos que recobram a saúde, velhos enfermos e desprotegidos da sorte que exultam de conforto”.

Neste ponto do diálogo, Saulo registra sua animosidade em relação ao Cristo, quando chama o Senhor de “*carpinteiro galileu, obscuro e sem cultura*”. Essa opinião, que claramente ao longo do percurso iluminativo de Saulo vai ser transformada, nos leva a refletir se efetivamente somos capazes de

extrair das pessoas, situações e experiências o que elas têm de melhor.

Quando Saulo conversa com Sadoque e vai questionar: “*Que poderíamos esperar da Galiléia? Porventura terá produzido outra coisa além de legumes e peixes?*”, isso nos faz pensar se, analogamente, engolfados em nossa presunção e orgulho, nós também não temos o olhar obnubilado pela ignorância e incapacidade de ver com lucidez e discernimento as preciosidades expostas bem diante de nós.

Será que de modo muito parecido, nós também não questionamos, quando nos envolvemos na doutrina dos Espíritos ou em outra causa filantrópica, quando iniciamos um relacionamento, quando optamos conviver num círculo comunitário, social, frente ao primeiro dissabor, à primeira contrariedade em relação aos nossos interesses, o que ganhamos com isso, antes de oferecer efetivamente algum contributo de nossa parte?

Ou seja, qual a utilidade prática, qual o benefício imediato de esquecer as ofensas? Por que sempre sou eu a renunciar? O primeiro a testemunhar paciência e indulgência? Como posso me regozijar pelo infortúnio, pela dor que me chega, se o que mais quero é ser feliz?

E o mais interessante é o quanto a vida nos leva para onde efetivamente somos úteis ou podemos nos tornar úteis, daí a importância de sempre perseverar e não desertar das incumbências assumidas.

Assim como a Casa do Caminho funcionou como instituição precípua de benemerência social em meio ao orgulho e presunção farisaicos, o nosso abraço também pode ser a própria “*Casa do Caminho*” como amparo e acolhimento; o nosso olhar de compaixão pode se converter na maior obra de caridade de nossas vidas.

Em meio ao diálogo com Sadoque, Saulo vai apontar que as ações encetadas pelos “homens do Caminho” podem ameaçar os interesses “santos” farisaicos; e neste ponto, podemos inferir que essa animosidade e fúria saulina, testemunhada nas próximas páginas como ferrenha perseguição aos cristãos, foi atizada pelo fermento de Sadoque. De certo modo, Sadoque “falou com a pessoa certa” quando buscou um comparsa sobre quem destilar todo seu veneno com respeito à hipótese de feitiçaria dos “homens do Caminho”: quem tinha poder, quem se autoproclamava defensor da Lei de Moisés até o fim, mesmo que para isso fosse necessário ceifar vidas.

E como deu certo! Conforme Saulo vai dizer, narrado por Emmanuel:

“Até agora, a atitude do Sinédrio tem sido da máxima tolerância, mas farei com que todos os companheiros mudem de opinião e procedam como lhes compete, em face destas investidas que estão a desafiar severa punição”.

Seria isso loucura ou o santo poder de Deus? Repugna à razão pensar que Deus se coadunaria com a destruição das criaturas humanas, pois como está em Ezequiel, 33:11:

“Dize-lhes: Vivo eu, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva. Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que razão morrereis, ó casa de Israel?”

E pensamos se essa intolerância não acontece hoje, em nosso movimento espírita. Será que não estamos ainda procurando impor nossas convicções? Estamos esquecidos de estudar O Livro dos Espíritos, exatamente na questão 841:

“Pergunta (Kardec) - Para respeitar a liberdade de consciência, dever-se-á deixar que se propaguem doutrinas perniciosas, ou poder-se-á, sem atentar contra aquela liberdade, procurar trazer ao caminho da verdade os que se transviaram obedecendo a falsos princípios?”

Resposta (dos Espíritos) - Certamente que podeis e até deveis; mas, *ensinai, a exemplo de Jesus, servindo-vos da brandura e da persuasão e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríeis convencer. Se alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade.* Mas não cremos que o melhor meio de fazê-los admitidos seja obrar com violência. *A convicção não se impõe.*<sup>14</sup>

Ou, conforme Paulo na sua epístola aos Romanos, 14:20:

“Não destruas por causa da comida a obra de Deus. É verdade que tudo é limpo, mas mal vai para o homem que come com escândalo”.

Hoje, talvez, a comida não seja a principal pauta de nossas discussões mais acaloradas, como na época dos fariseus, mas brigamos por coisas ainda mais banais, como convicções religiosas, políticas, muitas vezes tomando a opinião pelo caráter da pessoa, polarizando discussões e tentando constranger o outro a pensar de acordo com a nossa cabeça, tolhendo o livre arbítrio legítimo, concedido por Deus, para nosso processo de amadurecimento psicológico e espiritual.

De qualquer modo, no caso de Saulo e Sadoque, a fim de aferir o suposto prejuízo ao Judaísmo pela

---

<sup>14</sup> Questão 841 de O Livro dos Espíritos. Grifos nossos.

propagação de ideias religiosas contrárias à Lei Mosaica, ambos iriam apreciar a pregação de Estêvão na Casa do Caminho.

Austero e inflexível no ambiente religioso e político, que à época faziam parte do mesmo escopo, Saulo deixava emergir o seu lado emocional mais generoso e carinhoso ao contato com Abigail. Emmanuel vai narrar as impressões dela:

“Não era ele um homem excessivamente sentimental, dado às efusões de carinho. (...) Às vezes parecia-lhe enérgico em demasia (...), mas era um coração eminentemente generoso”.

Abigail conseguiu reconstruir a sua vida, na casinha florida de Jope, sob o amparo paternal e maternal de Zacarias e Ruth, mas ainda atravessava o duplo luto mais recente: a morte física do pai e o exílio e cativeiro do irmão nas galeras romanas. Por isso, o envolvimento afetivo com Saulo era um renascer de suas esperanças. O semblante gracioso junto com os dotes espirituais ornavam-na de uma bela, porém triste formosura, por conta das tragédias que haviam abatido sua vida.

Poderíamos dizer que uma sublime atração impelia Abigail ao jovem Doutor da Lei. Mas que mistério é esse que reúne almas tão diferentes?

Saulo parecia ainda não conhecer o “amor fraterno”, tão elevado, como o que havia entre Jeziel e Abigail, a ponto dele perguntar: “*Amarias mais teu irmão que a mim?*”, prontamente respondido pela amabilidade de Abigail: “*Tudo que encontraste em mim constitui dádiva de sua generosa assistência de irmão desvelado*”. É fato que Saulo tinha pelo menos uma irmã, Dalila, mas esse sentido profundo de comunhão entre almas afins, era uma experiência ainda desconhecida ao Doutor da Lei.

Pensamos também, envolvendo e comungando deste “suave encantamento” do namoro, sobre quem seriam os futuros filhos do casal: o casamento seria uma providência para retemperar Saulo e desviar o foco das perseguições cristãs, realinhando seu roteiro?

O Espírito Emmanuel vai afirmar, na obra “Vida e Sexo”, capítulo 3 Namoro:

“A integração de duas criaturas para a comunhão sexual começa habitualmente pelo período de namoro que se traduz por suave encantamento. (...) O assunto consubstanciaria o que seria lícito nomear como sendo um ‘doce mistério’ se não faceássemos nele as realidades da reencarnação e da afinidade. (...) Espíritos que se corporificarão no futuro lar, cuja atuação, em muitos casos, pesa no ânimo

dos namorados, inclinando afeições pacificamente raciocinadas para casamentos súbitos ou compromissos na paternidade e na maternidade, namorados esses que então se matriculam na escola de laboriosas responsabilidades (...)”.

O que implica dizer que por trás das associações aparentemente espontâneas de jovens namorados (noivos, no caso de Saulo e Abigail), podem participar dessa psicofera amorosa também Espíritos que reencarnarão através da união dos encarnados, estimulando-os à consumação da afetividade.

E poderíamos pensar, inspirados numa das célebres frases proferidas por Abigail (na obra Paulo e Estêvão), se ela seria um modelo feminino de nossa época:

“Ser-te-ei fiel por toda vida e amarei os próprios sofrimentos que acaso o mundo possa acarretar-me por amor à tua vida e ao teu nome”.

Pouco se sabe sobre ela; Saulo, inclusive, não deu detalhes em suas epístolas, nem Lucas em Atos dos Apóstolos; pensamos, particularmente, por um gesto de proteção e amor.

Naquela época, sabemos das condições da sociedade patriarcal hebraica e do preconceito envolvendo as mulheres, coibidas nos seus processos de independência e emancipação.

As mulheres casadas eram sustentadas por seus maridos, e as solteiras, pelos pais. Mal sabemos o nome completo de Abigail. A mulher, naquela época, sempre era referenciada como filha ou irmã de algum homem, e quando desconhecidos, como de origem de determinada cidade.

As mulheres também se casavam muito jovens, não raro na adolescência.

Mais tarde, depois da morte do seu pai e do cativo do seu irmão, Abigail foi adotada pelo coração pelo casal Zacarias e Ruth, que haviam acabado de ter o filho assassinado.

Tal condescendência é demonstrada por Abigail em vários trechos da obra, como por exemplo: “Não tenho como desaprovar as tuas ilações”, referindo-se às convicções de perseguição por parte de Saulo.

O nome Abigail é um nome bíblico, presente no Primeiro Livro de Crônicas, e nos livros Primeiro e Segundo de Samuel. Abigail foi esposa de Nabal, homem rico, mas rústico, de Naom.

Para Saulo, como nos esclarece Emmanuel, *“mulher alguma, que não Abigail, jamais assim lhe falara ao espírito impetuoso”*; habituado aos longos e difíceis raciocínios, tendo tido uma sadia educação doméstica e tendo reservado puros os impulsos do coração, o que implicava em castidade e celibato, Saulo era acostumado às práticas esportivas e para ele, o lar constituído representaria o tabernáculo das bênçãos eternas, com os filhos consagrados ao Senhor Supremo.

E Saulo, com tais atributos, representaria um modelo masculino para a nossa época? É o que pretendemos esclarecer no decorrer dessa obra.

## Capítulo 8

### *Capítulo 5 da obra P&E – A pregação de Estêvão. Temática: A vingança aos adeptos do “Caminho”*

*“Onde estão, em Israel, os que ainda não ouviram as mensagens da Boa Nova? Onde os que ainda não se felicitaram com as alegrias da nova fé? Deus enviou sua resposta divina aos nossos anseios milenários, a revelação dos Céus aclara os nossos caminhos. Consoante as promessas da profecia de todos quantos choraram e sofreram por amor ao Eterno, o Emissário Divino veio até ao antro de nossas dores amargas e justas, para iluminar a noite de nossas almas impenitentes, para que se nos desdobrassem os horizontes da redenção”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 5 – A pregação de Estêvão).**

Estêvão promoveu uma mudança significativa nas esperanças de sofredores, abandonados, doentes, desamparados. Profundamente sintônico com o Evangelho de Jesus, de sua boca eram irradiadas vibrações enérgicas, refazentes, dulcificantes, reequilibrantes para todos quantos ali estavam ansiosos por se aproximar do amor divino.

Citando a primeira epístola de João<sup>15</sup>:

“Eu vos escrevi não porque ignorais a verdade, mas porque a conheceis e porque nenhuma mentira procede da verdade”.

Estêvão demonstrava reconhecer a importância de falar às “ovelhas desgarradas do povo de Israel”, isto é, aos fariseus hipócritas, que mesmo conhecendo as letras sagradas se eximiam de aplicar em si mesmos, e desprezavam o manso e pacífico Carpinteiro de Nazaré, como ironicamente o chamavam, pela sua humildade, simplicidade e magnânima misericórdia.

No livro de Atos<sup>16</sup>, Lucas vai registrar como se poderia resumir a primeira comunidade cristã:

“Eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão, e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se

---

<sup>15</sup> 1 João, 2:21.

<sup>16</sup> Atos, 2:42-47.

assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus, e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos”.

Aquela associação fraternal simbolizava a tentativa humana de viver o Evangelho do Cristo, a que ficou conhecido como Cristianismo Primitivo. Todos tinham os recursos necessários, e se ajudavam reciprocamente. Recordavam dos lances marcantes no Messianato de Jesus, dos seus exemplos, dos seus ensinamentos e sobretudo, copiavam-lhe a prática da sua mensagem, não obstante as dificuldades inúmeras devido ao estado de imperfeição comum a todos.

Lucas também vai reportar no livro de Atos<sup>17</sup>, uma das muitas curas realizadas (cura de um coxo), como expressão dessa comunhão de esforços entre encarnados abnegados e a Espiritualidade Superior:

“Vendo Pedro e João que iam entrar no Templo, implorou (o coxo) que lhe dessem uma esmola. Pedro, porém, fitando nele os olhos, junto com João, disse-lhe: ‘- Olha para nós!’. Ele os olhava atentamente, esperando receber deles alguma coisa. Mas Pedro lhe disse: ‘- Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: Em nome de Jesus, levanta-te e caminha!’. E

---

<sup>17</sup> Atos, 3:1-10.

entrou com eles no Templo, andando, saltando e louvando a Deus”.

Em derredor dos “homens do Caminho” havia uma massa compacta de pobres e miseráveis, que conservavam um raio de esperança nos olhos tristes, sempre que dignificados pelo carinho e assistência abnegada destes homens rudes. Emmanuel vai pintar a cena:

“O pavilhão singelo, construído às custas de tantos sacrifícios, não passava de grande telheiro revestido de paredes frágeis, carente de todo e qualquer conforto”.

A simplicidade, a privação, as dificuldades materiais, a perseguição romana e farisaica, nada quebrantava o ânimo destes Apóstolos do Amor. Viviam pelas doações dos judeus ricos, pelas ofertas dos recém convertidos abastados, que se uniam àquele esforço humilde, munidos de bons propósitos. E foi nesse cenário modesto, que o Doutor da Lei Saulo de Tarso ingressou no salão, ladeado por seu conhecido Sadoque.

Emmanuel vai narrar que Tiago, Pedro e João ficaram absolutamente surpresos e ofereceram a Saulo e seu acompanhante o banco mais confortável que tinham, tratando-os muito bem.

Aquele ambiente, não apenas físico, mas sobretudo o espiritual, da psicofera reinante, gerou impactos

profundos na intimidade de Saulo, conforme Emmanuel irá nos narrar; as falsas apreciações de Sadoque contrastavam com o que os seus olhos viam: um serviço de assistência que nem os fariseus eram capazes de realizar, feito por pessoas aparentemente inofensivas a filhos do infortúnio. Homens ignorantes, debilitados e doentes que não pareciam fazer mal a ninguém dividiam o espaço exíguo. Crianças abandonadas, mulheres semimortas, todas ali espalhadas em busca de algum conforto. E então, um profundo mal-estar começa a se apoderar de Saulo, ao contemplar os rostos desfigurados dos leprosos. Emmanuel ainda vai observar:

“O conhecido Doutor da Lei notou a presença de várias pessoas que lhe acompanhavam a palavra na interpretação dos textos de Moisés, na Sinagoga dos cilícios”.

Importante salientar a origem da palavra “cilícios”. Os cilícios, no texto de Paulo e Estêvão, diz respeito aos nativos da Cilícia. *Cilicinus* ou *Cilicium* era o nome da pele de cabra, tecido áspero e grosseiro, comercializado nas rotas comerciais marítimas da região (daí o nome da cidade).

O outro sentido para cilícios seria um sinônimo de penitência, flagelo. Aqui, não há evidências de práticas de autoflagício entre os fariseus mais convencionais, visto que tal prática era proibida

pela Lei, como consta em Levítico, 19:28: “*Não fareis incisões em teu corpo*”.

Também em O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XVII Sede Perfeitos, item 11 – Cuidar do corpo e do espírito, há um desestímulo em relação ao ato, conforme o trecho:

“Dois sistemas se defrontam neste caso: o dos ascetas, que desejam abater o corpo, e o dos materialistas, que querem diminuir a alma. Duas violências, quase tão insensatas uma quanto a outra”.

E ainda pensando nessa visita inesperada de Saulo e Sadoque à igreja cristã primitiva, que mais se assemelhava a uma inspeção para verificar a suposta afronta à Lei de Moisés, poderíamos refletir se a nossa caridade se estabelece igualmente com quem está num patamar superior a nós, por alguma condição da vida material.

Muito se fala sobre a prática da caridade, em geral tomando por exemplo de beneficiado o pobre, esquecido, alquebrado. Mas e quando o necessitado de caridade é o invejoso, o orgulhoso, o presunçoso, o vaidoso, o arrogante? Será que abrimos o nosso coração e oferecemos o nosso auxílio do mesmo modo aberto e abnegado?

Saulo, para os seus convivas e para o seu tempo, era uma inteligência admirável, penhor de

esperança; ali, na Casa do Caminho, estava num terreno desconhecido, mas tinha seu público já identificado, para assisti-lo e para prestar-lhe apoio. Diferentemente de Nicodemos (João, 3), ele vai às vistas e não às escondidas, e também de modo distinto, não parece ir para querer ser elucidado. Negativamente afetado pelas observações irônicas e pitorescas de Sadoque, pautadas na ridicularização e manipulação psicológica, Saulo se deixa influenciar pelas insinuações da Espiritualidade inferior.

A Doutrina espírita nos auxilia a enxergar os panoramas sob análise de um ponto de vista além da vida material. Por isso, pensamos: E a proteção espiritual da Casa do Caminho perante tantos ataques do farisaísmo inclemente? E sobre esta visita de Saulo, pela primeira vez diante dos Apóstolos que conviveram diretamente com o Cristo? Este encontro seria um convite para Saulo reavaliar sua visão dos cristãos e entender em maior profundidade o Evangelho de Jesus?

A visão de Estêvão impactou-o sumamente. Emmanuel vai descrever as características do primeiro mártir do Cristianismo Primitivo:

“O moço, magro e pálido, em cuja assistência os mais infelizes julgavam encontrar um desdobramento do amor do Cristo, orou em voz alta, suplicando para si

e para a assembléia a inspiração do Todo-Poderoso”.

Ou seja, a assistência espiritual sempre presente no orador ovacionado pelo povo simples.

Interessante notar um trecho do Evangelho de Mateus<sup>18</sup>, incluído no discurso apostólico, na Missão dos Doze:

“Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Dai de graça o que de graça recebestes”.

Ou seja, o direcionamento precípua ao povo eleito de Israel, herdeiro das promessas, e o direcionamento a eles, em primeiro lugar, do oferecimento da salvação, enviando ao povo eleito a resposta aos anseios milenares para que, mais tarde, os gentios fossem agregados neste extenso laço fraterno.

Como herdeiros das promessas, os judeus deveriam ser os primeiros a receber o oferecimento da salvação messiânica.

---

<sup>18</sup> Mateus, 10:5-8.

Numa das frases de seu discurso, Estêvão vai dizer: *“Éramos escravos das imposições pelos raciocínios, mas hoje somos livres pelo Evangelho de Cristo Jesus”*.

Isso nos faz pensar: será que ainda somos escravos das imposições pelos raciocínios, mesmo com o Evangelho de Jesus Cristo e com a revelação espírita?

O que escraviza tolhe a nossa liberdade, nos coarcta e limita, nos fazendo padecer nos grilhões da ignorância. Os raciocínios, isto é, o livre exercício da inteligência, deveria nos fazer alçar vôos de profundo entendimento sobre o Criador e a criação, sobre nós mesmos e os universos, mas será que muitas vezes nós não nos fechamos em nossas convicções restritas, apegados à nossa verdade, sempre muito relativa e parcial, apregoando que sabemos o que é melhor para o outro? O que temos feito da imortalidade em que dizemos acreditar? Será que já estamos vivendo conforme a imortalidade?

Estêvão nos apresenta, em seu discurso, a solução do Amor que redime os seres, purifica os pecados. E em vários trechos do seu discurso vemos o convite da coroa do martírio de nossos vícios para alcançar a láurea imortal da salvação:

“Moisés foi a porta, Cristo é a chave”.

Patrícia Lins de Paula

“A lei de Moisés é a pergunta, o Evangelho, a resposta”.

“A Lei é humana, o Evangelho é divino”.

“Moisés é o condutor, o Cristo, o Salvador”.

“Os profetas foram mordomos fiéis; Jesus, porém, é o Senhor da Vinha”.

“Com a Lei, éramos servos. Com o Evangelho, somos filhos de um Pai amoroso e justo”.

“Quando outros povos se debatiam nos interesses inferiores, cercando os falsos ídolos da falsa adoração e promovendo, simultaneamente, as guerras de extermínio com requintes de perversidade, tu, Israel, esperaste o Deus justo”.

O que nos faz pensar: O que temos feito de nossa fé?

Na obra “A Caminho da Luz”, capítulo 3 As raças adâmicas, item As promessas do Cristo, Emmanuel vai dizer:

“Tendo ouvido a palavra do divino Mestre antes de se estabelecerem no mundo, as raças adâmicas, nos seus grupos insulados, guardaram a reminiscência das promessas do Cristo, que, por sua vez, as fortaleceu no seio das massas, enviando-lhes periodicamente os seus missionários e mensageiros”.

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

Ou seja, em todos os tempos nunca estivemos abandonados da proteção amorosa de Jesus na figura dos seus predecessores, inspirados no seu pensamento divino.

Ainda na mesma obra, capítulo 7 O povo de Israel, item Israel, Emmanuel vai elucidar:

“Consciente da superioridade de seus valores, nunca perdeu (o povo de Israel) oportunidade de demonstrar a sua vaidosa aristocracia espiritual, mantendo-se pouco acessível à comunhão perfeita com as demais raças do orbe”.

O que deveria servir como lembrete ao acréscimo de responsabilidade perante todos os irmãos que desconheciam a crença do Deus único foi, para o povo de Israel, motivo de vanglória.

Ainda no mesmo capítulo, item A escolha de Israel, Emmanuel vai adicionar:

“(…) Os doutores da Lei, no templo de Jerusalém, confabulam, respeitosos, sobre o divino Missionário; na sua vaidade orgulhosa esperavam-no no seu carro vitorioso, para proclamar a todas as gentes a superioridade de Israel e operar todos os milagres e prodígios. (...) De todos os povos de então, sendo Israel o mais crente, era também o mais necessitado, dada a sua

vaidade exclusivista e pretensiosa. ‘Muito se pedirá de quem muito haja recebido’ (...).’

E finaliza Emmanuel, ainda no mesmo capítulo, item A incompreensão do Judaísmo:

“(...) Os sacerdotes não esperavam que o Redentor procurasse a hora mais escura da noite para surgir na paisagem terrestre. (...) O Cristo surgira entre os animais humildes da manjedoura; apresentava-se como filho de um carpinteiro e, no cumprimento de sua gloriosa missão de amor e de humildade, protegia as prostitutas, confundia-se com os pobres e com os humilhados, visitava as casas suspeitas para de lá arrancar os seus auxiliares e seguidores; seus companheiros prediletos eram os pescadores ignorantes e humildes, dos quais fazia apóstolos bem-amados. (...) O Judaísmo, saturado de orgulho, não conseguiu compreender a ação do celeste emissário. (...)”

No seu discurso, Estêvão vai citar que muitos israelistas esperavam um príncipe dominador, buscando os troféus sangrentos, equiparando-se à violência e posse terrena, no entanto, Jesus concedeu-nos a liberdade eterna.

E com base em tudo isso, cumpre-nos refletir: Qual o nosso proveito? Temos agido como cativos ou libertos pelo Amor de Deus?

Estêvão lembra-nos ainda:

“Ninguém poderá eximir-se dessa culpa, visto sermos todos herdeiros das suas dádivas celestiais. Onde todos gozam do benefício, ninguém pode fugir à responsabilidade. Essa a razão porque responderemos pelo crime do Calvário”.

Ou seja, quem melhor entende, mais pode compreender.

A multidão, embevecida pelo discurso inspirado e inflamado de amor, tinha no pregador humilde a esperança de dias dadivosos após as tormentas provocacionais da vida material.

Emmanuel vai afirmar que *“Saulo, emotivo por temperamento, fundia-se na onda de admiração geral”*, mas abafou seus mais profundos sentimentos.

Quantas vezes não agimos como ele? Percebendo que fomos tocados pelas vibrações sublimes dos benfeitores espirituais, através de um convite à caridade, um chamado à reflexão, ao auxílio, não podemos compreender em profundidade e nos negamos a aceitar *“deixar nos levar pelas mais santas inspirações”*.

Naquele momento, Saulo analisou o perigo da penetração do discurso de Estêvão nas massas para o domínio religioso e político do Judaísmo; como

Emmanuel nos narra: *“A vitória de Estêvão na consciência popular, qual a verificada naquele instante, causava-lhe indignação”*. O melindre, filho dileto do orgulho, fê-lo ficar irracional. O verbo ardente de Estêvão, sob a inspiração do Alto, fez com que a emoção de Saulo toldasse sua razão.

O que nos cumpre pensar: será que hoje, há um desfile de vaidades? A mensagem ou o mensageiro é a vedete?

A reação de Saulo, explosiva e completamente desproporcional, direcionou-se como tentativa de ridicularizar, desqualificar e desvalorizar o discurso de Estêvão. Um autêntico traço do orgulho: não tolerar uma comparação que o pudesse rebaixar. Saulo havia sido tocado, mas isto era inconciliável com a lei (escravo dos raciocínios).

Nesse ínterim, os Apóstolos, temerosos, aguardavam pelo pior. Estêvão empalidecera, mas não titubeou. Tiago estava lívido.

Emmanuel vai informar:

“O doutor da Lei foi o primeiro homem da cidade que se atrevera a perturbar o esforço generoso do evangelismo, sem trair a seiva de amor que lhe desbordava do coração”.

Afrontosamente, Saulo chegou a dizer:

“Como ousais proclamar a falsa supremacia de um nazareno obscuro sobre Moisés? Quem era esse Cristo? Não foi um simples carpinteiro? (...) Que dizer de um Salvador que não conseguiu salvar-se a si mesmo?”

Ao que prontamente Estêvão respondeu:

“Amigo, Israel jamais poderia esperar um Messias a exhibir-se num carro de glórias magnificentes do plano material, suscetível de tombar no primeiro resvaladouro do caminho. (...) O Evangelho é amor em sua expressão mais sublime. O Mestre deixou-se imolar transmitindo-nos o exemplo da redenção pelo amor mais puro”.

Nesse duelo de forças, Estêvão decide encerrar a preleção que acabou se desdobrando num debate. Poderíamos entender essa ação de Estêvão como covardia ou sabedoria?

Seria covardia fugir do debate, ainda que fosse uma discussão estéril ou a verdadeira coragem? É sabedoria deixar falar um mais tolo que nós? Como nos elucidada a mensagem de Irmã Rosália, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XIII Não saiba vossa mão esquerda o que faz a direita, item 9 A caridade moral e a caridade moral:

“(...) Grande mérito há, crede-me, em um homem saber calar-se, deixando que fale outro mais tolo do que ele. É um gênero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma

palavra zombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer, não ver o sorriso de desdém com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, se supõe acima de vós, quando na vida espírita, a única real, estão, não raro, muito abaixo, constitui merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da caridade, porquanto não dar atenção ao mau proceder de outrem é caridade moral”.

Saulo, por sua vez, em sua empáfia, levaria a demanda ao Sinédrio, com o intuito de dobrar Estêvão à força. E será que nós, ainda hoje, condenamos os outros por orgulho ferido?

Será que quando falamos com uma pessoa, na expectativa de receber uma resposta, não ficamos melindrados quando essa resposta não chega, ou quando não é conforme nós esperávamos? Alguns, insistimos, queremos respostas, saber o porquê, indignados com a situação. Outros, já nos fechamos, nos recolhemos, e buscamos algo que possa desqualificar aquela criatura que antes era objeto de admiração e carinho. Alguns, levamos a demanda ao *Sinédrio do coração*, afogados em ressentimento que só nos envenena; outros, utilizamos da língua viperina para maldizer a criatura para outras pessoas, adicionando uma série de elementos para fazer da nossa queixa mais grave e incontestável.

Sem recluir em nenhum momento, Estêvão finaliza:

“Amigo, o Sinédrio tem mil meios de me fazer chorar, mas não lhe reconheço poderes para obrigar-me a renunciar ao amor de Jesus Cristo”.

Talvez se um de nós déssemos essa resposta, ela sairia com uma entonação de orgulho mal disfarçado. Em Estêvão, pensamos, saiu natural, sem afetação, com a mesma humildade que lhe era peculiar nos mínimos gestos, o que provavelmente deve ter aumentado a irascibilidade de Saulo.

Tal coragem moral que o primeiro mártir do Cristianismo Primitivo demonstrava deixava Saulo atônito. De onde ele hauria tanta serenidade, imperturbabilidade e confiança, a ponto de se entregar assim, sem se defender, sem revidar?

Diante da recusa de Estêvão, Saulo apela para o crime contra honra e chega a contratar uma falsa testemunha, Neemias, que acusa Estêvão injustamente, agravando a acusação. É o que vamos acompanhar na sequência.

## Capítulo 9

### *Capítulo 6 da obra P&E – Ante o Sinédrio. Temática: Adiada a execução da pena de Estêvão*

*“Compreendendo a acuidade intelectual de Estêvão, Saulo queria fornecer-lhe um confronto do cenário em que dominava o seu talento, com a igreja humilde dos adeptos do carpinteiro de Nazaré. No fundo, seu propósito radicava na jactanciosa demonstração de superioridade, afagando, ao mesmo tempo, a íntima esperança de conquistá-lo para as hostes do judaísmo. Preparara, por isso, a reunião com todos os requisitos, de feição a impressionar-lhe os sentidos”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 6 – Ante o Sinédrio).**

Emmanuel vai narrar o quanto as gentes simples cuidadas pelo carinho fraternal dos abnegados “homens do Caminho” se apinharam nos derredores do Sinédrio. Toda a multidão de crentes e curiosos estava ávida por assistir tal embate, mas foram impedidas de entrar, ainda que fosse configurado um ato público: são os artifícios sempre utilizados em todos os tempos pelos mais poderosos para promover segregação e desigualdade.

Importante ressaltar que a palavra “Sinédrio” é uma transcrição usada no Talmude para “Synedrion”, que representa o mais alto tribunal dos judeus, que se reunia em Jerusalém. Segundo o Novo Dicionário da Bíblia, o Sinédrio é “o grande recinto do mais alto sodalicio (confraria) israelita”.

O Talmude é um dos livros básicos da religião judaica, que contém a lei oral, a doutrina, a moral, os costumes, a história e as tradições dos judeus (surgido da necessidade de complementar a Torá, foi editado em aramaico).

À época só existia um templo na Judéia para o culto: em Jerusalém. As demais cidades tinham sinagogas, que eram instalações nas quais os judeus se reuniam aos sábados para fazerem suas preces públicas. Ali também faziam a leitura dos textos sagrados, seguidos de comentários e explicações. Todos podiam participar, inclusive Jesus e seus discípulos.

Sobre esse ponto de vista mais símbolo, do Sinédrio e das sinagogas enquanto locais de reunião de religiosos que respiravam um clima mais exclusivista, deixando do lado de fora, tanto quanto possível, aqueles que não interessavam às conveniências de poder político e religioso, e aos interesses financeiros, será que ainda hoje existe o “Sinédrio” e “as sinagogas”?

Será que nas casas espíritas segregamos o espaço do jovem e o espaço para as demais atividades? Será que escolhemos o nosso passista favorito, o orador predileto, o médium “mais forte” ou “mais inspirado”? Será que consideramos a casa espírita que frequentamos, onde mourejamos, como a “minha casa”? Não no sentido carinhoso, de ter uma memória afetiva pela associação de pessoas, pelas instalações, pelos trabalhos, mas no sentido de tentar apossar-se da casa, como se fosse mesmo um pouco particularmente nossa? Será que elegemos os dirigentes “que não podem faltar”, pois só eles resolvem, só eles dão respostas? Fomentamos a idolatria, mesmo depois de Jesus ter expulso os vendilhões do Templo?

O Espírito Emmanuel vai pintar para nós o quadro:

“O Sinédrio exibia suas personagens mais eminentes. Lá estavam representantes de todas as sinagogas”.

O fato é que o que acontecesse no Sinédrio seria exemplo para as outras cidades (uma postura modelar, copiada). O ambiente havia sido adremente preparado para impressionar Estêvão, de certo modo manipulado, e favorável ao farisaísmo, talvez para assustar, intimidar e tentar humilhar o réu.

E diante desse quadro lamentável, poderíamos pensar: De que vale o brilhantismo intelectual sem a inspiração e o auxílio do Alto?

Saulo estava cego para as realidades da espiritualidade superior. Em sua intimidade, estava transtornado. Suas capacidades psíquicas de percepção só se ampliariam de uma forma mais consciente mais tarde, não obstante, acreditamos que nessas perseguições aos cristãos jamais esteve sozinho. Provavelmente sofreu muito assédio da espiritualidade inferior, visto que atraímos pelo pensamento “nossa nuvem de testemunhas”.

O Espírito Emmanuel, na obra “Pensamento e Vida”, capítulo 08 Associação, vai elucidar:

“Se o homem pudesse contemplar com os próprios olhos as correntes de pensamento, reconheceria, de pronto, que todos vivemos em regime de comunhão, segundo os princípios da afinidade. (...) Assimilamos os pensamentos daqueles que pensam como pensamos. É que sentindo, mentalizando, falando ou agindo, sintonizamo-nos com as emoções e ideias de todas as pessoas, encarnadas ou desencarnadas, da nossa faixa de simpatia. (...) Em qualquer providência e em qualquer opinião, somos sempre a soma de muitos (...)”.

Saulo queria demonstrar superioridade, queria dobrar Estêvão às hostes do judaísmo; para ele, era uma questão de honra, ou poderíamos mais

acertadamente afirmar: para Saulo, era uma questão de orgulho ferido, que buscava uma vingança.

E será que nós nos comportamos assim também? Quando feridos, malsinados, desprezados, também não buscamos uma forma de desforra? De fazer o outro sofrer o que sofremos, sentir na própria pele o que sentimos, e justificamos do modo mais cristão possível: “É para que ele aprenda a não tratar assim mais ninguém”, “Para que ele saiba o quanto dói”, “Para que seja ferido com o ferro que feriu”. Ou seja, ao invés de buscar a justiça legítima, que visa reparar o dano (justiça no sentido das leis humanas que aí estão para proteger, equiparar), buscamos o desforço pelas nossas próprias mãos.

Por falar em justiça e em defesa, Emmanuel vai esclarecer:

“Estêvão rogou que os galileus não comparecessem, pela necessidade do auxílio aos sofredores e pelos possíveis atritos, dada a firmeza de ânimo com que procuraria salvaguardar a pureza e a liberdade do Evangelho de Cristo”.

Em tudo, a preocupação com o coletivo, com a estrutura da igreja cristã primitiva, com o serviço de assistência aos mais necessitados, a ponto de esquecer das próprias necessidades em prol dos outros. Parece-nos que o objetivo de Estêvão era

poupar recursos, direcionando os parcos que haviam para os que mais necessitassem e, além disso, a constatação de que provavelmente qualquer defesa não adiantaria.

Estêvão havia sido forjado na incandescência do sofrimento, portanto, não seria aquele o primeiro sacrifício da sua vida. Talvez isso fizesse com que ele encarasse a prova como significativa e suave.

E diante dessa postura de Estêvão, poderíamos pensar: isso seria entregar os pontos? Morrer sem lutar? E sobre não querer ser ajudado? Será que não seria possível entrar num acordo?

Emmanuel vai instruir:

“Disputava o júbilo de assumir, sozinho, a responsabilidade de sua atitude, sem comprometer qualquer companheiro, tal como fizera Jesus um dia, no seu Apostolado sublime”.

E de fato, Estêvão comparecia ao Sinédrio fortemente impressionado pela grandeza e suntuosidade do Templo. Os patrícios haviam comparecido em peso; era o primeiro processo contra as ideias de Jesus após a crucificação (daí o fato de chamarmos Estêvão do “primeiro mártir do Cristianismo Primitivo”).

Àquela época, a grande maioria das pessoas ainda não haviam entendido completamente o símbolo da cruz; mesmo entre os discípulos, havia quem se dividisse na interpretação do desfecho clamoroso, por ainda esperar uma salvação mais próxima do ponto de vista material; o retorno do Cristo nas suas aparições, sobretudo aos Apóstolos, visou promover uma comprovação da imortalidade da alma e teve um efeito impressionante sobre eles, entretanto, para as outras pessoas, elas ainda se dividiam em crer e não crer.

Mas, voltando ao caso de Estêvão, pensamos: Por que Deus distribui recursos abastados nas mãos dos egoístas e orgulhosos? Será que aquela riqueza do Templo não teria sido melhor aproveitada na própria Casa do Caminho?

Como nos lembra O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XVI Não se pode servir a Deus e a Mamom, item 8 Desigualdade das riquezas:

“(...) Dando-lhe o livre arbítrio, quis Deus que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade. Não deve o homem ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal (...). A riqueza é um meio de experimentar moralmente, mas como, ao mesmo tempo, é poderoso meio de ação para o progresso, não quer Deus que ela

permaneça longo tempo improdutiva, pelo que incessantemente a desloca (...)”.

Daí a importância de estarmos atentos ao uso que damos aos recursos de que dispomos: família equilibrada, pais zelosos, companheiro(a) amoroso(a), um trabalho honrado, nossas habilidades, capacidade de expressão, uso de tecnologias, tempo, dentre outros.

Saulo havia planejado e ensaiado todos os passos previamente; ele tinha o controle do processo em suas mãos, inclusive anuído pelo próprio sumo sacerdote, que o houvera designado como juiz do feito. Estêvão permanecia sob vigilância atenta, e imerso em divagações, pensava no flagrante da hipocrisia (a opulência em contraste com a miséria sufocada do lado de fora).

O sumo sacerdote era o mais alto posto religioso e político, coordenando o culto no Templo. Era alguém escolhido, de descendência israelita, e não raro era o mais velho representante, com a utilização exclusiva de certos caracteres especiais que o distinguiam.

Nesse ínterim, Emmanuel vai transcrever uma das meditações de Estêvão:

“Não seriam aquelas as ovelhas perdidas de Israel? Ainda que o Judaísmo não houvesse

aceitado a missão do Evangelho, como conciliar as observações sagradas dos profetas e sua exemplificação de virtude, com a avareza e o desregramento?”

E de modo análogo, mantendo essa linha de pensamento, poderíamos refletir: como podemos conciliar o engajamento espírita com a intolerância (política, religiosa, de orientação sexual, de formação da estrutura familiar)? Por que nos distanciamos cada vez mais do que lemos, vivendo como se fôssemos “observadores da vida”?

Ou, como diria Estêvão:

“Como poderiam os israelitas harmonizar o egoísmo com a sabedoria amorosa dos salmos de Davi? Estranhável que tão zelosos da Lei, se entregassem de modo absoluto aos interesses mesquinhos, quando Jerusalém estava cheia de famílias, irmãs pela raça, em completo abandono”.

E dentre estes irmãos de raça abandonados, citaríamos os leprosos, sobretudo Samônio, que foi reconhecido por Gamaliel, durante uma visita à Casa do Caminho, fariseu e frequentador do Sinédrio que termina sua vida amarguradamente sem nada nem ninguém, sob os cuidados dos piedosos galileus.

Importante refletirmos sobre essas armadilhas da ilusão: o brilhantismo intelectual, as vaidades

humanas, o autojulgamento de ser o representante dos interesses divinos, achar improficuas as pregações aos mais simples.

Estêvão havia se tornado escravo por amor, servo do Cristo, e convivendo diuturnamente com as doenças, as privações, os abandonos, as dificuldades imensas na modesta comunidade, sabia muito bem dos sofrimentos do povo esquecido pelos poderosos.

Estêvão neste “julgamento” armado foi acusado de blasfemo, caluniador e feiticeiro, considerado uma ameaça, um traidor da causa israelita. Como israelita, tinha o direito de se defender e replicar livremente, e em momento algum mostrou-se envaidecido. Enquanto Estêvão via com realidade na figura dos fariseus o símbolo das ovelhas desgarradas, Saulo considerava que o desleal e equivocado era Estêvão.

Para que possamos entender um pouco melhor as acusações, a blasfêmia consiste em insulto a alguém ou a algum fato ou ideia considerado sagrado. Não implica necessariamente em insultar, mas em recusar a aceitação, como está expresso na fala de Estêvão: *“Mantenho minha crença de que o Cristo é o Salvador prometido pelo Eterno”*.

Ou seja, se fosse um processo justo, seria constatado que na afirmação de Estêvão não há

derrogação da lei de Moisés, como o próprio Cristo elucidou: “*Não vim destruir a lei*”, mas não estamos tratando de um processo que mantenha lisura.

Sobre a calúnia, consiste em acusar ou proferir informações falsas que ofendam a honra de outrem, como na afirmação de Estêvão: “*Jamais deixei de venerar a Lei e as Sagradas Escrituras, mas considero o Evangelho de Jesus o seu divino complemento*”.

Para os fariseus, isso foi o suficiente para acusa-lo de sobrepor à lei de Moisés as orientações de um carpinteiro vulgar.

E Saulo tenta seduzir Estêvão quanto às possibilidades de ascensão devido à sua condição de israelita, em troca de abjurar a fé cristã, o que prontamente Estêvão rechaça:

“Desprezo o valor puramente convencional que a Lei poderia me oferecer, em troca de apoio à política do mundo, que se transforma todos os dias, considerando que a nossa segurança reside na consciência iluminada com Deus e para Deus”.

E será que esse pensamento é comum a nós, que nos dizemos cristãos, ou estamos mais interessados

nas conveniências que as situações e pessoas podem nos proporcionar?

Saulo parecia quase subornar Estêvão, em troca da satisfação dos próprios interesses, travestidos de bondade (cumprir a lei de Moisés), oferecendo-lhe relevo pessoal.

Por exemplo, temos maior tendência a esquecer ou fomentar discussões? Quando assim procedemos é para instruir ou por orgulho, como Saulo fez? Se é para educar, por que agimos sem amor, com violência, e ainda dizemos que “é para o bem do outro”?

Outro aspecto interessante que nos faz pensar é: onde estavam os outros doutores da Lei que não interviam para ajudar Saulo ou defender Estêvão? Será que não havia nenhum justo nesse recinto, que percebia a celeuma causada pelo ódio?

Parece que as vozes dos justos se calaram pelo orgulho da raça. E perante os valores morais inegociáveis de Estêvão, a cegueira dos circunstantes levou-os à violência. Saulo esmurrou Estêvão de forma descontrolada.

E nós, em seu lugar? Estaríamos preparados a pagar o preço da nossa fé? Qual o valor que estamos dispostos a pagar em nome do ideal que abraçamos?

E se o Cristo retornasse, como O receberíamos? Temos sido mais ouvintes ou praticantes do Evangelho?

Estêvão cogitava naquele momento se os fariseus tinham noção da não observância dos ensinamentos divinos...afinal, o que estaria por trás do silêncio criminoso, da omissão? E o que fazemos em grupo que não teríamos coragem de realizar individualmente?

Por outro lado, há quem considere a posição de Estêvão extremamente firme e inflexível. Será que, a pretexto de evangelizar, de ter caridade, de ser benevolente, compreensivo, devemos negociar valores morais?

Depois de ter sido esmurrado, Estêvão apenas chora. Emmanuel vai falar sobre seus sentimentos:

“Não obstante a reforma radical que a influência do Cristo havia imposto às suas concepções íntimas, ele (Estêvão) não podia fugir à dor da dignidade ferida”.

É muito importante lermos isso, para não nutrirmos a ilusão de que Estêvão é sobrehumano. Como nós, ele tinha sentimentos, emoções, e provavelmente sentiu o peso da raiva, da injustiça, mas a grande diferença entre nós e Estêvão é o seu profundo entendimento, a compreensão elevada, que não

converte tal sentimento em indignação, revolta e insubordinação. Pacificado, provavelmente lamentou, se entristeceu, foi machucado por dentro e por fora, mas teve a coragem moral de entregar a Deus a verdadeira justiça.

E ainda falando sobre os circunstantes, nem os romanos se levantaram para fazer nada. Emmanuel vai descrever a cena:

“Enquanto os mais exaltados davam expansão a protestos veementes, os romanos observavam a cena, curiosos e interessados, como se presenciassem uma cerimônia festiva”.

Ou seja, é alarmante a total incompreensão das sérias repercussões espirituais daquele ato.

Um fato importante é que mediante a iminência do apedrejamento de Estêvão (que pode ser bem compreendida como abuso de autoridade), Gamaliel, tutor de Saulo de Tarso, que gozava de prestígio no Sinédrio e exercia sobre Saulo poderosa influência, teve um entendimento particular com o sumo sacerdote com o intuito de intervir para a soltura dos Apóstolos (Pedro, Filipe, João) e pede tolerância de Saulo – *“era indispensável conceder alguma coisa”*.

Durante as interpelações de Saulo, num sagrado momento, Estêvão chegou a ponderar:

“Em virtude de que sortilégios consegui Moisés fazer jorrar de uma rocha a fonte de água viva? Com que feitiçaria o povo eleito viu se abrirem as ondas revoltas do mar para a necessária fuga do cativo?”

Ou seja, Estêvão conduzia o raciocínio, com argumentos lógicos e irretorquíveis, recolhendo a simpatia e admiração de muitos. Saulo improvisou uma saída para ganhar tempo, mas não adiantou: aquela era a primeira derrota do orgulhoso doutor da Lei.

Este comportamento intemorato de Estêvão, nos faz refletir: quantos de nós, chamados a nos defender, honraríamos a verdade, não obstante as consequências a arrostar? A religião tem nos servido para alinhar nosso discurso à prática? Onde guardamos a fé? Quais os frutos que temos oferecido?

Quando Estêvão é esbofeteado na face, ninguém o socorre: os circunstantes aplaudem! Como diz Emmanuel: “*Sem recursos de ordem moral, Saulo recorria à força*”. E Estêvão, humano, ferido em sua dignidade, apenas chorou. Um exemplo para todos nós, que continuaremos a abordar.

## Capítulo 10

### *Capítulo 7 da obra P&E – As primeiras perseguições.*

#### *Temática: Gamaliel conhece a Igreja do Caminho*

“*Saulo de Tarso, nas características de sua impulsividade, deixou-se empolgar pela ideia de vingança, impressionado com o desassombro de Estêvão em face da sua autoridade e da sua fama. A seu ver, o pregador do Evangelho infligira-lhe humilhações públicas, que impunham reparações equivalentes*”.

**(Emmanuel, no Capítulo 7 – As primeiras perseguições).**

No Antigo Testamento, o profeta Joel <sup>19</sup>vai escrever:

“Derramarei o meu Espírito sobre toda carne, vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciões terão sonhos, os jovens, visões”.

Portanto, a expressão das faculdades medianímicas já era fenômeno normalizado e conhecido há muito

---

<sup>19</sup> Joel, 2:28.

tempo. Só no livro de Atos, temos diversas referências, que se iniciaram com o Pentecostes (Atos, 2:1-13).

Neste capítulo é tratado o julgamento de Pedro, João e Filipe. No livro de Atos <sup>20</sup>é narrada a prisão e libertação miraculosa dos Apóstolos:

“Interveio então o sumo sacerdote (Anás) com toda a sua gente, isto é, o partido dos saduceus. Tomados de inveja, lançaram as mãos sobre os apóstolos, e os recolheram à prisão pública. O Anjo do Senhor, porém, durante a noite, abriu as portas do cárcere, e, depois de havê-los conduzido para fora, disse: ‘Ide, apresentando-vos no Templo, anunciai com ousadia ao povo tudo o que se refere àquela Vida (mensagem da salvação)!’ Tendo ouvido isso, entraram no Templo ao raiar do dia e começaram a ensinar”.

Recordamos que antes deste fato, também no livro de Atos<sup>21</sup>, temos a libertação miraculosa de Pedro:

“E, depois de passarem a primeira e segunda guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e, tendo saído, percorreram uma rua e logo o anjo se apartou dele”.

---

<sup>20</sup> Atos, 5:17-21.

<sup>21</sup> Atos, 12:10.

Emmanuel, numa mensagem<sup>22</sup>, vai nos recordar do quanto sempre aguardamos ansiosamente pelo auxílio do plano espiritual, mas o quanto também é justo aprendermos a andarmos sozinhos e saber o que fazemos com a nossa liberdade. Citando-o:

“(…) Sob cadeias pesadíssimas, o pescador de Cafarnaum vê aproximar-se o anjo do Senhor, que o liberta, atravessa em sua companhia os primeiros perigos da prisão, caminha ao lado do mensageiro, ao longo de uma rua; contudo, o emissário afasta-se, deixando-o novamente entregue à própria liberdade, de maneira a não desvalorizar-lhe as iniciativas. Essa exemplificação é típica (...)”.

Precisamos seguir por nós mesmos nos caminhos da existência.

Podemos imaginar o semblante dos fariseus mediante essa circunstância, ao excogitar quem deveria ter libertado os cristãos.

Pela sequencia do texto de Atos<sup>23</sup>, os cristãos comparecem diante do Sinédrio:

“Chegou então o sumo sacerdote com sua gente, convocaram o Sinédrio e todo o Senado dos israelitas e mandaram buscar os apóstolos no cárcere. ‘Aqueles homens que

---

<sup>22</sup> Livro Caminho, Verdade e Vida, pela psicografia de Chico Xavier, capítulo 100 Auxílios do Invisível.

<sup>23</sup> Atos, 5:22-33.

metestes na prisão, estão no Templo, ensinando o povo'. Tendo-os pois trazido, o sumo sacerdote os interpelou e os apóstolos responderam: 'É preciso obedecer a Deus antes que os homens''.

E o mais impressionante é a extrema confiança dos Apóstolos em seguir exatamente o alvitre do Anjo do Senhor, de falar sem temor sobre o Evangelho de Jesus, arrostando todas as consequências deste ato.

Pedro discursou duas vezes à multidão; o primeiro discurso (Atos, 2:14-36) ocorreu após o Pentecostes, em meio às primeiras conversões cristãs, reforçando a ideia do batismo pelo Espírito Santo. O segundo discurso (Atos, 3:11-26) ocorreu após a cura do coxo na porta do Templo, e fez referência ao texto de Isaías (Isaías, 52:13<sup>24</sup>), após o qual os judeus recolheram Pedro e João ao cárcere e posteriormente foram levados ao Sinédrio.

Mas, ainda no caso em epígrafe, depois dos apóstolos terem comparecido diante do Sinédrio, Gamaliel intervém (como vimos no capítulo anterior desta obra), conforme está narrado no texto de Atos<sup>25</sup>:

---

<sup>24</sup> "Eis que o meu servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas" (Isaías, 52:13).

<sup>25</sup> Atos, 5:34-42.

"Então levantou-se, no Sinédrio, certo fariseu de nome Gamaliel, que era doutor da lei e respeitado pelo seu povo: 'Deixai de ocupar-vos com estes homens; soltai-os. Pois se seu intento ou sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma; se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los. Não aconteça que vos encontreis movendo guerra contra Deus'. Chamaram de novo os apóstolos e açoitaram-nos com varas. Depois intimaram-nos que não falassem mais no nome de Jesus e soltaram-nos. Quanto a eles (os apóstolos), saíram do recinto regozijando-se por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo Nome".

Em todas as circunstâncias dolorosas protagonizadas pelos apóstolos vemos sempre a mesma renúncia, o reconhecimento do testemunho e a coragem moral de enfrentar.

Como referência, citamos também que a prisão de Estêvão está descrita em Atos, 6:8-15 e o discurso de Estêvão em Atos, 7:1-54.

Emmanuel vai descrever como as armadilhas do orgulho podem cegar pessoas dotadas de brilhante inteligência, como o jovem doutor da Lei Saulo de Tarso:

"Saulo de Tarso, nas características de sua impulsividade, deixou-se empolgar pela ideia de vingança, empolgado com o

desassombro de Estêvão em face da sua autoridade e da sua fama”.

Ou seja, o orgulho oculta a verdadeira fragilidade, uma vez que a coragem moral se prova na renúncia. Saulo tinha a presunção de querer ser o melhor em tudo, e é importante reflexionarmos sobre isso para perceber que essa suscetibilidade exagerada é melindre, filho do orgulho, que consiste em não suportar uma comparação que cause a sensação de inferioridade, conforme está descrito em O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo IX Bem aventurados os que são brandos e pacíficos, Instruções dos Espíritos, item 9 A cólera:

“O orgulho vos induz a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes uma comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e aborrece. Que sucede então? – Entregai-vos à cólera”.

E nós, o que fazemos quando melindrados? Será que tomamos a água da paz<sup>26</sup>? Saímos batendo

---

<sup>26</sup> Narra-se a tradição que num dos momentos de irritação de Chico Xavier, sua mãe, desencarnada, apareceu-lhe em Espírito e ensinou-lhe a seguinte receita: “Para terminar suas inquietações, use a água da paz. Quando alguém lhe provocar irritações, pegue um copo de água do pote, beba um pouco e conserve o resto na boca. Não jogue fora nem engula. Enquanto durar a tentação de responder, deixe-a banhando a língua. Esta é a água da paz”

porta? Oramos a Deus pedindo paciência e resignação? Sorrimos amorosamente?

Emmanuel vai mencionar que as perseguições cristãs foram iniciadas com toda a força, com “*os cooperadores do movimento organizando longas nominatas dos israelitas mais destacados que frequentavam as reuniões da Igreja do ‘Caminho’*”. Inúmeros foram presos. Saulo havia encetado a maior apologia ao duelo dos últimos tempos.

Saulo tinha o apoio não apenas do sumo sacerdote, mas dos grandes rabinos de Jerusalém, como Emmanuel vai elucidar:

“Todos os círculos de Jerusalém, não obstante o curto prazo da sua nova permanência na cidade, não escondiam a admiração que lhe votavam. Os intelectuais do Templo estimavam nele uma personalidade vigorosa, um guia seguro, tornando-o por mestre no racionalismo superior”.

Repugna à razão acreditar que falavam mesmo de Saulo, nesta fase tão destimorada. Esse fato nos leva a pensar: Intelectualidade avançada é sinônimo de sensatez? O que é estar “melhor preparado”? Será que aplicamos estes mesmos modelos frágeis aos nossos filhos? Quantos homens e mulheres como Saulo de Tarso, desnorteados, fanáticos, não

temos eleito como referenciais de inteligência, ao longo dos tempos?

Ele interpretava a renúncia como covardia e fazia apologia ao duelo. Conforme nos esclarece O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XII Amai os vossos inimigos, item 12 O Duelo, pelo Espírito Adolfo:

“Arriscar os dias para vingar uma ofensa é recuar diante das provas da vida; é sempre um crime aos olhos de Deus; e se não estivésseis tão enleados como estais, nos vossos preconceitos, seria também uma ridícula e suprema loucura aos olhos dos homens”.

Na sua intimidade psíquica, Saulo vivia uma juventude generosa e sincera; ferido em sua vaidade, no orgulho da raça, não mediu esforços para aniquilar todos os que se contrapusessem aos interesses do Judaísmo, que de modo enfermo e deturpado, estava assentado sobre o instinto de domínio. Sua cegueira espiritual o fez odiar o Cristo crucificado, ainda mais por detestar Estêvão.

E ficamos a pensar: Já imaginou quantas antipatias nós também desenvolvemos por vaidade ferida e instinto de domínio? Por ciúme, por inveja?

Uma das escolas psicológicas mais respeitáveis, a Terapia Cognitivo-Comportamental nos ensina a contra-argumentar pensamentos próprios,

disfuncionais, em prol da nossa saúde psíquica. Quão importante é analisar cada situação, detectando os pensamentos motores de distonias emocionais, avaliar nossas emoções com acurácia e perceber o comportamento que tivemos em cada caso. Um trabalho tal qual Santo Agostinho nos aconselha, na questão 919 de O Livro dos Espíritos:

“(…) Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirese de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou qual circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar (...)”.

Mas ao invés destas veredas estreitas, Saulo escolheu a via do ódio, como Emmanuel resume: *“Perseguiria inflexivelmente o Caminho, na pessoa de quantos lhe estivessem associados”*.

A esquecida filosofia da bondade, como hoje ainda, por vezes traz a inflexibilidade como reflexo da autodepreciação; a guerra contra os outros, não raro, é um traço da guerra interna mal combatida, quando não vemos possibilidades de crescimento,

só de inclemente julgamento, distorcendo as palavras de O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo X Bem aventurados os que são misericordiosos, item 16 A Indulgência:

“Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. Lembrai-vos daquele que julga em última instância, que vê os pensamentos íntimos de cada coração e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que censurais, ou condena o que relevais, porque conhece o móvel de todos os atos. Lembrai-vos de que vós, que clamais em altas vozes: anátema! tereis, quiçá, cometido faltas mais graves”.

A severidade para consigo não implica em se flagiciar (a culpa é um flagício psíquico); o objetivo de analisar os próprios pensamentos e sentimentos é combater o orgulho e gerar reflexão (utilizar a autocrítica como sentinela da consciência).

Saulo, enlouquecido, absteve-se de procurar a cooperação das autoridades reconhecidamente pacifistas; mas afinal, se estava certo e convicto de que agia em consonância com a lei de Deus, por que selecionar o interlocutor? Se havia convicção sincera, o que temer? E será que também nós não selecionamos conselhos só para buscar apoio para aquilo que desejamos realizar?

Esse fato também nos mostra que nem sempre o melhor amigo concordará conosco. Pelo contrário,

por muitas vezes, se oporá para nos proteger de nós mesmos.

Como vemos, as circunstâncias da vida nos obrigam a reavaliar a nossa conduta, mas nem todos aproveitamos, pelo menos nem sempre.

Para Saulo, não interessava, naquele momento de fúria, a inspiração dos prudentes.

Na obra A Gênese, cap. III O bem e o mal, item 11 temos uma reflexão sobre o instinto:

“O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação”.

Na mesma obra, mesmo capítulo, item 12, temos uma reflexão sobre a inteligência:

“A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias. Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não é”.

É ponto pacífico o fato de que muitas vezes o instinto é mais confiável que a própria inteligência, porque como é um recurso neutro, podemos utilizar

esta última para maquinações elevadas e edificantes, tanto quanto odientas e criminosas.

Outro ponto importante para refletirmos é: com quem temos andado?

No caso de Saulo, o apoio displicente dos romanos no combate aos galileus considerados ignorantes era uma parceria que tinha por base convenções sociais e políticas. E nós, sabemos das consequências de nossas associações?

Saulo estava disposto a tudo, como Emmanuel vai enunciar:

“Combinaria os textos da Lei de Moisés e dos Escritos Sagrados, para justificar que se deveria conduzir os desertores dos princípios da raça até a morte”.

E nós, diante do esforço de preservação dos nossos próprios interesses, será que também somos manipuladores? Temos utilizado o vitimismo, a autopiedade, o autodesamor como ferramentas de manutenção do outro ao nosso lado por pena?

Enquanto Saulo, representando a bandeira do Judaísmo, colocava-se como alguém obcecado por seus próprios interesses, pintando quadros sinistros de perseguição e horror, por uma mente superexcitada e assediada pela espiritualidade inferior, os “homens do Caminho” mantinham

hasteada a bandeira da benemerência social, vistos de modo deturpado pelos fariseus como desertores dos princípios da raça.

Interessante notar que Saulo colocou-se ainda mais ferrenho perante a defecção de seus compatriotas; ou seja, os judeus ricos convertidos ao Cristianismo, a exemplo de Oseias Marcos e Samuel Natan, que haviam entregue seus bens à igreja cristã, foram os primeiros alvos de ataques. Emmanuel vai explicar:

“Na defesa do seu mandato, por isso mesmo, (Saulo) desprezaria todas as considerações tendentes a infirmar-lhe o rigorismo em que presumia um divino poder”.

Quando pensamos neste grave discurso de violência, pensamos: Saulo foi “usado” como instrumento das trevas para fomentar a perseguição aos seguidores de Jesus? Com base em que amor divino o sumo sacerdote foi capaz de conceder ao descompensado doutor da Lei plenos poderes para a perseguição, mesmo após ele esmurrar um preso?

Parecia que o sumo sacerdote estava mais interessado em buscar evitar “levar problemas” para as autoridades romanas, procurando resolver o problema “por ali mesmo” na esfera religiosa.

Conforme está narrado no livro de Atos<sup>27</sup>:

“Interveio, então, o sumo sacerdote com toda a sua gente, isto é, o partido dos saduceus. Tomados de inveja, lançaram as mãos sobre os apóstolos e os recolheram à prisão pública”.

A reação farisaica não tardou. Começou com a detenção imediata de Samuel e Oséias, o encarceramento de Simão Pedro e outros, a dúvida sobre a sanidade mental de Gamaliel.

Nesse ínterim, Gamaliel visita a Casa do Caminho, a convite de Simão Pedro. Estaria Pedro buscando sensibilizar os rabinos para frear esse ataque à instituição cristã primitiva?

A primeira comunidade cristã primitiva não era isenta de diferenças de opiniões, porém, todos os presentes estavam sempre abertos à conciliação de ideias em prol do ideal do grupo. Havia lutas a vencer, que eram enfrentadas com coragem e desassombro. Os revezes materiais, a perda de entes queridos, as prolongadas enfermidades...um ambiente de muitas provações, mas a fé e a esperança estavam sempre a animar o coração destes homens, em prol da solidariedade e fraternidade.

Talvez um dos momentos mais marcantes desse

---

<sup>27</sup> Atos, 5:17-18.

capítulo seja o encontro de Gamaliel com Samônio, em que o moribundo vai dizer:

“(...) Como Jó vi meu corpo apodrecer entre os confortos de minha casa. Todos me abandonaram. Os familiares deram-se pressa em partir, deixando-me sozinho. (...) Só agora reconhecia que o Judaísmo não havia cogitado desses pousos de amor (ao invés do vale dos imundos). (...) Se eu estivesse com saúde, plenamente identificado com a família e no gozo dos bens que conquistei com esforço e trabalho, talvez duvidasse também dessa realidade confortadora (...) A enfermidade, porém, é conselheira carinhosa e esclarecida. (...) O leito de dor é um campo de ensinamentos sublimes e luminosos (...). Por enquanto não estais precisando de um salvador. Eis por que o Cristo afirmava que viera para os doentes e os aflitos”.

Gamaliel fica profundamente impactado com a experiência e sai de lá prometendo estudar mais detidamente o Cristo. Antes de ir embora, faz algumas recomendações a Simão Pedro, com o intuito de diminuir a contundência das perseguições, como adotar as práticas exteriores do Judaísmo para aparar os golpes da violência (circuncisão dos presentes, evitar as carnes consideradas impuras, não esquecer o Templo e seus princípios). E como nos informa Emmanuel, “*Saiu levando consigo os apontamentos de Mateus, que se pôs a ler imediatamente*”.

Vamos acompanhar o desdobramento dessa experiência ao longo da obra.

**Capítulo 11**  
***Capítulo 7 da obra P&E – As primeiras perseguições.***  
***Temática: O julgamento de Pedro, João e Filipe***

Quando pensamos em tudo que estes “homens do Caminho” enfrentaram, pensamos: Simão Pedro era evangelizado, mas era humano. E nós, como reagiriamos diante de tantas investidas da maldade? Será que recordamos de procurar antes amar que sermos amados? Oramos pedindo a Deus paciência? Revidamos cada ofensa? O que somos capazes de suportar?

Perante as prisões encetadas por Saulo, Emmanuel vai descrever o quadro dramático:

“De porta em porta, encontrava mendigos que o fitavam tomados de espanto e amargura. O quadro vivo de tanta miséria abrigada enchia-o de admiração, mas esforçava-se por não perder a enfiatura implacável, de maneira a executar seus projetos nos menores detalhes”.

Além de Pedro, que fora preso, detém também João e Filipe, e se surpreende ao ver Tiago lendo a Torá

de joelhos. Essa atitude, que é o modo judeu de orar, traduz reverência aos textos sagrados.

Emmanuel elucida que *a atitude de Tiago não traduzia fingimento*, e que movido pelo medo, perante o perigo iminente do cárcere, pensou em tentar conciliar os interesses judaicos e cristãos, como revela Emmanuel:

“Não pudera compreender, maiormente, como os outros companheiros, o sentido divino e oculto das lições do Evangelho. O sacrifício inspirava-lhe indisfarçáveis temores”.

Mas será que quando Pedro negou o Cristo não teria dado a si mesmo também tal justificativa, a fim de aliviar a própria consciência? Se fôssemos nós em seu lugar, nos entregaríamos também sem resistência, ou utilizaríamos das mesmas prerrogativas?

Seria Tiago menos cristão por não reagir como Pedro, João, Filipe ou Estêvão? Ele estava certo em resguardar-se para continuar a obra, ou estaria buscando um argumento sublime para proteger a si mesmo da morte?

Emmanuel elucida que para Tiago, *“fora o código do Judaísmo (a Torá) o talismã que o conservara em liberdade”*.

Importante esclarecermos que, de acordo com a doutrina espírita, tal fato não tem razoabilidade, pois, de acordo com a questão 553 de O Livro dos Espíritos – Efeito dos talismãs:

“Não há nenhuma palavra sacramental, nenhum signo cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais”.

Mas nem todos agiram sem defesa; Samônio, por exemplo, levantou-se e reivindicou de Saulo informações. Pelo profundo reconhecimento e gratidão pelo pai espiritual dos “filhos do Calvário”, Simão Pedro, Samônio vai dizer a Saulo:

“Para vós sou imundo, mas para Simão Pedro sou um irmão. Nós, os miseráveis de Jerusalém, haveremos de lutar convosco. Se vos negardes a atender nossas súplicas, envenenaremos vossos poços. Pagareis a perversidade com a saúde e com a vida”.

Será que nós também conferimos valor a outrem com base no que ele tem a nos oferecer? Seria essa a razão da fraternidade atualmente se tornar um grande desafio?

E nesse ponto, não obstante o momento de desespero compreensível, seria justificável tal

ameaça de vingança? Como último recurso, seria justificável?

Este é mais um momento da obra quando percebemos que Saulo já estava sendo tocado, como Emmanuel vai traduzir:

“O próprio Saulo, intimamente, estava comovido; entretanto, não desejava trair-se a si mesmo, deixando-se vencer pela emoção que o quadro lhe provocava”.

E de fato, nada adiantou para dissuadi-lo. Saulo promoveu um êxodo de grandes proporções, o que acabou servindo para o espalhamento da mensagem do Evangelho por aquelas cercanias, tendo se convertido na mola central do movimento de perseguição aos cristãos.

Será que nós também, guardadas as devidas proporções, também não cometemos os pequenos e cotidianos abusos de autoridade?

Saulo decide propor a morte dos três (Pedro, João, Filipe), com a de Estêvão pelo apedrejamento, o que acaba sendo modificado, conforme já visto, pela conciliação e intervenção de Gamaliel. Deste modo, Pedro e Filipe permaneceriam em Jerusalém, com tarefas restritas de assistência, João seria banido da cidade e Estêvão, apedrejado. Como Emmanuel vai transcrever:

“Já propus, publicamente, a lapidação, e não vejo motivos para transigir, porque, para escarmento, pelo menos um dos discípulos do carpinteiro deve morrer”.

Saulo decide propor a morte dos três (Pedro, João, Filipe), com a de Estêvão pelo apedrejamento, o que acaba sendo modificado, conforme já visto, pela conciliação e intervenção de Gamaliel. Deste modo, Pedro e Filipe permaneceriam em Jerusalém, com tarefas restritas de assistência, João seria banido da cidade e Estêvão, apedrejado. Ainda citando a transcrição de Emmanuel:

“(...) Concordo com a libertação dos três primeiros (Pedro, Filipe e João), com uma condição. Por serem casados, Pedro e Filipe poderão continuar em Jerusalém, restringindo suas atividades ao socorro dos doentes e necessitados; João será banido, mas Estêvão deverá sofrer a sentença decisiva”.

Fato que o fará se arrepender, aliás, muito amargamente mais tarde.

Pensando neste exemplo, podemos pensar em nossa própria percepção de vida e nos chamados que o Cristo nos oferece: no caso de Saulo, a intervenção amorosa de Gamaliel, a doçura de Abigail, a generosidade de Simão Pedro, a gratidão pelos Apóstolos dos estropeados da Casa do Caminho, a hospitalidade de Ruth e Zacarias em relação a ele.

E nós? Por quantos meios Cristo nos tem chamado e nós fingindo demência, surdez e cegueira? Precisamos pensar sobre as oportunidades de aprendizado perdidas por orgulho e egoísmo.

**Capítulo 12**  
***Capítulo 8 da obra P&E – A morte de Estêvão. Temática: Abigail reconhece Estêvão***

*“Horas a fio o jovem tarsense embevecia-se a ouvi-la, como se os seus sentimentos de bondade fossem alimento suave para sua alma, que os raciocínios rígidos do mundo costumavam rescaldar. Ele, que não experimentara as aventuras galantes do tempo, cioso de conservar pura a consciência em face da Lei, descobrira na criatura eleita a personificação de todos os sonhos de sua mocidade esperançosa”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 8 – A morte de Estêvão).**

Saulo parecia conservar uma dupla personalidade, ou melhor dizendo, exibia duas faces de uma mesma existência com aspectos do seu temperamento visivelmente diferentes; ao lado de Abigail, era doce, protetor, amável, aberto, expansivo em suas manifestações de carinho; nas lutas de Jerusalém era enérgico, caprichoso, insensível e obstinado. Conforme Emmanuel nos traz:

*“(…) Tinha a impressão de que o mundo era um campo de batalha, no qual lhe cabia*

combater pela lei de Deus; todavia, como o Eterno era justo e generoso, concedera-lhe, na dedicação de sua eleita, um pouso de consolação”.

Saulo efetivamente estava convicto de que cumpria um honroso dever, no entanto, estivera profundamente equivocado. Essa visão, do mundo como uma batalha sangrenta, era muito comum entre os judeus do Antigo Testamento, ainda mesmo entre os profetas. Por exemplo, para Elias<sup>28</sup>:

“Se eu sou um homem de Deus, que desça fogo do céu e te devore a ti e aos teus cinquenta”.

Situação inclusive que foi repetida pelos Apóstolos, já no Novo Testamento<sup>29</sup>, e repreendida por Jesus:

“E mandou mensageiros adiante de si; e, indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem pousada, mas não o receberam, porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém. E os seus discípulos, Tiago e João, vendo isto, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez? Voltando-se, porém, repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens,

---

<sup>28</sup> 2 Reis, 1:10.

<sup>29</sup> Lucas, 9:52-56.

mas para salvá-las. E foram para outra aldeia”.

Que importante aprendizado! Mas não para por aí. Josué <sup>30</sup>e também Joel<sup>31</sup> manifestaram essa face mais inflexível da justiça:

(Josué): “Iahweh é um Deus ciumento, que não suportará as vossas transgressões, e se o abandonardes, ele vos consumirá”

(Joel): “Diante dEle (Iahweh) o fogo devora, atrás dele a chama consome; é como o ruído de carros de guerra, que saltam sobre os cumes das montanhas”.

Emmanuel vai anotar ainda que “*Abigail era o seu mundo sentimental*” (para Saulo). Será que isso é saudável? Qual o limiar da dependência emocional e do amor real?

Saulo anulava e reprimia qualquer expressão emocional em outros contextos, para realizar-se exclusivamente com Abigail. Será que nós também fazemos isso?

A sabedoria consiste em conciliar a inteligência cognitiva e emocional; a visão de justiça de Saulo não conciliava amor e caridade. Saulo também não parecia viver a experiência da fraternidade.

---

<sup>30</sup> Josué, 24:19-20.

<sup>31</sup> Joel, 2:3-5.

Embora possuísse uma irmã, Dalila, como seria sua expressão de amor fraternal? Nós aprendemos, no seio da família, neste modelo parental, o protótipo de nossas futuras relações que estabeleceremos com os outros.

E para Abigail, como era essa relação? Emmanuel vai descrever que:

“Abigail aparava as arestas do seu caráter violento e rude, cooperava para que atenuasse o rigor das decisões autoritárias”.

A que preço? De renúncia, anulação, inteligência?

Escrevemos um livro <sup>32</sup>sobre a relação entre Saulo e Abigail, mas é oportuno tecermos algumas considerações sobre este casal, também nesta obra.

Primeiro, pouco se sabe sobre Abigail; Saulo inclusive não deu detalhes em suas epístolas, nem Lucas em Atos dos Apóstolos (pensamos, por proteção e amor).

Segundo, é-nos sabido que a sociedade hebraica era mais patriarcal do que outras no mesmo intervalo

<sup>32</sup> PAULA. P. L. Saulo e Abigail: Abordagem de polaridades psíquicas. Salvador, BA. 10/2020. Link na Amazon: <https://www.amazon.com.br/dp/B08KTYR5ML>

temporal, como a sociedade egípcia. As mulheres casadas eram sustentadas por seus maridos e as mulheres solteiras pelos pais.

As mulheres se casavam muito jovens, não raro na adolescência, e a mulher não tinha direito ao nome completo, sempre precisava de uma referência: de quem era filha, de quem era esposa, de que região provinha.

Uma das falas de Abigail que mostra com muita clareza essa submissão é: *“Não tenho como desaprovar as tuas ilações – concluiu a jovem, condescendente”*.

Abigail é um nome bíblico, presente em 1 Crônicas, 1, 2 Samuel, esposa de Nabal, homem rico, mas rústico de Naom.

Outro fato marcante é a ternura e afabilidade de Abigail nos saltam aos olhos na descrição de Emmanuel:

“Abigail, na candidez dos seus dezoito anos, era um gracioso resumo de todos os encantos das mulheres da sua raça. Os cabelos sedosos caíam-lhe em anéis caprichosos sobre os ombros, emoldurando-lhe o rosto atraente num conjunto harmonioso de simpatia e beleza. No entanto, o que mais impressionava, no seu

talhe esbelto de menina e moça, eram os olhos profundamente negros, nos quais intensa vibração interior parecia falar dos mais elevados mistérios do amor e da vida”.

A amizade e identificação profunda entre os irmãos Jeziel e Abigail era tocante. Abigail tinha em seus braços a proteção de menina que tanto ansiava. Para Jeziel, “A irmã querida constituía sempre o tesouro afetivo de toda a sua vida”. Jeziel tinha uma vida reta, dedicada ao dever, ao trabalho e obediência ao pai, ao estudo da lei e a afeição por sua irmã tão amada.

Este retrato parecia muito diferente da relação entre Saulo e Dalila, daí os ciúmes dele: “Abigail, amarias a teu irmão mais do que a mim?”

Numa confissão a Sadoque, Saulo contou que estando em companhia de Alexandre e Gamaliel, foi na casa de Zacarias que conheceu Abigail:

“Acolhido generosamente em sua casa, agora farta e feliz, ali conhecera na jovem Abigail um terno coração de menina, dona dos mais belos predicados morais que pudessem exornar uma filha da sua raça. Era, de fato, o seu ideal de moço: inteligente, versada na Lei e, sobretudo, dócil e carinhosa. Adotada pelo casal como filha muito cara, havia sofrido amargamente em Corinto, ali deixando o pai morto e o irmão escravizado para sempre. Havia três meses que se conheciam, permutando-se as

mais risonhas esperanças e, quem sabe? Talvez o Eterno lhes reservasse a união conjugal, como coroamento dos sonhos sagrados da juventude”.

Então, de fato, estamos testemunhando um autêntico apaixonamento, e muito provavelmente um reencontro de almas. Abigail tocava profundamente o coração impetuoso de Saulo, como mulher alguma foi capaz de lograr.

Ele, sempre habituado aos mais bem elaborados raciocínios, educado na Lei, havia *guardado os impulsos do coração com pureza*, o que implica dizer, era casto e celibatário. Acostumado às práticas esportivas, como as corridas de bigas, havia reservado o momento de sua realização afetiva para quando de fato pudesse encontrar aquela que seria a eleita do seu coração.

Abigail sempre ponderava as ações de Saulo, tendo o cuidado para não provocar uma maior tensão no noivo resoluto quanto ao fato dela presenciar apenas o final do julgamento:

“Em qualquer hipótese – advertiu a jovem depois de refletir um momento – convém proceder com serenidade e prudência, para evitar os abusos de autoridade. Quem sabe são criaturas mais necessitadas de educação que de castigo?”

Demonstrava igualmente profunda inteligência emocional, sempre lhe reservando conselhos amorosos, conforme Emmanuel irá transcrever:

“Mas não haveria um meio de modificar, ao menos, a pena arbitrada?”

Referindo-se à questão do cristão Estêvão, que o havia “afrontado”, apontando a excelsitude de Jesus, vai dizer:

“Não haveria um meio de me poupare a esse espetáculo? – insistiu, timidamente. – A morte de meu pai, no suplício, diante da soldadesca brutal, jamais me saiu da mente”.

A prudência, a amabilidade e a compreensão profunda estava presente em seus mínimos gestos, não obstante a pouca idade. Em tudo buscava a conciliação, a fim de manter-se sempre em harmonia na relação; referindo-se à insistência de Saulo de fazê-la presenciar o espetáculo do apedrejamento de Estêvão, disse:

“Vejo que tens muita razão. Não devo discutir os teus conceitos, sábios e justos.

Aliás, tenho mesmo a intenção de conquistar a amizade dos teus amigos do Sinédrio, pois não perco a esperança de proteção para o caso de Jeziel, logo que se ofereça uma oportunidade para novas pesquisas na Acaia. Mas ouve, Saulo: se me permitires, irei quando a cerimonia estiver a findar. Está dito?”

Saulo e Abigail são duas personalidades de Espíritos imortais que protagonizaram uma bela historia real, e suas vidas provavelmente seguem, como diz Emmanuel “*entrelaçadas de misteriosa beleza*”, junto a Estêvão, o primeiro mártir do Cristianismo Primitivo.

Portanto, deve ser sempre cuidadosa e, infelizmente, também sempre é superficial qualquer análise sobre o relacionamento entre Saulo e Abigail, uma vez que qualquer inferência sobre este relacionamento, o qual imensamente admiramos e dignamos o máximo respeito, nos escapa.

Primeiro, porque não convivemos ou conhecemos os personagens mais proximamente, segundo, porque não contamos com o relato ou discurso deles para analisá-los nesse nível de profundidade.

Mas independente do nosso nível de conhecimento ou pretenso conhecimento sobre o relacionamento entre Saulo e Abigail, podemos antecipar algumas

conclusões: o amor entre eles é profundo, intenso e inquestionável.

E isso poderá chocar aqueles que se debruçam na obra Paulo e Estêvão e testemunham certas ações censuráveis e até repugnantes de Saulo, inclusive em relação à própria Abigail, mas é importante não nos esquecer a neblina carnal obnubila sentimentos e expressões da emotividade, sobretudo as mais sublimes e sutis, muitas vezes reprimidas pelo ego.

Mesmo Paulo, já vindo com uma missão apostolar, no início da carreira, como vemos até este momento da obra, confunde-se, aturde-se e quase descaminha-se.

A menção a este planejamento reencarnatório se encontra no capítulo primeiro de sua epístola aos Gálatas<sup>33</sup>:

“Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo. Porque já ouvistes qual foi antigamente a minha conduta no judaísmo, como sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava. E na minha nação excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Mas, quando aprouve a Deus, que

<sup>33</sup> Gálatas 1:11-17

desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, Revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consulte a carne nem o sangue, nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco”.

E com tudo isso, com base nas narrativas do Espírito Emmanuel, ficamos motivados a reflexionar em torno do relacionamento entre Saulo e Abigail, considerando que este esforço nos é útil por diversas razões: primeiro, para tornar a história deles cada vez mais viva em nossa memória; e segundo, para aprender com eles algo de nossas relações, examinando o terceiro ente, a intersubjetividade relacional, que sempre se forma nos vínculos.

Com base no relacionamento entre Saulo e Abigail, podemos buscar algum conhecimento sobre a nossa humanidade nessa representação, e aprender sobre a subjetividade, intersubjetividade e a relação que estabelecemos com a imagem do outro.

Para entender um pouco melhor o relacionamento entre Saulo e Abigail, da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, podemos nos apropriar de dois conceitos ou dos dois principais arquétipos antropomórficos da mente inconsciente, Anima e Animus.

Os arquétipos são elementos estruturais da psique, como matrizes do comportamento humano, formando a base da organização da consciência – uma espécie de categoria básica para pensarmos os processos psíquicos reconhecidos em diversos indivíduos, em diferentes culturas.

De forma muito simples, homens e mulheres carregam os elementos masculino e feminino em seu psiquismo, *Anima* é o elemento feminino ínsito numa personalidade de homem e *Animus* é o elemento masculino ínsito numa personalidade de mulher.

O autor John A. Sanford, autor da obra “Os parceiros invisíveis”, nos diz que:

“Os relacionamentos, e em especial, os apaixonamentos, começam, em geral, com uma projeção de nossa Anima ou Animus no parceiro”.

Assim, o encantamento entre Saulo e Abigail é fruto dessa interação, e, consideremos que Saulo então projetou em Abigail o aspecto positivo da imagem de sua Anima: a candidez, a ternura, a castidade, o aparente desamparo, o abandono, a necessidade de proteção, de acolhimento e afabilidade de Abigail. Assim, Abigail se tornou sumamente desejável para ele.

O ímpeto de protegê-la passou a representar uma irresistível força de atração, porque supriria dois pontos: primeiro, protegendo-a, Saulo cuidava de si mesmo, por reunir em Abigail tudo que dizia respeito à sua vida emocional; segundo, a partir dessa relação constituir-se-ia o lar enquanto conjugalidade que, mais tarde, daria origem à família, deixando-o no honroso exercício do dever (sustentar a casa).

Num dos seus diálogos Saulo inclusive vai confessar:

“Com que ansiedade esperei-te no caminho da vida!...Meu pai falou-me do lar e das suas doçuras e eu aguardava a mulher que me compreendesse inteiramente”.

E reciprocamente ocorria com Abigail: “*Teu afeto, Saulo, concentra todos os meus ideais*”.

Para Saulo, Abigail era seu porto seguro, como vai dizer Emmanuel:

“Abigail era o seu mundo sentimental. As lutas de cada dia, as providências rigorosas que lhe impunha o cargo, a rigidez com que deveria tratar as questões confiadas ao seu foro, eram transvazadas no coração da noiva, cheio de amor, de piedade e de justiça. Ela acolhia-lhe as ideias com atenção afetuosa, parecia temperá-las na ternura da alma fraterna, restituindo-as ao

noivo amado em forma de sugestões carinhosas e justas”.

E para Abigail, Saulo representava a proteção e fortaleza que buscava:

“Abigail extasiava-se, ouvindo-o discorrer. Aquele moço impulsivo e rude a olhos estranhos, mas afetuoso e sensível na intimidade, era justamente o seu ideal, o homem esperado pela sua alma carinhosa. – Ninguém poderá oferecer-me um presente mais precioso que o enviado por Deus à minha existência, com o teu coração leal e generoso – murmurou a jovem num franco sorriso”.

Embora reconheçamos o muito provável reencontro dessas almas afins, não podemos deixar de observar que Saulo ainda precisaria ser lapidado pelas experiências da vida a fim de viver seu amor profundo e imenso por Abigail, pois constatamos que havia o suave encantamento do namoro permeado pelas juras de amor e interação de fantasias, e até aqui podemos lançar uma primeira hipótese (com algum risco) que Saulo poderia estar orgulhoso de sua projeção, e não propriamente de Abigail (enquanto individualidade).

O que acontece é que quando nos apaixonamos por alguém, ainda não tivemos a oportunidade de conhecer profundamente certas características comportamentais que destacam as virtudes e vícios

dessa pessoa (o que de modo algum implica que o sujeito seja destituído deles).

De fato, Abigail tinha dotes psicológicos proeminentes: alegre, contagiante, educada na lei de Moisés; todas essas qualidades fizeram Saulo inclusive suplantar as dificuldades, como o fato de desconhecer as ascendências familiares de Abigail, e ainda assim planejar o casamento; porém, enquanto não percebemos a subjetividade do outro com quem nos relacionamos, não obstante as inquestionáveis qualidades, o vínculo segue empobrecido e frágil (daí a ruptura pouco tempo depois).

John A. Sanford, autor da obra “Os parceiros invisíveis”, faz-nos uma ponderação muito importante: “*Convivência real alguma sobrevive no estado de apaixonamento*”.

Ou seja, quanto mais reais vão se tornando um (parceiro) para o outro, menor a possibilidade das imagens recíprocas fascinantes do inconsciente do casal permanecerem projetadas.

No caso da personalidade de Saulo, constatamos o grande apreço ao seu nome, títulos e o orgulho de sua raça implacável.

Vemos em Saulo certa indiferença ou inabilidade em respeitar a autonomia de Abigail; acostumado

ao tempo inteiro buscar a satisfação da sua vontade, acabou por exercer o controle na relação, em nome de um “*amor proteção*”, ou “*amor cuidado*”.

Abigail precisou enfrentar sucessivos lutos: da sua mãe, do seu pai, do seu irmão (cativo nas galeras romanas e depois morto, pelo seu noivo, apedrejado, caído sem vida em seus braços), da sua vida antiga (após a necessidade de mudança com Ruth e Zacarias).

E depois, sem a carinhosa assistência de Abigail, o futuro rabino parecia um louco, um justiceiro vulgar com uma indiferença criminosa. Experimentava imensa falta da ternura de Abigail. Foram oito meses de lutas desde a morte de Estêvão.

Depois, ela se converteu cristã e passou a ter a percepção da imortalidade da alma. Com a morte de Abigail, a ideia de conceber um lar por parte de Saulo fora enterrada junto. E após a sua própria conversão, Saulo decidiu que se entregaria ao Cristo doravante, como simples escravo do seu amor.

Ou seja, para finalizar essa breve abordagem sobre a relação entre Saulo e Abigail, importante dizer que se enxergamos o outro enquanto individualidade, já demos um passo em direção ao relacionamento meramente projetivo, pois permite

ao indivíduo expandir sua capacidade de amar e se relacionar com outro ser humano; mas isso não é suficiente.

A realização plena ocorre quando o relacionamento com o parceiro é ponte para a integração conosco mesmo: se pudermos nos perceber, nos aceitar, nos amar e nos realizar.

Podemos analisar algumas frases citadas por Emmanuel na obra para identificar como Abigail (e até mesmo Ruth) exerciam esse papel feminino àquela época e com que proveito.

“*Abigail e Ruth escutavam silenciosas*”, referindo-se à conversação entre Saulo de Tarso e Zacarias. Analisando o contexto histórico e cultural da mulher na época, sabemos que havia uma espécie de padrão imposto e generalidade da mulher devotada ao lar, ao entendimento, à submissão (muito diferente do discurso de empoderamento feminino pós-moderno). Pensando nesse contexto, poderíamos pensar: essa experiência seria, para o Espírito, uma oportunidade de iluminação? Quem ouve em silêncio, fala com mais proveito?

“*Saulo naturalmente esclareceu o assunto a seu modo*”, referindo-se à contundência de Saulo ao apresentar Estêvão como um israelita equivocado e completamente desviado das tradições religiosas judaicas. Daí a importância de ouvir todos os lados,

que contêm várias dimensões da verdade. Entretanto, não parece que Abigail tenha necessariamente sido convencida pela opinião de Saulo, tanto que buscando sempre ponderação e equilíbrio, pede a ele que em último sempre conceda a oportunidade de retratação do prisioneiro, apelando à misericórdia e complacência ao contrário da violência e intransigência, por exemplo: “Não haveria um meio de modificar a pena arbitrada?”

Mas Abigail não parecia ter muito espaço para argumentação por parte de Saulo que, não obstante a posição sempre muito conciliadora de Abigail, era sempre enfático: “Que desejarias que fizéssemos?”, “De mim para comigo estou satisfeito”.

E para evitar suscetibilizá-lo, já que frequentemente ele mudava o rumo da conversação que não lhe agradava, *Ruth manda servir uma taça de vinho reconfortante.*

Será que Saulo efetivamente via Abigail enquanto ser humano, em toda sua totalidade e individualidade? Como Carl Gustav Jung vai dizer:

“O encontro de duas personalidades assemelha-se ao contato de duas substâncias químicas; se alguma reação ocorre, ambos sofrem uma transformação”.

O que Saulo concedia ao ser humano Abigail? Espaço? Entendimento? Compreensão? O que lhe dava? E ao mesmo tempo, por que dela, alguma coisa, ele acatava? O fato é que o peso de sua inflexibilidade demonstra seu desequilíbrio emocional.

Tal aspecto, tão importante em nossa vida psíquica, é de tal monta que constrói a visão que temos da felicidade e infelicidade.

Pensando no dia triunfal do apedrejamento de Estêvão, Saulo chega a afirmar a Abigail, conforme nos narra Emmanuel:

“Os romanos outorgam aos triunfadores uma coroa triunfal de louros e rosas. Se um dia Jerusalém me conceder a sua coroa triunfal, não a cingirei em minha fronte, para só deixa-la a teus pés como tributo de amor eterno e único”.

Fato interessante é que na obra “Há dois mil anos”, pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier, há uma menção muito similar por parte de Publius Lentulus, em relação a sua esposa, Lívia Lentulia:

“Publius Lentulus, que seria um dos homenageados na festa memorável, aguardava ansiosamente o momento de, recebida a auréola do supremo triunfo na

vida pública, levá-la-ia aos pés da esposa, como símbolo perene do seu afeto”.

Outro ponto digno de nota é o desejo de Saulo de vencer suas más inclinações:

“Presumo que, tendo-te ao meu lado, corrigirei meus impulsos, a tarefa ser-me-á mais leve, a existência mais fácil e mais ditosa. O lar é uma bênção. E nós teremos esse lar”.

Mas será que Saulo estaria realmente, naquele momento, disposto a se transformar e empregar os esforços necessários para reformar o caráter, autorregulando suas emoções?

E qual o lugar nessa relação que Abigail queria? Ela evitava discutir e buscava sempre a conciliação de propósitos em tudo; ela estaria também buscando apenas seus interesses, manejando a situação muito habilmente? Em breve, casar-se-ia com um futuro rabino, desejava reencontrar seu irmão e Saulo possuía amizades que dariam a ela os recursos necessários a esse feito. Ela sempre buscava uma negociação, de forma muito amável e cordata: *“Se permitires, irei quando a cerimônia estiver a findar, está dito?”*

E Saulo definitivamente fica cômico de que está imbuído de executar um sagrado dever:

“Espero, porém, que assistas a tudo com serenidade, segura de que eu só poderia tomar encargos justos e decisões estimáveis no cumprimento do dever (...). Podes crer que tudo fiz para evitar o derradeiro recurso”.

Por quanto tempo ele devia ter imaginado que enganaria a si mesmo? Afinal, ele havia criado as próprias regras, com suas exceções! E de onde vem a necessidade de tornar clara sua intenção, para buscar admiração e entendimento das atrocidades que comete, senão da intuição de estar cometendo um crime por orgulho?

E ao apresentar Abigail à sociedade de Jerusalém, Emmanuel vai descrever:

“O doutor de Tarso sentia-se orgulhoso ao notar a admiração geral por causa de sua (de Abigail) personalidade vibrante e carinhosa”.

E com base nisso, podemos pensar: será que também fazemos isso com nosso cônjuge e filhos? Isso seria legítimo amor ou a mais tola e frágil vaidade?

No lamentável dia, Estêvão estava fisicamente depauperado: o passo tardio, o cansaço extremo, hematomas nas mãos e nos pés, rosto desfigurado,

mas continuava com a mesma serenidade impassível.

A multidão, furiosa e delirante, protagonizava um lamentável espetáculo de agressão gratuita e ultrajante.

Humilhado, envergonhado, trêmulo, com o rosto banhado em lágrimas, Estêvão perdia-se envolvido nas doces lembranças: a infância saudosa, o zelo materno, as nobres aspirações da mocidade, a dedicação paterna, a saudade imensa da irmã.

E poderíamos pensar: e nós, no lugar de Estêvão? Teríamos uma fé suficientemente robusta? Naquele momento afligente, como reagiríamos? E nossos melindres perante tantos requintes de crueldade e sarcasmo?

E nesse ínterim, vai refletir, no auge de sua humildade:

“Quem sou eu e quem era o Cristo? Por que sendo homem falível, portador de numerosas fraquezas, haveria de hesitar no momento do testemunho?”

Aquele era o primeiro processo concernente às atividades da igreja cristã primitiva (contra os homens “do Caminho”) após a morte de Jesus, daí chamarmos Estêvão de “O Primeiro Mártir do Cristianismo Primitivo”.

Cada sinagoga estava ali representada por um delegado muito bem vestido com seus “*mantos brilhantes enfeitados de púrpura*”, que num ato político, unia-se ao povo enlouquecido na cena abominável do apedrejamento.

Para Saulo, com os olhos do mundo, era o “*primeiro grande triunfo na conquista das atenções de Jerusalém e das prestigiosas corporações políticas*”; do ponto de vista espiritual, era um crime nefando.

Entretanto, Emmanuel vai traduzir o que se passava em seu mundo íntimo:

“Aquele tranquilidade de Estêvão, no entanto, não deixava de impressioná-lo (Saulo) bem no imo do coração voluntarioso e inflexível. Onde poderia ele haurir tal serenidade?”

Uma dor indizível, mas, conforme Emmanuel nos retrata, Estêvão “*sentia-se amparado por forças poderosas e intangíveis*” e provavelmente mal chegou a sentir as dores mais lancinantes, uma vez que “*tinha a impressão que duas mãos cariciosas passavam de leve sobre as chagas doloridas, proporcionando-lhe branda sensação de alívio*”.

Diversos pintores retrataram a lamentável cena, como Annibale Carracci nos quadros “O

apedrejamento de Santo Estêvão” e “O martírio de Santo Estêvão”, pinturas de óleo sobre cobre, expostas no Musée du Louvre (Paris, França).

Continuamos com mais detalhes nos próximos capítulos.

## Capítulo 13

### *Capítulo 8 da obra P&E – A morte de Estêvão. Temática: Saulo se separa de Abigail*

O êxtase de Estêvão foi narrado no livro de Atos<sup>34</sup>: “*Vejo os céus abertos e o Filho do Homem em pé, à direita de Deus*”. De acordo com a questão 439 de O Livro dos Espíritos:

“O Espírito do extático vê e compreende a felicidade dos mundos superiores para os que ali habitam”.

O que parecia uma antecipação à realidade espiritual que o aguardava após seu martírio.

Mas, ao nosso ver, faltava ainda a última e mais difícil lição: a do perdão da vítima em relação ao algoz, como vai descrever Emmanuel:

“(…) Vendo que Jesus contemplava, melancolicamente, a figura do doutor de Tarso, como a lamentar seus condenáveis desvios, o discípulo de Simão experimentou pelo verdugo sincera amizade no coração. Ele conhecia o Cristo e Saulo não. Assomado de fraternidade real e querendo defender o perseguidor, exclamou de modo

---

<sup>34</sup> Atos, 7:56.

impressionante: - Senhor, não lhe imputes esse pecado!...”

Isso nos lembra o próprio Cristo<sup>35</sup>, no Calvário, na cruz de ignomínia: *“E dizia Jesus: Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes”*.

Em meio a tantos tormentos, Estêvão ouvia ao longe o coro dos anjos e sentia que o próprio Cristo *“acariciava-lhe a fronte, onde a última pedrada abrira uma flor de sangue”*. Aquele momento final, bem próximo a desencarnação de Estêvão parecia postergado, a fim de ajudar na pedagogia do ensino por parte do futuro Apóstolo dos Gentios.

E em meio a toda a macabra festa, o reconhecimento de Abigail: era Jeziel, seu irmão. Diligente, Saulo pede que o retirem para o gabinete dos sacerdotes e manda servir mais vinho para os seus amigos e admiradores.

É como nos diz o Espírito Lacordaire, na mensagem O orgulho e a humildade, item 11 do capítulo VII Bem aventurados os pobres de espírito:

“A humildade é uma virtude muito esquecida entre vós. (...) O orgulho é o terrível adversário da humildade. (...) Se soubésseis quantas lágrimas e dores sem

---

<sup>35</sup> Lucas, 23:34.

conta se ocultam sob esses vestidos bordados, quantos suspiros se asfixiam sob o ruído dessa orquestra feliz, preferirias teu humilde retiro e tua pobreza”.

E na acústica da alma, Saulo refletia:

“(...) Que significava tudo aquilo? Não poderia duvidar. A vítima de sua perseguição implacável era o irmão bem-amado da mulher escolhida. Que mecanismo do destino engendrara semelhante situação que lhe havia de amargurar toda a vida? Onde estava Deus, que não o inspirara no dédalo de circunstâncias que o levaram até àquele irremediável, cruel desfecho (...)?”

Como assim, onde estava Deus? E se pudéssemos, o que diríamos para advertir Saulo de tantos enganos? Que Deus estava na doçura e afabilidade de Abigail? Na sensatez e ponderação de Gamaliel? Na fraternidade de Simão Pedro? E nós, também não nos enganamos e fazemos a mesma pergunta de Saulo?

E o que aconteceria a Saulo se ele ali, naquele exato momento, assumisse seu erro publicamente? Ele já estava pronto para isso? Emmanuel vai retratar o panorama psíquico daquele minuto:

“Sentiu-se possuído de um pesar sem limites. Ele, que elegera Abigail o anjo tutelar da existência, seria obrigado a

renunciar a esse amor para sempre. O orgulho de homem não lhe permitiria desposar a irmã do suposto inimigo, confessado e julgado reles criminoso”.

Ou seja, ali Saulo parecia protagonizar uma renúncia não por abnegação, mas por orgulho – a desistência do seu ideal para não ferir a reputação de político -.

E na última conversa entre Jeziel e Abigail, o irmão falou-lhe sobre o Cristo:

“Jesus é o nosso Salvador. Agora me chamam Estêvão, porque um romano generoso me libertou, mas pediu segredo. Ninguém será reconhecido a Deus se não mostrar agradecimento aos homens...(...) Jesus a mim ensinou-me a amar os próprios verdugos...”

E morreu abençoando o futuro casamento entre Abigail e Saulo, com a predição de que quando Saulo conhecesse Jesus, servi-lo-ia com o mesmo fervor. A reação emocional de Saulo não tardou:

“Ouvindo-lhe, o doutor de Tarso fizera-se lívido. Queria ser odiado, maldito. A compaixão de Estêvão impressionava-o fundamente. Trabalhava, porém, para não se comover com a cena dolorosa. Abominaria aquele Cristo, que parecia requisitá-lo em toda parte, a ponto de se colocar entre ele e a mulher adorada”.

O ódio esconde uma grande dor. Qual era a dor de Saulo de Tarso? A do capricho não atendido?

Nós também achamos que o Cristo tem se colocado entre nós e nossos próprios interesses? Qual o capricho não atendido que nos é causa de revolta e insubordinação?

Saulo abandona Abigail porque não poderia conciliar o casamento com o peso da consciência de ter assassinado o irmão da mulher amada, como explica Emmanuel:

“Se desposasse Abigail, jamais seriam felizes. Ele seria o verdugo, ela a vítima. Além disso, sua família, aferrada ao rigorismo das velhas tradições, não poderia tolerar a união, depois de conhecidas as circunstâncias”.

Aquele foi mais um duro golpe de perda em Abigail – certamente mais doloroso que um açoite no corpo físico -. E para Saulo também, que *“levou as mãos ao peito, dominado por angustioso desalento”*.

Entretanto, não obstante a situação dramática, Abigail não opta pelo vitimismo; parece deixar de lado os caprichos de mulher e apela para a afeição sincera, para além da relação homem e mulher, mas Saulo, enceguecido, é incapaz de aceitar.

Emmanuel vai retratar o quanto ele teve ímpetos de estreitá-la ao coração, o quanto quis avançar, abraça-la contra o peito, mas o futuro rabino não poderia ser vencido: “*o doutor da Lei rígida e implacável devia sufocar o homem para sempre*”.

Por quanto tempo, nos perguntamos, tal repressão iria ser sustentada, antes que ele desmoronasse e se devastasse interiormente?

Ao mesmo tempo, frente àquela resolução inderrogável, Abigail vai refletir:

“Que poderia ter o Nazareno para atrair tantas dedicações e provocar tantos ódios? Para seduzir um caráter cristalino como o de Jeziel, o Cristo não poderia ser um homem vulgar. Sentia-se agora atraída para aquele Jesus desconhecido e odiado injustamente. Que lhe não reservaria ao seu coração sedento de carinho e de paz?”

Pensamos, então: quem houvera triunfado?

## Capítulo 14

### *Capítulo 9 da obra P&E – Abigail cristã. Temática: A morte de Abigail*

“*Reclinada no leito, assistida pela afeição maternal de Ruth, a moça de Corinto estampava no rosto um profundo abatimento. Muito magra, a epiderme adquirira a cor do marfim, mas o olhar lícido denotava absoluta calma espiritual. Carinhosa serenidade estampava-se-lhe na fisionomia entristecida (...)*”.

**(Emmanuel, no Capítulo 9 – Abigail cristã).**

As perspectivas para a vida de Saulo antes da separação com Abigail eram as melhores, sob o ponto de vista da vida no mundo material: estava prestes a ocupar o cargo deixado por Gamaliel, que houvera se internado no deserto para meditar profundamente sobre os enigmas da vida; havia prometido ceder o corpo de Estêvão para o sepultamento e as devidas honrarias pela vítima da Igreja do Caminho; entretanto, pelo tutor e amigo Gamaliel, era considerado algoz e não propriamente um defensor da Lei equilibrado e sensato.

Ao confabular com o futuro rabino, Gamaliel vai expressar suas cogitações, conforme nos narra Emmanuel:

“Em nossa existência chega uma fase em que não nos é lícito intervir nos problemas coletivos; todavia, em qualquer idade, podemos e devemos operar a iluminação ou o aprimoramento de nós mesmos. (...) Buscarei a solidão para encontrar a verdade”.

Essas palavras envolvidas em muita ternura e sabedoria também nos falam mais alto ao coração; quantas vezes nós cogitamos profundamente sobre os fatos da vida, operando uma espécie de balanço das ocorrências mais relevantes e avaliando a nossa posição; se repetiríamos, se faríamos de outro modo, se nos arrependemos, se tomaríamos outros caminhos. É bem verdade que esse trabalho de autorreflexão precisa de muita coragem e serenidade, pois não deve implicar num autoflagício recriminatório, uma vez que a maturidade hoje conquistada é diferente daquela que tínhamos em tempos idos, mas deve funcionar como análise do aproveitamento dos recursos concedidos por Deus para que nossas experiências se convertam justamente em sabedoria e caridade.

Após o afastamento de Gamaliel e o término do relacionamento com Abigail, o doutor da Lei mergulha num abismo emocional sem precedentes. Ele sufocou as próprias emoções e converteu toda

dor, saudade, remorso em ódio surdo e obscuro lançado contra todo e qualquer que fosse servidor da Verdade Divina.

Emmanuel vai descrever o lamentável quadro:

“Impiedosas devassas <sup>36</sup>foram ordenadas a respeito de todas as famílias que revelassem inclinação e simpatia pelas ideias do Messias Nazareno. (...) Obcecado pela ideia de resguardar o patrimônio farisaico, o moço tarsense entregava-se aos maiores desmandos e tiranias”.

No livro de Atos<sup>37</sup>, Lucas, anos mais tarde, também irá fazer um registro da ocorrência:

“Ora, Saulo estava de acordo com sua execução (Estêvão). Naquele dia, desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja de Jerusalém. Todos, com exceção dos apóstolos, dispersaram-se pelas regiões da Judeia e da Samaria”.

Abigail, que já houvera colecionado outras perdas, e pensamos, já estava com trabalhos de luto em processo, e depois deste último golpe, fica acamada com febre alta e pede para retornar à casa de Ruth e Zacarias.

---

<sup>36</sup> Termo jurídico que indica a apuração minuciosa de ato criminoso mediante pesquisa e inquirição de testemunhas.

<sup>37</sup> Atos, 8:1.

Profundamente abatida, Abigail vê passarem os dias sem tantas esperanças. Magérrima, sem viço, não tendo proferido uma palavra sequer a Ruth e Zacarias sobre o ocorrido, quase os matava de preocupação, não obstante o esforço de transparecer que tudo estava, dentro do possível, bem. Seria este o fim definitivo?

Saulo, por outro lado, parecia enceguecido de loucura; nas palavras de Emmanuel:

“Como se fora tocado de verdadeira alucinação, ao substituir Gamaliel nas funções religiosas mais importantes da cidade, Saulo de Tarso deixava-se fascinar por sugestões do fanatismo cruel”.

E diante disso, poderíamos cogitar: será que o médium extraordinário, futuro Apóstolo dos gentios, não estaria fascinado (gênero obsessivo)? Kardec vai avaliar tal ocorrência em O Livro dos Médiuns, capítulo XXIII – Da obsessão, item 239:

“A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos

de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem”.

Lucas também registrou, anos mais tarde, no livro de Atos<sup>38</sup>:

“Entretanto, alguns homens piedosos sepultaram Estêvão, fazendo grandes lamentações por ele. Quanto a Saulo, devastava a Igreja: entrando pelas casas, arrancava homens e mulheres e metia-os na prisão”.

E diante de tudo isso, pensamos: Gamaliel não teria feito bom negócio se tivesse levado Saulo consigo? E será que Saulo já teria condições de vencer esses padrões obstinados e abrir-se a reflexões mais profundas?

Em O Livro dos Espíritos, questão 742, Kardec vai perguntar: **“O que impele o homem à guerra”**; e um dos trechos da resposta dos imortais parece fazer muito sentido no caso de Saulo: **“Predominância da natureza animal sobre a**

---

<sup>38</sup> Atos, 8:2-3.

*natureza espiritual e transbordamento das paixões (...)*”. Como Emmanuel irá descrever:

“Incapaz de compreender as circunstâncias que lhe haviam modificado os planos e esperanças da vida, (Saulo) imputava o insucesso dos seus sonhos de mocidade àquele Cristo que não conseguira entender. Odiá-lo-ia o tempo que vivesse. (...) Não obstante a perseguição cruel que o transformara em mola central de todas as atividades contra a Igreja humilde do ‘Caminho’, Saulo sentia que as necessidades espirituais se multiplicavam no espírito sedento de consolação”.

Observamos o quanto de fato não bastará sofrer; a dor que deveria despertar Saulo para que modificasse sua conduta e endireitasse seus caminhos, abrindo seus olhos para a necessária mudança, alimentou ainda mais sua inflexibilidade e rebeldia pela intransigência e incapacidade de abrir-se à compreensão e entendimento.

A dor castigou Saulo de saudade de Abigail, recordando a eleita que abandonara e o seu irmão em agonia no corpo, e não obstante, gozando de indescritível paz de consciência; e em meio a tanto sofrimento, tendo passado oito longos meses de lutas consigo e com o mundo, Saulo resolve revê-la e reconquistá-la, passando por cima de seu orgulho.

Neste momento, segundo observamos, não havia ainda, propriamente, um despertar para a mudança; poderíamos dizer que Saulo havia dado um passo intermediário entre a refratariedade e a transformação. Ele estava sofrendo, mas ainda não tinha amadurecido.

E em meio a essas observações, refletimos: quando é que a dor efetivamente nos conduz ao despertar e à mudança?

O Espírito Emmanuel tem uma mensagem psicografada por Chico Xavier na obra “Vinha de Luz”, capítulo 80, intitulada “Como sofres?”, em que ele vai dizer:

“(...) Quantos corações se transformam em poços envenenados de ódio e amargura, porque pequenos sofrimentos lhes invadiram o círculo pessoal? Não são poucos os que batem à porta da desilusão, da descrença, da desconfiança ou da revolta injustificáveis, em razão de alguns caprichos desatendidos. (...) Todas as criaturas sofrem no cadinho das experiências necessárias, mas bem poucos espíritos sabem padecer como cristãos, glorificando a Deus”.

Saulo sofria reclamando a Deus por que o houvera abandonado e transformado sua vida numa coleção de infortúnios, sendo que era ele, Saulo, o único responsável por tantos padecimentos, não obstante

os chamados que aquele Cristo benevolente e misericordioso lhe enviava.

Intimamente Saulo havia decidido humilhar a vaidade de homem convencionalista e inflexível, e sentia-se reviver, nutrindo de novo as esperanças de um futuro com Abigail. Mantinha firme o propósito de omitir toda e qualquer alusão ao carpinteiro de Nazaré, e experimentando atroz remorso, volta célere, ao encontro de Abigail.

Nesse ponto poderíamos pensar: visto que até esse momento do estudo já sabemos que as relações entre Saulo, Abigail e Estêvão provavelmente eram antigas, pregressas, e que houveram reencarnado com o compromisso de contribuir uns para os outros com a elevação espiritual e divulgação do Evangelho, será que nesse período de afastamento, Estêvão fez visitas espirituais para Abigail e Saulo?

Poderíamos dizer que o adoecimento de Abigail teve Saulo como principal desencadeador? E no caso da sua morte (de Abigail), Saulo deveria ser responsabilizado?

Conforme consta em O Livro dos Espíritos, na questão 642 (grifos nossos):

“Para agradar a Deus e assegurar sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?”

- Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto *responderá por todo mal que haja resultado de não haver praticado o bem*”.

Quando Saulo chega à casa florida de Jope, Zacarias vai dizer:

“- Abigail, há mais de quatro meses, adoeceu dos pulmões e, para falar com franqueza, não temos qualquer esperança. Saulo fizera-se lívido”.

Assim que retornou de Jerusalém, Abigail ficou um mês entre a vida e a morte, definhando, acamada, abatida. Não conservava qualquer queixa nem menção em relação ao que houvera ocorrido, como prova legítima de gratidão e reconhecimento a Saulo, não se recordando senão das benfeitorias e absolvendo um pouco da culpa dele. Mas, intimamente, Abigail não podia enganar os corações amorosos de Ruth e Zacarias: havia ocorrido alguma coisa e Abigail parecia dominada por desgostos profundos que procurava, com todo cuidado, ocultar.

E observando este comportamento estóico de Abigail, não obstante a situação de profunda dor moral, reflexionamos na intimidade do nosso coração: será que um sentimento de gratidão também nos anima quando terminamos um relacionamento, saímos de grupos sociais,

mudamos de casa espírita ou rumamos para outros caminhos?

O fato é que Abigail houvera se convertido cristã justamente neste período; neste momento, até podemos nos colocar no lugar de Saulo e pensarmos que efetivamente ele deve ter cogitado: *“Agora sim, definitivamente esse carpinteiro vulgar se interpôs entre mim e a noiva amada”*.

Zacarias conta o que ocorreu a Saulo:

“- Mais tarde, estagiou uma semana, por aqui, um pobre velho chamado Ananias. Deu-se então um fato estranho: Abigail encontrou-o em casa dos nossos rendeiros e, todas as tardes, detinha-se a ouvi-lo horas a fio, manifestando daí para cá muita fortaleza espiritual. Ao despedir-se, o pobre mendigo deu-lhe como lembrança alguns pergaminhos com os ensinamentos do famoso carpinteiro de Nazaré...”

Imaginemos a contrariedade do caprichoso moço ao saber que sua noiva amada tornara-se dedicada leitora dos escritos de Levi, enchendo-se de profundas consolações! Outra derrota para a sua vaidade! A experiência de Abigail com Estêvão em seus braços, naquela cena trágica do apedrejamento, e em especial no momento derradeiro, quando ele expira em seus braços, falando com tanto carinho do Senhor, causou-lhe, desde então, profundo impacto e curiosidade de

conhece-lo, sabendo da sensatez e madureza espiritual do irmão, que decerto não entregaria a sua própria vida para defender um ideal que não fosse robusto e profundo, fiel aos preceitos divinos.

E Zacarias adiciona:

“- E o fato é que não mais a vimos chorar, embora se lhe não apagasse do semblante abatido a dolorosa expressão de amargura e melancolia. (...) A dor transformou-se-lhe em confortadora expressão de alegria íntima”.

Essa sublimação que Abigail encontra na mensagem de inesgotável esperança do Evangelho é tocante; testemunhamos o sincero esforço da alma resignada em aceitar os desígnios de Deus ao seu respeito, numa entrega sem jaça nem detença. Não é ausência de dor, mas é procurar acolhe-la e entende-la.

Como o próprio Cristo <sup>39</sup>nos disse:

“Vinde a mim vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.

---

<sup>39</sup> Mateus, 11:28-30.

Saulo ainda tenta culpabilizar Zacarias, que ao seu ver, deveria ter impedido o contato com Ananias; e de forma consoante ao que aprendemos em O Livro dos Espíritos – Liberdade de Consciência, Zacarias responde muito bem: **“Quem teria coragem de sonegar o remédio ao doente amado?”**

Saulo agora lamentava o que a insânia o fizera perder...a mudança de conduta não alterou a marcha da enfermidade de Abigail, que conservava sua face sempre serena, mantendo nos olhos profundos uma doce paz íntima, não obstante as severas faltas de ar, numa posição sempre de abnegação e devotamento frente às dolorosas circunstâncias.

O reencontro entre Saulo e Abigail é deveras tocante; Emmanuel irá transcrever:

“- Abigail, abdiquei do meu orgulho e vaidade para perguntar se me perdoaste, se não me esqueceste!

- Esquecer-te? Por mais rude e longa que seja a estação de sol ardente, a folha do deserto não poderá esquecer a chuva benéfica que lhe deu vida”.

A impotência de Saulo é mesma impotência humana perante os desígnios celestes e as consequências de nossas escolhas, pela ação da lei de causa e efeito. Por mais que amemos, só Deus é o doador da vida.

No encontro entre Saulo e Abigail temos uma clara diferença de visão: de um lado, a resignação, enfrentando com coragem a melancolia e o desalento; de outro, o egoísmo e o ciúme.

Abigail tinha aproveitado o momento de dor para aproximar-se do Pai; Saulo, para desencadear perseguições em tramas de ódio.

Abigail vai dizer a Saulo:

“(…) É verdade que não tenho outros amigos mais fiéis e generosos que Ruth e Zacarias; entretanto, não lhes poderia ser mais pesada na vida, além do que sou. Evitei, então, confiar-lhes minhas angústias. Nos primeiros meses da tua ausência, amarguei sem consolo a minha grande desdita. Foi quando surgiu aqui um velhinho respeitável, chamado Ananias, que me deu a conhecer as luzes sagradas da nova revelação. Conheci a história do Cristo, o Filho de Deus Vivo; devorei o seu Evangelho de redenção, edifiquei-me nos seus exemplos. Desde essa hora, compreendi-te melhor, conhecendo minha própria situação”.

Aturdido, Saulo padecia os efeitos de uma luta interna sem tréguas. Seu coração, generoso e impulsivo, queria ditar as ordens do orgulho para ajustar os fatos da vida à sua vontade. E se questionava: **“Por que não encontrava, em parte alguma, a paz anelada ardentemente?”**

O poder sobre a vida do outro não está em nosso controle. Somos administradores mais ou menos fiéis dos dons da vida e sempre responderemos pela aplicação destes recursos.

E Abigail, antecipando o desdobramento de fatos futuros, encerra o colóquio com Saulo, dizendo:

“(...) (Jeziel) trouxe-me a grata nova de que Jesus ama-te muito, tem esperanças em ti! (...) Jeziel afirmou que nós te ajudaremos de um Plano mais alto! (...) Ainda não aceitaste o Evangelho, mas Jesus é bom e terá algum meio de nos unir os pensamentos na verdadeira compreensão! (...)”.

E agora, o que fazer?

**Capítulo 15**  
**Capítulo 10 da obra P&E – No caminho de Damasco. Temática:**  
**“Saulo, Saulo, por que me persegues?”**

“(…) - Um velho, chamado Ananias, está em Damasco perturbando a vida de quantos necessitam de paz nas sinagogas. Não é justo que o mais alto tribunal da raça se desinteresse das coletividades israelitas noutros setores. Proponho, então, estendermos o benefício dessa campanha a outras cidades. Para esse fim, ofereço todos os meus préstimos pessoais, sem ônus para a casa a que servimos. Bastar-me-á, tão-só, o necessário documento de habilitação, a fim de acionar todos os recursos que me pareçam acertados, inclusive o da própria pena de morte, quando a julgue necessária e oportuna”.

**(Emmanuel, no Capítulo 10 – A caminho de Damasco – Fala de Saulo de Tarso aos colegas do Sinédrio).**

Apenas a perspectiva de reconstruir sua vida ao lado Abigail pôde amainar a fúria do moço tarsense. Entretanto, ela expirara praticamente nos seus braços. Exânime, olhos empanados, mãos

geladas, pele translúcida, Abigail havia finalizado naquele momento sua missão terrena e doravante acompanharia Saulo, ao lado de Estêvão, do mundo espiritual.

Para o doutor da Lei, aquele momento foi uma morte de si mesmo em vida. Emudecido, estarecido, deixou-se ficar ali, em companhia dos amigos generosos que acolheram sua noiva tão amada, enquanto ele destilava ódio e horror em torno dos seguidores de Jesus. Emmanuel vai descrever esse momento tão doloroso:

“(…) Acusava a si próprio de não haver chegado mais cedo para arrebatá-la à enfermidade dolorosa. Pensamentos amargos o atormentavam, tomado de angustioso arrependimento. Afinal, com a rigidez das suas paixões, aniquilara todas as possibilidades de ventura. Com o rigorismo da sua perseguição implacável, Estêvão encontrara o suplício terrível; com o orgulho inflexível do coração, atirara com a noiva ao antro indevassável do túmulo. Entretanto, não podia esquecer que devia todas as coincidências penosas àquele Cristo crucificado, que não pudera compreender (…)”.

E pensamos: depois ter passado por todos esses angustiosos transe, não haveria, enfim, ter chegado o momento quando Saulo deveria dobrar os joelhos no chão e render-se ao Pai Celestial? A dolorosa perda de Saulo em relação à morte de Abigail ainda

não tinha sido capaz de leva-lo ao arrependimento definitivo, que implicaria numa mudança de postura.

Será que nem mesmo quando as consequências de nossos atos são irremediáveis a dor não nos leva ao despertar?

Qual a dor maior? A humilhação de reconhecer que esteve errado ou a infelicidade da separação definitiva com a mulher de sua vida?

Mas Saulo continuou atribuindo a culpa ao Cristo. E recordava de todas as cenas dolorosas: da primeira controvérsia na “Igreja do Caminho”, da admoestação de Gamaliel, rogando misericórdia por parte dele, da rigidez implacável que Saulo mantinha, portando a documentação oficial das diligências punitivas, dos gritos na garganta dos prisioneiros torturados, do olhar de impassível serenidade de Estêvão e Abigail, às portas da morte.

Emmanuel vai traduzir esse pensamento:

“Por todo esse acervo de considerações que se lhe represavam na mente exausta, Saulo de Tarso galvanizara o ódio pessoal ao Messias escarnecido. (...) Sem outras esperanças, sem novos ideais (...) entregaria-se de corpo e alma à defesa da Lei de Moisés (...)”.

Afinal, o que mais o poderia deter?

E pensamos: será que por trás da rigidez, inflexibilidade e tirania de poderosos não há também, como havia no caso de Saulo, desilusão em outros setores da vida?

Quantas deturpações nos fizeram igualmente galvanizar ódios e mágoas?

Quantas vezes Deus nos usou como instrumentos, sem que tivéssemos qualquer compreensão acerca dos desdobramentos dos nossos atos? E em quantos momentos nós sempre transferimos a culpa aos outros?

Importante ressaltar que até aquele momento da história, Ruth e Zacarias continuavam sem entender o que tinha mesmo acontecido entre Saulo e Abigail capaz de desfazer o relacionamento. Zacarias, não obstante judeu, compadeceu-se da situação de Abigail e apoiou-a em sua nova profissão de fé, afinal, ele sabia muito bem a dor de perder um filho.

É como consta em O Livro dos Espíritos – Lei de Liberdade, questão 837:

“Que é o que resulta dos embaraços que se oponham à liberdade de consciência?

- Constranger os homens a procederem em desacordo com o seu modo de pensar, fazê-los hipócritas. A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso”.

E Saulo, depois da morte da noiva amada, decide ir no enalço de Ananias e castiga-lo até a morte. Uma profunda incongruência, pois ninguém tem autorização para castigar quem quer que seja, principalmente benfeitores. A hermenêutica de Saulo era toda tendenciosa: **“Uma coisa é estudar e outra é defender a Lei (examinar se o bem não oculta o mal que se condena)”**.

E pensamos: como poderíamos avaliar, com isenção, se nossa capacidade analítica passou a ser tendenciosa?

Em O Livro dos Médiuns, capítulo 24 Da Identidade dos Espíritos, questão 267 – Meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos, lê-se:

“Admitindo que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, de um bom Espírito não pode provir o que tenda para o mal”.

Ou, como Jesus <sup>40</sup>nos advertia: **“Pelos seus frutos os conhecereis”**.

Zacarias também tentou adverti-lo:

---

<sup>40</sup> Mateus, 7:16.

“- Que é isso, Saulo? (...) Abigail acaba de baixar ao sepulcro; seu espírito, de compleição sensibilíssima e afetuosa, sofreu profundamente por motivos que ignoramos e que talvez conheças; o conforto único que ela encontrou foi, justamente, a amizade paternal desse velhinho bom e honesto; e queres puni-lo pelo bem que nos fez e à criatura inesquecível?”

Mas de nada adiantou. Daí em diante, Saulo empreendeu esforços em fazer interrogatórios e torturas, usando salas de punições e castigos, com instrumentos execráveis e odiosos. Como Emmanuel, traduz: **“Saulo parecia mergulhado numa insensibilidade criminosa”** e organizou uma expedição para ir a Damasco.

Segundo ele, o objetivo era o melhor possível: evitar grandes males, reprimir o instinto revolucionário, salvaguardar as tradições judaicas, conter uma (falsa) perturbação, estender a campanha de “silenciamento” dos cristãos.

Ou seja, ele havia acomodado a lei aos seus próprios interesses, para buscar a justificação de seus atos.

Acerca disso, em O Livro dos Espíritos, questão 875, alínea a, temos uma observação muito importante sobre este tema:

“Nem sempre, pois, é acorde com a justiça o direito que os homens prescrevem. Ademais, este direito regula apenas algumas relações sociais, quando é certo que, na vida particular, há uma imensidade de atos unicamente da alçada do tribunal da consciência”.

E pensamos: o que, afinal, Saulo ganharia com tudo isso? Sangue derramado a troco de quê? Nada traria sua noiva bem amada de volta!

Será que Ruth e Zacarias, que tiveram um entendimento mais íntimo com ele, conseguiam claramente perceber que Saulo buscava aplacar a sua dor com ódio? Por que será que custava tanto a Saulo seguir sua vida, como o próprio Zacarias, após o assassinato do filho?

E tomando para a nossa vida, será que em análoga situação, com o poder nas mãos, nós repetiríamos o gesto de Saulo? Saulo parecia pretender saturar o vazio existencial com sangue inocente.

Ele era sincero e leal, tinha anseios de buscar a paz interior, mas sempre recorria aos meios incorretos. Ele continha os impulsos da sua juventude, era obstinado, resoluto, guardava os mandamentos, mas por vezes a Lei pesava em suas mãos como uma adaga que perfurava as vidas daqueles que sinceramente buscavam copiar a vida do Salvador.

Ele decide enfrentar a viagem para Damasco e desde o início, modificações estranhas em seu pensamento e no seu mundo emocional se operavam, como se ele tivesse ficado mais reflexivo e parecesse reviver cenas importantes da sua vida. Emmanuel irá transcrever:

“Na véspera da chegada, quase a termo da viagem difícil e penosa, o moço tarsense sentia agravarem-se as recordações amargas que lhe assomavam constantes. Forças secretas impunham-lhe profundas interrogações. (...) Onde a paz espiritual que tanto almejava nos esforços comuns? (...) Saulo não conseguia ferrar-se ao solilóquio sombrio. (...) Ele próprio não saberia explicar o que se passava. Suas reminiscências atingiam períodos da primeira infância”.

Nem o próprio Saulo saberia descrever o que se passava em seu mundo íntimo; toda sua vida transcorria no pensamento qual um filme, recapitulando as cenas mais relevantes.

Saulo sentia-se envolvido por um poder incoercível, indescritível. O que nos lembra da questão 274, alínea “a”, de O Livro dos Espíritos:

“- Podem os Espíritos inferiores subtrair-se à autoridade dos que lhe são superiores?

- Eu disse, que tal ascendente moral é irresistível”.

Até que em um determinado instante, despertou das angustiosas cogitações sentindo-se atingido por uma claridade diferente. Mais forte que a própria radiação solar, e em tonalidades muito específicas, Saulo **“tem a impressão que o ar se fende como uma cortina, sob pressão invisível e poderosa”**.

Isso nos faz recordar do relato de Estêvão, quando viu os céus abertos e o Cristo fulgurante no seio de Deus, no capítulo 8 – A morte de Estêvão, da Primeira Parte da obra:

“No auge das dores físicas, como se houvesse transposto infinitos abismos de percepção, o moço de Corinto notou que alguma coisa se lhe havia rasgado na alma ansiosa. Seus olhos pareciam mergulhar em quadros gloriosos de outra vida. A legião de emissários de Jesus, que o cercava carinhosamente, figurou-se-lhe a corte celestial. No caminho de luz desdobrado à sua frente, reconheceu que alguém se aproximava abrindo-lhe os braços generosos. Pelas descrições que ouvira de Pedro, percebeu que contemplava o próprio Mestre em toda a resplendência de suas glórias divinas. Saulo observou que os olhos do condenado estavam estáticos e fulgurantes. Foi quando o herói cristão, movendo os lábios, exclamou em alta voz: — Eis que vejo os céus abertos e o Cristo ressuscitado na grandeza de Deus!..”

Também nos faz recordar o relato de Chico Xavier<sup>41</sup>, que embora nunca tenha tido contato com Lúvia, sabia por Emmanuel que o inspirava muito, assim como a outros amigos da vida superior para a continuidade da obra do Cristo:

“Em 1940, estive às portas de uma tuberculose. Embora febril, nunca deixei de comparecer ao trabalho, quando certo dia, ao dirigir-me para a repartição nas primeiras horas da manhã, notei que uma estrela me enviava de longe certos raios que não sei classificar. Desde este dia começaram as minhas melhoras positivas. Perguntei ao nosso amigo Emmanuel quanto ao significado daquela estrela que brilhava ao longe, como uma luz mais potente do que a luz do sol – pois a ocorrência se deu às sete horas da manhã – e ele me explicou que a estrela cujo clarão me trouxe a cura do corpo era a própria Lúvia, que se desvelava em me auxiliar”.

Emmanuel vai narrar que naquele momento Saulo sentia-se arrebatado por uma força irrefreável. Incapaz de raciocinar, fugir, falar e até mesmo ver. Jesus então lhe aparece proferindo a famosa frase: **“- Saulo, Saulo, por que me persegues?”**<sup>42</sup>

Naquele momento, Saulo percebia: **“Eu estive errado”**. A ressurreição do Cristo Não foi um

---

<sup>41</sup> Mensagem “Outra Luz”, na obra Kardec prossegue, de Adelino da Silveira.

<sup>42</sup> Atos, 9:4.

recurso lendário narrado pelos pescadores e mulheres simples; a augusta misericórdia do Senhor o encontrara ali. E estava Saulo, naquele momento, vivenciando seu remorso amargurado, povoado de profundo arrependimento.

Emmanuel vai descrever:

“Então, viu-se o orgulhoso e inflexível doutor da Lei curvar-se para o solo, em pranto convulsivo. Dir-se-ia que o apaixonado rabino de Jerusalém fora ferido de morte, experimentando num momento a derrocada de todos os princípios que lhe conformaram o espírito e o nortearam, até então, na vida. Diante dos olhos tinha, agora, e assim, aquele Cristo magnânimo e incompreendido! Os pregadores do “Caminho” não estavam iludidos! A palavra de Estêvão era a verdade pura! A crença de Abigail era a senda real. Aquele era o Messias! A história maravilhosa da sua ressurreição não era um recurso lendário para fortificar as energias do povo. Sim, ele, Saulo, via-o ali no esplendor de suas glórias divinas! E que amor deveria animar-lhe o coração cheio de augusta misericórdia, para vir encontrá-lo nas estradas desertas, a ele, Saulo, que se arvorara em perseguidor implacável dos discípulos mais fiéis!”

E nesse momento marcante de sua vida, Jesus então lhe aparece proferindo a famosa frase: **“Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões”**<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Atos, 9:5.

A etimologia da palavra recalcitrar (verbo) vem do latim **“recalcitro”**+ **“are”**, que significa **“ir para trás”**, **“escoicear”** ou desobedecer, não ceder, obstinar-se, responder reagindo em contrário, negar, teimar.

Quantas vezes nós nos comportamos assim recalcitrantes? Insubordinados perante as experiências da vida, desobedientes em relação aos propósitos divinos, negando a nós mesmos a oportunidade de abrir as portas do nosso coração aos convites que nos chegam, através do filho desafiador, da mãe exigente, do pai superprotetor, do esposo intolerante, do trabalho desgastante.

Estamos normalmente facilmente adaptados às condições da vida quando coadunada com nossos interesses convenientes, mas sempre quando ela nos parece menos agradável do que a que planejamos para nós, ficamos obstinados a não aceitar.

Recalcitrar é diferente de se indignar. Jesus nos mostra a indignação justa, a energia e a gravidade que emprega, por exemplo, ao expulsar os vendilhões do templo, ao discursar a fariseus e escribas: **“Ai de vós, mestres da Lei e fariseus hipócritas”**, ao alertar para a importância da vigilância, acordando os discípulos que dormiam ao seu lado, durante a oração do horto.

Mas a insubordinação é um ato de ingratidão nascida na presunção de autoridade, na centralização de nossa esfera pessoal, acarretando um grande número de ilusões, laivando de sombras as coisas mais santas.

O Espírito Lázaro conceitua **“a obediência como o consentimento da razão e a resignação o consentimento do coração”** em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. 9, item 8. **“As duas virtudes companheiras da doçura, muito ativas”**.

Como o próprio Apóstolo Paulo mais tarde vai escrever na sua segunda epístola aos Coríntios<sup>44</sup>:

“Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal”.

Ou seja, precisamos tornar a nossa leve e momentânea tribulação, as cadeias a que somos

---

<sup>44</sup> 2 Co, 4:8-11.

convidados a permanecer, em escadas luminosas para nossa vida, capazes de produzirem em nós uma glória muito excelente, não temporal, mas eterna, pelo esforço pessoal de nos melhorarmos intimamente e crescer para Deus. Daí vem a utilidade do agulhão.

A etimologia da palavra agulhão (substantivo) vem do latim **“aquileo”**, que significa sofrimento pungente, intenso, tudo o que nos incita a agir; estímulo; ponta de ferro que, fixada na extremidade de um bastão, é usada para tanger animais; ferrão.

Ou seja, de acordo com a passagem bíblica, representa os obstáculos da vida, os avisos oferecidos por Deus para que possamos evoluir. Daí podermos entender o **“recalcitrar contra os agulhões”** como a resistência, a insubordinação às orientações que estimulam e guiam a uma vida correta, de acordo com os preceitos divinos.

Por isso, para Saulo, aquele era o raro minuto que poderia para sempre decidir os rumos de uma alma combatida, cansada de sofrer. E por isso Emmanuel vai transcrever o pensamento de Saulo:

“Saulo compreendeu. Desde o primeiro encontro com Estêvão, forças profundas o compeliavam a cada momento, e em qualquer parte, à meditação dos novos ensinamentos. O Cristo o chamara por todos os meios e de todos os modos”.

E será que assim como Saulo, nós também não temos ignorado esses chamados do Senhor?

Considerando, então, o tempo perdido em caminhos escabrosos e ingratos, perante a visão do Cristo ressuscitado, Saulo decide ali mesmo renovar suas concepções, endireitar as suas veredas e entrega-se a Jesus para sempre.

E para mostrar a resolução do seu Espírito e a sua sincera coragem, nobreza e lealdade, entrega-se, dizendo<sup>45</sup>: **“Senhor, que queres que eu faça?”** Como se dissesse: **“Senhor, Faço qualquer coisa para me redimir”**.

Emmanuel vai traduzir nosso sentimento, dizendo:

“Aquele alma resoluta, humilhada e ferida, dava mostras de sua nobreza e lealdade. Saulo não escolhe tarefas para servi-lo. Entregando-se-lhe de alma e corpo, como se fora ínfimo servo, interroga com humildade o que desejava o Mestre da sua cooperação”.

Mas nós temos muita dificuldade de nos render às experiências propostas pela vida: somos gentis, desde que tenhamos afinidade com o outro; trabalhamos em equipe, desde que nossa opinião prevaleça; ajudamos, desde que sejamos

---

<sup>45</sup> Atos, 9:6.

reconhecidos; cultivamos amigos, desde que só se divertam exclusivamente conosco...

## Capítulo 16

### *Capítulo 10 da obra P&E – No caminho de Damasco. Temática: O orgulhoso doutor de Tarso fiel ao Cristo*

A cegueira de Saulo é um ponto culminante também em sua história de vida. Emmanuel vai explicar:

“Era justo que cessassem as suas percepções visuais, a fim de conservar, para sempre, a lembrança do glorioso minuto de sua transformação para uma vida mais sublime”.

Aquele instante, o momento de rendição à verdade, deveria ficar gravado para sempre em sua memória.

E deste evento, aprendemos com Saulo, a não alimentar o desânimo, mergulhando numa culpa infrutífera e contraproducente, a não fugir pela porta falsa do suicídio, mas enfrentar os desafios que nos são apresentados para nosso aperfeiçoamento incessante.

Dessa forma, o agulhão pode representar nosso próprio guia do qual Jesus se utiliza para nos orientar e nos ajudar em nossa senda individual.

Na oração do Pai Nosso, que o Cristo nos ensinou, nós rogamos ao Pai **“venha a nós o vosso reino”** e que **“não nos deixeis cair em tentação, mas sejamos livrados do mal”**.

Pedimos, em outras palavras, que o reino de paz, amor e justiça esteja vivo e presente em nossa consciência, a fim de que estejamos advertidos dos perigos e erros de rota. Contudo, que proveito teremos deste livramento, é tarefa nossa.

Na obra A Gênese, capítulo III, item 5 – O bem e o mal (grifo original do texto):

“Tendo o homem que progredir, os males a que se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitá-los. Se ele nada houvesse de temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; o espírito se lhe entorpeceria na inatividade; nada inventaria, nem descobriria. *A dor é o aguilhão que o impele para a frente, na senda do progresso*”.

Ou seja, desde jovem, Saulo assumiu a tarefa de ser o guardião da lei de Moisés e defensor ferrenho, independente das circunstâncias e dos meios que pudesse fazer uso para prestar sua fidelidade, daí a posição de opor-se às ideias de Jesus e seus seguidores. Saulo queria impor seu ponto de vista, por julgar-se imbuído de um nobilíssimo dever, e

assim justificando a si mesmo, perseguiu, condenou e incentivou direta ou indiretamente, a fuga e a morte de muitos adeptos da Boa Nova.

Entretanto, não obstante o grande poder político e religioso em suas mãos, o doutor da Lei se questionava quanto ao humilde procedimento dos Apóstolos e intimamente desejava alcançar aquela paz imperturbável e doce serenidade impressa no olhar daqueles homens, e manifestada em suas fisionomias.

Quantos de nós também não estranhamos nossa conduta, sentindo que há algo de errado, em virtude de experimentar um sofrimento advindo do nosso modo de proceder, e buscamos defesas e justificativas para continuar sustentando e repetindo nossos atos, só para não dar o braço a torcer e reconhecer nosso equívoco?

O quanto, noutras vezes, estamos tão loucos e descontrolados, ignorando nosso próprio mundo íntimo?

Sim, o quanto nos dói recalcitrar contra os agulhões...mas quais seriam os nossos agulhões?

A enfermidade pertinaz que nos faz refletir sobre a transitoriedade do corpo e a necessidade de ter cuidados com nosso corpo e mente?

A privação material, as negativas da vida para os nossos desejos tão investidos, tão cultivados?

Os padrões de comportamento que nos impedem de manter vínculos e prezar pela saúde das relações?

A falta de paciência perante as pequenas insistências e perturbações do dia a dia, apresentadas, para que conquistemos o autocontrole?

Saulo se sentia incomodado pelo fato como os homens do Caminho agiam nos preceitos pacíficos, e sempre buscava uma forma de dobra-los, nem que fosse pela força bruta, para mostrar-se maior.

Depois de espancar Estêvão na face, como Emmanuel vai narrar, refletiu:

“Não podia compreender a passividade com que o agredido recebera os bofetões, (...) a serenidade de Estêvão perturbou-o ainda mais. Sem dúvida, estava diante de uma energia ignorada, (...) verificava tamanha superioridade de concepção e pensamento (...). Entretanto, sem saber por que, a resignação e a doçura do agonizante assaltavam-lhe o coração enrijecido”.

Obstinado às próprias ideias, e terrivelmente ferido pelas ferroadas na consciência, como Emmanuel vai transcrever:

“Trabalhava, porém, intimamente, para não se comover com a cena dolorosa. Não se dobraria por uma questão de sentimentalismo. Abominaria aquele Cristo, que parecia requisita-lo em toda parte, a ponto de colocar-se entre ele e a mulher adorada”.

E inúmeras foram as carinhosas advertências de Abigail, antes de sua morte, como Emmanuel nos reporta:

“- Saulo, de que nos valeria a desesperação? Não será melhor inclinarmo-nos com paciência aos sagrados desígnios? (...) São poucos os que se recordam da proteção divina, nos dias alegres de fartura, como raríssimos os que trabalham à revelia do aguilhão. (...) Não te rebeles contra os desígnios supremos que me arrebatam do teu convívio material (...)”

Talvez recalcitrássemos menos contra os aguilhões se empreendêssemos um trabalho mais consistente e perseverante no autoconhecimento, na vigilância, na percepção destes sinais que surgem na nossa convivência com outras pessoas, nos movimentos de reflexão íntima, e assim, seria mais fácil observa-los e não rejeita-los de modo intolerante.

E para além do autoconhecimento, que embora indispensável, não basta por si mesmo, se

empreendêssemos um esforço de reforma moral infatigável, estaríamos mais habilitados a buscar nossos enganos, a confessar nossos erros, nossos pecados, atentar para nossas más inclinações e também renovar nossa conduta.

Mas infelizmente, a dor pungente, após tantas tentativas negadas de despertamento pelo convite aberto ao olhar interior, é a bênção que nos chega para redimir-nos devagarinho.

A intransigência de Saulo, seu orgulho indomável, foi causa de muito sofrimento psíquico para ele...E quantos de nós não somos assim? “Inconcebível que um cristão vote num partido A ou B, que siga o político Fulano ou Beltrano”; “que ninguém venha me dizer desaforo ou se meter na minha vida, senão vai ver do que sou capaz”...

Quantas vezes não tomamos a ofensa para o pessoal?

Uma boca acostumada a escarnecer que faz um comentário infame ao nosso respeito, e nos magoamos tão profundamente, chorando lágrimas amargas, prometemos então não mais nos relacionar com ninguém, romper todos os laços familiares, apenas por não perceber que o mal que o outro me fez tem nele sua origem e não deve encontrar em mim nenhuma ressonância.

A excessiva importância que damos a certos comentários, não raro de pessoas que sequer nos conhecem, que não vivem os nossos problemas, que não testemunham os nossos esforços, e que muitas vezes nos dilacera, nos aniquila, nos reduz a pó...

A pessoa nos engana, nos ultraja, nos trapaceia...infelizmente é um enfermo, um necessitado de ajuda. Isso não significa que somos obrigados a permanecer na convivência com quem não nos inspira confiança, segurança e amor, mas nós não precisamos viver a prisão do ressentimento, podemos simplesmente deixar ir e seguir nossa vida.

Quanto de maldade de nossa parte não há nesses pequenos atos covardes, de vingança velada: “Jamais perdorei”, “Saberei dar-lhe uma bela lição”?

Não pegou na arma para desferir contra o outro o golpe mortal, mas pegou o pensamento e saturou de energias perturbadoras, odientas, e envenenou a si mesmo, achando que faria mal ao outro.

Se tivermos poder nas mãos então, Ave Maria! Como Saulo de Tarso, nos tornamos tiranos mimados, entregamo-nos aos maiores desmandos que beiram o ridículo, e que certamente nos constrangeriam, se não estivéssemos tão cegos!

Esse processo necessário, do autoperdão e da reconciliação primeiro conosco, absolvendo-nos de tanta culpa, depois com o outro, é prolongado e difícil. Mas temos condição de superar.

De acordo com o texto de Atos<sup>46</sup>:

“Os homens que com ele viajavam, detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém”.

E pensamos: imagine a sensação de descobrir que aquilo que buscávamos ardorosamente sempre esteve a um palmo do nosso nariz e não nos demos conta? E mais, que transformamos o objeto de nosso carinho num adversário odioso que desejáramos assassinar se pudéssemos?

Será que a dor que leva ao despertar é aquela que surge quando as consequências dos nossos atos são irremediáveis, ou quando não é mais possível calar a voz da consciência?

No Livro “O Céu e o Inferno”, por Allan Kardec, no item que retrata as mensagens mediúnicas de Criminosos arrependidos (capítulo VI), há uma comunicação do Espírito Verger, em que ele vai afirmar:

---

<sup>46</sup> Atos, 9:7.

“Apenas deixou a Terra e o arrependimento penetrou-lhe a alma; não foi o excesso do sofrimento, mas o grito da consciência; a obstinação do mal, durante a vida, é, por vezes, uma consequência do orgulho que se recusa dobrar e confessar os seus erros”.

E em meio a esse mundo reflexivo, Saulo faz uma promessa a si mesmo, como Emmanuel vai transcrever:

“Ante a expressão doce e persuasiva do Messias Nazareno, considerava o tempo perdido em caminhos escabrosos e ingratos (...). Ali mesmo, no santuário augusto do espírito, fez o protesto de entregar-se a Jesus para sempre. Recordou, de súbito, as provações rígidas e dolorosas. A ideia de um lar morrera com Abigail. Sentia-se só e acabrunhado. Doravante, porém, entregar-se-ia ao Cristo, como simples escravo do seu amor”.

Nesse momento, a postura do Cristo é de infinito entendimento, o que nos lembra da parábola da ovelha perdida<sup>47</sup>:

“Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no campo as noventa e nove e vai em busca da que se extraviou, até que a encontre?”

---

<sup>47</sup> Lucas, 15:4.

Por isso, Jesus contempla Saulo mais amorosamente, dando a entender a necessidade de buscar a harmonia no trabalho comum. Estimula-o a erguer-se: **“Levanta-te, Saulo”**, conclamando-o à edificação do amor universal, e mostrando que Deus se revela às criaturas humanas pelas experiências com as próprias criaturas, e pedindo para entrar em Damasco e então lhe seria dito o que seria necessário fazer.

Embora cego, Saulo permanecia confiante. Pensamos também que talvez a cegueira possa ter sido uma forma de ajudar Saulo a desenvolver outras percepções extrassensoriais.

Conforme Jesus <sup>48</sup>uma vez disse:

“E disse-lhe Jesus: Eu vim a este mundo para que os que não veem vejam, e os que veem sejam cegos. E aqueles dos fariseus, que estavam com ele, ouvindo isto, disseram-lhe: Também nós somos cegos? Disse-lhes Jesus: Se fosseis cegos, não teríeis pecado; mas como agora dizeis: Vemos; por isso o vosso pecado permanece”.

E também podemos pensar que, do ponto de vista dos companheiros de viagem (Jacó, Jonas e Demétrio), testemunhar a experiência de Saulo (desconhecendo os panoramas e desdobramentos

---

<sup>48</sup> João, 9:39-41.

espirituais) poderia ter sido um convite ao **“Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram”**.<sup>49</sup> Além do fato de servir para divulgar a experiência tida em Jerusalém.

Para Demétrio, Saulo estava louco; para Jonas, o chefe da expedição estaria enfeitiçado. Jacó permanece em dúvida, embora afirmando a intensa luz nos céus e logo em seguida o pedido dele de socorro, e termina concluindo se tratar de um possível delírio pelo sol causticante do deserto, parecendo que Saulo estaria acabrunhado e doente. Emmanuel vai descrever o quadro:

“O velho Jonas, de olhos arregalados, fixava o rabino soluçante, com grande admiração. Depois de ouvir a opinião dos companheiros, falou receoso, como se temesse ofender alguma entidade desconhecida”.

Saulo, entretanto, buscou não dar nenhuma explicação naquele momento. Havia ficado recolhido, ouvindo os comentários dos amigos, experimentando abatimento e desejoso de algum acolhimento para o momento grave que passava.

Saulo, que tudo queria realizar, enfrentava a primeira grande batalha de sua vida: contra seu próprio orgulho. Era preciso dar o testemunho, não

---

<sup>49</sup> João, 20:29.

obstante, ser considerado pelos homens louco, doente ou enfeitado.

E pensamos nós: de que transformações não seremos capazes de operar a partir do ponto que cairmos em nós mesmos?

Saulo havia ficado irreconhecível. Revelava nos mínimos gestos “*uma humildade jamais coadunada com seu feitio dominador*”.

Sobre o futuro da caravana, despede Jacó, se dizendo “*escravo do Cristo, não mais pertencendo a si mesmo*” e conta que de fato viu Jesus Nazareno.

Emmanuel vai narrar as impressões de Jacó: “***Ante aquela voz humilde e triste, começou a chorar. Tinha plena convicção que Saulo enlouquecera***”.

E nós, na experiência da cegueira, como nos comportaríamos? Emmanuel vai narrar a situação de Saulo:

“a cegueira súbita não o afligia. Do âmbito daquela escuridão que lhe enchia os olhos da carne, parecia emergir o vulto radioso de Jesus, aos seus olhos de Espírito. Era justo que cessassem as suas percepções visuais, a fim de conservar, para sempre, a lembrança do glorioso minuto de sua transformação para uma vida mais sublime”.

Saulo ainda não era um homem completamente transformado, mas estava em vias de se tornar. Ele literalmente “***toma a sua cruz e segue Jesus***”, de todo seu coração e entendimento. Jacó acompanhou Saulo até a estalagem de Judas e Saulo estava comovido, chorando como uma criança que busca amparo, cego e separado dos seus. Mas não estava desesperado; algo o fazia permanecer confiante. Jacó havia ficado ao mesmo tempo fortemente impressionado e triste.

Dessa cena, podemos absorver pelo menos duas lições: a primeira, de que, mesmo quando a gente desperta, o Espírito ainda não foi completamente iluminado; e segundo, que não há o que não possa ser resgatado.

Emmanuel vai sintetizar essa expressão íntima dizendo:

“Coração resoluto e enérgico, (Saulo) não reparava os obstáculos que se antepunham à sua jornada dolorosa. (...) Que importava o olhar em trevas, o regresso da caravana a Jerusalém, a penosa caminhada a pé em demanda de Damasco, a falsa suposição dos companheiros a respeito da inolvidável ocorrência, a perda dos títulos honoríficos, o repúdio dos sacerdotes seus amigos, a incompreensão do mundo inteiro, diante do fato culminante do seu destino? (...) Damasco podia recordar o jovem tarsense, formoso e triunfador. (...) Mas vendo passar

Patrícia Lins de Paula

na via pública aqueles dois homens cansados e tristes, jamais poderia identificá-lo naquele rapaz que caminhava cambaleante, de olhos mortos...(...)"

Continuamos a seguir.

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

# SEGUNDA PARTE

## Capítulo 17

### *Capítulo 1 da obra P&E – Rumo ao deserto. Temática: A ovelha perseguida vai buscar o lobo voraz*

*“Aqueles três dias de Damasco foram de rigorosa disciplina espiritual. Sua personalidade dinâmica havia estabelecido uma trégua às atividades mundanas, para examinar os erros do passado, as dificuldades do presente e as realizações do futuro. Precisava ajustar-se à inelutável reforma do seu eu. Na angústia do espírito, sentia-se, de fato, desamparado de todos os amigos. A atitude de Sadoque era típica e valeria pela de todos os correligionários, que jamais se conformariam com a sua adesão aos novos ideais (...)”*

**(Emmanuel, no Capítulo 1 – Rumo ao deserto, da Segunda Parte da obra).**

Ainda sobre o doloroso transe da cegueira, no livro de Atos<sup>50</sup>, temos:

---

<sup>50</sup> Atos, 9:8.

“Saulo levantou-se da terra e, abrindo os seus olhos, não via nada. Guiando-o pela mão, conduziram-no para Damasco”.

Importante destacar que “levantou-se da terra”, conforme a tradução do Novo Testamento por Haroldo Dutra Dias, é uma expressão idiomática semítica que faz referência à ressurreição dos mortos.

“Deitar-se” é uma metáfora para a morte, assim como “erguer-se” é para a ressurreição. Então, no sentido figurado, “Erguer-se das ilusões” seria uma analogia a continuar a viver após defrontar-se com o “ídolo quebrado”.

E pensamos: mas por que Saulo decide procurar justamente Sadoque?

Saulo se sentia necessitado de assistência moral naquele doloroso transe de sua vida. Buscava explicações e sobretudo entendimento. Ele decide procurar Sadoque, que até então se figurava para ele como amigo do seu círculo social, e compreendemos o quanto a alma tende a buscar referências anteriores, mesmo quando marcada pela desilusão.

No capítulo 4 desta obra, Primeira Parte, intitulado “Nas estradas de Jope”, Emmanuel vai narrar:

“Chegando à cidade, depois de uma semana de viagem exaustiva, Sadoque aguardava o amigo (Saulo) para o abraço afetuoso de sua amizade de muitos anos. (...) Num minuto, as nossas personagens se abraçaram efusivamente, transbordantes de alegria e juventude”.

Assim, de certo modo era alguém com quem Saulo esperava contar e que residia na mesma cidade onde ele estava.

O fato curioso é que quando chegam à porta da casa de Sadoque, Saulo pede a Jacó para falar com ele. E ficamos nos questionando o motivo para isso. Seria apego à imagem, não querer ser visto naquelas condições? Vergonha? Não querer preocupar o amigo, ou seja, caridade para não chocar o outro? Querer usufruir do benefício de ouvir uma prévia da opinião de Sadoque sobre o assunto sem o enfrentamento direto?

E o mais impressionante foi a resposta; após Jacó ter narrado a Sadoque o episódio principal (o fato de Saulo ter dito que viu Jesus), Sadoque ficou estupefato e mandou dizer que não estava em casa.

E mais uma vez ficamos pensando na motivação para Sadoque agir assim. Será que ele não queria ser visto com Saulo? Talvez isso pudesse atrapalhar os seus novos interesses, uma vez que Sadoque estava recebendo os amigos de Citium em sua casa...Na dúvida, sobre o que teria ocorrido, ele

teria se abstraído de receber o amigo? Mas um amigo verdadeiro não acolheria o necessitado independente das conveniências? E ao mesmo tempo que não queria recebe-lo, também não queria que o mesmo soubesse de sua recusa (mandou dizer que não estava em casa). Seria essa última uma justificativa para uma falsa preocupação? (Não quero recebe-lo, mas não quero que ele saiba, quero que pense outra coisa). Sadoque era apenas um interessado?

A decisão de Sadoque havia sido ideológica (uma vez considerando o absurdo de reconhecer em Jesus o Messias, não queria acolher Saulo, para preservar os votos de fidelidade ao judaísmo) ou egoísta (não receber Saulo para que isso não pudesse prejudicar seus próprios interesses)?

Interessante que no mesmo supracitado capítulo, Emmanuel vai anotar a afirmação de Saulo e em seguida o pensamento de Sadoque (grifos nossos, para dar ênfase ao pensamento de Sadoque):

“- (...) É preciso não esquecer que Roma é poderosa e que Atenas é sábia, tornando-se indispensável acordar a eterna hegemonia de Jerusalém como tabernáculo do Deus único. Precisamos, pois, dobrar os joelhos de gregos e romanos ante a Lei de Moisés.

***Sadoque, no entanto, deixando perceber que não prestava atenção ao seu idealismo***

*nacionalista, retinha o pensamento na situação particular (...)*”

Ou seja, ele já dava sinais que não comungava do mesmo ideal de Saulo.

Sadoque, no entanto, não deixa de dar uma resposta. Indica a estalagem de Judas na Rua Direita e diz que mais tarde se encaminharia até lá para saber mais detalhes do ocorrido.

E pensamos: qual a diferença dessa postura para a providência do bom samaritano da parábola? Segundo o texto evangélico<sup>51</sup>:

“Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão; E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu animal, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar”.

Emmanuel vai traduzir o pensamento de Saulo naquele momento:

“(…) Recordou repentinamente a visão de Jesus e refletiu que, efetivamente, possuía agora experiências que o outro não pudera

---

<sup>51</sup> Lucas, 10:33-35.

conhecer, chegando à conclusão de que talvez fizesse o mesmo se os papéis tivessem invertidos. (...) Sua transformação provocaria muitos protestos no ambiente farisaico. Presentiu nas indecisões do guia o receio de ser acusado de algum sortilégio ou bruxedo”.

Ou seja, aquela evitação de Sadoque talvez tivesse recaído sobre Jacó como ponderação em relação ao novo estado de Saulo; provavelmente pode ter pensado: *“Eu, hein, se nem o amigo deste homem ficou ao lado dele nesse transe difícil, será que eu não faria melhor negócio em ir embora?”*

De todo modo, Jacó seguiu a recomendação de Sadoque e levou Saulo para se instalar na estalagem de Judas. Saulo continuava mantendo acesa a chama da fé inabalável e permanecia convicto de que seria curado muito em breve; agora, restava a ele esperar e confiar na promessa. E nessa solidão, como diz Emmanuel, *“No véu espesso das sombras, podia se entregar às suas meditações profundas e tristes”*.

Dessa experiência de Saulo, sem dúvida, podemos tirar três aprendizados: a consciência de nossa cegueira moral, isto é, nossos equívocos, leva-nos a desenvolver também a compreensão alheia e nos inspirar ao entendimento recíproco. Até o momento quando todas as circunstâncias da vida nos são favoráveis, é difícil verificar a utilidade prática da compreensão, mas uma vez que a dor bate à porta,

tal lição se torna mais urgente. Como o próprio Emmanuel vai narrar:

“(…) As convenções mundanas e os preconceitos religiosos proporcionavam-lhe uma tranquilidade aparente, mas bastou a intervenção da dor imprevista para que ajuizasse de suas necessidades imensas (…)”.

Além disso, se não poderia esperar nada de Sadoque, que era considerado um amigo e lhe havia virado as costas, que dizer de um simples servo? Entendia que deveria dispensá-lo.

E ainda, quando as circunstâncias da vida passam a ser desafiadoras, somos tocados primeiro, para mais tarde estarmos mais fortes e preparados para edificar a regeneração.

Emmanuel vai narrar o panorama íntimo de Saulo:

“(…) Em vão, o hóspede foi convidado (pelo estalajadeiro) a repastos e diversões, porque nada o demovia do seu taciturno isolamento. (…) Aqueles três dias de Damasco foram de rigorosa disciplina espiritual. (…) Precisava ajustar-se à inelutável reforma do seu eu (…)”.

E ao ler tais narrativas, pensamos: E o nosso isolamento social, pelo advento da pandemia pelo corona vírus, também tem sido de rigorosa

disciplina espiritual? Será que quando nos isolamos, fugindo da convivência, também estamos buscando nos aproximar de Deus ou simplesmente buscando evitar o desgosto de convivência com os demais?

Seguindo o plano de confiar em Deus e na palavra de Jesus, resignando-se a esperar pacientemente, no terceiro dia de fervorosas preces, Saulo recebe a visita de Ananias, por ironia do destino, justamente aquele no encalço de quem se colocou para assassiná-lo, motivo principal de sua ida a Damasco, por loucura, em face de ter sido Ananias o responsável pela evangelização de Abigail. Este trecho está também narrado no livro de Atos<sup>52</sup>:

“(Saulo) esteve três dias sem ver, e não comeu e nem bebeu. E havia em Damasco um certo discípulo chamado Ananias; e disse-lhe o Senhor em visão: Ananias! E ele respondeu: Eis-me aqui, Senhor. E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando; e numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias, e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver.

E respondeu Ananias: Senhor, a muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém; e aqui tem poder dos principais dos sacerdotes

---

<sup>52</sup> Atos, 9:9-16.

para prender a todos que invocam o teu nome. Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel. E eu lhe mostrarei o quanto deve padecer por amor ao meu nome”.

E quando Ananias revela a Saulo seu nome, ele finalmente compreende a lição que o Cristo lhe ministrava: *“A resposta era uma revelação. A ovelha perseguida vinha buscar o lobo voraz”*.

Ananias representava para Saulo um profeta que vinha trazer novas revelações.

Esse trecho da história é dos mais belos; como relata Emmanuel:

“Saulo de Tarso deixava transparecer no seu semblante, sinais de profunda alegria interior. Dos olhos ensombrados, manaram lágrimas cristalinas. O moço apaixonado e caprichoso aprendera a ser humano e humilde”.

Interessante também a metáfora dos três dias para que Ananias aparecesse. Ela está na menção de Jesus<sup>53</sup> à destruição e reerguimento do Templo de Jerusalém:

---

<sup>53</sup> João, 2:18-22.

“Responderam, pois, os judeus, e disseram-lhe: Que sinal nos mostras para fazeres isto? Jesus respondeu, e disse-lhes: Derribai este templo, e em três dias o levantarei. Disseram, pois, os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo. Quando, pois, ressuscitou dentre os mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isto; e creram na Escritura, e na palavra que Jesus tinha dito”.

Ou seja, uma bela metáfora para a morte das ilusões e o reerguimento de novas propostas iluminativas.

Rendido ao Messias, Saulo ainda teria muitos outros desafios a vencer pelo orgulho, que apresenta mil disfarces, mas o primeiro passo havia sido dado.

Esta ideia também está na oração católica do Credo, no seguinte trecho:

“Nasceu da Virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia”.

Um símbolo para aquele importante momento para Saulo, de renovação em espírito. Emmanuel vai descrever o processo:

“E como se entrassem em jogo forças poderosas e invisíveis, sentiu que das pálpebras doridas caíam substâncias pesadas como escamas, à proporção que a vista lhe voltava, embebendo-se de luz”.

E naquele momento, Ananias opera o batismo pelo Espírito Santo, conforme narrado por João Batista<sup>54</sup>:

“E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alparcas não sou digno de levar; ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo. Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará”.

E naquele momento Saulo exercita a entrega total, sinceramente desejoso de seguir novos propósitos em sua existência. A mesma resolução e inflexibilidade a partir daquele momento estariam direcionados à meditação e ao recolhimento.

Interessante pensar sobre os diversos chamados do Cristo às criaturas humanas. Todos os recebemos, mas nem sempre aproveitamos. Ananias houvera sido chamado pelo olhar inesquecível que o Cristo lançara da cruz do martírio para a multidão que assistia ao horrendo espetáculo; isso bastou para que Ananias decidisse regressar a Emaús, vender

---

<sup>54</sup> Mateus, 3:11-12.

tudo o que tinha e se associar aos homens “do Caminho”.

Para Saulo, o próprio Cristo lhe apareceu, buscando-o das rotas tortuosas para o caminho direito novamente. Não obstante experimentar pungentes remorsos pelas referências às perseguições, Saulo estava de alma repleta de votos sinceros, promissores de uma vida nova.

Esses chamados do Cristo também ocorrem conosco, mas quantas vezes temos olhos de ver e ouvidos de ouvir? Saulo, talvez pela primeira vez na vida, tenha parado para ouvir a sua voz interior. E nós, temos tido tempo para cogitar em nossa existência, ou só repetimos todos os dias a mesma rotina desgastante e automática?

E por outro lado, quantas vezes a mensagem realmente nos toca e somos considerados fanáticos ou hipócritas por nossos convivas? O despertar é uma experiência individual, mas não bastará sofrer, como nos diz Emmanuel; é imprescindível sofrer com entendimento.

Emmanuel vai narrar o diálogo íntimo que ele tem com Ananias:

“Vim a Damasco com a outorga do Templo para vos levar preso a Jerusalém, mas fostes vós que chegastes com a outorga de Jesus e a Ele me jungiste para sempre. Se vos

algemasse, na minha ignorância, levar-vos-ia ao tormento e à morte; vós, salvando-me do pecado, transformastes-me em escravo voluntário e feliz”.

Importante ponderar sobre o sentido prático dessas palavras. Saulo largou tudo que tinha: convencionalismos, posição social, ascensão profissional, política e religiosa, bens, apreciação pública...qual de nós faria isso? Renunciar ao mundo para manter a fidelidade a Deus?

Além disso, ele passava a ter plena consciência dos seus erros clamorosos, mas isso não o paralisou. Pelo contrário, ele aproveita a oportunidade de entendimento com Ananias para já pensar na difusão da nova revelação com a maior amplitude possível: *“Jesus é um socorro do Céu. Tardar na sua mensagem é delongar o desespero dos homens”*.

Será que nós já divulgamos e vivemos o suficiente o Evangelho?

Naquele momento Saulo pretendia primeiro elucidar seus compatriotas, conforme está no Novo Testamento:<sup>55</sup>

“Não vades aos gentios, nem aos samaritanos, mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel”.

---

<sup>55</sup> Mateus, 10:5-6.

Ananias aproveita a oportunidade para dar a Saulo notícias de Abigail, uma vez que responsável por sua evangelização, conviveu com a moça durante seus últimos meses na Terra.

Ananias fala de sua condição de anjo exilado, dos pedidos incessantes da intercessão do Alto em benefício da conversão de Saulo, e a partir daquele momento Saulo passou a ponderar o poder do Evangelho, examinando seus ilimitados recursos transformadores.

Interessante também a carinhosa admoestação de Ananias quando Saulo o chama de mestre: *“Antes de tudo, não me chames mestre. Este é e sempre será o Cristo”*.

Oportuna também a menção de Ananias sobre a fragilidade da planta tenra, que precisa ter condições para crescer e se desenvolver; Saulo precisaria ir com calma, não obstante ele se conservasse intemorato, e não tivesse nada a temer. Como Emmanuel vai transcrever a fala de Ananias:

“Não digo que fujas do testemunho, mas devo encarecer a maior prudência de atitudes, não pela doutrina do Cristo, superior e invulnerável a quaisquer ataques dos homens, mas por ti mesmo”.

Interessante também reflexionarmos sobre o Item VIII da Conclusão do Livro dos Espíritos:

“Perguntam algumas pessoas: Ensinam os Espíritos qualquer moral nova, qualquer coisa superior ao que disse o Cristo? Se a moral deles não é senão a do Evangelho, de que serve o Espiritismo? Este raciocínio se assemelha notavelmente ao do califa Omar, em relação à biblioteca de Alexandria: ‘Se ela não contém, dizia ele, mais do que o que está no Alcorão, é inútil. Logo, deve ser queimada. Se contém coisa diversa, é nociva. Logo, também deve ser queimada’. Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. Mas, perguntamos, por nossa vez: Antes que viesse o Cristo, não tinham os homens a lei dada por Deus a Moisés?”

Ou seja, essa afirmação serve como elucidação para alguém que porventura pense que já falamos e propagamos o suficiente o Espiritismo. Sempre teremos necessidade de reflexões, raciocínios e novas oportunidades de entendimento.

## Capítulo 18

### *Capítulo 1 da obra P&E – Rumo ao deserto. Temática: Saulo convertido vai até a sinagoga*

*“Precisamos estudar um meio de difundir a nova revelação com a maior amplitude possível. Jesus é um socorro do Céu. Tardar na sua mensagem é delongar o desespero dos homens. Aliás, a palavra “evangelho” significa “boas notícias”. É indispensável espalhar essas notícias do plano mais elevado da vida”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 1 – Rumo ao deserto, da Segunda Parte da obra).**

De modo geral, Saulo experimentava uma mudança de ânimo; sentia-se mais feliz, bem-disposto, confortado, revigorado, satisfeito, alegre, lépido, inspirado, mas como estamos devidamente informados, a transformação moral é um processo longo e doloroso; assim, ele continuava resoluta e com dificuldade extrema de refrear seus impulsos. Mantinha resquícios do orgulho na sua personalidade destemida, porém, optou por não se demorar em lamentações e remorsos, utilizando o trabalho para recomeçar, saturando seu Espírito sequioso com a água lustral do Evangelho.

Esse panorama íntimo é narrado por Emmanuel:

“As recordações amargas lhe desertaram da memória. A influência de Jesus enchia-o de alegrias substanciosas e duradouras. Tinha a impressão de haver aberto uma porta nova em sua alma, por onde sopravam céleres as inspirações de um mundo maior”.

Saulo, encorajado, decide então a falar na sinagoga de Damasco para os judeus, mas como era de se esperar, tem dificuldade de ser ouvido. Exatamente conforme está narrada na parábola do mau rico<sup>56</sup>:

“Abraão, porém, lhe respondeu (ao mau rico, ardendo em chamas): Se eles (os irmãos do mau rico) não dão ouvidos a Moisés e os profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite algum dos mortos”.

Ou seja, o sincero desejo de Saulo era elucidar os irmãos de raça, mas aquele não era o momento propício para a abertura ao entendimento por parte deles ainda.

E neste ínterim, pensamos: Saulo se apresentava ao testemunho sem temor ou violentava a liberdade de consciência dos outros? Ele deixou de agir com caridade ao tentar convencer seus compatriotas, irmãos de raça? Ele deveria reprimir-lhe os atos?

---

<sup>56</sup> Lucas, 16: 19-31.

Sobre a liberdade de consciência, temos, conforme O Livro dos Espíritos<sup>57</sup>:

“- É insultar a liberdade de consciência opor entraves às crenças capazes de perturbar a sociedade?

- Podem-se reprimir os atos, mas a crença íntima é inacessível”.

Sadoque ainda tentou justificar sua ação com Saulo, conforme nos refere Emmanuel:

“De fato, sabia que estavas na cidade e cheguei mesmo a procurar-te na pensão de Judas; tais foram, porém, as informações do hoteleiro, que me absteve de ir ao teu aposento. E cheguei a pedir-lhe segredo da minha visita. Com efeito, parece incrível que te rendesses, também tu, passivamente, aos sortilégios do ‘Caminho’! Não posso compreender semelhante transmutação em tua robusta mentalidade”.

E pensamos: seria dissimulação ou verdadeira caridade? Será que Sadoque queria se justificar por não tê-lo recebido, pelo fato de Saulo parecer louco? Estaria Sadoque tentando fazer uma transferência de culpa? Estaria envergonhado da situação?

---

<sup>57</sup> Questão 840.

E Saulo reafirma: “*Mas, Sadoque...eu vi Jesus ressuscitado...*”. E afirma com firmeza, conforme narrado por Emmanuel:

“Agora eu estou com o Cristo e todos nós lhe pertencemos. Sua palavra divina me convocou a esforços mais ardentes e ativos. Aos que me compreenderem devo, naturalmente, a gratidão mais sagrada; entretanto, para os que não possam me entender, guardarei a melhor atitude de serenidade, considerando que o próprio Messias foi levado à cruz”.

Saulo demonstrava naquele momento o valor insubstituível da experiência; seu dever de elucidar havia se tornado questão de honra, afinal, ele houvera se tornado co-responsável pelas perseguições de Damasco, capitaneadas por Sadoque. Não temia as consequências devido à defesa do Evangelho. Seu sincero desejo de instruir e levar o Evangelho a todo lugar o faz transpor de plano: do arrependimento à reparação das próprias faltas; é que a vontade, maior potência da alma<sup>58</sup>, mobiliza todas as nossas forças.

Saulo não buscava aprovação exterior, mas buscava servir seu próprio ideal. Sobre o seu passado clamoroso de débitos, a lei de causa e efeito se encarregaria.

---

<sup>58</sup> Conforme León Dènis em “O problema do ser, do destino e da dor”.

Vemos que para Sadoque, sua fortaleza era a material. E para nós, cristãos, espíritas, imortalistas?

E é envolvido nesses elevados propósitos de esclarecimento que ele se dirige inspiradamente aos irmãos de raça na sinagoga de Damasco:

“Varões de Israel! (...) O Messias prometido já veio, consoante o afirmaram os profetas que se glorificaram na virtude e no sofrimento. Jesus de Nazaré é o Salvador dos pecadores (...). Reparando as faltas involuntárias que cometi nos impulsos sinceros de uma perseguição cruel e injusta ... (...) Encarcerei mulheres e crianças, submeti alguns à pena de morte... (...) Fiz tudo isso na falsa suposição de defender a Deus, como se o Pai supremo necessitasse de míseros defensores (...)”.

É bem verdade que os judeus aguardavam a vinda do Messias, mas não nas vestes de mansidão, humildade e serenidade.

Por isso, como era de se esperar, a resposta foi a confusão e a acusação de demência ou defecção (deserção, traição aos princípios judaicos), acusação de blasfêmia, covardia, divisão entre os fariseus, com alguns partindo para a violência escancarada e outros tentando se concentrar em prece. Até que o ancião se levanta e diz: “Se

*(Saulo) está doente, só merece compaixão; se é traidor, só poderá merecer absoluto desprezo”.*

Saulo amargava naquele momento o peso de suas desilusões; a verdade é que ninguém conhece a intimidade do outro, a julgar apenas pelas aparências. Com Sadoque, estava diante de uma falsa amizade que não seria capaz de recuar para o testemunho pessoal. Embora Saulo não temesse as consequências, manifestando irrestrita confiança em Deus, entendia que não poderia constranger o outro “às nossas verdades”, por mais sinceridade que tragamos no coração.

Naquele momento, a situação exigia a compreensão do coração disposto a amar; a compreensão experimentada mediante a indiferença, a fim de que o perdão, como remédio salutar perante a ingratidão dos afetos, se tornasse bálsamo para suas dores.

Talvez naquele momento Saulo percebesse o poder e sabedoria das palavras de Estêvão, direcionadas a ele, noutros tempos<sup>59</sup>:

“Jesus teve a preocupação de recomendar a seus discípulos que fugissem do fermento das discussões e das discórdias. Eis por que não nos será lícito perdermos tempo em contendas inúteis, quando o trabalho do Cristo reclama o nosso esforço”.

---

<sup>59</sup> Primeira parte da obra, cap. V A pregação de Estêvão.

Emmanuel vai descrever a intimidade de Saulo naquele momento:

“Intimamente, sentia-se ferido no seu amor-próprio. Os remanescentes do homem velho exigiam revide e reparação imediata, ali mesmo, à vista de todos. Quis falar novamente, exigir a palavra, obrigar os companheiros a ouvi-lo, mas sentia-se presa de emoções incoercíveis, que lhe infirmavam os ímpetos explosivos. Imóvel, notou que velhos afeiçoados de Damasco abandonavam o recinto calmamente, sem lhe fazer sequer uma ligeira saudação. (...) Acostumado aos aplausos onde quer que aparecesse, fora vítima da própria ilusão, acreditando que, para falar com êxito, sobre Jesus, bastavam os louros efêmeros já conquistados ao mundo. Enganara-se. Seus cômparas punham-no à margem, como inútil. (...) Preferia que o esbofeteassem, que o prendessem, que o flagelassem, mas não lhe tirassem o ensejo de discutir sem peias, a todos vencendo e convencendo com a lógica de suas definições. Aquele abandono feria-o fundo (...)”.

E com base nisso, pensamos: estamos verdadeiramente dispostos a testemunhar de acordo com o que Deus designa como “o melhor para nós”? Ou até o tipo de testemunho a gente quer escolher?

Na obra “As marcas do Cristo”, <sup>60</sup>o autor vai afirmar:

“Chegavam para Saulo as primeiras dores e humilhações de muitas e muitas que se seguiram pelos anos a fora. Saiu, arrasado, em busca de Ananias que, em absoluto, se mostrou surpreso com o que seu novo amigo lhe contou”.

Será que neste momento Saulo se dava conta das palavras de Jesus: “E lhe mostrarei o quanto importa padecer por amor ao meu nome?”<sup>61</sup>

E pensamos: ainda que movidos por ideais dignificantes, quanto nos custa respeitar o legítimo direito do outro de não querer nos ouvir?

Muito sabiamente, Ananias vai aconselha-lo, segundo o que nos narra Emmanuel:

“(…) Um homem de vida pura e reta, sem os erros da própria boa-intenção, está sempre pronto a plantar o bem e a justiça no roteiro que perluastra; mas aquele que já se enganou, ou que guarda alguma culpa, tem necessidade de testemunhar no sofrimento próprio, antes de ensinar. Os que não forem integralmente puros, ou nada sofreram no caminho, jamais são bem compreendidos por quem lhes ouve simplesmente a palavra. Contra os seus ensinamentos estão suas próprias vidas (…)”.

---

<sup>60</sup> As marcas do Cristo, por Hermínio C. Miranda, Volume sobre Paulo de Tarso – O Apóstolo dos Gentios. Cap. Na sinagoga.

<sup>61</sup> Atos, 9:16.

Os sábios conselhos de Ananias caíam como bálsamo em sua alma dorida:

“(…) No teu caso, deves pensar na lição de Jesus permanecendo trinta anos entre nós, preparando-se para suportar nossa presença durante apenas três. (...) Quando hajas sofrido mais — continuava o benfeitor e amigo sincero —, terás apurado a compreensão dos homens e das coisas, Só a dor nos ensina a ser humanos. (...) Pelo que me hás confessado, é possível não venhas a ser pai, mas terás os filhos do Calvário em toda parte. (...) É preciso morrer para o mundo, para que o Cristo viva em nós... (...)”.

Saulo houvera tido a presunção da boa fé, mas aprendemos com ele que, por melhor que sejam nossas intenções, precisamos respeitar o legítimo direito do outro não querer nos ouvir. É um dos desdobramentos da inesquecível lição do Cristo de amor aos inimigos: amar sem ambição retributiva.

Aquele era um momento doloroso, mas como nos diz León Dènis<sup>62</sup>: “*No fundo, a dor é apenas uma lei de equilíbrio e educação*”.

E pensando sobre essa frase de Ananias: “*Só a dor nos ensina a ser humanos*”, recordamos os diversos disfarces que usam os filhos do Calvário que aparecem em nosso “caminho rumo ao Gólgota”: o

---

<sup>62</sup> Na obra “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”.

chefe exigente, o amigo traidor, o mendigo de afeto, às vezes, dentro do próprio lar, o menino do sinal, o “louco” na rua, a atendente rude no estabelecimento comercial, o filho insubordinado...

E então Saulo toma a decisão de buscar o deserto de Palmira, na tentativa de reencontro com Gamaliel, ao invés de insistir voltar a Jerusalém, para talvez enfrentar a incompreensão de seus compatriotas.

Antes, no entanto, de ir, Saulo participa de uma autêntica reunião cristã, como vai nos narrar Emmanuel:

“Ananias chefiava e presidia o ato. Sentando-se à mesa, qual patriarca no seio da família, rogou as bênçãos de Jesus para a boa vontade de todos. Em seguida, fez a leitura dos ensinamentos de Jesus, respingando algumas sentenças do Mestre Divino nos pergaminhos esparsos (...) Depois de comentar a página lida, ilustrando-a com a exposição de fatos significativos, do seu conhecimento ou da sua experiência pessoal, o velho discípulo do Evangelho deixava o lugar, percorria as filas de bancos e impunha as mãos sobre os doentes e os necessitados (...). Ao memorar as alegrias de Jesus quando servia o repasto aos seus discípulos, fazia-se modesta distribuição de pão e água pura, em nome do Senhor. Ao fim da reunião, Ananias orava fervorosamente. (...) Saulo serviu-se do bolo simples, enternecidamente. Para sua alma,

“... tinha o sabor divino da fraternidade universal”.

E pensamos: será que nossas reuniões espíritas são assim? Ou quão próximas deste modelo estão?

Ou seja, uma reunião com infinita simplicidade, sem afetação e carinho fraternal vivido. Será que cogitamos sobre o importante simbolismo da mesa na casa espírita? Talvez lembrar os tempos idos quando Jesus sentava-se à mesa com seus discípulos. E hoje, repetindo o ato, devemos também reviver as lições morais de Jesus como base das reflexões, contextualizando o ensino evangélico com as aflições cotidianas, visando nos dar amparo e entendimento.

Ali estavam presentes a fluidoterapia, o passe magnético, as manifestações mediúnicas, a prece, o símbolo de comer nos mesmos pratos, repartindo o pão simples. E a partir daquele momento, Saulo começava a entender o caminho para a paz que tanto buscava, o que era a verdadeira fraternidade. Ele houvera enfim se permitido amar e ser amado.

## Capítulo 19

### Capítulo 2 da obra P&E – O tecelão. *Temática: Saulo se fixa no Oásis de Dã*

*“Estava só, sem parentes, sem amigos, sem dinheiro. Pouco antes daquela resolução de partir no encalço de Ananias, não vacilaria em decretar a morte de quem profetizasse o futuro que o esperava. Sua existência, seus planos, estavam transformados nos detalhes mais íntimos. Que fazer agora? E se não encontrasse em Palmira o socorro de Gamaliel, conforme aguardava em suas esperanças secretas? Considerou a extensão das dificuldades que se desdobravam a seus olhos. Tudo difícil. Estava como o homem que houvesse perdido a família, a pátria e o lar. Profunda amargura ameaçava invadir-lhe o coração. Repentinamente, porém, recordou-se do Cristo e a lembrança da visão gloriosa encheu-lhe de conforto o espírito desolado. Confiando muito mais naquele que lhe estendera as mãos, do que em suas próprias forças, procurou acalmar os sobressaltos íntimos, dando repouso ao corpo fatigado”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 2 – O tecelão, da Segunda Parte da obra).**

No “Novo Dicionário da Bíblia”, de J. D. Douglas temos algumas informações adicionais sobre Áquila e Prisca; Áquila era um fabricante de tendas e vivia com sua esposa, Priscila ou Prisca, e ambos eram amigos do Apóstolo Paulo<sup>63</sup>.

Prisca é o nome próprio, usado por Paulo. Lucas, ao escrever Atos dos Apóstolos, caracteristicamente, emprega o diminutivo, Priscila.

E os teólogos vão adicionar também, na referida obra:

“(Áquila e Prisca) arriscaram suas vidas por causa de Paulo, e é igualmente possível que tenham ‘feito a cabeça’ do Apóstolo voltar-se para as necessidades e oportunidades de Roma. (...) À parte de um intervalo no deserto da Transjordânia, Paulo passou os três anos seguintes ao seu batismo pregando em Damasco<sup>64</sup>”.

Conforme Paulo mais tarde irá escrever aos Gálatas<sup>65</sup>:

“Quando, porém, aquele que me separou (designou) desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de

<sup>63</sup> Conforme Atos, 18:3.

<sup>64</sup> Conforme Gl, 1:17; At, 9:19.

<sup>65</sup> Gálatas, 1:15-17.

mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco”.

Observamos que Saulo destaca o aspecto da “revelação interior” e a esse “chamado” liga sua vocação de “Apóstolo dos Gentios”. Gentio é um termo geral para identificar as nações que não possuem uma aliança com Deus como o povo hebreu, então, esse termo passou a designar uma expressão de desprezo e estigma de povos idolatras e politeístas.

“Carne e sangue” é uma expressão idiomática, uma figura de linguagem que designa as condições humanas; Saulo, ao invés de buscar confirmações externas, buscou compreender, por reflexão íntima, meditação interior, expandindo as percepções do seu “corpo espiritual”, como ele mesmo escreveu<sup>66</sup>: *“Semeia-se no corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual”*.

Emmanuel vai narrar essa ida de Saulo a Palmira:

“(…) Dada a sua privilegiada situação no deserto, os transeuntes de Palmira notaram, com profundo interesse, a passagem daquele beduíno seguido de humilde serviçal a puxar um mísero camelo arquejante de cansaço”.

---

<sup>66</sup> 1 Co, 15:44.

De Palmira ao Oásis de Dã eram mais de 50 milhas (mais de 80 km) em linha reta (o trajeto real pode passar de 200 km), então imaginamos quantas reflexões ao longo no caminho não foram feitas.

Este trajeto era vencido por caravanas da Rota da Seda, ou seja, uma importante rota comercial na região. Isso porque Palmira abre caminho para o vale do rio Eufrates, no árido deserto sírio, é localizada em proximidade ao Mar Mediterrâneo, hoje patrimônio cultural da UNESCO<sup>67</sup>, portanto, representava para Saulo uma nova chance, com novas perspectivas. O ambiente era rude, uma longa caminhada, e Saulo preservava sua obstinação peculiar.

E dentro deste íterim, pensamos: como Saulo mudou de perspectiva tão radicalmente, de doutor da Lei a peregrino do deserto? Emmanuel vai dizer que ele *“transitava com ar indiferente, como se convivesse naquele cenário, de há muito tempo”*.

E com base nisso, pensamos: seria uma sutil alusão a outras possíveis reencarnações de Saulo naquele mesmo cenário?

Emmanuel vai descrever o quadro:

---

<sup>67</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

“(…) Depois (de instalar-se numa estalagem, pagar Judá e consultar os recursos restantes para regular o seu programa, Saulo) recolhendo-se no quarto pobre que tomara, entrou a meditar, acuradamente, nos últimos acontecimentos da sua vida. Estava só, sem parentes, sem amigos, sem dinheiro (…)”.

Encarando esse novo desafio, Saulo enfrentava o medo, as incertezas do caminho, pela extensão das dificuldades enfrentadas, mas mantinha-se resoluto, sustentando a consciência edificada na fé e erigindo sua fortaleza e segurança na busca irrestrita das garantias em Deus e não nos homens.

Como vai narrar Emmanuel:

“(…) Estava como o homem que houvesse perdido a família, a pátria e o lar. Profunda amargura ameaçava invadir-lhe o coração. Repentinamente, porém, recordou-se do Cristo e a lembrança da visão gloriosa encheu-lhe de conforto o espírito desolado (…)”.

E munido de novas forças, encontrou-se com Ezequias, irmão de Gamaliel, que confessava achar o irmão visivelmente diferente, insulado no deserto para “*ler e meditar num manuscrito sem importância*” (os escritos de Levi), completamente desinteressado das práticas religiosas judaicas.

Saulo percebeu a sutileza daquela situação: Ezequias era um judeu mais prático e estava

considerando Gamaliel quase um demente, em “*decadência mental*”. Nutria a ideia que Gamaliel houvera caducado, mas era um louco manso. Saulo ponderou sobre a diferença entre divergir e desrespeitar as convicções do outro. Como vai traduzir Emmanuel:

“(…) Saulo compreendeu a delicadeza do momento e a natureza dos recursos psicológicos a empregar, para não se comprometer, agravando, ainda mais, a posição do mestre ilustre (…)”.

E com base nisso, pensamos: por que Saulo hesitou perante a oportunidade de dar um testemunho sem temor pelo Evangelho? Será que algo da experiência na Sinagoga de Damasco havia ficado como aprendizado inesquecível?

Logo depois ele se reencontrou com Gamaliel, na qualidade de um antigo amigo. Naquele momento de sua vida, Saulo podia perceber a ponderação, coragem moral e serenidade de Gamaliel, que em outros tempos (quando no apedrejamento de Estêvão) não pôde compreender. Sentia muito júbilo, verdadeiro reconhecimento, muitas saudades, e ao mesmo tempo, Gamaliel se sentia consolado pela inflexão vibrante de paixão e sinceridade de Saulo, por amor ao Cristo. Gamaliel sentia-se consolado. Saulo falava de suas desilusões, e sobre a imensa vontade de começar a trabalhar para propagar as boas novas, e ao mesmo

tempo, pedia orientação ao velho amigo para vencer as dificuldades encontradas.

E dentre as lições inestimáveis de Gamaliel, poderíamos destacar, como nos narra Emmanuel:

“(...) A lição do Mestre é grande demais para que seus discípulos estejam à espera de dominações políticas ou de altas expressões financeiras, em seu nome. Não é justo aguardemos repouso e vida fácil em nossa miserável condição de pecadores. (...) Nossos avós, antes de receber o maná do céu, atravessaram tempos sombrios de miséria, escravidão e sofrimento. Sem as angústias do deserto, Moisés jamais encontraria na rocha estéril a fonte de água viva (...)”.

E permeados por essas reflexões, pensamos por nossa vez: qual deserto temos atravessado? E qual proveito temos recolhido nessa travessia?

E Gamaliel ainda prossegue:

“(...) Nas minhas reflexões solitárias, cheguei à conclusão de que a Terra Prometida pelas divinas revelações é o Evangelho de Cristo Jesus. (...) A revelação divina deve referir-se a uma região bendita, cujo clima espiritual seja feito de paz e luz. Adaptarmo-nos ao Evangelho é descobrir outro país, cuja grandeza se perde no infinito da alma. (...) Pensando naquela estupenda serenidade com que Estêvão

entregou a alma a Deus, vi nele a figura do companheiro corajoso e digno, que voltava das lições do “Caminho” para nos afirmar que na terra do Evangelho há fontes do leite da sabedoria e do mel do amor divino. (...) Podes multiplicar as energias com o adestramento de tuas forças e penetrar o terreno das aspirações do Salvador; para isso, é indispensável simplificar a vida, recomeçar a luta (...)”.

E com base nisso pensamos: será que nós temos a coragem indispensável para enfrentar a crise que se impõe?

Saulo não poderia mais alinhar suas novas convicções com a sua antiga vida, como doutor da Lei no Sinédrio de Jerusalém. Seu pai também não viveria para sempre, para ser seu provedor. Saulo era jovem, enérgico, portanto, seria indispensável usar sua força para o trabalho honesto, recomeçando a vida com base no esforço próprio, e para isso ser-lhe-ia muito útil o ofício aprendido ainda na juventude com seu pai, de tecelão.

E como seria para nós tal oportunidade e desafio de recomeçar praticamente do zero?

É como nos lembra o livro de Gênesis<sup>68</sup>:

“Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da terra

---

<sup>68</sup> Gênesis, 3:19.

foste formado, porque tu és pó e ao pó da terra retornarás”.

E pensando como talvez, para uma mudança tão definitiva e impactante em sua vida, Saulo porventura fosse precisar de uma dose extra de ânimo, Gamaliel adiciona:

“(…) As tarefas apagadas são grandes mestras do espírito de submissão. Não te sintas humilhado regressando ao tear que nos surgem presentemente, qual amigo generoso. (...) Todo trabalho honesto está selado com a bênção de Deus. Ser tecelão, depois de ter sido rabino, é para mim mais honroso que descansar sobre os títulos ilusórios, conquistados em um mundo onde a maioria dos homens ignora o bem e a verdade (...)”.

A proposta de redenção de Saulo era das mais desafiadoras: precisaria aprender de novo, o caminho da vida. Havia escolhido conviver com os desprestigiados, os esquecidos, os invisíveis sociais, a enfrentar as dificuldades e as amarguras de cada dia, a sair de si para ir ao encontro das misérias alheias e justamente nesse novo ambiente psíquico aprender a dominar seus impulsos inferiores, se tornando mais paciente e mais humano.

E com base nisso, pensamos: Quantos de nós passamos a vida inteira só na condição de pedintes, sem dar nada de nós mesmos?

## Capítulo 20

### *Capítulo 2 da obra P&E – O tecelão. Temática: A experiência da fraternidade com Áquila e Prisca*

Saulo havia arrostado todas as consequências de sua decisão: fazer o que precisava ser feito para retornar ao caminho da retidão.

Como o próprio Emmanuel nos lembra nessa obra, na Primeira Parte, Capítulo IX Abigail cristã:

“(...) São poucos os que se recordam da proteção divina nos dias alegres da fartura, como raríssimos os que trabalham à revelia do agulhão (...)”.

Decidindo insular-se no oásis de Dã, por recomendação de seu velho amigo Gamaliel, conhece o casal Áquila e Prisca, com quem passaria a conviver por três anos ininterruptos, como consta no livro de Atos<sup>69</sup>:

“E, achando um certo judeu por nome Áquila, natural do Ponto, que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher

---

<sup>69</sup> Atos, 18:2-3.

(pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma), ajuntou-se com eles. E, como era do mesmo ofício, ficou com eles, e trabalhava; pois tinham por ofício fazer tendas”.

O alvitre de Gamaliel foi um bálsamo para a alma sedenta do ex-doutor de Tarso. Gamaliel considerava que as convicções de Saulo ainda não estavam maduras o suficiente para que enfrentasse sua família, seus compatriotas ou outros testemunhos, mais graves. Convinha esperar, mas movendo força ativa em prol da reconstrução de si mesmo. A “planta do Evangelho” ainda começava a germinar no coração de Saulo, e as tricas farisaicas poderiam ser como os espinheiros da parábola do semeador, que sufocaram as sementes.

A conversa com o irmão de Gamaliel, Ezequias, foi providencial. Nada lhe foi revelado sobre o passado de Saulo: “Todo recomeço impõe silêncio da condição anterior”. Aquela, talvez, seria a primeira prova da humildade e solidão no novo caminho. O deserto lhe proporcionaria consolação, trabalho e silêncio. As expectativas eram as melhores possíveis por parte de Gamaliel, e transmitidas adequadamente a Saulo, conforme Emmanuel vai narrar:

“(...) Vejo-te, no futuro, dedicado a Jesus, com o mesmo zelo ardente com que te conheci consagrado a Moisés! Se o Mestre te chamou ao serviço é porque confia na tua compreensão de servo fiel. (...) Nesse labor,

meu filho, se topares incompreensão e luta em Jerusalém, não desesperes nem esmoreças. Semeaste por lá certa confusão nos espíritos, é justo recolhas os resultados (...)”.

E com isso, pensamos: Acaso estaremos preparados para colher as tempestades que semeamos?

Ezequias demonstrou muita estranheza pelo fato de Saulo querer se exilar no deserto, como um tecelão humilde em isolamento, afinal, era um homem inteligente, solteiro, jovem. Logo supôs que possivelmente estivesse fugindo das autoridades locais ou estivesse passando por uma situação de extrema privação material e necessidade pecuniária.

Gamaliel se adiantou e já afiançou que Saulo estava carente de meditação nos problemas mais graves da vida, e assim como os profetas do Antigo Testamento, se insularia no deserto, favorecendo as reflexões mais profundas.

A viagem transcorreu sem maiores ocorrências, e quando chegou ao oásis, Áquila e Prisca o receberam com indizível fraternidade e simpatia. A pequena oficina parecia uma formosa solução do Alto para as necessárias expressões de trabalho, meditação e bom ânimo naquele momento.

E pensamos: Será que Saulo comparava a relação entre Áquila e Prisca com o que poderia ter

resultado da sua relação com Abigail, que invariavelmente avançaria para um casamento?

Para Saulo, Áquila e Prisca eram “habitantes de um mundo diferente”, num ambiente paradisíaco, com culturas e hábitos sagrados e regeneradores, com uma postura edificante e valores inestimáveis.

Num momento da obra, Emmanuel inclusive vai observar que “*Áquila parecia um temperamento privilegiado, desses que se movimentam sem a presença do aguilhão*”.

E pensamos: será que nós também exercemos nosso dever moral sem a presença do aguilhão? Ou a dor é essa mestra indispensável que chega devagarinho e vai despertando e educando para a vida?

Conforme consta em O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo IX Bem aventurados os mansos e pacíficos, item 7 A paciência:

“(…) A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; não vos aflijais, pois, quando sofrerdes; antes, bendizeis de Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, vos marcou para a glória no céu (...)”.

E o próprio Emmanuel vai narrar o panorama íntimo de Saulo:

“(…) Saulo compreendeu a bênção que havia recebido. Tinha a impressão de

encontrar naquelas duas almas fraternas, que nunca mais se haviam de separar espiritualmente da grandeza de sua missão, dois habitantes de um mundo diferente que, até então, não lhe fora dado conhecer na vida. Áquila e Prisca, antes que esposos, pareciam verdadeiros irmãos (...)

Outra questão que também nos faz pensar é como a vida arquitetava os nossos destinos com maestria e perfeição: por que será que, naquele momento da vida, Saulo usufruía da companhia de um casal respeitoso, afinado, e não de um ancião, por exemplo?

Por que os caminhos da vida levaram Saulo ao deserto, na companhia de um casal que vivia a lídima fraternidade e não logo à Casa do Caminho dos Apóstolos?

Áquila e Prisca testemunhavam uma afeição legítima e madura, não um acordo de paz. Não era uma mera similitude de gostos, era um afeto profundo.

O fato é que desde os primeiros diálogos com Áquila e Prisca, Saulo pôde perceber a bênção com que havia sido contemplado. A leitura diária do Evangelho, as narrativas tocantes das perseguições aos cristãos, na época chamados de homens ou irmãos “do Caminho” e a situação do próprio casal, como refugiados, perseguidos em Jerusalém.

Quão grande foi o pesar e a surpresa de Saulo quando eles revelaram que o nome do algoz de suas vidas era Saulo de Tarso, o célebre inimigo de Jesus. Naqueles dias, Saulo pôde aquilatar a amplitude do mal que causou.

Queria ser sincero, falar de seu passado, atestar seu arrependimento e desejo de transformação, mas, como Emmanuel vai narrar, ponderou:

“(…) Era preferível ocultar-se, experimentar a reprovação justa do seu passado condenável, humilhar-se ante o juízo dos outros, por mais implacáveis que fossem, até que os irmãos do Caminho lhe comprovassem plenamente a fidelidade do testemunho (...)”.

E pensamos: será que nós teríamos paciência para tudo ouvir sem o ímpeto de nos justificar? Será que nosso “orgulho de sermos sinceros” também não precisa ser corrigido? A verdade não precisa ser dosada? O que dói mais? Ocultar ou confessar os próprios erros?

Num dado momento do diálogo, Áquila vai expor:

“(…) Talvez o próprio Saulo, segundo creio, não pudesse saber das atrocidades cometidas pelos homens inescrupulosos que tinha às suas ordens, porque as perseguições foram de tal natureza que, como irmão do “Caminho”, não posso admitir que um rabino educado pudesse assumir a

responsabilidade pessoal por tantos feitos iníquos (...).”

E nós, será que nos constrangemos ao pensar na responsabilidade e repercussão dos nossos atos?

Áquila contou que pela simpatia que o casal mantinha desde sempre pelo Salvador, foi perseguido na casa de seu pai, não obstante aferrado à Lei de Moisés. Todos os bens foram confiscados, eles foram supliciados e o pai acabou falecendo nesse martírio.

Por essa razão eles haviam se insulado no deserto! A posição de medo, insegurança pelas perseguições. Ainda não conheciam Saulo, portanto, era preciso tomar precauções.

Em um dado momento, Saulo toma coragem e pergunta à Áquila o que pensa sobre Saulo de Tarso, ao que o novo amigo responde:

“(...) O Evangelho manda considera-lo como irmão extremamente necessitado da luz de Jesus Cristo. Tenho orado a Deus por ele, esperando que um raio do céu o esclareça, não tanto por mim, que nada valho, mas por causa de Pedro, que considero um segundo pai muito querido. Julgo que os Apóstolos galileus são dignos de um campo sem espinhos para a sementeira de Jesus. (...) Pedro nos ensinava a considerar o implacável rabino como a um irmão que as violências obscureciam.

Salientava nossas fraquezas humanas, induzia-nos a melhor compreensão. Certo dia chegou a declarar que toda a perseguição de Saulo era útil, porque nos levava a pensar em nossas próprias misérias, a fim de estarmos vigilantes nas responsabilidades com Jesus. (...)”.

Saulo estava com a epiderme já queimada pelo Sol do deserto, a barba crescida, as mãos afeitas aos livros que acabaram se tornando, ao contato com o tear, calosas e rudes. Os olhos, calmos e profundos, haviam se pacificado. Passou, no oásis de Dã, por momentos muito difíceis, como um período de adoecimento de Áquila, a multiplicação das tempestades de areia e também o abatimento de Prisca e se torna o ombro amigo, a força indispensável para manter os trabalhos e sustentar a oficina. Após um ano de trabalho, é informado da morte de Gamaliel e sente profundamente.

Tudo isso nos faz pensar ainda: como nós aproveitamos o nosso estágio na solidão?

Em quais pequenos atos do nosso dia a dia ainda há resquícios de crueldade? Quando humilhamos e culpamos o outro de nosso infortúnio, quando abandonamos quem nos serviu e amou, quando ferimos o outro justamente em suas fragilidades...

Saulo estuda o momento para se revelar. Sonda Áquila e Prisca sobre o que eles fariam se estivessem deparados com Saulo, e eles

demonstram o espírito de fraternidade e solidariedade.

E pensamos: E nós, o que faríamos se nos víssemos face a face com nosso verdugo? Agrediríamos? Daríamos uma palestra? Perguntaríamos qual a razão para tanta crueldade? Falaríamos umas verdades? Desprezaríamos e ignoraríamos a pessoa?

E é nesse ínterim que Saulo se confessa:

“(…) Meus amigos, sob a inspiração do Senhor, é justo confessarmo-nos uns aos outros. Sou Saulo de Tarso, o sanhoso perseguidor, transformado em servo penitente. Se muito errei, hoje muito necessito. Na sua misericórdia, Jesus rasgou a túnica miserável das minhas ilusões. Os sofrimentos regeneradores chegaram-me ao coração, lavando-o com lágrimas dolorosas. (...) Perdi tudo que significava honrarias e valores do mundo, para tomar a cruz salvadora e seguir o Mestre na trilha da redenção espiritual. É verdade que ainda não pude abraçar-me ao madeiro das lutas construtivas e santificantes, mas perseverei no esforço de negar-me a mim mesmo, desprezando o passado de iniquidades para merecer a cruz da minha ascese para Deus (...)”.

O que nos faz recordar da célebre afirmação do cego de nascença: “Uma coisa eu sei; eu era cego e agora eu vejo”.<sup>70</sup>

Interessante o fato de Saulo estar num oásis. Tanto físico, quanto simbólico. A convivência com Áquila e Prisca representou uma fonte diamantina de água viva nas suas necessidades de entendimento e amparo. Porém, não obstante ser um oásis, ainda estava situado no “deserto”; o que implica dizer que as bênçãos luminíferas do Evangelho aclaram nosso entendimento e propiciam conforto à dor, mas ainda precisaremos enfrentar as provas e vicissitudes.

Saulo lembra aqui da confissão em tempos apostólicos tão comum. A sinceridade de sua confissão comoveu Áquila e Prisca, ao ponto dessa última afirmar, compungida: “*Se Jerusalém conhecesse essa vitória do Mestre, renderia graças a Deus!*”

E pensamos: E nós, o que faríamos no lugar de Áquila e Prisca?

Saulo havia se transformado, mas estava ciente do abismo imenso que o separava do Cristo. E nós, em qual posição nos encontramos? Ainda às voltas com nossos padrões, difíceis de serem superados?

Recordemos que o fato de Jesus ter ido encontrar Saulo às portas de Damasco não denota favorecimento pessoal, mas oportunidade

---

<sup>70</sup> João, 9:25.

iluminativa. É a bondade do Criador indo ao encontro do necessitado de discernimento.

Os desdobramentos após a confissão foi o compartilhamento do sonho comum de ir a Roma, por parte de Saulo de rever os pais em Tarso e regressar a Jerusalém. Então, Saulo decide novamente voltar a Damasco, após a meditação de três anos consecutivos no deserto de Palmira – oásis de Dã.

**Capítulo 21**  
**Capítulo 3 da obra P&E – Lutas e humilhações. Temática: Saulo bate às portas da Casa do Caminho – Encerramento do primeiro semestre**

*“Não podia definir aquele estado espiritual, mas o caso é que dali por diante, sob a direção de Jesus, Estevão conservava -se a seu lado como companheiro fiel. (...) Jesus quis, destarte, que a primeira vítima das perseguições de Jerusalém ficasse para sempre irmanada ao primeiro algoz dos prosélitos de sua doutrina de vida e redenção. (...) Ao invés dos sentimentos de remorso e perplexidade em face do passado culposo; da saudade e desalento que, às vezes, lhe ameaçavam o coração, sentia agora radiosas promessas no espírito renovado, sem poder explicar a sagrada origem de tão profundas esperanças. Não obstante as singulares alterações fisionômicas que a vida, o regime e o clima do deserto lhe produziram, entrou em Damasco com alegria sincera na alma agora devotada, absolutamente, ao serviço de Jesus”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 3 – Lutas e humilhações, da Segunda Parte da obra).**

Na questão 491 de O Livro dos Espíritos, Kardec vai indagar: ***“Qual a missão do Espírito protetor?”***, em relação à qual os imortais vão responder:

“A de um pai sobre seus filhos: guiar seu protegido no bom caminho, ajuda-lo com seus conselhos, consolar suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida”.

Ou seja, é inegável que desde aquele momento houve uma grande mobilização da assistência de uma equipe espiritual para a missão paulina, que o seguiria até o fim de sua existência corpórea.

E, como sabemos, não é importante identificar nomes. Kardec inclusive na questão 504, alínea a, vai questionar: ***“De que modo invoca-lo (nosso Espírito protetor), sem saber o nome?”***, ao que os imortais respondem:

“Dai o nome que quiserdes, o de um Espírito superior pelo qual tendes simpatia ou veneração. Vosso Espírito protetor virá a esse apelo, porque todos os bons Espíritos são irmãos e se assistem entre si”.

Ou seja, que importa de quem eram as vozes, se tudo provém de Deus?

Estêvão, desde aquele momento assessoraria diretamente sua nova missão no Apostolado; a

missão agora passava a ser conjunta, de Paulo e Estêvão.

Mas pensamos, com que propósito passavam a estar unidos assim, esses dois destinos?

Recordemos que o objetivo da existência é servir de base para a evolução espiritual, através da qual aprendemos a desenvolver maturidade em nossos relacionamentos, pela cooperação no bem, na família e na sociedade.

Saulo estava solitário, mas não se sentia desamparado ou abandonado.

Percebemos também, no caso dele, que a dor profundamente sentida ajuda a abrir os canais de percepção e sensibilidade para o Mundo Maior.

Saulo preferiu renovar as esperanças para as perspectivas de seu futuro, procurando evitar nutrir o remorso e perplexidade pelo passado culposos.

Vemos, na obra, ele experimentando saudade e desalento, mas a alegria sincera na alma devotada a Jesus está sempre presente.

Em Damasco, os irmãos do “Caminho” lhe ofereceram hospitalidade, através da congregação fraternal e do culto do Evangelho diário. E foi neste mesmo momento que Saulo passou a observar os

flagrantes dos primeiros choques entre os judeus e os amigos do Cristo. Mas ele defenderia até o fim que Jesus não veio para destruir a Lei. Conforme Emmanuel nos narra:

“Seu temperamento apaixonado (de Saulo) percebeu a extensão da tarefa que lhe estava reservada. Os fariseus formalistas da sinagoga, não mais se insurgiam contra as atividades do ‘Caminho’, desde que o seguidor de Jesus fosse, antes de tudo, fiel observador dos princípios de Moisés”.

E pensamos: o que os fariseus ganhavam com essas celeumas? Por que a pretexto de benignidade fazer proselitismo, expandir seu poder, enriquecer seus cofres e supostamente “vencer no mundo”, procurando abafar ou reduzir a ideia cristã?

Saulo era um recém convertido, com muito a expiar a reparar, porém, sentia que precisava esclarecer o que era o Evangelho e o que compreendia como abuso de poder por parte dos fariseus.

E pensamos, será que nós também não procedemos de forma análoga aos fariseus, quando dizemos:

- “Pode escolher a profissão que quiser, mas ninguém nunca viu ‘isso aí’ dar dinheiro”;
- “Aceito trabalhar nesta casa espírita, mas quero fazer as coisas do meu jeito, porque do jeito que está eu não concordo”;

- “Pode namorar com quem você quiser, mas vê se escolhe direito”;
- “Pode se vestir e se relacionar com quem quiser, mas não exponha a nossa família”?

Em Saulo, era natural sua atração a atividades que lembrassem o posto antigo, de doutor da Lei (ele se sentia ainda no dever), daí a tarefa da pregação.

E mais ou menos nessa época começaram a surgir as acaloradas discussões entre judeus e cristãos sobre a circuncisão dos que não eram judeus.

Na visão judaica, a circuncisão é um preceito contido na Torá, em que era costume, no oitavo dia de vida do menino, circuncidá-lo, como se fosse uma marca da aliança com Iahweh.

A circuncisão é uma pequena intervenção cirúrgica que consiste em remover o prepúcio do órgão genital masculino, através de um rito judaico, necessário. Interessante que no Antigo Testamento<sup>71</sup>, está escrito: **“Circuncidai, pois, o prepúcio do vosso coração, e não mais endureçais a vossa cerviz”**. Uma visão metafórica da circuncisão, apelando para uma purificação interior, dos pensamentos e atos e não necessariamente um ato exterior, no corpo de carne.

---

<sup>71</sup> Deuteronômio, 10:16.

Ideia (da verdadeira circuncisão), sobre a qual mais tarde Paulo vai escrever em sua epístola aos Romanos<sup>72</sup>:

“Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, não te julgará porventura a ti, que pela letra e circuncisão és transgressor da lei? Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus”.

Assim, Saulo decide ir à sinagoga, arrostando todas as consequências do seu ato, com o intuito de demonstrar as disparidades do formalismo farisaico com o Evangelho, mostrar o que era a circuncisão e o que era a nova fé.

Saulo faz um inspirado discurso sobre Moisés e as promessas de Isaías e começa a falar sobre o Messias Nazareno, e neste momento, é acusado de “traidor” e passa a ser submetido a um

---

<sup>72</sup> Romanos 2:25-29.

interrogatório improvisado, recebendo, inclusive, voz de prisão.

Pensamos na eficácia desta pregação; não estariam os fariseus muito refratários à mensagem? Mas estamos convictos que sempre causa algum efeito benéfico a reflexão sincera, ainda que não haja a sensibilização ou conversão imediata daquele que ouve.

Emmanuel vai narrar o posicionamento do ex-doutor da Lei:

“Não vos reconheço o direito de efetuar a minha prisão. Nego-me porque, não obstante haver modificado minha concepção religiosa, sou doutor da Lei, e além disso, quando à situação política, sou cidadão romano e não posso atender a ordens verbais de prisão. Onde o mandado?”

Ou seja, Saulo confessa sua fé, sua mudança de convicção, não obstante ainda arroga a si o privilegio conferido pela cidadania romana. E pensamos: ele não deveria ter se entregado sem resistência?

Ele usava argumentos justos e não abjurava de sua fé, mas Jesus usou sua prerrogativa de ser o Filho do Homem, o Filho Unigênito de Deus? No entanto, é incontestável sua sinceridade e lealdade (de Saulo) sempre legítimas.

Saulo jamais abjuraria ou dissimularia sua fé. Mas será que, intimamente, Saulo cogitava todos os suplícios que, conforme ele sabia, os fariseus seriam capazes de impingir-lhe? E que ele mesmo, outrora, havia autorizado para outros cristãos convictos?

E pensamos: estaria Saulo negando o testemunho cristão? Isso representaria se valer de prerrogativas para se esquivar de “tudo sofrer por amor a Jesus”?

Depois de dito isso, ele deu meia volta e foi embora, deixando os judeus estupefatos.

Recordemos que a notícia que Ananias o houvera curado da cegueira corria de boca a ouvido, e era, portanto, de conhecimento generalizado. Afinal, estamos lembrados que Saulo foi a Damasco assassinar Ananias, e portanto, ele era muito famoso.

Interessante também notarmos uma semelhança dessa ocorrência com outra envolvendo Estêvão. Neste capítulo III Lutas e Humilhações, da Segunda Parte, temos a fala de Saulo (para os fariseus):

“Vosso silêncio fala mais que as palavras – concluiu quase com audácia. – Jesus não vos permite a prisão do servo humilde e fiel. Que a sua bênção vos ilumine o espírito na

verdadeira compreensão das realidades da vida”.

E observamos, no capítulo V A pregação de Estêvão, da Primeira Parte, a fala de Estêvão (com o próprio Saulo, na sua antiga condição de fariseu):

“Agora, irmãos, peço vênias para concluir minhas palavras. Se não vos falei como desejáveis, falei com o Evangelho nos aconselha, arguindo a mim próprio na íntima condenação dos meus grandes defeitos. Que a bênção do Cristo seja com todos vós”.

A reação dos fariseus não tardou. Fortemente impressionados, seguiram nas acaloradas discussões, após Saulo sair e desaparecer entre as ruas. Dali a três horas os fariseus cercaram a cidade com o tal mandado de prisão e, enquanto isso, Saulo procurou se aconselhar com Ananias. Emmanuel vai narrar este momento:

“Estou pronto a reparar o meu passado de culpas. Afrontarei as incompreensões de Jerusalém, afim de patentear minha transformação radical. Pedirei perdão aos ofendidos pela insensatez da minha ignorância, mas de modo algum poderei fugir ao ensejo de afirmar-me sincero e verdadeiro”.

E pensamos, seria essa já a cruz do Cristo que Saulo estaria carregando, ou ainda seria a cruz das próprias culpas?

O Espírito Emmanuel vai elucidar, na obra *Pão Nosso*, capítulo 103 Cruz e disciplina, o seguinte:

“(...) Vários discípulos tecem comentários extensos, em derredor da cruz do Senhor, e costumam examinar com particularidades teóricas os madeiros imaginários que trazem consigo. Entretanto, somente haverá tomado a cruz de redenção que lhe compete aquele que já alcançou o poder de negar a si mesmo, de modo a seguir nos passos do Divino Mestre. Muita gente confunde disciplina com iluminação espiritual. Apenas depois de havermos concordado com o jugo suave de Jesus-Cristo, podemos alçar aos ombros a cruz que nos dotará de asas espirituais para a vida eterna (...)”.

O autor espiritual toma a citação evangélica<sup>73</sup>, quando constrangeram um certo Simão Cireneu, que passava pela cena triste do caminho ao Gólgota, para que ajudasse Jesus a levar a cruz. Mas o faz constrangido por um soldado romano e não por livre e espontânea vontade, assim como a maioria de nós, que ainda estamos carregando a cruz pesada das próprias culpas, constrangidos pela lei de Ação e Reação.

Voltando à Saulo, Ananias com muita sabedoria recomenda-lhe a prudência, lembra a ele que os fariseus conheciam sua história da cura da cegueira,

---

<sup>73</sup> Marcos, 15:21.

e que certamente o procurariam na casa de Ananias, e que, por isso, talvez fosse um bom alvitre esconder-se na casa de uma lavadeira consoror. E de fato, os fariseus procuram Ananias e o vergastam impiedosamente pelo deslocamento da violência.

E pensamos: será que nós também estamos prontos para testemunhar ao lado de nossos irmãos? Do amigo que desabafa e às vezes influencia nosso próprio estado emocional? Do irmão que aconselhamos e cujas companhias espirituais passam a nos odiar por termos ajudado?

O Espírito Emmanuel tem uma belíssima mensagem intitulada “Também tu”, no capítulo 61 da obra *Vinha de Luz*, em que ele vai dizer:

“(...) Somente os Lázarus que se unam ao amor de Jesus conseguem vencer o terrível assédio da ignorância. Tem, pois, cuidado contigo mesmo. Se te sentes trazido da sombra para a luz, do mal para o bem, ao sublime influxo do Senhor, recorda que o farisaísmo, visível e invisível, obedecendo a impulsos de ordem inferior, ainda está trabalhando contra o valor de tua fé e contra a força de teu ideal. Não bastou a crucificação do Mestre. Também tu conhecerás o testemunho (...)”.

E aceitando o conselho de Ananias, ele foge para Jerusalém. E aqui, repercutimos um pensamento trazido por Emmanuel na obra: ***“Não seria covarde deixar de comparecer perante a autoridade civil para os esclarecimentos necessários?”***

O fato é que Saulo sabia que não teria um julgamento justo (como Estêvão também não teve). Porém, não se submeter não seria o mesmo que desobedecer?

O próprio benfeitor espiritual vai transmitir o pensamento de Saulo:

“Ao mesmo tempo, considerava que sua conduta não provinha de sentimentos pueris e inferiores, pois ia a Jerusalém desassombrado, buscaria avistar-se com os antigos companheiros, falar-lhes-ia abertamente, concluindo que também não seria razoável entregar-se inerte ao fanatismo tirânico da sinagoga de Damasco”.

Assim, entendemos que Saulo escolhia as provas mais desafiadoras. Depois de atravessar o trecho a barco, Saulo fazia questão de ir a pé, para, como diz Emmanuel, ***“familiarizar a vontade poderosa com os obstáculos mais duros”***. Ele queria se permear de tudo que lhe recordasse a psicofera do Cristo, por isso, esteve no Calvário, foi à Galileia, passando com Cafarnaum e Nazaré, esteve no mar

do Tiberíades ou lago de Genesaré. Emmanuel traduz seus sentimentos dizendo que ***“o doutor da Lei desejou ter sido simples pescador”***. Incrível como o valor que atribuímos aos fatos e às coisas muda conforme nosso grau de amadurecimento psicológico. Nas palavras de Emmanuel:

“Pensando em Jesus, no poder do seu amor, chorou, dominado por singular emoção. Queria ter sido pescador humilde para captar os ensinamentos sublimes na fonte de suas palavras generosas imortais”.

Sem revelar-se, Saulo procurou Levi (Mateus), abraçou os curados pelas mãos de Jesus, foi a Dalmanuta, conheceu Madalena, seguiu a Jerusalém, foi à casa de Dalila, sua irmã, Alexandre, à casa do Caminho. E pensamos: será que nós também teríamos coragem de revisitar as paisagens do nosso infortúnio?

---

Este capítulo marca o encerramento do primeiro semestre dos estudos, de acordo com nosso cronograma.

## Capítulo 22

### Capítulo 3 da obra P&E – Lutas e humilhações. Temática: Saulo aprende as primeiras lições de obediência e humildade

Saulo sente um misto de sentimentos: remorso, desejo ardente de cooperar com o Cristo, necessidade de provar a humildade, renúncia, reconciliação.

Saulo, entre a expectativa e o medo, bate à porta da Casa do Caminho de Simão Pedro, em Jerusalém: **“Caso esteja – acrescentou Saulo algo indeciso –, digei-lhe que Saulo de Tarso deseja falar-lhe em nome de Jesus”**.

O panorama interno à Igreja, dos Apóstolos, era de palidez, assombro e surpresa: o perseguidor voltava após três anos. **“Impossível que o algoz implacável dos discípulos do Senhor estivesse convertido à causa do Evangelho de amor e redenção”**, alguns defendiam.

E pensamos, junto com o autor espiritual: mas não seria justamente essa a proposta do Evangelho? Redimir corações equivocados e reconduzir as ovelhas perdidas?

Os Apóstolos tinham a grave responsabilidade por proteger e resguardar a tarefa que houvera sido confiada a eles pelo próprio Cristo, mas Tiago

houvera se transformado em rígido asceta. Pedro, João e Tiago decidiriam se aceitariam ou não Saulo.

E pensamos: qual a diferença entre o receio precipitado e a prudência? Recordamos da advertência carinhosa de Jesus<sup>74</sup>:

“Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas.”

Tiago cogitava farsa, pensando se tratar de uma nova cilada por parte de Saulo. João, entretanto, ponderava saber das provas. Emmanuel vai narrar:

“Mas saber como? (...) Nosso material de reconhecimento é o próprio Saulo. Ele é o campo que revelará ou não a planta sagrada do Mestre. (...) Não é justo abriremos as portas, quando não lhe conhecemos o intuito”.

Os antecedentes de Saulo não eram dos melhores: atitude desrespeitosa e irônica, a prisão e morte de Estêvão e a prisão dos demais apóstolos. Mas, onde o perdão?

Inesquecível a grande apologia do Cristo <sup>75</sup>ao perdão:

“Então Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?”

---

<sup>74</sup> Mateus 10:16.

<sup>75</sup> Mateus 18:21-22.

Jesus lhe disse: Não te digo que até sete; mas, até setenta vezes sete”.

No livro de Gênesis, 4:15, depois que Caim mata seu irmão, o Senhor busca Caim pelos caminhos escabrosos e Caim diz que não era o cuidador do seu irmão, e não entende a perseguição do Senhor:

“O Senhor, porém, lhe disse: portanto, qualquer um que matar a Caim sete vezes será castigado. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que não o ferisse qualquer que o achasse”

Antes disso o Senhor tem um diálogo com Caim e ele sente medo que se fosse pego, alguém provavelmente vingaria a morte do irmão dele. Então, colocando um sinal, ficaria identificado primeiro do crime que Caim cometeu e segundo, pela lei de causa e efeito seria mais fácil de identificar o suposto assassino de Caim, se isso viesse a acontecer.

Metaforicamente, essa marca pode ser entendida como a culpa, mesmo sem cometer o fratricídio, quando cometemos os pequenos delitos, ainda que não recordemos (solidariedade das reencarnações), a nossa culpa muitas vezes inconsciente acaba aflorando e não entendemos certos comportamentos.

No mesmo livro, Gênesis, 4:24, Lamec, um dos descendentes de Caim, vai ter um diálogo com o Senhor:

“Porque sete vezes Caim será castigado, mas Lamec, setenta vezes sete vezes.

Referindo-se a essa reincidência criminosa, na figura de um dos descendentes de Caim e da punição que foi reservada àquele que pecou depois do seu precursor.

Ou seja, enquanto as sete vezes seria a punição de qualquer um que matasse Caim (culpa); 70 vezes 7 vezes seria a punição pela vingança (Lamec como descendente de Caim).

O objetivo seria evitar reincidência no erro inicial. Jesus não apresenta a punição à vingança, mas o perdão. Jesus compara a punição que seria dada pela vingança, ao jugo que oferece àquele que precisa perdoar – proposta de perdoarmos, ensinando o caminho do amor e não o do ódio.

Então, os Apóstolos decidem convocar uma reunião para resolver, dividindo responsabilidades, como Pedro pondera: **“Não quero parecer nem injusto nem imprevidente”**.

Talvez fosse este, para Saulo, o primeiro teste de paciência e perseverança, como Emmanuel vai narrar:

“- Dize-lhe que volte depois.  
- E se ele insistir?  
- Se ele de fato aqui vem em nome de Jesus, saberá compreender e esperar”.

E pensamos, será que nós, como aprendizes do Evangelho, novos cristãos, que dizemos representar

a mensagem cristã e espírita, temos também sabedoria para compreender e esperar?

Saulo tinha pressa e muita esperança, pois a casa do Caminho era sua última chance. Mas a indefinível e grandiosa misericórdia do Cristo nunca cessa. Prócoro pergunta sobre alguma apresentação de Ananias trazida de Damasco e Saulo não apresenta a cópia dos escritos de Levi dada por Gamaliel. E pensamos: Se ele tinha as anotações de Levi dadas por Gamaliel, por que não as apresentou?

Vimos no Cap II O Tecelão, da Segunda Parte, que Gamaliel disse a Saulo:

“Tenho uma cópia integral das anotações de Levi, cobrador de impostos em Cafarnaum, que se fez Apóstolo do Messias – lembrança generosa de Simão Pedro à minha pobre amizade -. (...) Quero depo-las em tuas mãos”.

Mas ele decide reservar os escritos e esperar. Em Damasco, Saulo houvera provado na sinagoga e junto de Ananias sua mudança de convicção e comportamento. Mas ali, sentiu-se recebido como mentiroso, e chorou. Estava cansado, fraco, abandonado, desiludido.

Nesse ínterim, Simão convocou uma reunião extraordinária. Tiago contrapôs-se. João ponderou o poder transformador do Cristo capaz dessa grande conversão. Prócoro, que houvera estado com Saulo, defendeu o seu olhar transformado, compassivo. Barnabé falou do testemunho dos levitas de Chipre

que tinham visto Saulo na sinagoga de Damasco, insistiu em resolver a questão com maior benevolência e Pedro ficou impressionado. Nicolau desconfiava de ser nova investiga contra a Igreja. Filipe também era contra.

E diante de tudo isso, Pedro pondera:

“Nos trabalhos da minha vida, anteriores ao Pentecostes, confesso que as faltas de toda sorte aparecem no meu caminho de homem frágil e pecador. Não hesitava em apedrejar os mais infelizes e cheguei, mesmo, a advertir o Cristo para faze-lo”.

Recordemos a história da apelante canaanita (cananéia)<sup>76</sup>:

E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom. E eis que uma mulher cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada. Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós. E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Então chegou ela, e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me! Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores.

<sup>76</sup> Mateus, 15:21-28.

Então respondeu Jesus, e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé! Seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã.

Ou seja, claramente Jesus se porta desse modo não usual para estimular nos Apóstolos o sentimento da piedade de rogar e intervir pela mulher – mas isso não aconteceu -, e graças à sua fé e perseverança, o Cristo a atende.

E é muito interessante acompanhar, nessa assembleia para decidir o caso de Saulo, as interlocuções dos Apóstolos:

“(…) Se Saulo procura valer-se de semelhantes expedientes para desferir novos golpes nos servidores do Evangelho, então ele é ainda mais desgraçado que antes, quando nos atormentava abertamente. Sendo, pois, um necessitado, de qualquer modo não vejo razões para lhe recusarmos mãos fraternas. (...) O Mestre nos ensinou que nenhuma obra útil se poderá fazer na Terra sem a cooperação fraternal (...). Convenhamos que, de fato, Saulo de Tarso possa ser o lobo simbólico (...). Se estamos em uma tarefa de paz e amor, que fazer com o lobo, depois da necessária identificação? Matar? (...) Não seria mais razoável refletir nas possibilidades da domesticação? Conhecemos homens rudes que conseguem dominar cães ferozes”.

Ou seja, a importância de evitar temores mesquinhos na prática do bem. A decisão tomada então se deu no sentido de convidar Barnabé a visitar e testemunhar a mudança de Saulo de Tarso; seria alguém não conhecido, para não ferir a

suscetibilidade de Saulo e não parecer prestação de contas em relação ao passado (que poderia representar julgamento das faltas cometidas).

Interessante refletirmos sobre este trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap XVII Sede perfeitos, item 3 O homem de bem:

“(…) Em todas as circunstâncias, (o verdadeiro homem de bem) toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor (...)”.

Será que nós também temos tido cuidado ao tocar as feridas abertas do “equivocado”, tão quanto nós mesmos, que nos bate à porta? E se o equivocado continua equivocado (ou seja, não arrependido)?

Barnabé tinha bondade, era carinhoso, humilde, conciliador, natural de Chipre. Encontrou Saulo com uma postura humilde, doente, fadigado, sofrendo, triste, acabrunhado, muito pálido, abatido, febril, trêmulo.

E assim, Barnabé, com generosidade, procura ajuda-lo a refazer seu ânimo:

“Ora essa! – exclamou Barnabé, batendo-lhe no ombro com bonomia. – Quem não terá errado na vida? Se Jesus nos tem valido a todos, não é porque o mereçamos, mas

pela necessidade de nossa condição de pecadores”.

Ou seja, a humilde constatação de que todos pecamos, todos falimos. Estaremos lembrados disso?

E assim Saulo entra na Casa do Caminho como convertido. Saulo pedia oportunidade para trabalhar pelo Evangelho a fim de desfazer o passado culposos. Depois, então, do reconhecimento de sua sinceridade, pelos seus atos, mostra as anotações de Levi dadas por Gamaliel. Saulo se sentia ferido em seu amor-próprio (pela animosidade de alguns companheiros), mas não queria desprezar as oportunidades de aprendizado.

E pensamos: e nós, mesmo quando perdemos tudo, temos a coragem de também recomeçar literalmente do zero?

Saulo faz o pedido para ocupar o leito de Estêvão, e Pedro aquiesce, trazendo os pergaminhos usados para estudo e meditação à Lei, os profetas e o Evangelho. Ali, Saulo leu o nome “Abigail”, “Corinto” e passou a ter o entendimento do grande e santo amor fraternal. Intimamente pensava, como vai nos narrar Emmanuel:

“(…) Aqueles documentos pareciam ter uma voz. (...) Não revelaria a ninguém suas íntimas dores. Bastavam aos outros os grandes erros da sua vida pública, os remorsos, as retificações que, apesar de verificadas em campo aberto, raros amigos conseguiam compreender (...)”.

Enquanto Pedro desvelava-se em auxílio e conversações edificantes, o desinteresse dos outros lhe doía fundo. Tiago o ignorava. Mas, como diz Emmanuel: **“(…) Logo considerou a necessidade de humilhar-se diante de todos (...)”**.

Saulo agora tinha novas perspectivas de trabalho. Pedro achava melhor não permanecer em Jerusalém **“(para dar liberdade ao germe divino da fé)”**. Ali, ele precisaria enfrentar muita intransigência, incompreensão, hostilidade.

Então, Saulo tomou a decisão de voltar a Tarso e reencontrar-se com o pai: **“Se é preciso recomeçar a existência, recomeça-la-ei no lar de onde provim...”**

E intimamente admirado, Simão aprovou o alvitre. Mas até lá, vamos acompanhar algumas ocorrências que se transcorreram.

## Capítulo 23

### *Capítulo 3 da obra P&E – Lutas e humilhações. Temática: “Meu pai, ambos precisamos de Jesus!”*

A experiência de Saulo na Casa do Caminho foi das mais auspiciosas; ele fora atualizado dos informes de Estêvão, os pesados trabalhos no cativo, da dedicação de Estêvão ao patrício Sérgio Paulo (cujo trabalho lhe rendeu, mais tarde, sua libertação), a fuga em estado miserável no porto palestinese, o ingresso na “Igreja do Caminho” como indigente, as primeiras noções do Evangelho ouvidas de Pedro, a profunda iluminação espiritual em Cristo Jesus, dentre outros. Entretanto, como vai dizer Emmanuel, *“Saulo guardava avaramente os pormenores de seu romance da mocidade”*.

Dentro das ocorrências na própria Casa do Caminho, algumas delas deixavam-no profundamente decepcionado. Como vai narrar Emmanuel:

“(…) Aproximou-se mais e pôde observar que, enquanto a pregação reproduzia a cena exata das sinagogas, os aflitos se sucediam ininterruptamente na sala humilde do pescador de Cafarnaum (...)”.

Enquanto Pedro falava com profunda prudência e se valia de maravilhosas expressões simbólicas, Tiago parecia torturado pela influencia judaizante, dando a impressão de reingresso nos regulamentos farisaicos.

E com base nisso, pensamos: será que nossas atividades espíritas também estão carregadas de obrigações e imperativos?

Não obstante o preparo imprescindível para as tarefas de iluminação do Espírito, será que não criamos, como os fariseus, regras excessivas para o trabalho que deve priorizar a boa vontade e o amor?

É lógico que a boa vontade sem perícia é recurso precioso mal direcionado, mas não estaríamos colocando procedimentos muitas vezes desnecessários ?

Por exemplo, para ser voluntário de qualquer atividade da casa tem que passar por todos os cursos. Será mesmo que é necessário a todos os postos passar por todos os cursos?

Para ser palestrante tem que fazer curso de oratória?

Para fazer qualquer modificação, por menor que seja, em qualquer área, tem que ser aprovado pelo

presidente da casa? A descentralização do poder é possível? Seria desejável?

Para dar o passe magnético é preciso se vestir de branco?

Para ser facilitador tem que passar por todos os cursos da casa?

Assim como Saulo, nós também por vezes nos surpreendemos quando por trás de tantas exigências não encontramos *“a grande vibração de fraternidade e de unificação de princípios pela independência espiritual”*, usando uma expressão de Emmanuel.

Saulo atribuía a Estêvão a figura do *“fermento divino da renovação”*. Será que nós temos sido esse fermento? Como o Cristo <sup>77</sup>um dia disse:

“E disse outra vez: A que compararei o reino de Deus? É semelhante ao fermento que uma mulher, tomando-o, escondeu em três medidas de farinha, até que tudo levedou. E percorria as cidades e as aldeias, ensinando, e caminhando para Jerusalém”.

Por vezes colocamos nas relações o fermento das discussões estéreis, infrutíferas, que cresce a massa da confusão trazendo desequilíbrio, irritação,

---

<sup>77</sup> Lucas, 13:20-22.

revolta e indignação. Dizemos coisas de que nos arrependemos depois, tomamos atitudes impensadas. Outras vezes, adicionamos o fermento da discórdia no pão alheio, que torna a massa azeda, depois do inchaço da maledicência, logo murcha e insossa. Mas o fermento divino é o que restaura o bom ânimo no enfrentamento das dificuldades, é que o que oferta a paz para dulcificar o conflito.

Como disse o Apóstolo Paulo<sup>78</sup>: *“Um pouco de fermento leveda toda a massa”*.

E com base nisso, pensamos: quais os sustentáculos da vibração de fraternidade e unificação de princípios dentro de nossas casas espíritas?

Saulo refletiu profundamente sobre tudo que viu e ouviu, e conforme Emmanuel nos relata, pensou:

“(…) Não era justo, por enquanto, verberar o procedimento de outrem, quando não dera obras de si mesmo, por testemunhar a própria renovação (…)

Saulo teve uma interlocução com Pedro, para apreciação das diligências conduzidas pelo Sinédrio à Casa do Caminho, comentando a transformação de Tiago, quanto ao seu ascetismo, rigor do cumprimento da Lei de Moisés, e o quanto continuava, entretanto, sendo companheiro zeloso,

---

<sup>78</sup> Gálatas, 5:9.

dedicado e leal. Para Pedro, seu devocionismo mosaico manteve o patrimônio do Cristo na primeira igreja cristã. A reflexão é das mais profundas, conforme anotada por Emmanuel:

“(…) Estaríamos sendo insinceros, falsearíamos a verdade? Se fôssemos atender ao impulso pessoal de combater os inimigos da independência do Evangelho, esqueceríamos, fatalmente, a obra coletiva (...)”.

Ou seja, às vezes é preciso prezar pelo equilíbrio das relações, ainda que não concordemos com tudo, para preservar uma causa maior do que as nossas próprias diferenças.

E nós, será que temos privilegiado a tolerância em prol do coletivo?

Conforme Pedro assevera:

“(…) Jesus ensinou que só conseguimos elevados objetivos neste mundo, cedendo alguma coisa de nós mesmos. (...) Isso passa! A obra é do Cristo. Se fosse nossa, falharia por certo, mas nós não passamos de simples e imperfeitos cooperadores (...)”.

Saulo, guardando profundamente as lições, parece ensaiar uma última tentativa em Jerusalém. Visitou o Templo, experimentando um ambivalente contraste de emoções; escolheu não adentrar o Sinédrio, procurando a sinagoga dos cilicianos; foi

recebido friamente, não lhe sendo concedida a palavra, mas ele tomou assim mesmo.

Como era de se esperar, julgaram-no louco, e Saulo reagiu: **“Não buscai arguir-me porque eu vos conheço e sei medir a hipocrisia farisaica”**. A sinceridade de Saulo o levava a pretender submeter a verdade na base da violência para seus irmãos de raça. Emmanuel vai descrever o quanto a custo ele procurou se dominar e se retirou. O espírito belicoso ainda estava vivo nele, era o homem velho ainda remanescente. Para ele, parecia justo refletir na possibilidade e necessidade de uma guerra declarada contra os erros farisaicos. Parecia o Saulo combativo de outrora, agora lutando em prol da defesa dos princípios cristãos, a qualquer custo.

E com base nisso, pensamos: será que nós também não pretendemos assumir a posição de perseguição, exigindo reparação e nos atribuindo a tarefa de “endireitar” o comportamento alheio que julgamos equivocado?

Emmanuel vai descrever o quanto o movimento popular já não mais despertava seu interesse como outrora; recordando de Estêvão e Abigail, orou com fervor ao Cristo e solicitou a inspiração de Jesus para os seus novos caminhos, para iluminar seu entendimento e discernimento. Intimamente, inquiriu: Não seria o caso de igualmente imolar-se

por Jesus a fim de que a lição do Mestre fosse compreendida?

E a resposta não tardou. Como nos descreve Emmanuel:

“(...) Foi aí que o convertido de Damasco, exteriorizando as faculdades espirituais, fruto das penosas disciplinas, observou que um vulto luminoso surgia inopinadamente a seu lado, falando-lhe com inefável ternura: ‘Retira-te de Jerusalém, porque os antigos companheiros não aceitarão, por enquanto, o testemunho’ (...)”.

Era Estêvão, sob a inspiração de Jesus.

Saulo, guardando com carinho aquelas advertências carinhosas se deparava com uma vontade (divina) divergente da sua. Ele tencionava agitar a opinião religiosa da cidade, pretendendo defender a causa do Mestre e reestabelecer a verdade em sua feição integral. Afinal, Estêvão não havia se entregado ao sacrifício?

E buscando a apreciação de Pedro para o que havia ocorrido, o Apóstolo foi enfático:

“(...) Está escrito que o discípulo não poderá ser maior que o mestre. Aqui mesmo, em Jerusalém, vimos Judas cair em uma cilada igual a esta. (...) Mas, em contato com a realidade do mundo, cheguei à conclusão que Judas foi mais infeliz que perverso. (...) Muitas vezes, vimo-lo alterar, impaciente, pela construção do Reino de Jesus, adstrito

aos princípios políticos do mundo. O Mestre sorria e fingia não entender as insinuações, como quem estava senhor do seu divino programa. (...) Julgo, nas meditações de agora, que ele não pôde compreender o Evangelho de outra forma. (...) Tão só pelo desejo de apressar a vitória, engendrou a tragédia da cruz, com a sua falta de vigilância. (...) A verdade é que poderias atrair, nunca, porém, converter. (...) Se Jesus, que tudo pode neste mundo sob a égide do Pai, espera com paciência a conversão do mundo, por que não podemos esperar de nossa parte?”.

Uma reflexão madura e pertinente, que vale a pena cada um de nós ponderar atentamente.

E de nossa parte, pensamos: será que nós também repetimos o equívoco de Judas, ou estamos mais inclinados a esperar, depois de reflexionarmos sobre as advertências carinhosas de Pedro?

Saulo então finalmente se convence de ir à Cesaréia e a Tarso. Conforme Emmanuel nos narra, a vida no lar se lhe figurava um sonho bom, de há muito desvanecido. Não esperava um entendimento mais justo do seu pai, afinal, Espírito formalista, radicado no farisaísmo, provavelmente não entenderia a conversão do filho.

Quando chega à casa paterna, Saulo conservava sua fisionomia indiferente aos servos, que não puderam reconhecê-lo.

### Interessante nesse ponto recordarmos da Parábola do Filho Pródigo:<sup>79</sup>

“E disse: Um certo homem tinha dois filhos; E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti; Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa; e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés; E trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos; Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se. E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a

---

<sup>79</sup> Lucas, 15:11-32.

música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou, e não queria entrar. E saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos; Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas; Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se”.

É interessante analisarmos a situação de Saulo perante essa situação da parábola. Literalmente, Saulo retornava à casa paterna. Mas há algumas diferenças: embora Saulo tivesse uma irmã, Dalila, ela não havia permanecido com o pai. Saulo também não tinha saído e pedido a parte dele na herança. Pelo contrário, ele recusou a herança, e todas as vantagens relacionadas ao posto de doutor da Lei no Sinédrio, tendo inclusive sérios prejuízos financeiros com esta ação. Outro detalhe é que também não partiu para uma vida dissoluta, mas estava espiritualmente desencaminhado do bem e retorna ao caminho da luz, e sob este entendimento, retorna à casa paterna (à lei de Deus, portanto, ao Pai Divino) e tenta também retornar à casa paterna (do pai naquela reencarnação). Outra diferença interessante é que o pai da parábola alegrou-se da volta do filho, e Isaque, pai de Saulo, intimamente também se alegrou, mas se ele estivesse disposto a

renunciar à sua convicção cristã. Convertido, Saulo não inspirava contentamento no pai. Mas se pensarmos no Pai Divino, sem contradita, deveria estar radiante com a resolução de Saulo.

Isaque considerava-o demente e louco, e Saulo sentiu isso como um golpe à sua sensibilidade afetiva. Saulo se sentia cansado, derrotado, desiludido: “- *Meu pai, por piedade, acolhei-me!*”

E será que nós estamos dispostos a estender as mãos a quem julgamos equivocado? Afinal, temos discernimento e lucidez para ponderar, nas horas graves de nossa marcha, de quem é o real equívoco? Já constatamos que por vezes é nosso?

Vamos citar alguns trechos preciosos desse diálogo entre Saulo e Isaque:

“(...) (Isaque) – Não te doeria ver-nos vencidos e humilhados com a vergonha que lançaste sobre nossa casa? Ralada de desgostos, tua mãe encontrou lenitivo na morte, mas eu? (...) Criei-te com todo o desvelo que um pai, da nossa raça, costuma dedicar ao único filho varão... Sintetizavas gloriosas promessas para nossa estirpe. Sacrifiquei-me por ti, cumulei-te de afagos, não poupei esforços para que pudesses contar com os mestres mais sábios, cuidei da tua mocidade, enchi-te com a ternura do coração, e é desse modo que retribuis as dedicações e os carinhos do lar? (...) Choras? (...) Mas eu nunca te dei exemplos de covardia! (...) Tua fraqueza moral é filha do perjúrio, da traição. Tuas lágrimas vêm do remorso inelutável! Como enveredaste, assim, pelo caminho da mentira execrável? (...) Várias vezes conjecturei se não seria essa criatura inferior (referência à Abigail),

que elegeste, a causa de tamanhos desastres morais. (...)

(Saulo) – (...) Quero dizer que o episódio de Damasco (referência à visão do Cristo) não foi ilusão e que Jesus reformou minha vida. (...)

(Isaque) – (...) Será justo preferir um aventureiro, que morreu entre malfeitores, ao pai digno e trabalhador que envelheceu no serviço honesto de Deus?! (...)”

Sobre este ponto, quando Isaque recorda da mãe de Saulo, recordamos também de uma mensagem em O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XII Amai aos vossos inimigos, item 8, e a exortação sempre válida de que “Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra”<sup>80</sup>:

“Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar ‘ponto de honra’ produzem essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra, o que é tido como justiça por aquele cujo senso moral não se acha acima do nível das paixões terrenas. Por isso é que a lei mosaica prescrevia: olho por olho, dente por dente, de harmonia com a época em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: Retribuí o mal com o bem. E disse ainda: ‘Não resistais ao mal que vos queiram fazer; se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra.’ Ao orgulhoso este ensino parecerá uma covardia, porquanto ele não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em tomar uma vingança, e não compreende, porque sua visão não pode ultrapassar o presente”.

---

<sup>80</sup> Mateus, 5:38-42.

E ficamos pensando: para nós, hoje, qual seria o ponto de honra, aquilo que nos causaria “vergonha” inconciliável com nossas convicções?

Seria a diferente convicção religiosa? O modo de nos vestir? As novas constituições familiares? A orientação sexual? A divergência política? As questões relacionadas ao gênero?

Também neste momento quando Isaque fala dos inúmeros sacrifícios e esforços para criar Saulo como um filho da raça, como vemos isso?

São exigências descabidas? Necessidade de retribuição pela dedicação e esforço paterno? Obrigação de Saulo, na condição de filho, de honrar ao pai? Traço do desapontamento do pai?

Ocorre-nos igualmente pensar quando o pai diz que o choro é sinônimo de covardia (um preconceito que atravessa os séculos); na obra “Há dois mil anos”, pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier, no capítulo V O Messias de Nazaré, temos um trecho que evidencia uma menção análoga, envolvendo um diálogo entre o senador romano Públius Lentulus e sua esposa Lívia Lentúlia (cristã), às vésperas de Públius se encontrar com Jesus para rogar pela saúde de sua filhinha (grifos nossos):

“- Muito bem! – disse Lívia, entre confortada e agradecida – guardo nalma a mais sincera e profunda fé. Vai sim, querido! ... Ficarei rogando a bênção dos céus para a nossa iniciativa. O profeta, que agora surge como verdadeiro médico das almas, saberá que atrás da tua posição de

senador do Império, há corações que sofrem e que choram! ...

Públio notou que a esposa se exaltava nas suas considerações, deixando-se conduzir pelo que julgava *um excesso de fraqueza e pieguismo*; entretanto, nada lhe admoestou a respeito, *em face das amarguras do momento, suscetível de desvairar o cérebro mais forte*”.

Voltando ao diálogo entre Saulo e Isaque, ficamos emocionados e imaginando o quanto deve ter sido duro para Saulo ouvir tudo isso. Mas, Jesus <sup>81</sup>nos advertiu para esse tipo de situação:

“Ora, ia com ele uma grande multidão; e, voltando-se, disse-lhe: Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo. Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores, e pede condições de paz. Assim, pois, qualquer de vós, que não

---

<sup>81</sup> Lucas, 14:25-33

renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo”.

Ou seja, a proposta de amar mais ao Cristo do que nossos laços afetivos consanguíneos, nossas posições terrenas, nossas ambições atuais...

E pensamos também: até que ponto é caridade elucidar o outro, sem ferir a liberdade de consciência?

Em O Livro dos Espíritos, Terceira Parte – Das Leis morais, Cap. X – Da Lei de Liberdade, questão 841, também temos a resposta:

“- Para respeitar a liberdade de consciência, dever-se-á deixar que se propaguem doutrinas perniciosas, ou poder-se-á, sem atentar contra aquela liberdade, procurar trazer ao caminho da verdade os que se transviaram obedecendo a falsos princípios?

(Resposta) Certamente que podeis e até deveis; mas ensinai, a exemplo de Jesus, servindo-vos da brandura e da persuasão e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríeis convencer. Se alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade. Mas não cremos que o melhor meio de fazê-los admitidos seja obrar com violência. A convicção não se impõe”.

E pensamos: e nós, a que nos dispomos a renunciar?

Continuando esse diálogo entre Saulo e Isaque:

“(...) (Saulo) – Mas, pai, o Cristo é o Salvador prometido!...(...)

(Isaque) – Blasfemas? (...) Exijo a reconsideração das tuas atitudes. (...)

(Saulo) – É certo que meu passado está cheio de culpas quando não hesitei em perseguir as expressões da verdade, mas, de três anos a esta parte, não me recordo de ato algum que necessite de reconsideração. (...)

(Isaque) – (...) Portanto, para que nossas atitudes se definam, peço-te que escolhas em definitivo, entre mim e o desprezível Carpinteiro! ... (...)

(Saulo) – Meu pai, ambos precisamos de Jesus!... (...) Também vós me expulsais?! (...)

(Isaque) – Corrige tuas impressões, porque ninguém te expulsou. Foste tu que votaste os amigos e os afetos mais puros ao supremo abandono!... Tens necessidades? É justo que peças ao Carpinteiro as providências acertadas...Ele que fez tamanhos absurdos, terá poder bastante para valer-te (...).”

Provavelmente Saulo se viu em meio a sentimentos ambivalentes; misericórdia, pesar, entendimento, bondade. Emmanuel vai narrar as elucubrações de Saulo sobre o pai:

“(...) Criado nas concepções intransigentes da Lei de Moisés, Isaque sofria como pai; entretanto, expulsava o filho depositário de tantas esperanças, como se cumprisse um dever. O coração amoroso sugeria-lhe piedade, mas o raciocínio do homem, encarcerado nos dogmas implacáveis da raça, abafava-lhe o impulso natural (...).”

Ou seja, na condição de pais, como equacionar as exigências do cérebro aos apelos do coração? Como ser grave e terno?

Naquele momento, o espírito desassombrado saulino desmoronou perante o pai. Para o pai, as lágrimas de Saulo representavam um espírito débil, frágil e projetava a culpa de tudo em Abigail. O pai conservava ignorância e indiferença em relação à mensagem cristã e trazia argumentos lógicos sob o ponto de vista exclusivamente materialista, enquanto Saulo conservava a firmeza de suas convicções.

O pai o repudiara, mesmo com o coração em frangalhos. Isaque agia, naquele momento grave, guardadas as devidas proporções, como Saulo, quando desfez o noivado com Abigail. Isaque julgava a energia mais eficiente que a ternura.

Naquele momento grave Saulo se recordou de Ananias; lembrou do abandono de todos em Damasco e de como o mensageiro do Cristo havia aparecido, restituindo-lhe o bom ânimo.

Saulo então deixou a casa paterna, humilhado pelo mundo, mas exaltado pelo Cristo. O Mestre parecia lhe sugerir a luta consigo mesmo (o bom combate). Ele então atingiu os arredores de Tauro, e exausto de fadiga, descansou junto a uma caverna abandonada.

## Capítulo 24

### *Capítulo 3 da obra P&E – Lutas e humilhações. Temática: “Ama, espera, trabalha, perdoa”*

Imerso em profundas recordações, lembrava-se do abandono na pensão de Judas, da indiferença de Sadoque à sua amizade, do fracasso da primeira reunião na sinagoga de Damasco, do reencontro com Gamaliel em Palmira, do insulamento no deserto, da carência de recursos no oásis solitário, ao lado de Áquila e Prisca, da lembrança da noiva morta, do singular remorso pelo sacrifício de Estêvão.

Emmanuel vai narrar como internamente Saulo vivia esse momento:

“(…) Agora começava a compreender que, reencetar a existência não era volver à atividade no ninho antigo, mas principiar, do fundo da alma, o esforço interior, alijar o passado nos mínimos resquícios, ser outro homem enfim (...)”.

E neste momento temos um dos mais belos momentos da obra, do reencontro espiritual entre Saulo, Estêvão e Abigail, conforme o próprio Paulo vai escrever mais tarde em uma de suas epístolas<sup>82</sup>:

---

<sup>82</sup> 2 Coríntios, 12:2-4.

“(…) Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe). Foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar (...)”.

Como Emmanuel vai dizer, ele parecia transportado a outra esfera espiritual, **“Sentia-se ágil e feliz. Tinha a impressão que fora arrebatado a uma campina tocada de luz primaveril, isenta e longe deste mundo”**.

Saulo não conseguiu conter a emoção e verteu lágrimas copiosas dos olhos brilhantes e percucientes; Abigail docemente o acolheu com seu olhar e lhe respondeu: **“Que é isso, choras? (...) Estaria desalentado quando a tarefa apenas começa?”**

E recordando dos clamorosos débitos do passado, envolvendo o julgamento e apedrejamento de Estêvão, lesto, o primeiro mártir do Cristianismo Primitivo também vem em seu socorro, indulgente: **“(…) Não te detenhas no passado! Quem haverá, no mundo, isento de erros?! Só Jesus foi puro!...”**

Saudoso e ao mesmo arrependido de não ter aproveitado melhor a noiva adorada ainda em vida, devido à sua paixão desenfreada por perseguir e matar tantos quantos se dissessem seguidores do Nazareno, Abigail adicionou:

“(…) Nunca nos faltará um lar...Tê-lo-emos no coração de quantos vierem à nossa estrada. Quanto aos filhos, temos a família

imensa que Jesus nos legou em sua misericórdia...Os filhos do Calvário são nossos também...”

Saulo entendeu. Não seria possível reaver o tempo perdido, mas ele seguiria encarnado e seu eterno amor o seguiria do plano espiritual, encorajando-o em todos os tranSES difíceis do caminho. Abigail ainda o encorajou:

“(…) É preciso ser fiel a Deus, Saulo! Ainda que o mundo inteiro se voltasse contra ti, possuirias o tesouro inesgotável do coração fiel. A paz triunfante do Cristo é a da alma laboriosa, que obedece e confia...Não tornes a recalcitrar contra os aguilhões (...) Saulo, para a certeza da vitória no escabroso caminho, lembra-te de que é preciso dar: Jesus deu ao mundo quanto possuía, e, acima de tudo, deu-nos a compreensão intuitiva das nossas fraquezas, para tolerarmos as misérias humanas (...)”.

O caminho escarpado que Saulo precisaria trilhar ainda estava nos primeiros passos. Tomaria Jesus até o fim de sua vida como modelo indefectível, e quando já estava resoluto a segui-Lo enquanto lema de vida, Abigail proferiu a resposta que Saulo mais tarde veio a transformar em lema de vida: **“(…) Ama! (...) Trabalha! (...) Espera! (...) Perdoa! (...)”**

O amor, o trabalho, a esperança e o perdão em todos os tranSES dolorosos da senda arregimentariam-no emocionalmente para que tivesse forças para lutar o bom combate:

“(…) – Que fazer para adquirir a compreensão perfeita dos desígnios do Cristo? (…)  
- Ama!  
- (...) Como fazer para que a alma alcançasse tão elevada expressão de esforço com Jesus Cristo? (…)  
- Trabalha!  
- (...) Que providências adotar contra o desânimo destruidor? (…)  
- Espera!  
- (...) Como agir no âmbito de forças tão heterogêneas? Como conciliar as grandiosas lições do Evangelho com a indiferença dos homens? (…)  
- Perdoa! (…)”.

Não era preciso adicionar mais nada. Ali estava Saulo com o roteiro completo para seu caminho redentor. Emmanuel vai narrar este momento sublime, falando sobre o entendimento das primeiras noções mais concretas sobre a imortalidade de alma por parte de Saulo:

“(…) O infinito azul do firmamento não era um abismo em cujo fundo brilhavam estrelas. (...) Haveria corpos celestes, como havia os terrestres. (...) Os que se haviam libertado da carne voltavam do plano espiritual para confortar os que permaneciam à distância (...)”.

E doravante Saulo seguiria, honrando o trabalho honesto, para dele obter o sagrado pão de cada dia:

“(…) Depois de muito refletir, decidiu adquirir um tear. (...) Julgou útil exercer em Tarso o mister de tecelão, visto que ali, na terra do seu berço, se ostentara como intelectual de valor e aplaudido atleta. (...) Durante três anos, o solitário tecelão das

vizinhanças do Tauro exemplificou a humildade e o trabalho, esperando devotadamente que Jesus o convocasse ao testemunho (...)”.

**Capítulo 25**  
**Capítulo 4 da obra P&E –**  
**Primeiros labores apostólicos.**  
**Temática: Na Igreja de**  
**Antioquia, com Barnabé**

*“Ele, por sua vez, vivia tranquilo e satisfeito. O programa de Abigail constituía permanente mensagem ao seu coração. Levantava-se, todos os dias, procurando amar a tudo e a todos; para prosseguir nos caminhos retos, trabalhava ativamente. Se lhe chegavam desejos ansiosos, inquietações para intensificar suas atividades fora do tempo apropriado, bastava esperar; se alguém dele se compadecia, se outros o apelidavam de louco, desertor ou fantasista, procurava esquecer a incompreensão alheia com o perdão sincero, refletindo nas vezes muitas que, também ele, ofendera os outros, por ignorância. Estava sem amigos, sem afetos, suportando os desencantos da soledade que, se não tinha companheiros carinhosos, também não necessitava temer os sofrimentos oriundos das amizades infieis. Procurava encontrar no dia o colaborador valioso que não lhe subtraia as oportunidades. (...). A noite era a bênção do espírito.*

**(Emmanuel, no Capítulo 4 – Primeiros Labores Apostólicos, da Segunda Parte da obra).**

Saulo passou a trabalhar afanosamente para a construção do próprio futuro, até que um dia o chamado do Cristo veio por meio de Barnabé.

E com base nisso, pensamos: estamos atentos ao chamado que nos alcança em meio ao trabalho comum?

Temos procurado no dia a dia a oportunidade de servir e trabalhar, ou desanimamos e desistimos antes?

Barnabé foi visitar Saulo por necessidade; a Igreja de Antioquia reclamava a cooperação de servos versados na lei de Moisés e esclarecidos no Evangelho de Jesus, pois enfrentava inúmeras dificuldades espirituais, com vários serviços a fazer. Não faltavam contribuintes para o custeio das obras, como Emmanuel elucida, entretanto, escasseavam os legítimos trabalhadores dos raciocínios preciosos:

*“(...) Barnabé exaltou a dedicação dos homens humildes que cooperavam com ele. A instituição, todavia, reclamava irmãos dedicados que conhecessem profundamente a Lei de Moisés e o Evangelho do Mestre, a fim de não ser prejudicada a tarefa da iluminação intelectual (...).”*

Essa passagem faz-nos lembrar da experiência do Espírito André Luiz, relatada na obra “Nosso Lar”, pela psicografia de Chico Xavier, cap. 26 Novas perspectivas, quando André Luiz busca por oportunidades de trabalho:

“(…) – É você mesmo o ex médico?  
- Sim – murmurei, acanhado.  
Genésio calou por alguns momentos, como buscando resolução para o caso, dizendo, então:  
- Louvo seus propósitos e peço igualmente ao Senhor o conserve nessa posição digna.  
E, como que preocupado em levantar-me o bom ânimo e acender-me no espírito novas esperanças, acentuou:  
- Quando o discípulo está preparado, o Pai envia o instrutor. O mesmo se dá relativamente ao trabalho. Quando o servidor está pronto, o serviço aparece (...)”.

Como tecelão, Saulo sobrevivia. Havia aprendido a esperar. Tinha se transformado num aprendiz do Evangelho e colaborador comum nas lides evangélicas. Como Emmanuel assevera:

“(…) Saulo de Tarso limitava-se a cooperar. Ele mesmo notara que Jesus, por certo, recomendara absoluto recomeço em suas experiências. Certa feita, fez o possível por conduzir as pregações gerais, mas nada conseguiu. A palavra, tão fácil em outros tempos, parecia retrair-lhe na garganta (...)”.

E imediatamente especulamos: Qual a razão para este fato?

Seria inibição pela falta de costume? Consciência de culpa, por não se achar digno ou merecedor da oportunidade de retratação? Influências espirituais que o embarçavam? Medo de falhar entre aqueles que tinham a pureza dos sentimentos? Saulo havia remontado ao início de tudo, inclusive esquecendo dos tempos dourados, como orador eloquente, enquanto ex-rabino em Jerusalém?

E por conta disso, Saulo foi discretamente afastado das pregações e colocado em outras atividades, ao que ele aquiesceu com humildade. Estava disposto a se preparar de novo para esse mister.

Saulo se sentava com os operários e soldados que compareciam em grande número, e com eles lia trechos da Lei e do Evangelho. Tornou-se um amigo amado de todos. Sempre tinha encomendas como tecelão. Tinha aprendido a viver num ambiente de simplicidade pura: havia riqueza, porque não faltava trabalho.

Emmanuel também vai falar sobre algumas manifestações espirituais, de mediunidade:

“(…) Em noites determinadas havia o fenômeno das ‘vozes diretas’. A Instituição de Antioquia foi um dos raros centros apostólicos, onde semelhantes manifestações chegaram a atingir

culminância indefinível. A fraternidade reinante justificava essa concessão do Céu. (...) As assembleias eram dominadas por ascendentes profundos do amor espiritual. A solidariedade estabeleceu-se com fundamentos divinos. As dores e os júbilos de um pertenciam a todos”.

Em O Livro dos Médiuns, cap. XII Da Pneumatofonia – Mediunidade de efeitos físicos, temos a explicação para este fato:

“150 – (...) Os Espíritos podem fazer se ouçam sons vocais que imitam a voz humana, assim, ao nosso lado, como nos ares. A esse fenômeno é que damos o nome de pneumatofonia (...)”.

A Igreja então passou a atrair a atenção de muitas pessoas, pelas suas obras de caridade e fenômenos produzidos. Até que um dia, chegou à cidade um jovem médico, de nome Lucas. Sua atenção de algum modo foi atraída pela figura especial de Saulo, com o qual passou a conversar sobre o Evangelho. Lucas acreditava no poder transformador e redentor do Evangelho. E foi ele quem sugeriu o nome “cristãos”:

“(…) Não vejo na palavra ‘caminho’ uma designação perfeita, que traduza o nosso esforço. Os discípulos do Cristo são chamados ‘viajores’, ‘peregrinos’, ‘caminheiros’, mas há viandantes e estradas de todos os matizes. O mal tem, igualmente, os seus caminhos. Não seria mais justo chamarmo-nos – cristãos – uns aos outros? (...)”.

E foi também neste momento que um cristão, de nome Ágabo, recebeu uma mensagem do Espírito Santo<sup>83</sup> referente às tristes provações <sup>84</sup>de que Jerusalém seria vítima:

“Naqueles dias, alguns profetas desceram de Jerusalém a Antioquia. Apresentou-se um deles, chamado Ágabo, o qual começou a anunciar, por meio do Espírito, que estava para vir uma grande fome sobre toda a terra. E ela de fato veio, no reinado de Cláudio (imperador). Decidiram então os discípulos, cada um segundo as suas posses, enviar contribuições em ajuda aos irmãos que moravam na Judéia. Eles de fato o fizeram, enviando-as aos anciãos por intermédio de Barnabé e de Saulo (enviados a Jerusalém)”.

Nessa época, Pedro havia contado que Tiago (Tiago Maior), filho de Zebedeu, irmão de João, havia sofrido a pena de morte.<sup>85</sup> Tiago houvera sido o primeiro apóstolo a ser morto (após Estêvão). E desde então se abateram penosas dificuldades na Igreja. A cidade sofria fomes e epidemias:

“(…) O irmão de João vinha da Galiléia com a primitiva franqueza dos anúncios do novo reino. Inadaptado ao convencionalismo farisaico, levava muito longe o sentido de suas exortações profundas. Verificou-se a

<sup>83</sup> Emmanuel insere uma nota na obra que vale a pena transcrevermos: “Ninguém deverá ignorar que Espírito Santo designa a legião dos Espíritos santificados na luz e no amor, que cooperam com o Cristo desde os primeiros tempos da Humanidade”.

<sup>84</sup> Atos, 11:27-30.

<sup>85</sup> Atos, 12:2: “E mandou matar à espada Tiago, irmão de João”.

perfeita repetição dos acontecimentos que assinalaram a morte de Estêvão (...).”

E é importante nesse momento cogitarmos: Estaremos preparados para um testemunho tão desassombrado? Nosso comportamento causa estranheza em nosso círculo social ou estamos incomodando pouco?

Recordemos do diálogo entre Jesus e Salomé, mãe de João e Tiago<sup>86</sup>:

“Então, a mãe dos filhos de Zebedeu, juntamente com seus filhos, dirigiu-se a Ele, prostrando-se, para fazer-lhe um pedido. Ele perguntou: Que queres? Ao que ela respondeu: Dize que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu Reino. Jesus, respondendo, disse: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que hei de beber? Eles responderam: Podemos. Então lhes disse: Sim, bebereis do meu cálice. Todavia, sentar à minha direita e à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo; mas é para aqueles aos quais meu Pai me destinou”.

A situação era das mais lamentáveis; Pedro estava preso, por solicitar o cadáver de Tiago para enterrá-lo, e acabou solto por um anjo. João e Filipe partiram para Jope, e desde então a personalidade de Tiago Menor ganhou evidência na Igreja de Jerusalém, pelo respeito que desfrutava entre os fariseus. Havia empreendido pequenas

---

<sup>86</sup> Mateus, 20:20-23.

modificações na Igreja, como ter que se referir à Lei de Moisés obrigatoriamente antes de falar do Evangelho, e apenas para ouvintes circuncisos, respeitando a tradição judaica.

Sobre a soltura de Pedro, temos o relato no livro de Atos<sup>87</sup>:

“Pedro dormia entre dois soldados, preso a duas correntes, enquanto sentinelas diante da porta vigiavam a prisão. De repente, sobreveio o Anjo do Senhor e uma luz brilhou no seu cubículo. Tocando o lado de Pedro, o Anjo fê-lo erguer-se, dizendo: Levanta-te depressa! E caíram-lhe as correntes das mãos. Disse-lhe ainda: Cinge-te e calça as sandálias. E ele o fez. E disse mais: Envolve-te no manto e segue-me. Pedro saiu e foi seguindo-o, mas não sabia se era verdade o que estava acontecendo por meio do Anjo: parecia-lhe antes uma visão”.

Emmanuel inclusive tem uma mensagem em que ele vai citar essa passagem e dizer que o Anjo, após liberar Pedro, deixou-o livre para seguir por onde quisesse, e que, portanto, a escolha dos caminhos é decisão nossa.

Foi nessa época que surgiu na vida de Saulo a figura de Maria Marcos. Era notória a presença das mulheres evangelizadas e seu protagonismo na formação das células evangélicas à época do Cristianismo Primitivo, na maior parte das vezes, dentro do seu próprio lar. Maria expôs a Saulo o

---

<sup>87</sup> Atos, 12:6-9.

sonho de dar o filho, ainda muito jovem, um adolescente, a Jesus, e o desejo que o tio (Barnabé) o levasse a Antioquia; nesse ínterim, Saulo entrevista Marcos:

“(…) Teus intuitos são louváveis, mas é preciso não esqueceres que a mínima expressão da glória mundana apenas chega após o serviço. Se assim acontece no mundo, que não será com o trabalho para o Reino do Cristo? Mesmo porque, na Terra, todas as glórias passam e a de Jesus é eterna! (...) Sim, as mães sempre nos desejam todas as glórias deste e do outro mundo. Por elas, nunca haveria homens perversos. No que nos diz respeito, convém lembrar as tradições evangélicas. Ainda ontem, lembrei a generosa inquietação da esposa de Zebedeu, ansiosa pela glorificação dos filhinhos! (...) Isto não quer dizer que devamos desanimar ante as dificuldades para aliciar as glórias legítimas do Reino de Jesus. Os obstáculos renovam as forças. A finalidade divina deve representar nosso objetivo supremo. Se assim pensares, João, não duvido de teus futuros triunfos (...)”.

Alguns poderiam interpretar esse diálogo de Saulo com João Marcos como “um balde de água fria” nas mais santas esperanças do rapaz, mas será que temos advertido conscientemente os novos colaboradores em nossas lides evangélicas? Como temos preparado nossos próprios filhos para os embates da vida?

E neste ponto, temos um dos destaques da obra, que é quando Saulo propõe renovações à obra cristã: a necessidade de buscar os gentios onde quer que se encontrem, a necessidade de reintegrar o movimento em função da universalidade, a necessidade de atender à caridade material aliada à evangelização:

“(…) Poderemos atender a muitos doentes, ofertar um leito de repouso aos mais infelizes, mas sempre houve e sempre haverá corpos enfermos e cansados na Terra. Na tarefa cristã, semelhante esforço não poderá ser esquecido, mas a iluminação do espírito deve estar em primeiro lugar. Se o homem trouxesse o Cristo no íntimo, o quadro das necessidades seria completamente modificado. A compreensão do Evangelho e da exemplificação do Mestre renovaria as noções de dor e sofrimento (...)”.

Ou seja, é necessário amar, mas também instruir, uma vez que restringir o Evangelho a Jerusalém seria condená-lo à extinção, conforme defendia Saulo. E a partir disso, ele decidiu começar a organizar as missões abnegadas, as excursões de propaganda evangélica, ao lado de Barnabé.

As vozes do céu não tardaram a confirmar as intenções do nobre Apóstolo:

“(…) No instante das preces, a voz do Espírito Santo se fez ouvir no ambiente de simplicidade pura, inculcando fossem Barnabé e Saulo destacados para a

evangelização dos gentios. (...) Era o sinal de que havia sido considerado digno dos esforços confiados aos discípulos. (...) O Mestre chamava-o e, para responder ao apelo, iria aos confins do mundo (...).”

E pensamos: E nós, até onde estamos dispostos a ir?

Interessante colocarmos que o posicionamento temporal aproximado, segundo nossas contas, seria do ano 45-46 d.C.

Na obra “Quando voltar a primavera”, pelo Espírito Amélia Rodrigues, psicografia de Divaldo Franco, a veneranda instrutora vai colocar as datas aproximadas dos escritos evangélicos (bem mais tarde que este momento que estamos analisando): Levi de 50 – 55 d.C.; Marcos de 55 – 62 d.C.; Lucas em 63 d.C.; João de 96 a 104 d.C.

Sobre a vida de Paulo de Tarso, temos a seguinte cronologia estimada:

- Nascimento em Tarso (importante cidade da Ásia Menor) – em 5 ou 6 d.C.
- Estudo em Jerusalém, aos pés do Rabino Gamaliel, em 20 d.C.
- Conversão a caminho de Damasco, quando Jesus aparece-lhe, cegando a visão física e abrindo-lhe a visão espiritual, em 34 d.C.

- As primeiras pregações, que começaram em Damasco, depois em Jerusalém, já como cristão, em 37 d.C.
- Diante do perigo em Jerusalém, a resolução de fugir para Tarso e permanecer em sua cidade natal, entre 37 e 45 d.C.
- Com Barnabé, visita a Igreja de Antioquia, a segunda mais importante para os cristãos, depois da Igreja de Jerusalém, em 45 d.C.
- A primeira viagem missionária, em companhia com Barnabé e Marcos, de 46 a 48 d.C.
- A participação do primeiro concílio de Jerusalém, com os cristãos, em 49 d.C.
- A sua segunda viagem missionária, agora em companhia de Timóteo e Lucas, de 49 a 52 d.C.
- A sua terceira viagem missionária, permanecendo quase três anos em Éfeso, de 53 a 57 d.C.
- A prisão pelos romanos em Jerusalém, em 57 d.C.
- Ter sido enviado como prisioneiro a Roma (comparecendo perante César), em 60 d.C.
- Viagem à Espanha, solto por falta de provas, indo também a outras cidades da Europa, em 63 d.C.
- Retorno à Roma e preso mais uma vez, sendo executado por degolamento, em 67 d.C.

E vale a pena ainda transcrevermos a narração de Emmanuel para a fala de Saulo nesse momento tão importante para a difusão do Evangelho:

“(…) Comparo o Evangelho a um campo infinito, que o Senhor nos deu a cultivar. Alguns trabalhadores devem ficar ao pé dos mananciais, velando-lhes a pureza, outros revolvem a terra em zonas determinadas, mas não há dispensar a cooperação dos que precisam empunhar instrumentos rudes, desfazer cipóais intensos, cortar espinheiros para iluminar os caminhos (...)”.

## Capítulo 26

### *Capítulo 4 da obra P&E – Primeiros labores apostólicos.*

#### *Temática: A primeira prisão e o apedrejamento do Apóstolo dos gentios*

Na primeira viagem missionária de Paulo, ele se dirigiu de Antioquia da Síria à Selêucia, e logo após, de barco, a Salamina em Chipre<sup>88</sup>.

De Salamina foi a Pafos<sup>89</sup>, quando seu nome foi mudado para Paulo <sup>90</sup>e o mago Elimas ficou cego<sup>91</sup>.

De Pafos, em Chipre, seguiu para Perge da Panfília, quando João Marcos regressou a Jerusalém<sup>92</sup>.

De Perge seguiu a Antioquia da Psídia <sup>93</sup>e pregou nessa cidade.<sup>94</sup>

De Antioquia seguiu a Icônio, <sup>95</sup>compartilhando conhecimento com os crentes em Icônio<sup>96</sup>.

---

<sup>88</sup> Atos, 13:2-5.

<sup>89</sup> Atos, 13:5-6.

<sup>90</sup> Atos, 13:9.

<sup>91</sup> Atos, 13:6-12.

<sup>92</sup> Atos, 13:13.

<sup>93</sup> Atos, 13:14.

<sup>94</sup> Atos, 13:16-41.

<sup>95</sup> Atos, 13:50-51.

<sup>96</sup> Atos, 14:1-5.

De Icônio seguiu a Listra<sup>97</sup>, quando foi apedrejado pela multidão que dizia adorá-lo<sup>98</sup>.

De Listra seguiu a Derbe<sup>99</sup> e compartilhou seus conhecimentos com os crentes em Derbe<sup>100</sup>.

Paulo regressou, passando por Listra, Icônio, Antioquia até Perge, estabelecendo igrejas nesses lugares.<sup>101</sup>

De Perge seguiu à Atália.<sup>102</sup>

Da Atália seguiu à Antioquia da Síria, o ponto de partida<sup>103</sup>.

Durante a primeira viagem missionária, Paulo percebeu o destacado interesse sobretudo dos romanos, e a partir desse momento ele, juntamente com Barnabé, passou a encetar um formoso movimento de curas, em nome da demonstração do poder do Cristo, jamais passando por mero exibicionismo.

Num dos primeiros trechos da viagem eles atingiram Nea-Pafos, e visitaram a sede do Governo do Procôsul Sérgio Paulo, muito adoentado.

Emmanuel vai narrar o contexto histórico:

<sup>97</sup> Atos, 14:5-6.

<sup>98</sup> Atos, 14:8-19.

<sup>99</sup> Atos, 14:20.

<sup>100</sup> Atos, 14:20-21.

<sup>101</sup> Atos, 14:21-25.

<sup>102</sup> Atos, 14:25.

<sup>103</sup> Atos, 14:26-28.

“(…) Antes de se retirarem, visitaram a sinagoga, num sábado, com o propósito de iniciar o movimento. (...) Saulo notou que o companheiro explanava o assunto com respeito algo excessivo às tradições judaicas. Procurou resignar-se e esperou (...). Não obstante sentir-se cansadíssimo, Barnabé fez a pregação na sinagoga, no sábado imediato à chegada. Neste dia, entretanto, ele estava divinamente inspirado. A apresentação do Evangelho foi feita com raro brilhantismo. (...)”.

Saulo via então chegar a extensa fila dos “filhos do Calvário”, expressão usada por Ananias no Capítulo 1 da Segunda Parte (grifos nossos):

“(…) Pelo que me hás confessado, é possível não venhas a ser pai, mas terás os **filhos do Calvário** em toda parte (...)”.

Saulo tinha agora o verbo inflamado de nova luz, sua oratória havia se modificado radicalmente. Como nos relata Emmanuel:

“(…) Falava como alguém que houvesse convivido com o Senhor por largos anos. Referia-se a certos lances das lições do Mestre com um manancial de lágrimas nos olhos. Prodigiosas consolações derramavam-se no espírito das turbas (...)”.

O procônsul, governador romano da província, escolhido pelo senador, havia convocado Saulo e Barnabé para seu palácio, e imediatamente Saulo se lembrara de que ele tinha sido o salvador de Jeziel. Especularam sobre o motivo do chamado (cura de alguma doença ou exílio da cidade?) e foi nessa oportunidade quando conheceram o mago judeu

Elimas ou Barjesus, que não obstante todas as suas artimanhas, apenas havia trazido resultados insignificantes ao tratamento. Sérgio Paulo, assim, colocava-se perante os novos apóstolos como um necessitado.

Vamos encontrar esse relato no livro de Atos<sup>104</sup>:

“E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre. E, chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus; e tinham também a João como cooperador. E, havendo atravessado a ilha até Pafos, acharam um certo judeu mágico, falso profeta, chamado Barjesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, homem prudente. Este, chamando a si Barnabé e Saulo, procurava muito ouvir a palavra de Deus”.

E o diálogo encetado entre Saulo e Sérgio Paulo é belíssimo, quando Saulo enalteceu os poderes do Cristo:

“Temos conosco, de fato, o poder de um grande médico. Podemos curar, quando os enfermos estejam dispostos a compreendê-lo e segui-lo. Chama-se Cristo. (...) Ele é a bondade perfeita e sua ação consoladora está em toda parte (...)”.

Como falso profeta, Barjesus ressentiu-se e se incomodou profundamente com a presença de Saulo e Barnabé, e tentou ao máximo ridicularizar o poder de cura por intermédio deles.

---

<sup>104</sup> Atos, 13:4-7.

Saulo então recordou os eventos ocorridos entre Jeziel e Sérgio Paulo, por informações ouvidas de Pedro. Até mesmo Barnabé havia ficado visivelmente impressionado.

De fato, Saulo não enganava, recordando-se das reminiscências do diálogo com Pedro, e com certeza inspirado pelo próprio Estêvão, falava sobre como a presença de Jeziel como recurso salvador à vida de Sérgio Paulo era concessão da misericórdia divina. Barjesus, enquanto isso, espumava de cólera.

E com base nisso, pensamos: Saulo induz o diálogo para ser visto como um profeta, detentor de um conhecimento secreto do passado de Sérgio Paulo (conhecimento absorvido de Pedro, em realidade). Em prol de destacar o infinito amor de Jesus, devemos nos utilizar dos recursos que temos?

Num dos momentos mais acirrados do inesperado encontro, inclusive, Barjesus se inflamou e Saulo, com muita presença de espírito, interviu:

“Acalmai-vos, amigo! A fúria não é amiga da verdade e quase sempre esconde inconfessáveis interesses. (...) De modo algum poderíamos oferecer as graças do Salvador a título mercatório (...)”.

A indignação de Barjesus não tinha fim. Continuaram por mais de uma hora em discussão. Saulo, dotado de um magnetismo impressionante, com profundo poder psíquico, fruto da sua rotina de sacrifícios e integral dedicação à causa do Cristo, disse a Barjesus:

“(…) Estais cego e é nessa condição que podereis enxergar a luz. Como vós, também já vivi em trevas, e no instante do meu encontro pessoal com o Messias, foi necessário que as trevas se adensassem em meu espírito, a fim de que a luz ressurgisse mais brilhante. Tereis igualmente esse benefício. A visão do corpo fechar-se-vos-á, para que possais divisar a verdade em espírito!...”.

Este fato também foi relatado no livro de Atos<sup>105</sup>:

“Mas resistia-lhe Elimas, o encantador (porque assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul. Todavia Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo, e fixando os olhos nele, disse: ‘Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora contra a ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo’. E no mesmo instante, a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão. Então, o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor”.

Vemos o quanto foi providencial esse fenômeno para a conversão do conhecido romano. E este momento de fato celebra um momento de transformações e vitórias.

Já haviam igrejas estabelecidas em Jerusalém e Antioquia, com muitos outros núcleos domiciliares.

---

<sup>105</sup> Atos, 13:8-12.

Sérgio Paulo decidiu aprovar e financiar a nova igreja de Nea-Pafos, e nesse momento, Barnabé sugeriu o batismo pelo Espírito Santo: **“Tiveste o teu Pentecostes”**. Saulo, entretanto, não quis se valer da troca de nome como **“separação dos enganos fatais do mundo”** para recordar sua necessidade de reparação. Por isso, decidiu mudar o nome de Saulo, a versão grega do hebraico “Saul”, para o nome Paulo, de origem romana “Paulus”, que significa pequeno, humilde, de baixa estatura.

Como Emmanuel vai elucidar:

“(…) Se servira a Moisés como Saulo, com o mesmo nome haveria de servir igualmente a Jesus Cristo. Se errara e fora perverso, na primeira condição, aproveitaria a oportunidade dos Céus, corrigiria a existência e seria um homem bom e justo na segunda (...)”.

Não obstante todas as experiências das últimas horas, Barjesus insistia na obtenção de um talismã que pudesse conferir-lhe “super poderes”:

“(…) (Barjesus) – Quanto ganhais no vosso ministério?  
(Paulo) - Ganho a misericórdia de Deus.  
(Barjesus) – Incrível. Estava convicto de que trazíeis certos talismãs que me dispunha a comprar a qualquer preço.  
(Paulo) – Só conheço um sortilégio eficiente. O da fé em Deus com sacrifício de nós mesmos. (...)”.

É importante notar que estamos continuamente aprendendo.

Desde essa época, Paulo já tomava suas notas para não esquecer dos deveres de sua missão. João Marcos colaborava, mas parecia entristecido e queixoso. Conforme Paulo observava, era como se, afeiçoado “às tradições do berço”, se mantivesse incomodado com o contato frequente com os gentios (pagãos).

Paulo e Barnabé decidiram estender a missão aos povos da Panfília, um local pobre, rudimentar e carecente de tudo, inclusive, de luz espiritual. E João Marcos não gostou da decisão.

Com base nisso, pensamos: Será que muitas vezes nós não nos portamos como João Marcos no início de sua carreira? Impondo condições para servir, tendo dificuldades para superar preconceitos, achando o “tranco” difícil de enfrentar, desistindo cedo demais, subestimando nossas próprias capacidades, preferindo inclusive os ambientes mais tranquilos e menos desafiadores para servir?

Como era de se esperar, Paulo e Barnabé mantiveram os planos e seguiram da Panfília para a Atália. Eles observavam as anotações de Levi serem continuamente copiadas e a difusão do Evangelho sendo realizada. Paulo passou a assumir as atividades da alimentação, que estavam sob o encargo de João Marcos, para aliviar-lhe um pouco mais a carga dos serviços. Após, decidiram ir a Perge, uma região cheia de superstições e crendices que precisava de pedagogos pacientes e fiéis. Logo a seguir, seguiram para Antioquia da Pisídia e João expôs seus receios, com relação à exposição do pequeno grupo aos riscos do caminho.

A abordagem de Paulo é das mais preciosas, conforme Emmanuel irá transcrever:

“(…) Ora, João, quando trabalhamos para alguém, devemos fazê-lo com amor. (...) O espírito de serviço nunca atira a parte mais difícil para os outros. O Mestre não transferiu sua cruz aos companheiros. (...) O trabalho de Jesus, entretanto, é tão grande aos nossos olhos que devemos disputar aos outros qualquer parte de sua execução, em benefício próprio (...) Dás demasiada importância aos obstáculos. Já pensaste nas dificuldades que o Senhor certamente venceu para vir ter conosco? (...) E tu te espantas apenas com os palmos de caminho que nos separam da Psídia? (...)”.

As palavras firmes e objetivas de Paulo são uma doce admoestação também para nós, que, grosso modo, queremos escolher as oportunidades de serviço.

Diante disso, João Marcos resolve regressar a Jerusalém. Paulo estava decidido a seguir rumo ao alvo (Antioquia de Psídia), mas liberava Barnabé para acompanhar o sobrinho. Mas antes, Paulo não deixou de advertir João Marcos:

“(…) Não te esqueças de que a marcha para o Cristo é feita igualmente por fileiras. Todos devemos chegar bem; entretanto, os que se desgarram têm de chegar bem por conta própria. (...) Com tantos exemplos expostos aos nossos olhos, será útil não venharmos nunca a descansar (...)”.

E com base nisso, pensamos: e a lei de repouso?

Conforme a questão 682 de O Livro dos Espíritos, temos:

“- Sendo uma necessidade para todo aquele que trabalha, o repouso também não é uma lei da Natureza?

- Sem dúvida. O repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria”.

João Marcos partiu, tocado pelas palavras de Paulo, que seguiriam-no para sempre, e naquela mesma noite, Paulo e Barnabé pernoitaram ao relento. Venciam todas as dificuldades, resolutos e bem humorados. A solidão lhes sugeria belos pensamentos. Como Emmanuel vai dizer, eles mantinham sempre sagrado otimismo, entregando-se com fidelidade a Jesus, conversando sobre a riqueza que lhes conferia os ensinamentos do Cristo. E naquela oportunidade, foram assaltados (provavelmente pelos salteadores terem ouvido as palavras: riqueza, tesouro, dentre outros). Mas o otimismo e confiança estavam sempre presentes: ***“Deus suprirá nossas necessidades de outro modo”***.

E ao serem perguntados pelos salteadores sobre o tesouro, responderam animadamente que os pergaminhos, as anotações de Levi eram ***“o roteiro do imenso tesouro pelo Príncipe Divino”***. E os salteadores levaram-nas.

Ali, Paulo e Barnabé estavam diante da exemplificação da transmissão da Boa Nova aos

ladrões, como o Cristo, na cena triste da crucificação<sup>106</sup>:

“E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este, nenhum mal fez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso. E era já quase a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até a hora nona, escurecendo-se o sol; e rasgou-se ao meio o véu do templo. E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou”.

E enfrentando os desafios do caminho, os paladinos do bem seguiam sempre intemoratos, comendo frutas da estrada e cobrindo-se com os musgos das árvores.

Paulo, entretanto, mesmo constringido a ceder as anotações de Levi (cópia) aos salteadores, conservava o presente de Gamaliel (as anotações de Levi, recebidas de Simão Pedro): ***“Poderiam dispensar todo o conforto do mundo, mas a palavra de Jesus era imprescindível”***.

Embora cansados e doentes, Paulo se entregava afanosamente ao trabalho de tecelão, em troca apenas de pão e teto.

---

<sup>106</sup> Lucas, 23:39-46.

E com base nisso, pensamos: como tem sido o testemunho de nossa fé, premidos de necessidades urgentes?

Barnabé, mesmo abatido, também havia conseguido trabalho como oleiro: ***“Pequena fração de serviço honesto lhes bastava ao coração iluminado por Jesus Cristo”***.

Na sinagoga de Antioquia da Psídia, foram feitos os primeiros enfrentamentos em prol do Evangelho. Emmanuel vai dizer que ***“o êxito de Paulo contrariou o espírito fariseu da assembleia”***.

Nessa cidade, fundaram a igreja na casa de Ibrahim, e logo após Paulo caiu doente. Neste momento, os fariseus hipócritas especulavam, ironizando: por que motivo o poderoso pregador não curava a si mesmo?

Movidos pelo despeito, os judeus tramavam a expulsão de Paulo e Barnabé, sem qualquer condescendência. Paulo buscava se manter superior a calúnias e insultos.

Os judeus fizeram ameaças a Ibrahim (na sua tenda) e Eustáquio (na sua olaria), com a suspensão de regalias e banimento da cidade. Os anfitriões de Paulo e Barnabé estavam sendo acusados de serem partidários da revolução e da desordem.

Então, deu-se um impasse: ou Paulo e Barnabé se retiravam, ou Ibrahim e Eustáquio seriam encarcerados e flagiciados.

Por isso, após a permanência de oito meses em Antioquia da Psídia, Paulo e Barnabé demandaram Icônio.

Emmanuel vai explicar magistralmente essa situação:

“(…) Os novos discípulos do Mestre não deveriam estranhar as incompreensões do mundo, mesmo porque, o próprio Salvador não escapara à cruz da ignomínia, acrescentando que a palavra ‘cristão’ significava seguidor do Cristo. Para descobrir e conhecer as sublimidades do Reino de Deus, era preciso trabalhar e sofrer sem descanso (...)”.

**Capítulo 27**  
**Capítulo 4 da obra P&E –**  
**Primeiros labores apostólicos.**  
**Temática: Saulo se converte em**  
**Paulo de Tarso**

A chegada em Icônio foi marcada por grande afetividade, por parte de Onesíforo, o anfitrião de Paulo e Barnabé, amigo de Eustáquio.

Ao chegar lá, tiveram pleno êxito na sinagoga de Icônio, não obstante as ameaças e impropérios combatidos pela intrepidez de Paulo.

A igreja de Icônio havia sido fundada na casa de Onesíforo.

E é nessa cidade que a moça Tecla protagonizou a cena de obsessão por Paulo, demonstrando apaixonamento e fanatismo. Tecla era filha de Teóclia e noiva de Tamíris.

Aquela abordagem esquisita foi encarada com naturalidade por Paulo. Os familiares ficaram muito desagradados, atribuindo a culpa de tudo a Paulo, que para eles, teria seduzido Tecla, ao que Paulo reagiu com estranheza.

Com base nisso, uma demanda tão atual de nossos tempos, pensamos: E o mensageiro (ser humano) consegue ter a honestidade de reconhecer o que é seu e o que é da atmosfera perfumada da mensagem

divina? Ou nós também nos envaidecemos e seduzimos os outros, perseguindo escusos interesses?

Paulo vai explicar essa situação:

“(…) Estamos anunciando o Cristo, mas o Salvador tem os seus inimigos ocultos em toda parte, como a luz tem por inimiga a treva permanente, mas a luz vence a treva de qualquer natureza. (...) Os adversários invisíveis, da verdade e do bem, certo se lembraram de influenciar esta pobre criança, para faze-la instrumento perturbador de nossa tarefa (...)”.

O transcorrer dos eventos vai comprovar a análise de Paulo, que realmente eram investidas dos inimigos do Cordeiro Divino; a influência espiritual atingiu Tamíris também.

É importante salientarmos que tais influências têm ressonância com as imperfeições morais de nossa alma.

As autoridades judaicas arranjaram então o pretexto da acusação de assédio, insinuação e sedução para dar voz de prisão a Paulo. Ele foi encarcerado, sofreu o suplício dos 39 açoites, por cinco dias, com a acusação de ser sedutor e inimigo das tradições familiares, blasfemo e revolucionário (esse era seu testemunho intransferível).

Emmanuel vai comentar a situação:

“(…) O Apóstolo, na primeira noite de liberdade, reuniu a Igreja doméstica, fundada com Onesíforo, e esclareceu a

situação, para conhecimento de todos. (...) Paulo mostrava-se bastante resoluto. Se preciso, voltaria a pregar o Evangelho na via pública, revelando a verdade aos gentios, já que os filhos de Israel se compraziam nos desvios clamorosos (...).”

Não obstante Onesíforo ter ponderado que Paulo e Barnabé deveriam ficar na cidade, Tecla, como noiva, se fosse vista de novo com Paulo, seria condenada à fogueira; assim, Paulo concordou em se retirarem. A igreja já havia sido fundada, o trabalho estava feito, a semente plantada. Seria maior caridade partir: **“Não era justo cooperar com o martírio moral de uma criança”**.

E nesse ínterim, temos um diálogo muito profundo entre um dos amigos e Paulo:

“(…) - Não será melhor repousar alguns dias? Tendes as mãos inchadas e o rosto ferido pelos açoites.  
- O serviço é de Jesus e não nosso. Se cuidarmos muito de nós mesmos, nesse capítulo de sofrimentos, não daremos conta do recado; e se paralisamos a marcha nos lances difíceis, ficaremos com os tropeços, e não com o Cristo (...).”

E assim foi feito. Paulo e Barnabé decidiram partir para Listra, não retrocedendo, mas buscando novos desafios. Lóide, irmã de Onesíforo, seria a nova anfitriã. Ela tinha uma filha chamada Eunice e um neto chamado Timóteo, de 13 anos nessa época. Paulo experimentou afeição paternal ao adolescente: havia encontrado seu filho espiritual.

A cidade de Listra não possuía sinagoga, apenas um templo dedicado aos deuses do Olimpo. Então,

Paulo foi à praça pública para pregar e curou um coxo (evento que nos faz lembrar de Estêvão, ao curar uma muda, em nome de Jesus Cristo, justamente quando ele, como Saulo, visitou a Igreja do Caminho). Esta cena foi narrada no livro de Atos<sup>107</sup>:

“E estava assentado em Listra certo homem leso dos pés, coxo desde o ventre de sua mãe, o qual nunca tinha andado. Este ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos, e vendo que tinha fé para ser curado, Disse em voz alta: Levanta-te direito sobre teus pés. E ele saltou e andou. E as multidões, vendo o que Paulo fizera, levantaram a sua voz, dizendo em língua licaônica: Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós. E chamavam Júpiter a Barnabé, e Mercúrio a Paulo; porque este era o que falava. E o sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trazendo para a entrada da porta touros e grinaldas, queria com a multidão sacrificar-lhes. Ouvindo, porém, isto os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgaram as suas vestes, e saltaram para o meio da multidão, clamando, E dizendo: Senhores, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões, e vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo, que fez o céu, e a terra, o mar, e tudo quanto há neles; O qual nos tempos passados deixou andar todas as nações em seus próprios caminhos. E contudo, não se deixou a si mesmo sem testemunho, beneficiando-vos lá do céu, dando-vos chuvas e tempos frutíferos, enchendo de mantimento e de alegria os vossos corações.

---

<sup>107</sup> Atos, 14:8-18.

E, dizendo isto, com dificuldade impediram que as multidões lhes sacrificassem.”

E, com base nisso, pensamos: Quantas vezes, a pretexto de acompanhar e dar melhor suporte às obras já consolidadas, permanecemos nos círculos antigos, quando poderíamos delegar novos irmãos à frente das atividades e marchar para frente? Será que temos este mesmo desprendimento de Paulo?

Paulo aproveitou os últimos desafios enfrentados para advertir quase profeticamente a Barnabé:

“(…) Quando recebemos muitos favores, precisamos pensar nos muitos testemunhos. Penso que experimentaremos grandes provações. Aliás, não devemos esquecer que a vitória da entrada do Mestre em Jerusalém precedeu os suplícios da cruz (…)”.

Eles aproveitaram para fundar a igreja na casa de Lóide, e Timóteo em tudo ajudava, tendo assumido as funções que eram designadas a João Marcos. Paulo e Barnabé, com o tempo, foram ganhando maior evidência, atraindo crescentes animosidades, e com a mesma facilidade com que haviam-nos elevado à condição de deuses, agora acusavam-nos de perversões. Fizeram, então, uma trama de apedrejamento público durante a pregação, e Paulo rapidamente percebeu o clima de animosidades.

Entretanto, Paulo não se intimidou, como vai narrar Emmanuel:

“(…) Com a máxima serenidade subiu à tribuna e começou a falar das glórias eternas que o Senhor Jesus havia trazido à

Humanidade sofredora. (...) Recordou subitamente a figura inesquecível de Estêvão. Certo, o Mestre lhe reservara o mesmo gênero de morte, para que se redimisse do mal infligido ao mártir da Igreja de Jerusalém (...).”

Este evento também foi narrado no livro de Atos<sup>108</sup>:

“Sobrevieram, porém, uns judeus de Antioquia e de Icônio que, tendo convencido a multidão, apedrejaram a Paulo e o arrastaram para fora da cidade, cuidando que estava morto. Mas, rodeando-os os discípulos, levantou-se, e entrou na cidade, e no dia seguinte saiu com Barnabé para Derbe”.

E no meio deste atentado, todos os amigos presentes ficaram perplexos e atônitos. Timóteo ficou aterrado, e Gaio ajudou Paulo para que os judeus não chegassem efetivamente a mata-lo. Paulo ajoelhou-se e entregou-se, resignado. Semimorto, foi levado por Gaio ao monturo, para depois ser salvo pelos amigos. Timóteo, comovido, buscou água e aplicou-lhe os primeiros socorros. Voltando a si, Paulo agradeceu reconhecidamente a Deus a oportunidade de continuar vivo.

Emmanuel vai comentar:

“(…) Os dois emissários da Boa nova temiam agressão do povo às generosas senhoras (Lóide e Eunice) que os haviam hospedado e socorrido. Era preciso partir, para evitar maiores incômodos e complicações (...).”

---

<sup>108</sup> Atos, 14:19-20.

Paulo e Barnabé precisaram de seis meses para reestabelecer a saúde comprometida, trabalhando como tecelão e oleiro anônimos. Voltaram às excursões por Licaônia, Pisídia e Panfília. Em troca da dedicação fraternal, tinham recebido remoques, açoites e acusações pérfidas; não obstante, irradiavam ondas invisíveis de intenso júbilo espiritual:

“(…) É que, entre os espinhos da estrada escabrosa, os dois companheiros desassombrados mantinham ereta a cruz divina e consoladora, espalhando a mancheias as sementes benditas do Evangelho de Redenção (…)”.

Aqui cabe também compartilharmos algumas preciosas lições a respeito da linda relação entre Paulo e Timóteo:

1. O afeto, o amor, o carinho de Paulo sempre esteve acima do trabalho; Paulo nos mostra como o verdadeiro trabalho da evangelização é o de reconstrução de laços afetivos, dos relacionamentos humanos.

Bem antes de Pestalozzi, o educador suíço do século XIX, Paulo exemplificava o amor aplicado na educação. Baseado nas palavras de Jesus, capítulos João, 12 e 13: ***“Que vos amei como eu vos amei, nisso todos reconhecerão que sois meus discípulos”***.

Paulo levava muito a sério a questão de antes de instruir, amar; sempre preocupado em nutrir relações afetivas sólidas, cristãs, transparentes,

dignas e repletas de amor. Não existe Evangelho sem relações humanas plenas de amor.

Paulo nutria por Timóteo um amor filial. Timóteo era órfão de pai, logo, a figura paterna na vida de Timóteo é exercida por Paulo.

2. Paulo apresenta um profundo respeito pela juventude.

Dentro da semente estão todos os potenciais que vão se desabrochar até chegar a formar uma árvore frondosa, frutífera. Como Paulo vai dizer a Timóteo: ***“Ninguém menospreze a tua mocidade”***.

E a pretexto de humildade, não devemos menosprezar nossos potenciais humanos; devemos incentivar que nos tornemos o que somos em potencial. Às vezes por invigilância, nos entregamos às críticas e aos ataques dos outros, permitindo que os outros interfiram em nossos propósitos mais sublimes e nos perdemos, por isso, nunca devemos parar de trabalhar.

3. Paulo é muito rigoroso com os fundamentos do Evangelho.

A todo momento, ele estimula Timóteo a estudar, ler os textos sagrados, interpreta-los, compreendê-los e ouvir os mais experientes, assimilando o entendimento: ***“Examinai tudo e retende o bem”***.

Timóteo, então, vai se fortalecendo como um trabalhador sólido.

Paulo o elogiava por ter guardado os fundamentos do Evangelho, na sua segunda epístola. Muitos começam, poucos continuam e raríssimos terminam fiéis à essência e aos fundamentos do Evangelho e do Espiritismo.

Paulo exigia de Timóteo um aprofundamento, uma percepção constante de seus ensinamentos. Timóteo estava sempre sedento de aprendizado, vivências e ensinamentos, tendo absorvido de todos quanto pôde: Silas, Áquila, Prisca, Paulo, Pedro, João, Maria.

4. Paulo condiciona Timóteo nesse dinamismo saudável, construtivo.

Sem exageros, exortava a Timóteo a trabalhar sempre com energia certa para ter eficácia, sem enfraquecer na fé.

5. Ele ensina a orar sempre, com o coração.

A relação de Paulo com Jesus não é abstrata e teórica; ele O enxerga como melhor amigo, nutrindo um profundo amor espiritual pelo Cristo.

Timóteo e Lucas sempre permaneciam nos arredores da atividade missionária de Paulo.

Nos últimos momentos da sua reencarnação, Paulo escreveu a Timóteo e pediu para ele “trazer a capa e os pergaminhos”, denotando uma relação profunda de afeto e intimidade.

6. Adverte em relação ao necessário cuidado com a ameaça dos falsos doutores.

Recomendava que Timóteo pudesse permanecer em Éfeso, para não se desviar pelos falsos profetas, aqueles que pretendiam passar por doutores da Lei, mas tinham apenas o verniz da virtude, com um palavreado frívolo.

7. Ele ensina humildade, temperança, parcimônia, ao dizer, por exemplo: ***“Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro”***.

Paulo exortava que Timóteo permanecesse sempre digno, honrado, respeitoso, de costumes comedidos (prevenção aos excessos da juventude).

8. Ele exorta a piedade para com todos: anciãos, jovens, senhoras e moças: ***“A piedade é de fato grande fonte de lucro, mas para quem sabe se contentar”***.

9. Estimula a coragem no testemunho.

Jamais se envergonhar, não ter medo e permanecer firme no ideal.

Timóteo era filho de Eunice e neto de Lóide, de descendência grega, e mesmo com apenas 13 anos já ouvia Paulo com notável demonstração de interesse.

Por conta da celeuma criada pelos judeus, Timóteo precisava se submeter à circuncisão antes de iniciar as pregações.

Na carta a Timóteo, vamos encontrar um relato amoroso de pai para filho; é que depois de muitos anos de convivência, e depois de ter se adaptado ao ritmo intenso e temperamento enérgico de Paulo, criou-se ou restaurou-se uma relação que certamente reponta de muitas vidas entre Paulo e Timóteo.

Paulo tinha um amor inquestionável por Timóteo, a ponto de trata-lo por *“meu verdadeiro filho na fé”* e *“meu filho amado”*.

E até nós, dessas cartas carinhosas, chegaram apenas duas delas.

Ressaltamos um trecho de uma <sup>109</sup>delas:

“Procurai vir me encontrar o mais depressa possível. Demas (o velho advogado dos gentios) me abandonou por amor do mundo presente. Ele partiu para Tessalônica, Crescente para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Somente Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil no ministério. Traze o manto, os livros e os pergaminhos. Procura vir antes do inverno”.

Aqui temos o venerável amigo do gentilismo experimentando singulares presságios sobre o futuro. Com profundo cansaço, prostração física, já no fim da vida, estava lutando consigo mesmo, de modo a não se dar por vencido.

---

<sup>109</sup> II Timóteo, 4.

Algumas semanas após um grupo armado invadiu a casa onde ele estava e levou Paulo preso. Tigelino, prefeito dos pretorianos, por sentença de César, havia ordenado seu sacrifício.

**Capítulo 28**  
**Capítulo 5 da obra P&E – Lutas pelo Evangelho. Temática: Vivenciando o Evangelho com desinteresse pessoal**

*“Os dois dedicados missionários haviam voltado em uma fase de grandes dificuldades para a instituição (de Antioquia). Ambos perceberam-nas, contristados. As contendas de Jerusalém estendiam-se a toda a comunidade de Antioquia; as lutas da circuncisão estavam acesas. Os próprios chefes mais eminentes estavam divididos pelas afirmativas dogmáticas. Tão alto grau atingiram os discrímes, que as vozes do Espírito Santo não mais se manifestavam.*

*Manahen, cujos esforços na igreja eram indispensáveis, mantinha-se a distância, em vista das discussões estéreis e venenosas. Os irmãos achavam-se extremamente confusos. Uns eram partidários da circuncisão obrigatória, outros se batiam pela independência irrestrita do Evangelho. Eminentemente preocupado, o pregador tarsense observou as polêmicas furiosas, a respeito de alimentos puros e impuros”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 5 – Lutas pelo Evangelho, da Segunda Parte da obra).**

Saulo e Barnabé tinham ido de Perge à Atália, depois à Selúcia e dali ganharam Antioquia (posto original de onde partiram). O regresso, foi por isso mesmo, assinalado de imenso regozijo. Porém, quando ali chegaram encontraram calorosas lutas pela circuncisão (contendas análogas àquelas vistas em Jerusalém). O fenômeno das vozes diretas não mais se manifestava. A atmosfera judaizante asfixiava os mais belos ideais cristãos e uma grande confusão havia sido estabelecida entre os prosélitos.

Paulo tomava inutilmente a palavra, esclarecendo que a circuncisão era uma ação característica do puro convencionalismo e intolerância judaica. Os judeus, reacionários, questionavam a autoridade dos Apóstolos galileus para tanto. A Igreja de Antioquia havia perdido o sentido de unidade que a caracterizava. Cada qual doutrinava do ponto de vista pessoal.

Isso nos faz recordar o artigo de Allan Kardec na Revista Espírita de abril de 1864, sobre o CUEE – Controle Universal do Ensino dos Espíritos:

*“(…) Se a Doutrina Espírita fosse uma concepção puramente humana, não teria como garantia senão as luzes de quem a tivesse concebida. Ora, ninguém aqui*

poderia ter a pretensão fundada de possuir, ele só, a verdade absoluta. (...) Um homem pode ser enganado, pode mesmo enganar-se. Assim não poderia ser quando milhões de homens veem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Aliás pode fazer-se um homem desaparecer, mas não desaparecem as massas. Podem queimar-se os livros, mas não os Espíritos. (...) São os próprios Espíritos que fazem a propaganda, auxiliados por inumeráveis médiuns que suscitam por todos os lados. (...) O Espiritismo não tem nacionalidade. Está por fora de todos os cultos particulares, não é imposto por nenhuma classe da sociedade, pois cada um pode receber instruções de parentes e amigos de além túmulo. (...) Era preciso que assim fosse, para que pudesse chamar todos os homens à fraternidade. Se, não tivesse colocado em terreno neutro, teria mantido dissensões, em vez de as apaziguar. (...) Essa universalidade do ensino dos Espíritos constitui a força do Espiritismo. (...) Sabe-se que os Espíritos, por força da diferença existente em suas capacidades, estão longe de estar individualmente na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que seu saber é proporcional à sua depuração. (...) A concordância no ensino dos Espíritos é, pois, o melhor controle, mas ainda é preciso que ocorra em certas condições. (...) A única séria garantia está na concordância que exista entre as revelações espontâneas, feitas por grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em diversas regiões. Compreende-se que aqui não se trata de comunicações relativas a interesses secundários, mas do que se liga aos princípios mesmos da doutrina. (...) Esse controle universal é uma garantia para a futura unidade do Espiritismo e anulará

todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, será procurado o critério da verdade. (...) O que fez o sucesso da doutrina formulada no Livro dos Espíritos e no Livro dos Médiuns é que por toda parte cada um pode receber dos Espíritos, diretamente, a confirmação do que eles encerram. (...) Por mais bela, justa e grande que seja uma ideia, é impossível que, desde o começo, alie todas as opiniões. Os conflitos daí resultantes são consequência inevitável do movimento que se opera. (...) Todas as pretensões isoladas cairão pela força das coisas, ante o grande e poderoso critério de controle universal. (...) É a universalidade dos Espíritos, comunicando-se em toda a terra, por ordem de Deus. Aí está o caráter essencial da doutrina espírita. Aí está a sua força e a sua autoridade (...).”

Ou seja, a força da doutrina espírita está na unidade do ensino dos Espíritos, assim como a força do Cristianismo Primitivo está na unidade dos sentimentos de caridade.

Paulo e Barnabé, então, deliberaram chamar Simão Pedro para resolver a questão.

O tema da circuncisão está presente na Bíblia em diversos trechos, dos quais destacamos:

Levítico, 12:1-3:

“Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: ‘Fala aos filhos de Israel, dizendo: Se uma mulher conceber e der à luz um menino, será imunda sete dias, assim como nos dias da separação da sua enfermidade, será

imunda. E no oitavo dia se circuncidará ao menino a carne do seu prepúcio”.

Lucas, 2:21:

“E, quando os oito dias foram cumpridos, para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto antes de ser concebido”.

E com base nisso, pensamos: O que podemos fazer para resguardar nossa casa espírita dessa divisão pela defesa do ponto de vista pessoal e perda da unidade? Provavelmente as diatribes não se deem mais por conta da circuncisão, mas pelos melindres, pelos ritos, pelos diferentes modos de fazer as atividades, pelos rigores, pelas fofocas...

Chegando Pedro, em companhia de João Marcos, Paulo e Barnabé ficaram informados sobre as lutas análogas enfrentadas em Jerusalém: muitas necessidades na igreja, perseguições judaicas sem tréguas. Tiago continuava com suas ríspidas exigências, mas tinha o respeito do farisaísmo, que de certo modo refreava a perseguição. As discussões se davam em torno da alimentação impura, não obstante tudo na Criação ter sido abençoado por Deus. As questões haviam sido equacionadas com o pressuposto do acolhimento dos gentios, até que de Jerusalém chegaram três emissários de Tiago portando cartas (meio de comunicação da época). Emmanuel vai transcrever esse momento de ponderação de Pedro:

“Conhecendo, porém, a atuação do Evangelho na alma popular, o farisaísmo autoritário não nos perde de vista e tudo envida por exterminar a árvore do Evangelho, que vem desabrochando entre os simples e pacíficos. É indispensável, pois, todo o cuidado de nossa parte, a fim de não causarmos prejuízos, de qualquer natureza, à planta divina”.

É interessante observar que os Apóstolos não iniciaram seu trabalho prontos; foram se preparando ao longo do trabalho. Por exemplo, em relação aos alimentos impuros, o próprio Pedro tinha preconceito de consumi-los, até que teve uma visão, narrada em Atos, 10, sobre o centurião Cornélio.

Cornélio, centurião da corte italiana, teve uma visão do anjo de Deus, e foi procurar Simão Pedro em Jope, interessado em informar-se sobre o Evangelho. Cornélio era gentio. Pedro, antes que Cornélio chegasse em seu domicílio, tem uma visão: uma toalha repleta de animais, cuja carne era considerada impura pelos judeus, desceu à altura do chão, justamente quando Pedro tinha fome. Uma voz do Alto então clamou claríssima: “Pedro, imola e come”. Ele tinha preconceito, considerava aquela carne imunda (quadrúpedes, reptéis, aves). E a voz redarguiu que nada criado por Deus é imundo, assim como nenhum homem. Então, Cornélio dali alguns instantes chegou e procurou Pedro, e ele entendendo o chamamento comeu junto com Cornélio, não obstante gentio, e o batizou.

Isso é muito interessante, porque mostra o quanto nós, guardadas as devidas proporções, também crescemos e amadurecemos nesta reencarnação.

Porém, contra essa mudança íntima de Pedro havia a pressão judaizante. Pedro estava retraído, sem querer atender aos convites dos incircuncisos (não mais por preconceito, mas por medo dos judeus aniquilarem os esforços evangelizantes). Havia se tornado austero e triste, denotando sensível mudança de comportamento. Paulo sentiu desgosto e incômodo, e aproveitou a fala na tribuna para exaltar a emancipação religiosa do mundo. Citou as demonstrações de acolhimento de Jesus com os publicanos e pecadores, e chegaram inclusive a confrontar Pedro.

Emmanuel vai transcrever a fala de Paulo nesse momento tenso:

“(…) Irmãos, defendendo o nosso sentimento de unificação em Jesus, não posso disfarçar nosso desgosto em face dos últimos acontecimentos. (...) Simão tem personificado para nós um exemplo vivo. (...) Se assim procuro esclarecer a questão, abertamente, não é pelo desejo de escandalizar a quem quer que seja, mas porque só acredito em um Evangelho livre de todos os preconceitos errôneos do mundo (...)”.

E com base nessa corajosa fala de Paulo (que alguns também poderiam considerar de vulnerabilização e exposição de Pedro), pensamos: Ainda que o clima fique tenso, é importante e melhor para o todo expor abertamente os motivos do mal-estar que passamos, para a elucidação e o entendimento? Quantas vezes nos calam para evitar uma situação constrangedora, que mais tarde toma proporções descontroladas e indesejáveis?

Aquele era um momento de grande tensão e nervosismo para a Igreja. Barnabé estava lívido, de olhos inflamados de tanto chorar, e admoestou Paulo. Paulo se manifestou, dizendo defender o direito de preservar a pureza do Evangelho. Pedro, não obstante a “saia justa”, manteve-se sereno.

Emmanuel vai pôr em palavras as reflexões de Pedro, naquele minuto:

“(…) O Apóstolo galileu considerou a sublimidade da sua tarefa no campo de batalha espiritual, pelas vitórias do Evangelho. De um lado estava Tiago, de atitudes conservadoras que mantinham a Igreja de Jerusalém; de outro lado, Paulo, o amigo desassombrado dos gentios, na execução de uma tarefa sublime. (...) A cruz do Cristo parecia-lhe, agora, um símbolo de perfeito equilíbrio. (...) Devia amar a Tiago, pelo seu cuidado generoso com os israelitas, bem como a Paulo de Tarso, pela sua dedicação extraordinária a todos quanto não conheciam a ideia do Deus justo (...)”.

Esta passagem nos faz recordar o diálogo entre o Cristo ressurrecto e Pedro<sup>110</sup>, à beira do mar do Tiberíades, quando Jesus avisou que Pedro enfrentaria situações desagradáveis e desafiadoras, como pedra angular da igreja cristã primitiva:

“E depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que a estes? E ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeiros. Tornou a dizer-lhe segunda vez: Simão, filho de Jonas, amas-me? Disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas. Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de Jonas, amas-me? Simão entristeceu-se por lhe ter dito a terceira vez: Amas-me? E disse-lhe: Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo. Jesus, disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade eu te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando já fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queiras. E disse isso, significando com que morte havia ele de glorificar a Deus. E, dito isto, disse-lhe: Segue-me”.

A tarefa de Pedro era das mais importantes, sobretudo naquele singular momento, quando a estrutura da igreja cristã poderia ruir. Cioso deste momento, ele levanta e diz:

“(…) Irmãos! – disse nobremente. – Muito tenho errado neste mundo. Não é segredo para ninguém que cheguei a negar o Mestre

---

<sup>110</sup> João, 21:15-19.

no instante mais doloroso do Evangelho. Tenho medido a misericórdia do Senhor pela profundidade do abismo de minhas fraquezas. Se erre entre os irmãos muito amados de Antioquia, peço perdão de minhas faltas. Submeto-me ao vosso julgamento e rogo a todos que se submetam ao julgamento do Altíssimo (...).”

Pedro apelava para a vigilância e a humildade, estimulava o retorno ao foco nas reflexões evangélicas. Pedro procurou Paulo em particular sobre o problema do gentilismo, e Paulo sugeriu uma assembleia em Jerusalém para debater o assunto. Emmanuel vai narrar a importância do fato:

“(…) A atitude ponderada de Simão Pedro salvara a Igreja nascente. (...) À custa de sua abnegação fraternal, o incidente passou quase despercebido da cristandade primitiva, e nem mesmo a referência leve de Paulo na Epístola aos Gálatas, a despeito da forma rígida, expressional do tempo, pode dar ideia do perigo iminente de escândalo que pairou sobre a instituição cristã naquele dia memorável (...).”

Emmanuel faz referência à seguinte passagem<sup>111</sup>:

“E conhecendo Tiago, Cefas (Pedro) e João, que eram considerados como as colunas, a graça que me havia sido dada, deram-nos as destros, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão; Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também

---

<sup>111</sup> Gálatas, 2:9-18.

procurei fazer com diligência. E, chegando Pedro à Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível. Porque, antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, se foi retirando, e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus também dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação. Mas, quando vi que não andavam bem e diretamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus? Nós somos judeus por natureza, e não pecadores dentre os gentios. Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada. Pois, se nós, que procuramos ser justificados em Cristo, nós mesmos também somos achados pecadores, é porventura Cristo ministro do pecado? De maneira nenhuma. Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor”.

Feito isso, Pedro regressou a Jerusalém com os mensageiros de Tiago. Em Antioquia, entretanto, o clima continuou tenso. Paulo sustentou o combate contra a circuncisão dos gentios, julgando serem essas imposições absurdas.

É sempre oportuno recordamos que a missão de Paulo era justamente tornar-se o Apóstolo dos

Gentios, conforme ele mesmo narra em sua epístola aos Gálatas<sup>112</sup>:

“Mas quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consulte a carne nem o sangue, nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco. Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias”.

Paulo refletia sobre a necessidade da independência do Evangelho em relação ao Judaísmo:

“(…) Transportar o Evangelho para o Judaísmo não seria asfixiar-lhe as possibilidades divinas? – perguntava Paulo, firmando seu ponto de vista. Mas e o esforço milenário dos judeus? (...) Proceder de outro modo seria arrancar do tronco vigoroso o galho verdejante destinado a frutescer (...)”.

Com base nisso, Paulo decidiu alargar os projetos de excursão de propaganda evangélica. Deliberou levar Tito, que ainda nem tinha completado vinte anos, e era oriundo do paganismo, uma das mais lúcidas inteligências daqueles tempos.

---

<sup>112</sup> Gálatas, 1:15-18.

Paulo havia ensinado a Tito o ofício de tapeceiro, e ele já tinha inclusive se tornado seu substituto na tenda humilde.

E foi nesse clima que a caravana rumou de Antioquia a Jerusalém, para a Assembléia. Emmanuel vai descrever esse momento, quando Pedro explicava a situação:

“(...) Os serviços aumentaram; (...) os enfermos que nos batem às portas multiplicam-se todos os dias. Foi preciso construir novas dependências. A fileira de catres parecia não ter fim. Aleijados e velhinhos distraíam-se ao sol, entre as árvores amigas do quintal. (...)”

Tiago, filho de Alfeu, parecia a Paulo radicalmente transformado, com uma presunção de falsa superioridade e certa indiferença. Paulo e Barnabé definitivamente não guardaram uma boa impressão. Tiago interpelou Tito, para saber de sua procedência, **“a fim de que os serviços de Deus não fossem perturbados”** e considerou que Tito não deveria ser admitido na assembleia, pela condição de incircunciso. Paulo, então, apelou para Pedro. Pedro então apresentou um sutil argumento, que **“se não agradou a Paulo, satisfaz a maioria”**:

“(...) O assunto (da circuncisão) será objeto de nosso atencioso exame na assembleia. (...) O conselho discutirá esses casos, mas isso significa que o assunto ainda não está resolvido. Proponho, então, que o irmão Tito seja circuncidado amanhã, para que

participe dos debates com a inspiração superior que lhe conheço (...)”.

Paulo guardava o ímpeto de regressar a Antioquia, acusando de hipócritas os irmãos judaizantes. Mas, não seria mais conveniente reprimir seus melindres feridos por amor aos irmãos de ideal? Não seria mais justo aguardar deliberações definitivas e humilhar-se, em nome da obra cristã?

Nessa passagem, flagramos diversas das discussões infrutíferas, já denunciadas pelo Cristo:

- Os pagãos seriam semelhantes aos demais convertidos a Moisés ou Jesus?
- A circuncisão tornaria o homem completo ou mais digno?
- Havia necessidade da regulação de deveres quanto aos alimentos ditos impuros e lavagem das mãos?
- Seria indispensável a subordinação do Evangelho à Lei de Moisés?

Pedro foi bastante lúcido:

“(...) Bem sabemos que todas as cerimônias externas são de evidente inutilidade para a alma, mas tendo em vista os princípios respeitáveis do Judaísmo, não podemos declarar guerra de morte às suas tradições, de um momento para outro (...)”.

Paulo, entretanto, estava inquieto; haviam coisas que não aceitava de jeito nenhum e tentava buscar um meio de libertar as verdades evangélicas do convencionalismo humano.

A Igreja estava onerada de despesas e dívidas e precisava contar com a cooperação do Judaísmo.

Os cristãos que iam melhorando de suas enfermidades passavam a trabalhar na plantação e na enfermaria, para ajudar os enfermos recém admitidos.

Observando essa organização da Igreja, Paulo obtemperou:

“(…) Precisamos instalar aqui elementos de serviço que habilitem a casa a viver de recursos próprios. Os órfãos, os velhos e os homens aproveitáveis poderão encontrar atividades além dos trabalhos agrícolas e produzir alguma coisa para a renda indispensável. (...) Onde há trabalho, há riqueza, e onde há cooperação, há paz (...)”.

Assim, ficou acertado que Paulo e Barnabé voltariam às igrejas fundadas para coletar recursos para a liberdade do Evangelho em Jerusalém. Afinal, Jesus havia afirmado que os cooperadores do Reino chegariam do Oriente e do Ocidente, e era necessário buscar o apoio de todos. Nesse clima, de necessidade de estabelecer laços de fraternidade com os gentios, repetindo Jesus com seu contato com os doutores do Templo, publicanos e ladrões,

não se enclausurando em tradições convencionais, Paulo e Barnabé saíam em missão.

Sobre a mensagem de emancipação da gentilidade, a assembleia decidiu que: ***“os pagãos ficavam isentos da circuncisão, mas deviam assumir o compromisso de fugir da idolatria, evitar a luxúria e abster-se das carnes de animais sufocados”***.

Silas e Barsabás se uniram a Paulo, Barnabé e Tito. Paulo se mantinha recluso, para não entrar em contato com o cenário vivo do seu passado tumultuoso em Jerusalém.

Paralelamente, João Marcos buscava se reintegrar ao grupo. E isso acende para nós algumas questões: Não seria falta de caridade não readimiti-lo? Não estaria João Marcos ainda muito jovem? Estaria disposto a enfrentar dificuldades e enfermidades? E nós, consideramos como ato de amor o “não” disciplinar, que educa para a vida?

Paulo vai ponderar:

“(…) Ninguém encontrará fechadas as portas da oportunidade, porque é o Todo-Poderoso quem no-las abre. A ocasião é a mesma para todos, mas os campos devem ser diferentes (...). Se interrompemos a tarefa começada, é sinal de que ainda não temos todas as experiências indispensáveis ao homem completo. (...) Não podemos ajuizar se este ou aquele já terminou o curso de suas demonstrações humanas, e que, de

hoje por diante, esteja apto ao serviço do Evangelho, porque, neste particular, cada um se revelará por si. (...) Nós, entretanto, somos forçados a considerar que não vamos tentar uma experiência, mas um testemunho. Compreendes a diferença? (...)”.

Decisão difícil, mas muito ponderada. Barnabé então voltaria com João Marcos para Chipre (próximo a Nea-Pafos e Salamina). Paulo seguiria com Silas para Tauro. Barsabás e Tito ficariam em Antioquia.

Interessante notar que até neste ponto a análise acurada de Paulo funcionava muito bem: ele poderia dispor de um “cortejo de súditos” seguindo-o pelas cidades, mas optava pela economia dos recursos e por dividir as duplas em prol da difusão da Boa-Nova.

## Capítulo 29

### *Capítulo 6 da obra P&E – Peregrinações e sacrifícios. Temática: A companhia de Lucas e a frustração em Atenas*

*“Na cidade do seu berço, mais senhor das convicções próprias, o tecelão que se consagrara a Jesus espalhou a mancheias os júbilos do Evangelho da Redenção. Muitos admiraram o conterrâneo, cada vez mais singularmente transformado; outros prosseguiram na tarefa ingrata da ironia e do lamentável esquecimento de si mesmos. Paulo, no entanto, sentia-se forte na fé, como nunca. Defrontou a velha casa em que nascera, reviu o sítio ameno onde brincara os primeiros tempos da infância; contemplou o campo de esportes onde guiara sua biga romana; mas exumou as recordações sem lhes sofrer a influência depressiva, porque tudo entregava ao Cristo como patrimônio em cuja posse poderia entrar mais tarde, quando houvesse cumprido seu divino mandato”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 6 – Peregrinações e sacrifícios, da Segunda Parte da obra).**

Silas era de um temperamento pacífico, de devotamento integral ao Divino Mestre. Silas e Paulo se alimentavam parcamente, só de frutas silvestres, não obstante, a alegria estava presente em todas as circunstâncias.

Mesmo antes de chegar nas cidades, Silas e Paulo iam pregando a Boa-Nova a caminho a soldados romanos, escravos misérrimos e caravaneiros humildes.

Paulo e Silas enfrentavam novos e inúmeros desafios: noites ao relento, sacrifícios inúmeros, ameaças de malfeitores, enfrentamento de perigos, dificuldades nos percursos, mas sempre preservando a entrega total aos propósitos divinos.

Foi nessa época também que Paulo recebeu notícias de Timóteo, como Emmanuel vai narrar:

“(...) O jovem filho de Eunice, pelo que lhe informavam, soubera enriquecer, de maneira prodigiosa, os conhecimentos adquiridos. (...) A pequena cristandade de Derbe já lhe devia grandes benefícios. (...) Disseminava curas e consolações. Seu nome era abençoado de todos (...)”.

Saulo decidiu então demandar Listra, com ansiedade carinhosa, na companhia de Silas. Timóteo havia sido instrumento de renovação dos judeus que promoveram a lapidação do Apóstolo,

cuidava de construir uma Igreja, para assistência fraternal.

Paulo e Silas, tendo trabalhado afanosamente para formar uma assembleia para arrecadação de recursos para a Igreja de Jerusalém, contaram com a cooperação de Timóteo, que aproveitou a mudança de Lóide e Eunice para a Grécia.

Nesse ínterim, Silas perguntou a Paulo sobre o tema da circuncisão:

“(...) Silas perguntou ao Apóstolo se não era de bom alvitre operar a circuncisão do moço (Timóteo), a fim de que o Judaísmo não perturbasse os labores apostólicos. (...) Paulo meditou bastante, recordou a necessidade de espalhar o Evangelho sem escândalo para ninguém e concordou com a medida aventada (...)”.

Há de se notar inclusive a mudança de entendimento de Paulo em relação ao fato da circuncisão, que encarava com maior naturalidade, evitando atuar com resistências dispensáveis, visando preservar a obra cristã.

Os discípulos (Paulo, Timóteo, Silas) visitaram todas as pequeninas aldeias da Galácia e demoraram-se algum tempo em Antioquia da Psídia, onde trabalharam pela própria manutenção.

Paulo experimentava o contentamento do semeador defrontando as primeiras flores do seu campo semeado, como promessas ruidosas do campo.

Paulo, Timóteo e Silas atravessaram a Frígia e a Falácia sem perseguições de grande envergadura, e deram continuidade às suas pregações evangélicas.

Nesse ínterim, Paulo ouviu uma voz amiga o advertindo:

“(...) Ouviu uma voz que lhe dizia com amoroso acento: - Paulo, sigamos adiante!...Levemos a luz do Céu a outras sombras; outros irmãos te esperam no caminho infinito...Era Estêvão, o amigo de todos os minutos (...)  
- Desta vez, já não encontramos muitas dificuldades. (...) Quer dizer que por aqui já existem bases seguras para a vitória do Cristo. É preciso, portanto, caminhar para onde se encontrem os obstáculos e vencelos, para que o Mestre seja conhecido e glorificado, pois nós estamos numa batalha e é necessário não desprezar as frentes (...).”

Mas, para onde seguir? Não demorou muito para vir a resposta do Céu; Paulo teve uma visão, narrada inclusive no livro de Atos<sup>113</sup>:

“E, passando pela Frígia e pela província da Galácia, foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. E, quando chegaram a Mísia, intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito não lho

<sup>113</sup> Atos, 16:6-10.

permitiu. E, tendo passado por Mísia, desceram a Trôade. E Paulo teve de noite uma visão, em que se apresentou um homem da Macedônia, e lhe rogou, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos. E, logo depois desta visão, procuramos partir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho”.

Emmanuel também vai narrar esta visão:

“(...) E Paulo, numa visão significativa do espírito, viu um homem da Macedônia, que identificou pelo vestuário característico, a acenar-lhe ansiosamente, exclamando: Vem e ajuda-nos! O ex-doutor interpretou o fato como ordenação de Jesus a respeito dos seus novos encargos (...).”

Interessante como a vida nos leva a lugares e nos aproxima de pessoas importantes para as nossas tarefas. O Espírito Emmanuel tem uma mensagem<sup>114</sup> na qual aborda isso, já citada nesse livro:

“Recorda-te que cada dia tem situações magnéticas específicas. Considera a essência de tudo o que atraiu no curso das horas e eliminarás os males próprios, atendendo ao bem que Jesus deseja”.

Lucas foi levado como cooperador na Macedônia e o novo grupo então foi formado por Paulo, Silas,

<sup>114</sup> Obra “Caminho, Verdade e Vida”, capítulo 129 – Origem das Tentações.

Timóteo e Lucas. Paulo aproveitava todos os ensejos possíveis para a pregação.

Na segunda viagem missionária, Paulo saiu de Antioquia para Tarso, depois Derbe, Listra, Icônio, Trôade, Neápolis, Filipos, Apolônia, Anfípolis, Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto, Cencrêia, Éfeso, Rodes, Cesaréia, até retornar a Jerusalém, Tiro e Sidom.

Paulo então decidiu mais uma vez pela economia dos recursos, subdividindo o grupo em dois: Silas e Paulo seguindo viagem, e Lucas e Timóteo em direção à Tessalônica.

Sobre a circuncisão, Paulo havia compreendido que era necessário renunciar para vencer. Sobre isso, ele vai dizer:

“(…) Até que Deus opere a circuncisão de tantos corações endurecidos, é indispensável saibamos agir com prudência, sem atritos que nos inutilizem os esforços (…)”.

Passou com Silas três noites ao relento, e quando chegou em Filipos, a casa de oração improvisada era um recanto rodeado de ruínas, em meio à natureza. Lá estavam senhoras e meninas em oração. Lídia, viúva digna e generosa, oferecia a própria casa para fundar a Igreja.

Emmanuel vai narrar a reflexão de Paulo neste momento:

“(…) Escutando-lhe (de Lídia) a voz desbordante de cristalina sinceridade, recordou que no Oriente, no dia inesquecível do Calvário, só as mulheres haviam acompanhado Jesus no doloroso transe, sendo as primeiras criaturas que o viram na gloriosa ressurreição; e eram ainda elas que, em doce reunião espiritual, vinham receber a palavra do Evangelho no Ocidente, pela primeira vez (…)”.

Emmanuel vai narrar que neste momento Paulo teve uma visão sobre as precursoras da divulgação evangélica no continente europeu.

Paulo e Silas seguiram para divulgar o Evangelho entre os filipenses. Filipos tinha um espírito romano, e como não tinha sinagoga, Paulo começou a fazer as pregações em praça pública: só as mulheres buscavam o recinto das orações.

Por ter um espírito romano muito forte, em Filipos haviam pitonisas. A sua presença era tal cuja palavra era reconhecida como “oráculo infalível”, e fazia-se a mercantilização dos poderes psíquicos.

Emmanuel vai narrar o fato:

“(…) (Pitonisa): - Recebi os enviados do Deus Altíssimo! Eles anunciam a salvação! Recebi os mensageiros da redenção! Não são homens, são anjos do Altíssimo (...).

(Paulo): - Espírito perverso, não somos anjos, somos trabalhadores em luta com as próprias fraquezas, por amor ao Evangelho; em nome de Jesus Cristo, ordeno que te retires para sempre! Proíbo-te, em nome do Senhor, estabeleceres confusão entre as criaturas, incentivando interesses mesquinhos do mundo em detrimento dos sagrados interesses de Deus (...).”

Ou seja, flagrante argúcia psicológica paulina em perceber o mecanismo oculto da influência espiritual sobre a pitonisa; Paulo sabia que havia uma inteligência invisível influenciando-a. E tal argúcia se deve não apenas à sua potente capacidade analítica, como também ao jejum e oração que protagonizava, como marcas autênticas de sua autoridade moral.

Porém, Silas ficou sem entender e partiu para o entendimento com Paulo:

“(…) (Silas): - Acaso não falava ela do nome de Deus? Sua propaganda não seria para nós valioso auxílio?

(Paulo): - Porventura, Silas, poder-se-á na Terra julgar qualquer trabalho antes de concluído? Aquele Espírito poderia falar em Deus, mas não vinha de Deus. Que fizemos

para receber elogios? Dia e noite, estamos lutando contra as imperfeições de nossa alma. Jesus mandou que ensinássemos, a fim de aprendermos duramente.

(Silas): - Todavia, será o incidente uma lição para não entretermos relações com o plano invisível?

(Paulo): - Como pudeste chegar a semelhante conclusão? O Cristianismo sem o profetismo seria um corpo sem alma. Se fecharmos a porta de comunicação com a esfera do Mestre, como receber seus ensinamentos? Os sacerdotes são homens, os templos são de pedra. Que seria de nossa tarefa sem as luzes do plano superior? (...) Já pensaste no Cristo sem ressurreição e sem intercâmbio com os discípulos? Ninguém poderá fechar as portas que nos comunicam com o Céu. O Cristo está vivo e nunca morrerá. (...) Conviveu com os amigos, depois do Calvário, em Jerusalém e na Galiléia; trouxe uma chuva de luz e sabedoria aos cooperadores galileus, no Pentecostes; chamou-me às portas de Damasco; mandou um emissário para a liberação de Pedro, quando o generoso pescador chorava no cárcere... (...).”

O que traduz um grande ensinamento para cada um de nós, e nos faz lembrar também dos desafios enfrentados pelo profeta Jeremias<sup>115</sup>:

---

<sup>115</sup> Jeremias, 23:16-33.

“Eu não enviava estes profetas, e eles corriam; não lhes falava nada, e eles profetizavam. Tenho ouvido o que disseram os profetas, que em meu nome profetizaram a mentira, e dizem: Sonhei, tenho sonhado. Até quando se achará isso no coração dos profetas que vaticinam a mentira, e que profetizam as seduções do seu coração?”

As palavras firmes de Paulo são de grande valia principalmente em tempos desafiadores como estes que por ora nós passamos.

As palavras de Paulo não ficaram em vão; Paulo havia acabado com o “ganha pão” dos exploradores da pitonisa, e por isso ele, junto com Silas, tinham sido presos e flagiciados em praça pública (tentativa de linchamento). Foram retirados pelas autoridades e encarcerados, incapacitados de dormir pelas dores crudelíssimas nos corpos marcados pela violência. Vigiam à noite, em preces unidas de luminoso fervor.

E eis que o inesperado aconteceu:

“(…) Os prisioneiros vizinhos, vendo-os em oração, pareciam acompanhá-los pela expressão do rosto. Paulo contemplou-os, através das grades, e, aproximando-se a custo, começou a pregar o Reino de Deus (…)

Quando ocorreu um fenômeno; quando Paulo estava comentando a passagem da “tempestade

acalmada”, as portas das celas foram abertas. Silas ficou lívido. Paulo entendeu e ficou mais próximo dos presos, continuando a pregar, falando com entusiasmo, pedindo que ninguém tentasse fugir, estimulando a todos ao regozijo, se culpados ou inocentes. E naquele momento, muitos se converteram ao Salvador, anunciando com bondade e alegria o Evangelho.

Emmanuel vai descrever a cena:

“(…) Ao alvorecer, levanta-se o carcereiro. (...) Vendo as portas abertas e temendo a sua responsabilidade, tenta matar-se instintivamente. Paulo, porém, avança e impossibilita-lhe o gesto extremo, explicando-lhe a ocorrência. Todos os encarcerados regressaram humildes ao seu cubículo. Lucano, o carcereiro, converte-se à nova doutrina (…)

Cheios de temor, as autoridades mandaram libertar os pregadores e Paulo alegou a condição de cidadão romano, exigindo a presença dos juizes, falando para eles sobre Jesus. Assim, foi garantida a manutenção da paz para a Igreja nascente, os agitadores pediram desculpas e pediram que Paulo e Silas saíssem. Porém, as lutas continuavam, incluindo: dissabores, perseguições, acusações e calúnias.

Paulo decidiu então se transferir para a Beréia, onde foi preso e açoitado, e visitou Atenas,

liberando Lucas, Silas e Timóteo. Penetrou na cidade, possuído de forte emoção; recordou os nobres filósofos, mas era tido pelos circunstantes como mendigo, farrapo humano. Chegaram a rir do Apóstolo ao ouvir as referências a Jesus e à ressurreição.

Emmanuel vai descrever o quadro:

“(...) Atenas estava muito distante das suas esperanças. A assembleia popular deu-lhe a impressão de enorme ajuntamento de criaturas envenenadas de falsa cultura (...)”.

O Aerópago era a parte noroeste da Acrópole em Atenas e também o nome do próprio conselho que ali se reunia. Além de supremo tribunal, o conselho também cuidou de assuntos como educação e ciência por algum tempo.

Dionísio, homem culto e generoso, ficou impressionado pela coragem paulina. O público, entretanto, depois da apresentação de Paulo, deixou o recinto com gargalhadas sarcásticas. Paulo ficou num estado inconsolável. Emmanuel vai narrar:

“(...) Paulo ficou, naturalmente, desolado. (...) O Apóstolo então lembrou que seria preferível arrostar o tumulto dos judeus. Onde houvesse luta, haveria sempre frutos a colher. (...) A cultura ateniense era bela e bem cunhada, impressionava pelo exterior

magnífico, mas estava fria, com a riqueza da morte intelectual (...)”.

Paulo então fez a tentativa de fundar uma Igreja doméstica, mas cada um deu uma desculpa para se evadir. Emmanuel descreve como **“Paulo recebeu todas as recusas mantendo singular expressão fisionômica, como o semeador que se vê rodeado somente de pedras e espinheiros”**. Paulo chorou copiosamente e ficava pensando a quem poderia atribuir o doloroso insucesso. Tinha um sentimento profundo de impotência e frustração; chorava pelo Mestre, por temer desapontá-lo, por não haver correspondido à expectativa do Salvador.

E eis que nesse redemoinho emocional, Paulo recebeu um alento: notícias de Timóteo, que havia recentemente chegado de Corinto.

**Capítulo 30**  
**Capítulo 7 da obra P&E – As**  
**Epístolas. Temática: O**  
**Evangelho do convertido de**  
**Damasco**

*“Corinto era uma sugestão permanente de lembranças queridas do seu coração. Sem comunicar aos amigos as reminiscências que lhe borbulhavam na alma sensível, procurou rever os sítios a que Abigail se referia sempre com enlevo. Com extremo cuidado, localizou a região onde deveria ter existido o pequeno sítio do velho Jochedeb, agora incorporado ao imenso acervo de propriedades dos herdeiros de Licínio Minúcio; contemplou a velha prisão de onde a noiva pudera evadir-se para salvar-se dos celerados que lhe haviam assassinado o pai e escravizado o irmão; meditou no porto de Cencrêia, de onde Abigail partira, um dia, para conquistar-lhe o coração, sob os desígnios superiores e imutáveis do Eterno. Paulo entregou-se, de corpo e alma, ao serviço rude”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 7 – As Epístolas, da Segunda Parte da obra).**

Recebendo notícias de Corinto. Timóteo falava do desenvolvimento da doutrina cristã na velha capital da Acaia; mencionou seu encontro pessoal com Áquila e Prisca, e então Paulo foi se recordando de Jeziel e Abigail.

Paulo ainda estava muito abatido por conta do insucesso em Atenas, e entendia agora porque o Mestre havia preferido os cooperadores humildes e simples<sup>116</sup>: **“Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos”.**

Nesse ponto, Paulo fez uma exaltação ao trabalho, que vale a pena transcrevermos:

*“(…) Enquanto pudermos trabalhar, há que esmarmos no trabalho um elixir para todos os males. (...) Sempre tive a convicção de que Deus tem pressa do serviço bem feito. (...) Como adiar ou faltar com os deveres sagrados de nossa alma, para com o Todo Poderoso? (...)”.*

Áquila e Prisca contaram da experiência em Roma como tecelões humildes; haviam sido flagiciados, e Paulo revisitou as cenas da sua juventude. Optou falar pela primeira vez na sinagoga de Corinto. Os israelitas, entretanto, não toleravam a superioridade de Jesus sobre Moisés. Então, Paulo decidiu ir aos

---

<sup>116</sup> Mateus, 11:25.

gentios. Nessa mesma época, começou a desenvolver uma grande amizade pelo romano Tito Justo.

Emmanuel vai narrar o entendimento profundo que Paulo mantinha da necessidade de enfrentar todos esses expedientes:

“(…) Aqueles martírios em comum eram apresentados como favores de Jesus, como títulos eternos da sua glória. Quem ama inquieta-se por dar alguma coisa, e os que amavam o Mestre sentiam-se extremamente venturosos em sofrer algo por devotamento ao seu nome (...)”.

E pensamos, hoje quais são as flagelações, perseguições e prisões que precisamos enfrentar? E nos regozijamos com eles? Inimizades, a experiência da solidão afetiva, dificuldades profissionais, incompreensão familiar, acusação de hipocrisia, enfermidades dolorosas...

Corinto, àquela época, era uma cidade famosa por sua devassidão: **“Onde há muito pecado, há muito remorso e sofrimento”**. As demandas das igrejas aumentavam dia após dia e Paulo percebia que não bastava enviar novos emissários, daí ele apelar ao concurso da prece, para **“que não faltasse com os socorros necessários ao cumprimento integral da tarefa”**.

Importante jamais desmerecermos ou esquecermos do poder da prece, e da eficácia de um apelo sincero ao Alto num momento de aflição.

A resposta do Alto não tardou:

“(…) – Não temas – dizia a voz -, prossegue ensinando a verdade e não te cales, porque estou contigo. (...) É possível a todos satisfazeres, simultaneamente, pelos poderes do espírito. (...) Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome. (...) O valor da tarefa não está na presença pessoal do missionário, mas no conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida (...)”.

É interessante também analisarmos uma observação muito especial feita pelos teólogos da Bíblia de Jerusalém, na introdução à Epístola aos Hebreus, que corrobora o que lemos na obra Paulo e Estêvão, sobre a parceria de Paulo e Estêvão:

“Ao contrário de todas as precedentes, a epístola aos Hebreus teve sua autenticidade posta em dúvida desde a antiguidade. (...) No tocante à sua forma literária, (...) a linguagem e o estilo deste escrito são de uma pureza elegante, que não pertence a São Paulo. (...) Não há acordo quando se trata de identificar o autor anônimo. (...) Parece mais simples tentar traçar seu retrato: traça-se de um judeu de cultura helenística, familiar na arte da oratória, atento a uma interpretação pontual das

passagens veterotestamentárias que utiliza (...).”

Vejamos se não é uma descrição muito precisa do primeiro mártir do Cristianismo Primitivo, Estêvão.

E isso nos leva a cogitar: e nós, sentimos a presença do Cristo sobre nossas mãos quando sentimos faltar força para continuar?

Paulo julgou que não deveria atuar apenas por si e chamou Timóteo e Silas para redigir a primeira de suas epístolas.

Depois de dezoito meses na cidade, a perseguição farisaica, entretanto, começou a se acentuar, de modo que os cristãos foram presos à noite, em meio às reflexões evangélicas; neste momento, Paulo lembrou do compromisso de todos: **“Irmãos, acaso quereis o Cristo sem testemunho?”**

Paulo foi preso, açoitado (recebendo a pena dos 39 açoites), malgrado experimentando uma paz imperturbável.

Não haviam mais, de sua parte, criação de situações apaixonadas, polêmicas. E na prisão, Paulo sentiu seu primeiro grande êxtase. Compareceu ao tribunal, perante o judeu Sóstenes, que representava a sinagoga, e ele, Paulo, estava sem nenhum defensor. Tito Justo, romano, então se prontificou para tal mister. As acusações que recaíam sobre

Paulo eram as típicas atribuídas aos cristãos fervorosos: blasfemo, desertor da Lei, feiticeiro.

O procônsul da Acaia, Júnio Gálio, ao ouvir a defesa de Paulo da boca de um compatriota, ficou impressionado e comovido. Ele então liberou Paulo, e ao sair, Sóstenes foi subitamente atacado pelos fariseus. Paulo interveio em favor do seu contraditor: “Irmãos, apaziguai-vos por amor ao Cristo!...”

A autoridade moral paulina inquestionável funcionara como água gelada em meio à combustão em formação. Paulo partiria para a Ásia, especificamente Éfeso, para atender aos apelos de João. E aqui destacamos a figura de Febe, colaboradora de Corinto, como uma das mulheres do Evangelho mais corajosas e destemidas pelo amor do Cristo.

Com a ideia de ir a Éfeso, Paulo sentia ressumar as lembranças da noiva amada e renovava os votos de fidelidade eterna (raspou a cabeça, guardando um simbolismo especial no ato).

As dificuldades da igreja de Éfeso eram cada vez maiores, por conta da necessidade de enfrentar as polemicas estereis. Paulo visitou Maria de Nazaré, criatura simples e amorosa, e prometeu voltar para escrever o Evangelho, que acabou ficando a cargo de Lucas, anos mais tarde.

Paulo, ao retornar a Jerusalém, reencontrou Pedro com profundos sinais de abatimento. Os pobres, órfãos, desamparados e convalescentes tinham uma escola de trabalho santificante doravante. As epístolas tinham se espalhado pelas igrejas e eram lidas com avidez. Nunca mais o Apóstolo dos Gentios esteve só na tarefa evangelizadora – os discípulos tinham passado a ser numerosos, representando a consolidação da fraternidade real.

Emmanuel vai pintar o quadro:

“(…) Em toda parte, lutas sem tréguas, alegrias e dores, angústias e amarguras do mundo, que não chegavam a lhe arrefecer as esperanças nas promessas de Jesus. De um lado, os israelitas rigorosos, inimigos ferrenhos e declarados do Salvador; de outro, os cristãos indecisos, vacilando entre as conveniências pessoais e as falsas interpretações (...)”.

Nesse momento vamos observar o incrível fenômeno das curas e das vozes diretas em plena praça pública, com enorme repercussão e maior autoridade atribuída aos circunstantes aos argumentos de Paulo. Vieram discípulos da Macedônia, e Áquila e Prisca haviam regressado de Corinto. Timóteo, Silas e Tito cooperavam ativamente, visitando as igrejas estabelecidas. Paulo multiplicava as curas e benefícios por amor ao Senhor e já tinham transcorrido dois anos do seu

trabalho em Éfeso, quando surgiu um problema intrincado: o culto à deusa Diana, em Éfeso, estava comprometido por causa do grande número de adeptos que eram simpatizantes ou convertidos ao Cristianismo.

Temos a descrição desse fato no livro de Atos<sup>117</sup>:

“E, naquele mesmo tempo, houve um não pequeno alvoroço acerca do Caminho. Porque um certo ourives da prata, por nome Demétrio, que fazia de prata nichos de Diana, dava não pouco lucro aos artífices, Aos quais, havendo-os ajuntado com os oficiais de obras semelhantes, disse: Senhores, vós bem sabeis que deste ofício temos a nossa prosperidade; E bem vedes e ouvis que não só em Éfeso, mas até quase em toda a Ásia, este Paulo tem convencido e afastado uma grande multidão, dizendo que não são deuses os que se fazem com as mãos. E não somente há o perigo de que a nossa profissão caia em descrédito, mas também de que o próprio templo da grande deusa Diana seja estimado em nada, vindo a ser destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo veneram. E, ouvindo-o, encheram-se de ira, e clamaram, dizendo: Grande é a Diana dos efésios. E encheu-se de confusão toda a cidade e, unânimes, correram ao teatro, arrebatando a Gaio e a Aristarco, macedônios, companheiros de Paulo na viagem. E, querendo Paulo apresentar-se ao povo, não lho permitiram

---

<sup>117</sup> Atos, 19:23-41.

os discípulos. E também alguns dos principais da Ásia, que eram seus amigos, lhe rogaram que não se apresentasse no teatro. Uns, pois, clamavam de uma maneira, outros de outra, porque o ajuntamento era confuso; e os mais deles não sabiam por que causa se tinham ajuntado. Então tiraram Alexandre dentre a multidão, impelindo-o os judeus para diante; e Alexandre, acenando com a mão, queria dar razão disto ao povo. Mas quando conheceram que era judeu, todos unanimemente levantaram a voz, clamando por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios. Então o escrivão da cidade, tendo apaziguado a multidão, disse: Homens efésios, qual é o homem que não sabe que a cidade dos efésios é a guardadora do templo da grande deusa Diana, e da imagem que desceu de Júpiter? Ora, não podendo isto ser contraditado, convém que vos aplaqueis e nada façais temerariamente; Porque estes homens que aqui trouxestes nem são sacrílegos nem blasfemam da vossa deusa. Mas, se Demétrio e os artífices que estão com ele têm alguma coisa contra alguém, há audiências e há procônsules; que se acusem uns aos outros; E, se alguma outra coisa demandais, averiguar-se-á em legítima assembleia. Na verdade até corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição, não havendo causa alguma com que possamos justificar este concurso. E, tendo dito isto, despediu a assembleia”.

Emmanuel também vai explicar:

“(…) Pagos pelos artífices, os maliciosos começaram a espalhar boatos entre os mais crédulos. Insinuavam que o ex-rabino preparava-se para arrombar o Templo de Diana, a fim de queimar os objetos do culto. (...) Irritaram-se os ânimos (...)”.

E com base nisso, pensamos num problema contemporâneo muito comum: estamos acaso precavidos com respeito a examinar os boatos ou ajudamos simplesmente a espalhá-los?

A verdade é que não sabemos aquilo que “sabemos por terceiros”, nem o que supomos, nem sobre o que ouvimos falar.

Áquila e Prisca foram presos e sua oficina foi desmantelada pela intriga. Demétrio, o ourives de Éfeso, continuava a dirigir o povo, envenenando os ânimos, e o primeiro impulso de Paulo foi ir ao encontro dos amigos. Paulo percebeu a improdutividade do esclarecimento àquela hora e se contristava pelo sofrimento dos amigos:

“(…) Estamos em lutas incessantes na Ásia há mais de vinte anos. (...) Pelo bem que desejamos, fazemos-nos todo o mal que podem. Ai de nós se não trouxéssemos as marcas do Cristo Jesus. (...) Nasci para uma luta sem tréguas, que deverá prevalecer até o fim dos meus dias. Antes de encontrar as luzes do Evangelho, errei criminosamente, embora com o sincero desejo de servir a

Deus. Fracassei, muito cedo, na esperança de um lar. Tornei-me odiado de todos, até que o Senhor se compadecesse de minha situação miserável, chamando-me às portas de Damasco. (...) Se o Cordeiro Imaculado padeceu na cruz da ignomínia, de quantas cruzes necessitaremos para atingir a redenção? (...)”.

Paulo decidiu então repousar um tempo em Filipos. Reencontrando-se com Lucas, decidiu partir ao Ocidente, para auxiliar os cristãos já existentes na cidade dos Césares, apoiar a fundação de igrejas também. Paulo pensou em preparar sua chegada enviando antes uma carta (a epístola aos romanos) e Febe, cristã resoluta, se oferecia para levar a carta. Áquila e Prisca iriam cooperar junto com Paulo e nessa mesma época tem-se a notícia do falecimento de Lóide. Lucas e Silas iriam com Paulo nessa tarefa.

Emmanuel vai descrever a observação de Lucas com respeito ao estado físico de Paulo:

“(...) Magríssimo, rosto pálido, olhos encovados, o ex-rabino dava a impressão de profunda miséria orgânica. O médico, no entanto, fez o possível para ocultar suas dolorosas conjecturas (...)”.

E com base nisso, pensamos: será que temos o mesmo cuidado em nossas relações de amizade?

Ou consideramos falar de nossa constatação a legítima franqueza?

O irmão Abdias porém chegava de Jerusalém, trazendo péssimas notícias; Pedro havia sido banido de Jerusalém e o Sinédrio exigia um “entendimento” com Paulo, porque as sinagogas estavam ficando desertas. Paulo indignara-se e experimentou relutâncias íntimas para renunciar sua ida a Roma, e lendo a carta de Tiago, trazida pelo portador, decidiu consultar o Evangelho<sup>118</sup>: **“Concilia-te depressa com o teu adversário”**. Assim, concluiu que não era justo alimentar caprichos pessoais na obra do Cristo:

“(...) No feito em perspectiva, não era Tiago o interessado na sua presença em Jerusalém: era a Igreja, era a sagrada instituição que se tornara tutora dos pobres e dos infelizes. (...) Chegou à conclusão de que devia aos sofrendores de Jerusalém alguma coisa que era preciso restituir (...)”.

Além do mais, a voz amiga que sempre o acompanhava também não deixou de se pronunciar:

“(...) Não te inquietes, Paulo. É preciso ir a Jerusalém para o testemunho imprescindível. (...) Tranquiliza-te, porque irás a Roma cumprir um sublime dever; não, porém, como queres, mas de acordo com os desígnios do Altíssimo... (...)”

---

<sup>118</sup> Mateus, 5:25.

Depois, então, será a nossa união eternal em Jesus Cristo, para a divina tarefa do amor e da verdade à luz do Evangelho (...).”

Paulo então aproveitou aqueles tempos para fazer as últimas visitas, enquanto encarnado, às igrejas; quando, enfrentou nova insídia em Corinto. Aquela era a última vez que Paulo fixava aquelas paisagens. Fazia recomendações, recebia a ternura fraternal de todos, mas já se preparava: **“Não devo esperar flores e dias felizes. A existência humana é de trabalho incessante e os derradeiros sofrimentos são a coroa do testemunho”**. E neste momento ocorreu o acidente de Êutico <sup>119</sup>(o jovem que caiu da sacada do lugar onde Paulo estava):

“E, estando um certo jovem, por nome Êutico, assentado numa janela, caiu do terceiro andar, tomado de um sono profundo que lhe sobreveio durante o extenso discurso de Paulo; e foi levantado morto. Paulo, porém, descendo, inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a sua alma nele está. E subindo, e partindo o pão, e comendo, ainda lhes falou largamente até à alvorada; e assim partiu. E levaram vivo o jovem, e ficaram não pouco consolados”.

E estando em Cesaréia, Paulo hospedou-se na casa de Filipe, quando Ágabo, médium, numa reunião íntima<sup>120</sup>, entrou em transe e mostrou mimicamente

---

<sup>119</sup> Atos, 20:9-12.

<sup>120</sup> Texto disponível em Atos, 21:10-11. A menção de Ágabo está

que Paulo seria amarrado de pés e mãos atados e seria entregue nas mãos dos gentios.

Perante o triste vaticínio, os circunstantes começaram a lamentar as futuras ocorrências. Paulo imediatamente se posicionou:

“(…) Por que chorarmos, magoando o coração? Os seguidores do Cristo devem estar prontos para tudo. Por mim, estou disposto a dar testemunho, ainda que tenha de morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus! (...)”.

Os novos desafios pareciam impostergáveis. Mnasom, emissário de Tiago, havia oferecido sua casa para acolher Paulo, para viabilizar um entendimento particular com Tiago. Era observável em todos os cantos o quanto o ódio sectarista esfervilhava e atingia as mais atrozes perseguições.

---

em Atos, 11:28-30.

**Capítulo 31**  
**Capítulo 8 da obra P&E – O**  
**martírio em Jerusalém.**  
**Temática: O convertido de**  
**Damasco é novamente**  
**apedrejado**

*“Paulo de Tarso escutava-o (Tiago) extremamente sensibilizado. Dono de luminoso cabedal evangélico, entendia chegado o momento de testemunhar seu devotamento ao Mestre, justamente através do mesmo órgão de perseguição que a sua ignorância engendrara em outros tempos. Naqueles minutos rápidos, utilizou a mnemônica e lobrigou os quadros terríveis de outrora... Velhos torturados em sua presença, para sentir o prazer da apostasia cristã, com a repetição do voto de fidelidade eterna a Moisés; mães de família arrancadas de seus lares obscuros, obrigadas a jurar pela Antiga Lei, que renegavam o carpinteiro de Nazaré, abominando a cruz do seu martírio e ignomínia. Os soluços daquelas mulheres humildes, que abjuravam da fé porque se viam feridas no que possuíam de mais nobre, o instinto maternal, chegavam, agora, a seus ouvidos como brados de angústia, clamando resgates dolorosos. Todas as cenas antigas desdobravam-se-lhe na*

*retina espiritual, sem omissão do mais insignificante pormenor. Moços robustos, arrimos de famílias numerosas, que saíam mutilados do cárcere; jovens que pediam vingança, crianças que reclamavam os pais encarcerados. Entestando as evocações encapeladas, passou ao quadro da morte horrível de Estevão com as pedradas e insultos do povo; reviu Pedro e João abatidos e humildes, à barra do Tribunal, como se fossem malfeitores e criminosos. Agora, ali estava ele perante o filho de Alfeu, que nunca o compreendera de forma integral, a falar-lhe em nome do passado e em nome do Cristo, como a concitá-lo ao resgate de suas derradeiras dívidas angustiosas”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 8 – O martírio em Jerusalém, da Segunda Parte da obra).**

Paulo pressentia grandes acontecimentos porvindouros e já planejava atribuições para os discípulos mais diretos. Tiago apareceu, envelhecido, exausto, doente. Emmanuel vai descrever o quanto naquele momento Paulo conseguiu experimentar por Tiago uma extrema simpatia, sentimento modificado pelos revezes e tribulações da vida.

Eliaquim e Enoque haviam dado continuidade às perseguições encetadas por Saulo de Tarso à época

de sua cegueira espiritual, no ambiente farisaico, utilizando a mudança de convicção do Apóstolo Paulo como algo pejorativo, deprimente, entre excesso de tolerância e demência.

Como outrora, as medidas adotadas pelos novos fariseus ganharam aprovação farisaica e assim foi restaurada a perseguição, as ordens de prisão, as torturas, humilhações, desonras inclusive extensíveis aos descendentes dos “réus”. Pedro havia sido banido da cidade.

Paulo teria liberdade, segundo colocavam os fariseus, mas precisaria prestar uma espécie de satisfação pública ao Sinédrio. Paulo entendia que havia chegado o momento do testemunho, no mesmo gênero ou órgão de perseguição em que houvera outrora falido. A princípio, a exigência seria de pagar as despesas de quatro convertidos. Paulo entendia isso como uma humilhação intrigante. Por que não desejarem sua morte?

Tiago vai tentar elucidar:

“(…) Compreendo tua justa aversão. (...) Desde o primeiro dia, tenho sido obrigado a caminhar com os fariseus muitas milhas para conseguir alguma coisa na manutenção da Igreja do Cristo. Fingimento? Não julgues tal. Muitas vezes o Mestre nos ensinou, na Galiléia, que o melhor testemunho está em morrer devagarinho, diariamente, pela vitória da sua causa (...)”.

E com base nisso, pensamos: Como tem sido nossa experiência de extinção de nossos caprichos de cada dia? Ter paciência para deixar o outro concluir a fala, não constranger o outro ao que julgamos ser o melhor, não ter a presunção de saber tudo, não querer responder a todas as questões, aceitar o desejo do outro, inclusive o de não nos amar, não exigir do outro o que ainda nem nós podemos dar?

Ou seja, o que observamos é que se Paulo houvera se tornado o Apóstolo dos gentios, Tiago trabalhava para ser o Apóstolo dos judeus: **“A atenção que tenho dedicado aos judeus é gêmea do carinho que consagra aos gentios”**. Interessante como Jesus nos confia tarefas diferentes na forma, mas idênticas no fundo, e a importância de nós sabermos morrer para que as ideias floresçam, a fim de que não criemos separações desnecessárias: **“Agora percebia que a vida exige mais compreensão que conhecimento”**.

Emmanuel vai descrever a percepção de nossos queridos Apóstolos esse momento:

“(…) A existência humana é bem uma ascensão das trevas para a luz. A juventude, a presunção de autoridade, a centralização de nossa esfera pessoal acarretam muitas ilusões, laivando de sombras as coisas mais santas. (...) Quanto a mim, por mais que me apedrejassem e ferissem, sempre julguei que era muito pouco em relação ao que me

competia sofrer nos justos testemunhos (...).”.

A reunião organizada pelos fariseus era acentuada em rigorismo, censuras e alegações. Paulo recebia as objurgatórias e repressões com absoluta serenidade, frisando a conveniência de seguir só (mesma atitude de Simão Pedro quando preso, a mando de Saulo de Tarso), mas Trófimo o acompanhou.

Após a humilhação de Paulo, o Sinédrio pretendia aplicar imposições novas (novas exigências do orgulho), com cenas de ridicularização e escárnio, e tentativas reiteradas de condená-lo.

Neste momento Paulo suportava seu segundo apedrejamento, agora, diretamente pelos fariseus. Os judeus agarram-no pela gola da túnica e Paulo se entregou, sem a mínima resistência. Para ele, naquele momento, cumpria-lhe afirmar a firmeza de suas convicções. Os israelitas exaltados deixavam-no à mercê da turba ensandecida, no mesmo pátio do apedrejamento de Estêvão (há cerca de vinte anos). Provavelmente, nesse momento, Paulo estava com cerca de 50 anos:

“(...) Entendia, agora, a sutileza das circunstâncias que o conduziam ao testemunho. Primeiramente, a reconciliação e o melhor conhecimento de um companheiro como Tiago, obedecendo a uma determinação que lhe parecera quase

infantil: em seguida, o grande ensejo de provar a fé e a consagração de sua alma a Jesus Cristo. (...) Jesus era filho de Deus, Jeziel era seu Apóstolo. E ele? Não estava ali o passado a reclamar resgates dolorosos? Não seria justo padecer muito, pelo muito que martirizara os outros? Era razoável que sentisse alegria naqueles instantes amargos, não só por tomar a cruz e seguir o Mestre bem-amado, como por ter tido o ensejo de sofrer o que Jeziel havia experimentado com grande amargura (...).”.

Paulo, então, foi apedrejado pela ignorância. Trófimo e Lucas buscavam o socorro das autoridades romanas. Paulo não devia padecer nas mãos dos israelistas fanáticos e inconsequentes. Dois centuriões se aproximaram e desataram Paulo do tronco. Nenhum rabino se responsabilizou pelo ato de extrema covardia. Paulo foi levado algemado para a Torre Antônia.

Emmanuel vai descrever o quadro:

“(...) Sentindo-se num dos seus grandes momentos de testemunho, Paulo de Tarso subiu alguns degraus da escadaria enorme e começou a falar em hebraico, impressionando a multidão com a profunda serenidade e elegância do discurso. Começou explicando suas primeiras lutas, seus remorsos por haver perseguido os discípulos do Mestre Divino; historiou a viagem a Damasco, a infinita bondade de Jesus que lhe permitira a visão gloriosa,

dirigindo-lhe palavras de advertência e perdão. Rico das reminiscências de Estêvão, falou do erro que havia cometido em consentir na sua morte (...).

Nesse ínterim, o tribuno romano Cláudio Lísias sentiu-se profundamente tocado, e foi buscar um entendimento com o tribuno Zelfos. Os romanos fizeram um cordão de isolamento, e foi flagrante a exaltação e ódio indescritíveis. Paulo foi recolhido para o interior da Torre Antônia, e as pessoas dispersadas. Paulo foi atado, ferido e ensanguentado em uma coluna, e quando os soldados preparavam os açoites para fazer uma flagelação, Paulo protestou:

“(...) Os soldados de César devem saber o que fazem, porque se ignorais as leis, para cuja execução recebeis soldo, seria mais justo abandonardes o posto. (...) Será lícito açoitares um cidadão romano, antes de condenado? (...)”.

Emmanuel narra como no íntimo Cláudio Lísias tinha o ímpeto de defender Paulo, como sua palavra, inflamada de fé, impressionara-o vivamente.

E com base nisso, pensamos: Estamos cientes que temos sido observados em nossos mínimos gestos?

No Sinédrio, as autoridades se regozijaram. Cláudio Lísias acompanharia Paulo, que recebeu a visita de

Dalila e seu sobrinho, Estefânio, na prisão. Paulo narrou suas peripécias por amor a Jesus, mas sua irmã, como Emmanuel nos relata, *“Não podia compreender a resignação do Apóstolo, nem apreciava devidamente a sua renúncia”*. Mas Paulo parecia não se importar mais com o fato de não ser compreendido; nutria enormes esperanças no futuro espiritual do sobrinho.

## Capítulo 32

### *Capítulo 8 da obra P&E – O martírio em Jerusalém.*

#### *Temática: Apelação a César*

Aquele momento na vida de Paulo de Tarso guardava nítida semelhança com o desafio enfrentado por Estêvão. Todos queriam ver o “trânsfuga da Lei”, o doutor que repudiara e “deprimira” os títulos sagrados. Competia a Paulo, agora, dar o testemunho do Evangelho de verdade e redenção.

Por ironia do destino, o sumo sacerdote que presidia o feito também se chamava Ananias e lido o libelo acusatório, deram a palavra para que Paulo pudesse se defender, prerrogativa válida devido à sua condição de berço, israelita.

Como era de se esperar, Paulo utilizou a palavra concedida para pregar o Evangelho, no berço de Jerusalém. Mas o sumo sacerdote, denotando sinais de flagrante intolerância e violência, ordenou, deliberadamente, que Paulo fosse açoitado na boca, segundo ele, por conta do Apóstolo ter “proferido um insulto”. Emmanuel vai narrar o diálogo:

“(…) (PAULO) Sacerdote, vigiai o coração, para não incidirdes em repressões injustas. Os homens, como vós, são como as paredes

branqueadas dos sepulcros, mas não deveis ignorar que também sereis ferido pela Justiça de Deus. Conheço de sobra as leis de que vos tornaste executor. Se aqui permaneceis para julgar, como e por que mandais ferir?

(SACERDOTE) Devias morrer como teu Mestre, numa cruz desprezível!

(PAULO) Juízo apressado o vosso...Não mereço a cruz do Redentor, porque a sua auréola é gloriosa demais para mim; entretanto, os martírios todos do mundo seriam justos, aplicados ao pecador que sou. (...) Este martirológio me exalta para uma esperança superior, porque já criei no meu íntimo um santuário intangível às vossas mãos e onde Jesus há de reinar para sempre... (...)”.

Nesse ínterim, um grupo mais exaltado tentava se aproximar de Paulo para estrangulá-lo, mata-lo ali mesmo. E então Cláudio Lísias, tribuno romano, entrevistou, apelando para os soldados impedirem o pior.

Emmanuel vai observar como este fato é incomum, visto que os romanos não procuravam intervir nos assuntos religiosos.

Cláudio Lísias então reclamou o encerramento dos trabalhos e o retorno de Paulo ao cárcere da Torre Antônia.

Graças a essa oportuna intervenção, Paulo foi atendido com remédios, água, comida e teve a concessão de ser permitida a visita dos amigos mais íntimos; enfim, pôde respirar e refazer o ânimo.

O desejo íntimo de Paulo ainda era de ir a Roma, antes da sua desencarnação; porém, avaliando sua condição física, temia não suportar a longa viagem. E nesse momento, ele tem uma predição:

“(…) Caindo, porém, numa espécie de modorra, percebeu, como de outras vezes, que uma viva claridade inundava o cubículo, ao mesmo tempo em que suavíssima voz lhe sussurrava:

- Regozija-te pelas dores que resgatam e iluminam a consciência! Ainda que os sofrimentos se multipliquem, renova os júbilos divinos da esperança!...Guarda o teu bom ânimo, porque assim como testificaste de mim, em Jerusalém, importa que o faças também em Roma!...(…)”.

Com essa mensagem, Paulo guardava a certeza de que sua missão se encerraria em Roma.

E com base nisso, pensamos: Será que mesmo com a clara mensagem do Alto sobre nosso testemunho, ainda assim não hesitaríamos?

Os judeus haviam jurado exterminar Paulo, ainda que para isso precisassem assassinar também o próprio Cláudio Lísias.

Tiago se apresentou ao tribuno romano, capitulando todos os feitos do Apóstolo, com o intuito de tentar convence-lo da trica farisaica e tentar transferir Paulo para a Cesaréia.

Cláudio Lísias acabou concordando e convocou a escolta de mais de 400 homens que saíram à noite em direção à Cesaréia.

Entretanto, chegando lá, o governador romano, Félix, adiou a sentença para estudar mais detidamente o caso de Paulo, e pediu suborno para resolver definitivamente a situação. Paulo se posicionou enfaticamente:

“(…) (FÉLIX) Se conseguisses o dinheiro suficiente para atender aos interesses pessoais de quantos hajam de funcionar no processo, estaríeis completamente livre da ação da justiça, dentro de poucos dias.

(PAULO) Essa justiça não me interessa. Ser-me-á preferível conhecer a morte no cárcere a servir de obstáculo à redenção espiritual do mais humilde dos funcionários de Cesaréia (...)”.

E com base nisso, pensamos: será que nos damos conta do quanto as pequenas corrupções cometidas no dia a dia lesam a oportunidade de crescer nas próprias experiências e do quanto ao agirmos com corrupção, também influenciemos os outros e

prejudicamo-los nas experiências necessárias ao processo evolutivo?

Após essas palavras de Paulo, envolvidas por grande energia moral, Félix se sentiu atingido em seu orgulho, humilhado, e se desinteressou da causa de Paulo. Malgrado, Drusila, sua esposa, chegava à cidade e queria conhecer Paulo.

Quando o presenciou falar do Evangelho, encantou-se. Félix, ressentido, dizia não poder acreditar na existência de Deus. E Paulo aproveitou para destacar: ***“Quando um homem afirma não aceitar a paternidade do Todo-Poderoso é que, em regra, se arreceia do julgamento de Deus”.***

Paulo acabou ficando recluso dois anos em Cesaréia, com seu processo sem qualquer movimentação. Porém, não permaneceu na inação. Aproveitou esse tempo para mobilizar os recursos indispensáveis com o intuito de contribuir ainda mais para a divulgação do Evangelho.

Confessou a Lucas o desejo de descrever uma biografia de Jesus, valendo-se das informações de Maria, o que Lucas realizou, indo a Éfeso e deixando para a posteridade este precioso relato, com inúmeros fatos narrados de forma exclusiva neste livro.

Terminadas tais anotações, Paulo então pediu que Lucas fizesse um trabalho que ***“fixasse as atividades apostólicas logo após a partida do Cristo”***, e então, Lucas escreveu Atos dos Apóstolos.

Cláudio Lísias, o tribuno romano, tinha um profundo respeito e admiração pela figura de Paulo; também conservava certo medo dos poderes sobrenaturais atribuídos a ele, e por isso, mantinha-se firme no propósito de custodiar o acusado.

Nesse comenos, o novo governador, Pórcio Festo, chegou a Cesaréia. Os judeus aguardavam a substituição para arquitetar a morte de Paulo; eles tinham o plano macabro de que Paulo morreria crucificado, como Jesus, repetindo, portanto, o triste drama do Calvário.

Ao saber disso, Paulo se posicionou energicamente perante Lucas, que vinha informa-lo de tudo:

“(PAULO) (...) Tenho experimentado açoites, apedrejamentos, insultos por toda parte, mas, de todas as perseguições e provações, esta é a mais absurda...(...) Qual o discípulo teria a coragem de submeter-se a essa falta paródia com a ideia mesquinha de atingir o plano do Mestre, no testemunho aos homens? (...) Ninguém no mundo logrará um Calvário igual ao do Cristo. (...) Se eu tiver de testificar de Jesus, fá-lo-ei em Roma. (...) Apelarei a César (...).

(LUCAS) (...) Entretanto, Jesus não recorreu para as altas autoridades no sacrifício da cruz, e eu receio que os discípulos não saibam interpretar tua atitude como convém (...).

(PAULO) (...) Sou pecador e devo desprezar o elogio dos homens. Se me condenarem, não estarão em erro. Sou imperfeito e preciso testemunhar nessa condição verdadeira de minha vida. De outro modo seria perturbar minha consciência, provocando um falso apreço humano (...).

Diante disso, pensamos: será que possuímos essa segurança em nossas ações, a ponto de estarmos completamente independentes da opinião alheia?

Mediante Festo, Paulo mais uma vez se posicionou com destemor. Festo percebia a cultura e eminência de Paulo, e mesmo que quisesse, não seria tão fácil entrega-lo nas mãos do Sinédrio.

Paulo enfatizava que a ninguém havia ofendido, por isso, estava de consciência purificada, e apelava a César para julgar o processo em andamento.

Nesse comenos, Herodes Agripa compareceu a Cesaréia, e Paulo teve mais uma oportunidade extraordinária de falar sobre o Evangelho para o rei dos judeus:

“(...) Herodes Agripa terá ouvido Moisés, desde a infância. É romano pela cultura, mas se alimentou da revelação de Deus pelos antepassados. (...) Credes assim, rei Agripa? (...) Sei que credes (...)”.

Herodes, mesmo entendendo perfeitamente a inocência de Paulo, usa o recurso da apelação à César como fator decisivo para ter uma justificativa para não mais poder intervir.

Diante disso, todos os preparativos para a viagem de Paulo a Roma foram adiantados. O centurião romano Júlio estaria designado para este fim, e ficava evidenciada, tal qual Cláudio Lísias, grande simpatia por Paulo.

Na iminência de partir, o Apóstolo Tiago, velhos aleijados, mulheres humildes, doentes curados, gentios, convertidos ao Evangelho, todos vinham prestar homenagens e demonstrações de carinho a Paulo de Tarso.

Nesse momento, Paulo recordou a cena da Igreja de Jerusalém e os apelos dos miseráveis contra a prisão de Pedro. Para ele, **“aqueles carinhos traduziam a quitação do seu débito com a alma do povo”**.

Nesse momento, Lucas mencionou que registraria aquele evento no texto de Atos dos Apóstolos,

como reconhecimento inesquecível da dedicação de Paulo, e ele tomou um importante posicionamento:

“(…) Não, Lucas. Não escrevas sobre virtudes que não tenho. Deves falar, sim, das perseguições por mim movidas aos seguidores do santo Evangelho, (...) para que os futuros discípulos não esperem a redenção espiritual com o repouso falso do mundo (...) e sim com trabalhos ásperos (...)”.

Na obra “As marcas do Cristo”, por Hermínio C. Miranda, ele vai dizer:

“(…) Carregar as marcas do Cristo não é muito fácil; esses sinais testam os discípulos e os capacitam aos serviços do Evangelho. Comparemos o ferro, em seu estado primitivo, aos aparelhos de alta precisão na Engenharia, na Medicina, na Astronomia: quanta distância, quantos reveses, quantas opressões, quantas dores! Do homem selvagem para o cristão, a distância é muito maior, e necessário se faz que, na viagem de um para o outro, sejam conquistadas as marcas do Cristo que erguem no espírito as muralhas de defesa contra todas as investidas do mal que surgirem no caminho a perلustrar. Paulo, o desbravador das matas humanas, não conquistou os sinais do Mestre apenas na existência como Apóstolo, nos seus trinta e tantos anos de labores cristãos. Certamente já havia ele reencarnado muitas outras vezes, na corrida pelo aperfeiçoamento

espiritual, qual minério de ferro, até se transformar em instrumento de utilidade. Fora desse tempo das adaptações, da maturidade, do preparo, ser-nos-ia difícil, senão impossível, conhecer a Paulo nas hostes do Cristianismo, porque nem a natureza material, nem a espiritual dá saltos. Na criação, tudo – desde o ser primitivo aos anjos – obedece ao planejamento predeterminado pela Mente divina, em sequências ultra-sensíveis, escapando a nós outros as particularidades (...)”.

## Capítulo 33

### Capítulo 9 da obra P&E – O prisioneiro do Cristo. *Temática:* *O martírio dos cristãos*

*“(...) Paulo de Tarso ganhou ascendência moral sobre o comandante, marinheiros e guardas. Sua palavra vibrante conquistara as atenções gerais.*

*Falava de Jesus, não como de uma personalidade inatingível, mas como de um mestre amoroso e amigo das criaturas, a seguir de perto a evolução e redenção da Humanidade terrena desde os seus primórdios.*

*Todos desejavam ouvir-lhe os conceitos, relativamente ao Evangelho e quanto à sua projeção no futuro dos povos (...).”*

**(Emmanuel, no Capítulo 9 – O prisioneiro do Cristo, da Segunda Parte da obra).**

Paulo enfim seguia a Roma e desfrutava de privilégios no navio de Adramítio da Mísia. Ele havia ganhado ascendência moral sobre o comandante, marinheiros e guardas.

Sua palavra vibrante conquistara as atenções gerais e ele falava de Jesus como um mestre amoroso e amigo das criaturas.

Passou <sup>121</sup>por Sidom, Fenícia, pela ilha de Chipre, Panfília e Lícia; tinha cariciosas recordações de outros tempos à medida que passava pelas cidades, algumas das quais onde já havia estado.

A ida à Itália não se dava por um navio exclusivo para transporte dos prisioneiros; era um navio de carga e passageiros, que levava um excesso de peso em trigo e no qual mais de 276 pessoas estavam a bordo.

As condições de mau tempo logo trouxeram ventos contrários à rota, e Paulo, inspirado por intuições sublimes, logo confabulou da sua intuição com o centurião Júlio, sugerindo invernar com o navio em alguma ilha próxima. Porém, o comandante e o piloto rechaçaram o alvitre:

*“(...) Estou certo de que os óbices hão de ser muito maiores de que possamos suspeitar. Haveremos, porém, de lograr algum proveito, porque nas horas angustiosas, recordaremos o poder de Jesus, que nos avisou a tempo (...).”*

Dito e certo, tão logo passou um período de calmaria, a tempestade pegou o navio bem em cheio em pleno alto mar. A tempestade durou semanas e quando a tormenta parecia se eternizar, o abatimento moral e o mal-estar generalizado se

---

<sup>121</sup> Esse “diário de bordo” está narrado em Atos, 27:1-6.

espalharam entre os passageiros, alastrando desânimo e terror.

Nesse ínterim, o Apóstolo, generoso, não cansava de estimular cada um a se alimentar e confiar que todos sairiam bem daquela situação. Paulo, como era esperado, aproveitou o momento para pregar o Evangelho de Jesus, a resignação, coragem e fé:

“(...) Irmãos! (...) Procuremos caminhar no mundo qual marinheiro vigilante, que, ignorando o momento da tempestade, guarda a certeza da sua vinda. (...) É preciso passar de uma vida para outra, a fim de retificarmos o rumo iniludível. Começamos por alijar o carregamento pesado dos nossos enganos cruéis, abandonamos os caprichos criminosos para aceitar plenamente a vontade augusta de Deus (...)”.

E com base nisso, pensamos: como estamos enfrentando a tormenta da vida? Com abatimento moral e desânimo, ou reconfortados e prosseguindo rumo ao alvo?

Paulo continuava a sua inspirada reflexão:

“(...) Vede como o perigo ensina a fraternidade imediata. (...) Embora diferentes uns dos outros, perante Deus, a dor nos irmana os sentimentos para o mesmo fim de salvação e reestabelecimento da paz (...)”.

E com base nisso, pensamos: será que estamos no mesmo barco vivenciando a tempestade, ou no mesmo mar, em embarcações diferentes?

Então, decorridos catorze dias, se aproximaram da ilha de Malta. O comandante, ao ver afastado o perigo, e sentindo-se humilhado com a atitude do Apóstolo, sugeriu a dois soldados o assassinato dos prisioneiros. A medida evitaria fugas dos mesmos, aproveitando a tragédia do naufrágio do navio, com a salvação de todos, que em cuja ocorrência, a responsabilidade recairia aos cuidados dos romanos e eles responderiam por isso. O centurião Júlio se opôs peremptoriamente, evidenciando profunda transformação moral, e deixou-os seguir por mar para atingir a ilha de Malta. Ao desembarcar, por estar muito frio, Paulo acendeu fogueiras e foi então que um inesperado evento ocorreu:

“(...) Mas quando o Apóstolo atirava um feixe de ramos secos à labareda crepitante, uma víbora cravou-lhe na mão os dentes venenosos. O ex-rabino susteve-a no ar com um gesto sereno, até que ela caísse nas chamas, com estupefação geral. (...) Lucas e Timóteo aproximaram-se aflitos. O chefe da coorte e alguns amigos estavam desolados. É que os naturais da Ilha, observando o fato, davam alarme, asseverando que o réptil era dos mais venenosos da região e que as vítimas não sobreviviam mais que horas (...)”.

Longe de se preocupar ou se impressionar, Paulo se manteve calmo e lembrou que *“as opiniões do vulgo são muito inconstantes (...) A ignorância está sempre pronta a transitar da maldição ao elogio e vice-versa”*.

E com base nisso, pensamos: quantos de nós, em meio à dúvida (dos outros), permanecemos na oração fervorosa sem desesperar? A nossa análise é igualmente superficial como dos nativos da ilha de Malta? E nós a exteriorizamos? Se não, o que nos falta é a oportunidade de fazê-lo?

Os indígenas primeiro creram que Paulo era um grande criminoso, por ter se livrado da tormenta por “castigo divino” e ter encontrado a víbora em terra firme.

Depois, já que ficou indene ao veneno do animal, julgaram crer que ele era um “enviado do Olimpo”, a quem cumpria obedecer (exatamente conforme Paulo previra que aconteceria).

Nesse comenos, convidado por Júlio, Paulo foi instrumento de cura de um ancião enfermo, pai de Públio Apiano, o mais alto funcionário de Malta. O velhinho que ardia em febre, após a cura, se converteu. Paulo se valeu da situação e aproveitou-a para exaltar a figura de Jesus e conferir-lhe o mérito pela cura.

E com isso, pensamos: será que nos damos conta que o mérito do bem que realizamos é do Cristo, e de nossa parte, apenas estamos cumprindo o dever de honrar ao Pai?

Os pergaminhos sob os cuidados de Paulo com as anotações de Levi tinham sobrevivido ao temporal e a notícia de cura do velhinho se espalhou como rastilho de pólvora pela ilha. A partir disso, tiveram início os serviços evangélicos da ilha, durante os meses do inverno rigoroso. Como nos diz Emmanuel: *“Multidões de enfermos foram curados. Velhos misérrimos, na claridade dos tesouros do Cristo alcançaram novas esperanças”*. Paulo convertia estranhos em membros de sua grande família cristã.

Paulo exemplificava o excelente aproveitamento do tempo para divulgar o Evangelho; fosse na embarcação, nas cidades, nos trajetos...

Há uma cena emocionante, quando Júlio, centurião romano, precisava algemar Paulo para evitar conversações e especulações menos nobres e Paulo compreendeu perfeitamente o exercício do seu dever que em nada comprometeria a afeição recíproca entre ambos. Nesse momento, Júlio vai afirmar: *“Disputo a alegria de ficar convosco. Quisera ser, como vós, um prisioneiro do Cristo! (...)”*.

E com base nisso, pensamos: será que nós somos prisioneiros do Cristo ou de César? A quem servimos?

Na pensão, em Pozzuoli, Paulo desfrutava de uma condição menos ofensiva no que tange a dispensar algemas e grades. Já os demais prisioneiros, considerados perigosos, ficariam em prisões gradeadas. Paulo, Timóteo, Lucas e Aristarco ficariam numa pensão modesta e nesse ínterim, um velhinho de nome Sexto Flácus falava sobre a formação da igreja cristã da cidade. As cartas de Paulo haviam chegado nessa cidade, servindo a todos de meditação e estudo, e Flácus então lhe mostrou a cópia da Epístola aos Romanos. Emmanuel vai descrever o quadro:

“(...) Paulo e os companheiros foram convidados a falar na Igreja àquela mesma noite e, cientes de que o centurião pretendia partir para Roma no dia imediato, os sinceros discípulos do Evangelho, em Pozzuoli, rogaram a Júlio permitisse a demora de Paulo entre eles, ao menos por sete dias, ao que o chefe da coorte atendeu de bom grado (...)”.

E com base nisso, pensamos: no exercício do nosso dever, colocamos também a indulgência protagonizada por Júlio nos casos que cabem? Ou aproveitamo-nos da seriedade de nossa atuação para sermos severamente rígidos e austeros?

## Capítulo 34

### *Capítulo 9 da obra P&E – O prisioneiro do Cristo. Temática: “Lembrai-vos das minhas prisões”*

E será que temos condição de avaliar a repercussão e o impacto dos nossos pensamentos, das nossas palavras, das nossas ações e daquilo que escrevemos? Estamos informados dessa responsabilidade?

A viagem a Roma, entretanto, ainda precisaria continuar; como nos narra Emmanuel, eram 200 km a vencer, com sete dias de marcha consecutiva e fatigante. Os cerca de cinquenta cristãos de Pozzuoli seguiram o ex-rabino até uma pequena localidade na Via Ápia, ao sul de Roma, chamada de Fórum de Ápio, e lá, aguardava por ele uma representação de discípulos na cidade imperial. De lá, a caravana demandou para “As Três Tavernas”.

Um dos circunstantes, o velho Apolodoro, depois de se certificar que o ambiente era seguro o bastante para este tipo de comentário, aproveitou o ensejo para um diálogo mais íntimo com o Apóstolo preso:

“(…) Vindes a Roma em boa época (...); temos a impressão de que nossos sofrimentos por Jesus vão ser multiplicados. Estamos em 61, mas há três anos que os discípulos do Evangelho começaram a morrer nas arenas do circo pelo nome augusto do Salvador (...)”.

A situação dos cristãos era das mais dramáticas; haviam caído aos apupos do povo inconsequente, sendo esfaçalhados vivos pelas feras esfaimadas nos circos de horror ou queimados como faróis de resistência e fé resoluto, nos postes do martírio.

Aliás, a obra Ave Cristo, pelo mesmo autor espiritual e psicógrafo, narra com detalhes essas ocorrências lamentáveis, que permaneceram acontecendo por centenas de anos.

Para Apolodoro, não era possível falar em justiça no governo de Nero. Os cristãos eram conduzidos como se fossem escravos e condenados aos suplícios extremos, sem a menor oportunidade de defesa.

O Imperador Nero foi Nero Cláudio César Augusto Germânico, o qual morreu com apenas trinta anos de idade. Ele governou do ano 54 até sua morte, em 68 d.C. Seu reinado é habitualmente associado à tirania e extravagância, lembrado por ter sido autor de uma série de execuções sistemáticas, incluindo a da sua própria mãe e meio-irmão; além disso,

enquanto Roma ardia em chamas (cujo incêndio ele foi o idealizador e incriminou os cristãos), sem a menor crise de consciência, ele compunha com sua lira. Foi perverso e implacável perseguidor de cristãos.

E em meio a essa conversação, Paulo de Tarso, como sempre estóico e resoluto respondia a Apolodoro, sobre o posicionamento cristão perante o rigor dos tempos: **“Precisamos negar a nós mesmos e tomar a nossa cruz.”**

Júlio, centurião romano, responsável pela custódia de Paulo, questionava o contrassenso da perseguição aos cristãos, porquanto estes apenas trabalham para um mundo melhor; e Apolodoro aproveitava para explicar o quanto os próprios romanos e ilustres não toleravam a ideia da fraternidade humana:

“Para eles, o inimigo é inimigo, o escravo é escravo e o miserável é miserável (...). O Cristo passou a ser considerado um adversário a eliminar, para que o povo não alimentasse esperanças”.

Com isso, pensamos se, de fato, nós também não reforçamos preconceitos, separativismos, pelo exercício da nossa opinião, dos nossos direitos, enfim, pelo uso dos recursos de que dispomos para o nosso progresso e dos outros.

Os cultos no início eram livres, entretanto, passaram a ser fiscalizados quando a massa começou a “*entender o elevado alcance da nova doutrina*”, e assim, passaram a se reunir às escondidas, nas catacumbas. Os núcleos de oração continuavam, não obstante, experimentando pesadas torturas.

Nesse ínterim, Paulo vai ponderar o quanto:

“Para o êxito indispensável dos seus esforços remissores (a serviço do Mestre), os discípulos não poderão caminhar no mundo sem as marcas da cruz”.

E nós, pensamos: será que já trazemos as marcas da cruz pela nossa caminhada no mundo? Quais são elas?

Paulo aproveitava a viagem para admirar as paisagens que eram desdobradas diante de seus olhos, ao longo da Via Ápia; ele chegava em Roma, enfim, a cidade das sete colinas: Capitólio, Quirinal, Viminal, Esquilino, Célio, Palatino e Aventino. Descansaram, após a longa e exaustiva viagem, e no dia seguinte se apresentou, no Quartel dos Pretorianos. Júlio, centurião romano, esperava para falar com um amigo pessoal do Imperador, conhecido pela sua honestidade, sobre o caso de Paulo, Búrrus.

Assim que verificada e comprovada a cidadania romana de Paulo, ele pôde aguardar em liberdade, custodiado ainda por um guarda; e todos ficaram surpreendidos pelas inúmeras e calorosas manifestações de carinho e apreço direcionadas a Paulo. Lucas alugou um aposento humilde na Via Nomentana, para aguardar o desfecho do caso e enquanto esperava, Paulo continuou trabalhando conforme podia, redigindo suas epístolas às comunidades distantes.

Com base nisso, pensamos: se nós estivéssemos apenas aguardando o nosso julgamento, acaso conservaríamos o otimismo, aproveitando o tempo que nos restasse para trabalhar e produzir para o bem, ou invariavelmente nos deixaríamos ser vencidos pelo pesar, pessimismo e desânimo?

O Espírito Emmanuel vai narrar este momento:

“(…) Paulo decidiu que viveria do pão dos encarcerados, como era justo, até que César pudesse atender ao seu apelo. (...) Aproveitava essas horas de convivência com os celerados ou vítimas da maldade humana, para pregar as verdades confortadoras do Reino, ainda que algemados (...). A palavra de Paulo de Tarso atuava como bálsamo de santas consolações. Os prisioneiros ganhavam novas esperanças e muitos se converteram ao Evangelho, como Onésimo, o escravo regenerado, que passou à história do

Cristianismo na carinhosa epístola a Filemon”.

Sobre essa referência<sup>122</sup>, vale a pena a menção do seguinte trecho (grifos nossos):

“Por isso, ainda que tenha em Cristo grande confiança para te mandar o que te convém, Todavia peço-te antes por amor, sendo eu tal como sou, Paulo o velho, e também agora prisioneiro de Jesus Cristo. **Peço-te por meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões**; O qual noutra tempo te foi inútil, mas agora a ti e a mim muito útil; eu to tornei a enviar. **E tu torna a recebê-lo como às minhas entranhas**. Eu bem o quisera conservar comigo, para que por ti me servisse nas prisões do evangelho; Mas nada quis fazer sem o teu parecer, para que o teu benefício não fosse como por força, mas, voluntário”.

Como vemos, definitivamente, Paulo houvera se tornado pai dos filhos do Calvário.

Sem que fossem paralisados os trabalhos, Paulo pediu a Lucas para convocar os maioraes do Judaísmo presentes na capital do Império; Paulo pregou a lição da Boa Nova do Reino e explicou, pacientemente, a missão gloriosa de Jesus.

---

<sup>122</sup> Filemon, 1:8-14.

As discussões haviam começado pela manhã, e já adentravam pela noite, quando a maioria se entregava a interpelações ruidosas e polêmicas estereis, bem ao gosto dos fariseus. E diante dessa situação, Paulo pondera a Lucas:

“(…) Há duas classes de homens para as quais se torna difícil o contato renovador de Jesus. A primeira é a que vi em Atenas e se constitui dos homens envenenados pela falaciosa ciência da Terra. (...) A segunda é a que conhecemos nos judeus recalcitrantes que, possuindo um patrimônio precioso do passado, não compreendem a fé sem lutas religiosas, petrificam-se no orgulho da raça e perseveram numa falsa interpretação de Deus (...)”.

E com base nisso, pensamos, será que pertencemos a alguma dessas duas classes?

Paulo refletia sobre a cegueira e surdez espiritual dos circunstantes e ponderava sobre a lição de Isaías <sup>123</sup>sobre “**ver sem enxergar e ouvir sem entender**”. Paulo os chamava de espíritos endurecidos ainda. Até que um velhinho judeu interveio, pedindo que Paulo continuasse a ministrar o Evangelho para aqueles que fossem “**os seguidores de Moisés bem-intencionados**”; Paulo então prometeu destinar a eles uma carta, que é a Epístola aos Hebreus.

---

<sup>123</sup> Isaías, 43:8 – “Trazei o povo cego, que tem olhos; e os surdos, que têm ouvidos”.

Emmanuel vai narrar esse momento:

“(…) Às vezes era visto a escrever com lágrimas, como se desejasse fazer da mensagem um depósito de santas inspirações. Em dois meses, entregava o trabalho a Aristarco para copiá-lo. (…)

- Esta é a Epístola aos Hebreus. Fiz questão de grafá-la, valendo-me dos próprios recursos, pois que a dedico aos meus irmãos de raça e procurei escreve-la com o coração (…)

E adicionaríamos: “com a parceria sempre presente de Estêvão”.

Paulo havia se tornado o esforçado apóstolo sempre pronto a aliviar o coração e esparzir alegrias da Boa Nova.

Com o tempo, deixou de ser algemado e os militares passaram a ficar à porta como simples amigos; convidavam Paulo a passear pela cidade, especialmente ao longo da Via Ápia.

Os benefícios do seu convívio se destacavam no comportamento de muitos legionários, que passaram a ser mais úteis à administração e à sociedade.

O tempo passava e Paulo há quase dois anos esperava a apreciação do recurso a César, quando apareceu-lhe a oportunidade de mais uma cura, desta vez, de Acácio Domício, personagem de grande influência política. Reconhecidamente agradecido, ele vai dizer:

“(…) Deus me ajudará para que possa retribuir o bem que me fizestes! Quanto à vossa situação, não duvideis do desfecho merecido, porque, na próxima semana, teremos resolvido o processo com a absolvição de César (…)

Paulo nutria grandes esperanças; havia recebido a notícia com votos de sincero reconhecimento. Contava agora com a poderosa influência de Acácio Domício e Popéia Sabina (imperatriz e segunda esposa de Nero). Percebendo que sua existência física se aproximava dos últimos momentos, se viu na obrigação de intensificar a difusão do Evangelho de Jesus. Assim, durante um mês, no ano 63, saiu visitando os bairros da capital do Império, quando resolveu partir para a Espanha para dar andamento às excursões de propaganda:

“(…) De há muito, alimentava o desejo de visitar o extremo do Ocidente, e, se fosse possível, desejaria morrer convicto de haver levado o Evangelho aos confins do mundo (…)

**Capítulo 35**  
**Capítulo 10 da obra P&E – Ao encontro do Mestre. Temática: O incêndio de 64**

*“(...) Roma assombrava-se com a enormidade e quantidade de crimes que se repetiam diariamente. Nobres figuras do patriciado e do povo eram vítimas de atentados cruéis. Atmosfera de terror dominava todas as atividades políticas e, no cômputo dessas calamidades, os cristãos eram os mais rudemente castigados, em vista da atitude hostil de quantos se acomodavam com os velhos deuses e se regalavam com os prazeres de uma existência dissoluta e fácil. Os seguidores de Jesus eram acusados e responsabilizados por quaisquer dificuldades que sobrevinham. Se caía uma tempestade mais forte, devia-se o fenômeno aos adeptos da nova doutrina. Se o inverno era mais rigoroso, a acusação pesava sobre eles, porquanto ninguém como os discípulos do Crucificado havia desprezado tanto os santuários da crença antiga, abominando os favores e os sacrifícios aos numes tutelares (...)”.*

**(Emmanuel, no Capítulo 10 – Ao encontro do Mestre, da Segunda Parte da obra).**

Às vésperas de partir em sua viagem rumo à Espanha, Paulo recebeu uma comovedora carta de Simão Pedro. Ele lhe escrevia de Corinto, avisando que estava chegando em Roma, dentro de dez dias. Pedro externava confidências amargas e tristes, e viajava com o propósito de se mudar e de ser útil, ficando até o fim da vida com Paulo.

Paulo recebeu com muito carinho tal pedido; recolheu todos os poucos recursos de que dispunha para alojar Pedro e sua família, do melhor modo, para que nada lhe faltasse (deu tudo de que dispunha, visto que estava de saída para a Espanha), numa grande demonstração de humildade e cooperação.

A fantasia do povo imaginava situações inexistentes, transferindo toda a culpa dos descalabros para os crentes do Evangelho, promovendo uma verdadeira carnificina.

Simão trouxera a esposa e os filhos, além de João. Paulo soube da morte de Tiago (Tiago Menor, filho de Alfeu, em 62 d.C.), das torturas infligidas pelo Sinédrio à Igreja de Jerusalém, das repetidas perseguições, desilusões e dores como oportunidades iluminativas.

Emmanuel vai descrever este momento:

“(…) Paulo, por sua vez, relatou as tarefas recebidas de Jesus, nos últimos anos, e era de ver-se o otimismo e a coragem desses homens que, inflamados do espírito messiânico e amoroso do Mestre, comentavam as desilusões e as dores do mundo como láureas da vida (…)”.

Tão logo quanto instalou Pedro na nova morada, Paulo partiu no dia seguinte, alegando a substituição com vantagem dele por parte de Pedro. Acompanhado de Lucas, Timóteo e Demas, partiu então para as Gálias, depois se dirigindo ao território espanhol.

Em Roma, entretanto, o terror se acentuara; as prisões ficaram abarrotadas, e nas praças, o martírio era mortificador. Pedro não tinha descanso, sempre atendendo às demandas ininterruptas que surgiam. Tigelino, comandante da guarda pretoriana e grande inimigo dos cristãos, agravava a já difícil situação.

Emmanuel vai fazer uma reflexão muito importante sobre o quadro:

“(…) Os cristãos do mundo inteiro jamais poderão esquecer aquela falange de abnegados que os precedeu nos primeiros testemunhos da fé, afrontando situações dolorosas e injustas, regando com sangue e lágrimas a sementeira do Cristo (…)”.

Nesse ínterim, João foi preso e esbordado impiedosamente enquanto pregava de forma carinhosa e inspirada.

Pedro recorreu às relações prestigiosas de que dispunha, que a cidade lhe oferecia, mas ninguém parecia querer o entendimento. Pedro, não obstante, não desistiu:

“(…) Compreendendo a timidez natural dos romanos simpatizantes do Cristo, buscou reunir apressadamente uma assembleia de amigos íntimos, para examinar o caso (...)”.

Na obra Boa Nova, pelo Espírito Humberto de Campos, psicografia de Chico Xavier, cap. 26 A negação de Pedro, o autor espiritual vai afirmar o panorama íntimo do apóstolo, quando ainda era um discípulo, testemunhando a necessidade de afirmar-se amigo do Cristo, sem ter coragem suficiente, à época, para tanto:

“(…) O velho pescador de Cafarnaum sentiu a hostilidade com que teria de lutar, para socorrer o Messias, e experimentou um frio angustioso no coração. Sua resolução parecia vencida. A alma ansiosa se deixava dominar por dúvidas e aflições (...)”.

E com base nisso, pensamos: será que como Pedro, hoje, já dispomos de coragem moral para vencer um pouco mais a nós mesmos?

Diante da difícil situação com João, Pedro se recordou de Paulo e dos seus afeiçoados eminentes, como a própria Popéia Sabina, a imperatriz romana. Naquela época, os suplícios e martírios eram imensos, e João não se livrou disso, e talvez só Paulo tivesse condições de tentar salvar o querido prisioneiro.

Era o ano de 64 d.C. Mesmo com a distância até a Espanha, a ser vencida pelo mensageiro, Crescente, Pedro continuaria mobilizando os recursos, enquanto esperava pelo concurso de Paulo.

Enquanto isso, as atividades apostólicas paulinas continuavam muito ativas, não obstante o grande cansaço físico. Em todo lugar, Paulo ensinava o trabalho e a renúncia, a paz da consciência e o culto ao bem. E justamente no momento quando planejava novas viagens, eis que o enviado chegou.

Paulo ponderou a necessidade de João retornar à Ásia, e em vista das necessidades do serviço evangélico, refletiu que convinha intervir sem perda de tempo:

“(…) O homem enérgico e decidido, apesar dos cabelos brancos, mantinha o mesmo ânimo resoluto, elevado e firme, que o caracterizava na mocidade distante (...)”.

E poderíamos humildemente acrescentar: o homem que não pensava em si, mas sempre colocava o

serviço ao Cristo em primeiro lugar, acima de interesses particulares e de todas as circunstâncias.

Nesse ínterim, Pedro teve um sonho revelador:

“(…) Um sonho profético anunciava-lhe perseguições e provas ásperas. Numa das últimas noites, contemplava um quadro singular, em que uma cruz de proporções gigantescas parecia envolver com sua sombra toda a família dos discípulos do Senhor (…)”.

Paulo decidiu mobilizar todos os recursos para a libertação de João e notou, surpreso, que alguns companheiros reprovaram sua iniciativa de falar com Popéia Sabina, por preconceito: **“Não era louvável dirigir-se a uma cortesã dissoluta para impetrar um favor”**. A resposta de Paulo é importante até para nossos dias atuais:

“(…) Fosse eu o prisioneiro e não haveria de julgar o caso tão urgente e tão grave. (...) Mas João está relativamente moço, é forte e dedicado; o Cristianismo da Ásia não pode dispensar-lhe a atividade construtiva. (...) Irmãos, é indispensável compreender que a derrocada moral da mulher, quase sempre, vem da prostituição do homem. (...) Aliás, procurei valer-me de semelhantes recursos, recordando a exortação do Mestre, na qual recomenda aos homens *granjear amigos com as riquezas da iniquidade*<sup>124</sup>. (...)”

<sup>124</sup> Lucas, 16:9.

Suponho inútil mobilizar os que se conservam ‘mortos’ no pecado para algum ato de caridade e de fé (…)”.

E graças à coragem e proatividade de Paulo, João foi libertado, porém abatidíssimo e logo em seguida já partiu à Ásia.

Até que na manhã de 16 de julho de 64 irrompeu um violento incêndio nas proximidades do Grande Circo, tendo atingido as grandes áreas nobres do Aventino, Célio e Palatino.

Era uma tragédia de proporções inimagináveis, que tomava conta de tudo, e consumia as estruturas consolidadas: o fogo era indomável. Começou o êxodo das pessoas, que desesperadas, congestionavam-se nas portas da cidade.

Já eram incontáveis os mortos e a loucura se generalizava. O desespero se alastrou pela região. Tudo era caos e desordem.

Emmanuel vai contar o pano de fundo desse evento lamentável:

“(…) O Imperador (Nero) estava em Anzio (Antium), quando irrompeu a fogueira por ele mesmo idealizada, pois a verdade é que, desejoso de edificar uma cidade nova com os imensos recursos financeiros que chegavam das províncias tributárias, projetara o incêndio famoso, assim

vencendo a oposição do povo, que não desejava a transferência dos santuários (...)”.

O que nos faz lembrar a insensatez e ambição narrada pelo Cristo em uma de suas parábolas<sup>125</sup>:

“E propôs-lhe uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido em abundância; e arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: Farei isto; derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; e direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem serás? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus”.

Emmanuel vai ainda nos narrar um pouco da intimidade psíquica de Nero:

“(...) O filho de Agripina caracterizava-se, sobretudo, pela sua originalidade satânica; (...) não passava de monstruoso histrião, assinalando sua passagem pela vida pública com crimes indelével e odiosos. (...) Entretanto, não pudera prever, ele próprio, a extensão da espantosa calamidade. (...) O Imperador, em sua mímica teatral, assumia

---

<sup>125</sup> Lucas, 12:16-21.

atitudes comovedoras (...). Procuraria os incendiários, vingaria a desgraça romana sem piedade. (...) Nesse ínterim, quando o verbo imperial se tornara mais significativo, notou-se que a massa popular se agitava estranhamente. E a maioria esmagadora irmanava-se, agora, num grito terrível: Cristãos às feras! Às feras! (...)”.

Especulamos que nesse momento de agitação estranha, possivelmente a obsessão coletiva tomava conta dos incautos e invigilantes, para patrocinar um movimento de holocausto pelos inimigos do Cordeiro (evento similar ao momento quando Pilatos foi à sacada do pretório com Jesus e Barrabás, e o povo pediu a libertação de Barrabás). Emmanuel vai descrever:

“(...) O filho de Agripina encontrara a solução que procurava. (...). Os discípulos do Evangelho mantinham-se alheios e superiores aos costumes dissolutos e brutais da época. (...) Além disso, pregavam ensinamentos estranhos e pareciam aguardar um novo reino. (...) Sobre eles deveria cair o gládio vingador (...) O povo aplaudia freneticamente, antegozando as sensações do circo, com esgares de feras e cânticos de martírio (...)”.

E com base nisso, pensamos: será que tem sido perdida a reação de estranheza, por parte de nossos compatriotas em relação a nós, novos aprendizes do Evangelho, pela compatibilidade das nossas ações com os costumes de nosso tempo?

## Capítulo 36

### *Capítulo 10 da obra P&E – Ao encontro do Mestre. Temática: O testemunho final*

Numerosas famílias se refugiaram nos cemitérios e arredores da cidade meio destruída, atemorizadas e receosas. Nessa época, praticava-se toda a espécie de absurdos. Jovens eram fisicamente abusadas, anciões espancados, filhos separados das mães. Uma tempestade houvera se abatido sobre as almas cristãs, submetendo-as a punições injustas, enquanto os fiéis fervorosos se mantinham de olhos postos no céu.

Mesmo com a intercessão de patrícios ilustres, prudentes e honestos, que ponderavam, estes não tinham êxito junto a Nero.

Emmanuel vai explicar este momento, dizendo:

“(…) O filho de Agripina e seus áulicos imediatos deliberaram que se oferecesse ao povo o primeiro espetáculo no princípio de agosto de 64, como positiva demonstração das providências oficiais contra os supostos autores do nefando atentado. (...) Para isso, determinara-se a reedificação imediata do Grande Circo. Antes de atender às próprias necessidades da Corte, o Imperador desejava as simpatias do povo ignorante e

sofredor, alimentando o que pudesse satisfazer seus estranhos caprichos (...).”

Por mais sádico que possa parecer, a carnificina dos cristãos martirizados visava distrair o ânimo popular; paralelamente, em jardins imensos, os romanos protagonizavam orgias indecorosas, misturando plebeus e patrícios, deliberadamente entregues à dissolução e desregramento. Vemos neste caso, como em tantos outros hodiernamente, a liberdade sem responsabilidade, pelo comportamento de manada.

Emmanuel vai pintar o quadro deste momento, dizendo:

“(...) A linguagem mais forte será pobre para traduzir as dores imensas da grei cristã, naqueles dias angustiosos. Não obstante os tormentos inenarráveis, os seguidores fiéis de Jesus revelaram o poder da fé àquela sociedade perversa e decadente, afrontando as torturas que lhes cabiam. (...) Não foram poucos os que se entregaram ao sacrifício, cantando. Muita vez, diante de tanta coragem, os verdugos improvisados temeram o misterioso poder triunfante da morte (...).”

Os cristãos interrogados declaravam abertamente sua confiança em Cristo Jesus, aceitando os sofrimentos com humildade, por amor ao Seu nome. E esse heroísmo ia acirrando a multidão

ensandecida, que imparável, inventava novos gêneros de suplício. Não obstante, os cristãos conservavam a paciência invencível, a fé poderosa, a capacidade moral de resistência.

O rigor dos tempos ia avançando, e diante de tamanhas torturas e da carnificina, os cristãos em grandes quantidades pensavam em abandonar os postos de serviço, atitude que era reprovada por Paulo e Pedro.

O Espírito Emmanuel, na obra “Há dois mil anos”, pela psicografia de Chico Xavier, cap. III Planos da treva, Segunda Parte, vai escrever:

“(...) Alguns companheiros mais esclarecidos na fé advogavam publicamente as suas teses, em epístolas ao sabor da época; mas, muito antes dos crimes tenebrosos de Domício Nero, a atmosfera dos cristãos primitivos era já de aflição, angústia e trabalhos penosos. Desse modo, as reuniões das catacumbas efetuavam-se periodicamente, nada obstante o seu caráter absolutamente secreto (...).”

Os tempos eram de fato muito difíceis e a fé de cada um era provada de modo extremo. Mas nutriam nas reuniões, associando os cânticos e as reflexões aos prantos dolorosos, o alimento suficiente para que fossem infundidas as esperanças divinas.

Paulo continuava dirigindo aos irmãos a sua palavra amorosa, fazendo seus comentários evangélicos. Eram dias de sofrimento e morte, de padecimentos e dores.

A palavra do momento era o reforço do compromisso cristão de seguir o Crucificado, arrostando todas as consequências.

E inesperadamente, quando estavam reunidos, um magote de guardas rompeu afoito, e Paulo se levantou, estóico, demonstrando sua coragem e fortaleza moral.

Interessante que justamente nessa noite, Paulo não tivera a companhia de Lucas. Vejamos a sabedoria do Alto para marcar a diferença de testemunhos.

Paulo solicitou audiência com o administrador da prisão, por conta da prerrogativa de ser cidadão romano, pedindo a presença dos amigos Acácio Domício e outros, que testemunharam sobre sua conduta e antecedentes, e recordando a voz profética que lhe asseverara seu comparecimento perante César, apelou à magnanimidade do Imperador.

Emmanuel vai narrar esse contexto:

“(…) Acusados de incendiários, (milhares de cristãos) não haviam encontrado uma voz firme e resoluta que lhe advogasse a

causa com o preciso desassombro. (...) Desejava alcançar a audiência de Nero, a fim de esclarece-lo quanto aos sublimes princípios do Cristianismo. Constituir-se-ia advogado dos irmãos perseguidos e desditosos. Afrontaria de face a tirante ovante, clamaria pela retificação do seu ato injusto (...)”.

Depois que Nero apreciou o discurso do Apóstolo Paulo, ficou lívido de surpresa. Jamais o perdoaria, por isso decidiu mantê-lo em custódia oculta, para depois despachá-lo para longe. Paulo, entretanto, se mantinha confortado e radiante.

Próximo do testemunho final, não obstante os aparentes sucessos, Paulo experimentava singulares presságios.

Muitos haviam debandado, outros tantos amigos tinham sido presos e mortos.

Paulo não mais pôde ir às catacumbas, pela prostração física, mas continuou escrevendo as suas epístolas, notadamente a última, a Timóteo.

Melancólico, sentindo-se sozinho, sentiu um caricioso afago que confortava seu coração amoroso e intrépido, recobrando o ânimo para prosseguir, mais ainda.

Próximo do testemunho final, Paulo, Lino e Cláudia foram presos (Lucas havia escapado, por

pernoitar em outra parte), e no cárcere úmido e sombrio sentiu sede e fome, preocupando-se não consigo mesmo, mas com a situação dos companheiros.

Teve suas mãos atadas e foi levado com seis homens armados para um local distante e desconhecido.

Os momentos finais são narrados por Emmanuel:

“(...) (SOLDADO) – O Prefeito dos Pretorianos, por sentença de César, ordenou que fosseis sacrificado no dia imediato ao da morte dos cristãos votados às comemorações do circo, realizadas ontem. Deveis saber, portanto, que estais vivendo os últimos minutos.

(PAULO) – Ciente da tarefa criminosa que voz incumbe desempenhar... Os discípulos de Jesus não temem os algozes que só lhes podem aniquilar o corpo. Não julgueis que vossa espada possa eliminar-me a vida, de vez que, vivendo esses fugazes minutos em corpo carnal, isso significa que vou penetrar, sem mais demora, nos tabernáculos da vida eterna, com o meu Senhor Jesus-Cristo, o mesmo que vos tomará contas, tanto quanto a Nero e Tigelino...

Ao chegar no local indicado, o sequaz de Tigelino desembainhou a espada, mas, nesse instante, tremeu-lhe a mão, fixando a

vítima, e falou-lhe em tom quase imperceptível:

(SOLDADO) – Lastimo ter sido designado para este feito e intimamente não posso deixar de lamentar-vos...

(PAULO) – Não sou digno de lástima. Tende antes compaixão de vós mesmo, porquanto morro cumprindo deveres sagrados, em função de vida eterna; enquanto que vós ainda não podeis fugir às obrigações grosseiras da vida transitória. Choraí por vós, sim, porque eu partirei buscando o Senhor da Paz e da Verdade, que dá vida ao mundo; ao passo que vós, terminada vossa tarefa de sangue, tereis de voltar à hedionda convivência dos mandantes de crimes tenebrosos da vossa época!... (...) Não tremais! Cumpri vosso dever até o fim!

Um golpe violento fendeu-lhe a garganta, seccionando quase inteiramente a velha cabeça que se nevara aos sofrimentos do mundo (...).”

Patrícia Lins de Paula

## Capítulo 37

### *Encerramento final*

E assim encerramos os dois semestres, conforme o cronograma inicialmente proposto.

Nessa reunião final, propomos que cada um pudesse compartilhar com o grupo suas impressões gerais sobre a obra, e que escolhessem um ponto que especialmente haviam lhe chamado a atenção.

Uma proposta de **Estudo Didático da obra Paulo e Estêvão** (pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

## Referências

**O Novo Dicionário da Bíblia** - Edição Revisada.  
Autor: Douglas, J. D. | Marca: Vida Nova.

Bíblia de Jerusalém – editora Paulus

Bíblia do Peregrino – editora Paulus

Vida e atos dos apóstolos – Cairbar Schutel –  
editora O Clarim

**As Marcas Do Cristo** Paulo O Apóstolo Dos Gentios  
Lutero O Reformador Volume  
1. **Hermínio C. Miranda**. Ano: 1979 Editora: Feb.

## Outros livros da autora

PAULA. P. L. O remédio de Xandu: O autoconhecimento à luz da Psicologia Espírita. Salvador, BA. 09/2020. Link na Amazon: <https://www.amazon.com/dp/B08JVV9YDS>

PAULA. P. L. Saulo e Abigail: Abordagem de polaridades psíquicas. Salvador, BA. 10/2020. Link na Amazon: <https://www.amazon.com.br/dp/B08KTYR5ML>

PAULA. P. L. Grande a seara, poucos os trabalhadores: Reflexões dos ensinamentos de Jesus à luz do Espiritismo. Salvador, BA. 09/2020. Link na Amazon: <https://www.amazon.com/dp/B08JJR631P>

PAULA. P. L. “Ouvistes o que foi dito?” – Reflexão dos ensinamentos de Jesus à luz do Espiritismo. Salvador, BA. 10/2020. Link na Amazon: <https://www.amazon.com.br/dp/B08L361YWZ>

PAULA, P. L. “O Sofrimento e A Esperança – Uma Visão Psicanalítica”. Salvador, BA. 31/01/2021. Link na Amazon: <https://www.amazon.com/dp/B08VDXQKW8>

Proof